

# ÍNDICE

<i>Agremiação</i>	<i>Página</i>
<i>G.R.E.S. ESTÁCIO DE SÁ</i>	<i>03</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO</i>	<i>43</i>
<i>G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA</i>	<i>113</i>
<i>G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI</i>	<i>177</i>
<i>G.R.E.S. ACADÊMICOS DO GRANDE RIO</i>	<i>251</i>
<i>G.R.E.S. UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR</i>	<i>391</i>
<i>G.R.E.S. PORTELA</i>	<i>451</i>



Liga Independente das  
Escolas de Samba do  
Rio de Janeiro



# **G.R.E.S. Estácio de Sá**



**PRESIDENTE  
LEZIÁRIO NASCIMENTO**



# *“Pedra”*



**Carnavalesca**  
**ROSA MAGALHÃES**



**FICHA TÉCNICA****Enredo**

<b>Enredo</b> "Pedra"					
<b>Carnavalesca</b> Rosa Magalhães					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Rosa Magalhães					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Rosa Magalhães					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Rosa Magalhães					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Cosmologia e Sociedade Karaja	Andre Amaral de Toral	Universidade Federal do Rio de Janeiro Museu Nacional	1992	págs. 145 a 162
02	Pedra – O Universo Escondido	Denise Milan	Bei Comunicação S. Paulo	2018	Todas
03	Maquinação do Mundo Drummond e a mineração	José Miguel Wisnik	Companhia das Letras 1a. edição São Paulo	2018	Todas
04	Mitos e Lendas Karajás	João Américo Peret	Rio de Janeiro	1979	Todas
05	A margem do projeto ferro carajas- uma pequena contribuição a história social e cultural de Parauopebas	Avon Jose Araujo Rocha	Parauopebas	1980/2009	Todas
06	A história de Parauopebas Força e Trabalho em Carajá	Miguel Angelo Braga Reis	Parauopebas	2016	Todas
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>					

# HISTÓRICO DO ENREDO

## ENREDO: PEDRA

A pedra, para o ser humano, representa a permanência do tempo. A camada externa e dura da Terra, a rocha.

A beleza sólida desse material é a essência de nosso planeta. E foi essa beleza sólida que nossos ancestrais usaram como caminho para registrar suas passagens pelo mundo.

Descobriu-se a beleza dos diamantes, de tantas pedras preciosas ou semipreciosas e do ouro. Foi esta uma das primeiras atividades de exploração dos homens no Brasil, mais precisamente em Minas Gerais, no século XVIII. A partir de 1771, criou-se a Real Extração, sob o controle da Coroa portuguesa, decreto que durou até mesmo depois da Proclamação da Independência. Foram as primeiras pedras que trilhamos no nosso caminho.

E vamos seguir pela estrada de Minas, pedregosa...

O poeta Carlos Drummond de Andrade nasceu e cresceu em Itabira, Minas Gerais. Da janela de seu quarto, costumava observar o perfil montanhoso cujo destaque era o Pico do Cauê.

“Chego à sacada e vejo minha serra, a serra de meu pai e meu avô, a serra que não passa ... Essa manhã acordo e não a encontro britada em bilhões de lascas...”

Fora-se a Pedra, engolida pelo enorme trem, fora-se a pedra do poeta.

Outro escritor mineiro, Guimarães Rosa, enfocou “a biodiversidade do cerrado e o relevo constituído pelo calcário, rocha maleável e moldável pela ação das águas. O Morro da Garça só emite recados porque é uma pirâmide no meio de Minas e de uma história imemorial do garimpo, da pecuária, dos boiadeiros viajantes e da surda vidência sertaneja.”

Outra pedra que faz parte do nosso caminho é a Serra dos Carajás. Recebeu o nome de seus antigos moradores – os índios Carajás. Segundo suas crenças, eles nasciam do interior do solo – solo rico e pedregoso, repleto de grutas. Quando nasciam, saíam desse mundo subterrâneo para ir habitar a superfície.

A região é uma pedra enorme toda feita de ferro, e em seu entorno nascem pequenas cidades. Surgiram muitos conflitos por aquele rico pedaço de chão.

A própria região é um amálgama de pessoas vindas de todos os cantos do Brasil. Vêm do norte e do nordeste, do sul e do sudeste, vêm do centro e vêm do leste. Todas sonhando em extrair daquela terra as muitas riquezas que ela guarda. E acabam também formando uma amostra da variedade do povo brasileiro.

A rocha mais antiga que conhecemos, uma lasca com pouco mais de dois centímetros, foi coletada na Lua pelos astronautas da nave Apollo. Tem quatro bilhões de anos.

A nossa Terra, vista da Lua, ainda é linda, azulzinha... Até quando?



# JUSTIFICATIVA DO ENREDO

## ENREDO: PEDRA

O tema escolhido para o carnaval de 2020 para a escola de samba Estácio de Sá pode parecer insólito, mas em uma análise mais profunda, observamos que a Pedra está presente em vários recortes da história do nosso país, desde as primeiras inscrições rupestres, como guardiãs de animais pré-históricos, como fonte de riqueza do reino português, como morada dos espíritos indígenas e da exploração desenfreada por riquezas em suas terras.

As queimadas e as invasões são fatores que não podem ser negados, quando se fala de terra indígena, sobretudo no norte do país.

A própria escola de samba tem como componentes moradores de uma pedreira, na região central do Rio de Janeiro, dividindo a zona norte da zona sul.

A pedra pode ser vista como um simples mineral, mas na verdade ela vai além disso.

O poeta Carlos Drummond de Andrade foi tocado várias vezes por esse elemento rígido e pouco notado. Seu poema sobre a pedra foi o primeiro poema modernista e enfocava a relação dele com a pedra em seu caminho. Mais tarde, triste com o desaparecimento do Pico do Cauê, que avistava da janela de seu quarto, em Itabira, zangado com a exploração mineral, escreveu uma série de artigos falando sobre essa destruição. Sebastião Salgado ficou emocionado com a crueldade e ambição na exploração mineral da Serra Pelada. Na sua linguagem fotográfica explorou a subvida desses seres humanos, em fotos extremamente reveladoras, que já percorreram o mundo e acabaram se transformando em um livro, dedicado apenas a exploração dos minerais, na região dos índios Carajás.

Há cinquenta anos atrás, o homem pisou na lua. Desse satélite da terra, trouxe uma pequena pedra, medindo pouco mais que dois centímetros de comprimento. Olhamos para a lua, a lua dos namorados, a lua que rege as marés e nos indica épocas de colheita, a lua, lar de S. Jorge, segundo tradição africana. A lua, onde já existem mais de duzentas toneladas de lixo espacial levado pelos homens. Nossa terra é o planeta azul, até quando?

# **ROTEIRO DO DESFILE**

## **1º SETOR - MEMÓRIA**

**Comissão de Frente  
PEDRA, UMA VIAGEM NO TEMPO**

Elemento alegórico da Comissão de Frente  
**PASSAGEM DE TEMPO**

Guardiões do  
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
**A NATUREZA PRIMITIVA**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Zé Roberto e Alcione  
OS RUBIS**

Ala 01 – Comunidade  
**O HOMEM PRIMITIVO**

Destaque de Chão  
Pérola Arruda  
**FORÇA ANCESTRAL**

**Alegoria 01 – Abre-Alas  
MEMÓRIAS GRAVADAS NAS PEDRAS**

## **2º SETOR – PEDRAS PRECIOSAS**

Ala 02 – Comunidade  
**PEDRAS PRECIOSAS**

Ala 03 – Comunidade  
**O FASCÍNIO DAS PEDRAS PRECIOSAS**

Ala 04 – Comunidade  
**BELEZA E MISTÉRIO DOS DIAMANTES**

Ala 05 – Comunidade  
O COMPRADOR DE DIAMANTES

Ala 06 – Comunidade  
HOMENAGEM A CHICA DA SILVA

Destaque de Chão  
Zinara Leal  
“AS JOIAS DE DIAMANTINA”

**Alegoria 02**  
**PEDRAS PRECIOSAS**

**3º SETOR – A MINEIRAÇÃO**

Ala 07 – Comunidade  
GARIMPEIROS

Ala 08 – Comunidade  
CABELOS DE OURO

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Marcos Ferreira e Laryssa Victória**  
**METAIS PRECIOSOS**

Ala 09 – Baianas  
O OURO BARROCO

Ala 10 – Comunidade  
OS METAIS

Tripé  
OS TRENS DA MINEIRAÇÃO

Ala 11 – Comunidade  
O TREM DO MINÉRIO

**Alegoria 03**  
**A SERRA DO CAUÊ**

**4º SETOR – A LENDA DOS CARAJÁS**

Ala 12 – Comunidade  
RITUAL CARAJÁ

Ala 13 – Passistas  
JOVENS CARAJÁS

Rainha de Bateria  
Jack Maia  
DEUSA DA MATA

Ala 14 – Bateria  
GUERREIROS CARAJÁS

Ala 15 – Comunidade  
NASCIMENTO DO ÍNDIO CARAJÁ

Ala 16 – Comunidade  
A ALMA GUERREIRA CARAJÁ

**Alegoria 04**  
**MITOLOGIA CARAJÁ**

**5º SETOR – SERRA PELADA**

Ala 17 – Comunidade  
A VEGETAÇÃO FRONDOSA DA  
REGIÃO CARAJÁ

Ala 18 – Comunidade  
A QUEIMADA

Ala 19 – Compositores  
HOMEM DA TERRA

Ala 20 – Comunidade  
RETIRANTES

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Thuan e Crislaine  
“SONHO DOS GARIMPEIROS”**

Ala 21 – Comunidade  
GARIMPEIROS DA SERRA PELADA

Destaque de Chão  
Monique Azeredo  
“SONHO DO ELDORADO”

**Alegoria 05  
EM BUSCA DO OURO**

**6º SETOR – A TERRA VISTA DA LUA**

Ala 22 – Comunidade  
O UNIVERSO

Ala 23 – Comunidade  
O SOL

Ala 24 – Comunidade  
A TERRA

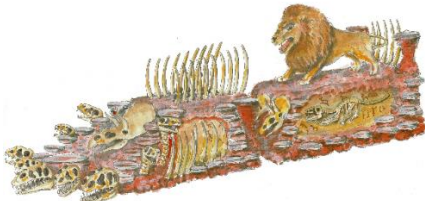
Ala 25 – Velha Guarda  
OS GUARDIÕES DA PEDRA  
FUNDAMENTAL DO SAMBA

Ala 26 – Comunidade  
SÃO JORGE

**Alegoria 06  
A TERRA VISTA DA LUA**



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Rosa Magalhães		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
01	<p><b>MEMÓRIAS GRAVADAS NAS PEDRAS</b></p>  <p><i>* Esse é o desenho artístico do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Desenhos rupestres e descobertas arqueológicas que ajudam a contar a história dos homens como na Serra da Capivara, por exemplo.</p> <p>Destaque Central: Dona Eliane Fantasia: ANCESTRALIDADE, representa a memória dos tempos da pré-história gravada nas pedras.</p> <p>Semi-destaque: Ione Kar Fantasia: A PASSAGEM DO TEMPO, representa as descobertas arqueológicas.</p> <p>Semi-destaque: Roberto Vasconcelos Fantasia: HOMEM LEÃO, homens primitivos com máscaras representando animais selvagens.</p> <p>Semi-destaque: Romulo Ribeiro Fantasia: MÁSCARAS PRIMITIVAS</p> <p>Semi-destaque: Agatha Lacerda Fantasia: O TEMPO REDESCOBERTO</p> <p>Composição: POVOS PRIMITIVOS</p>

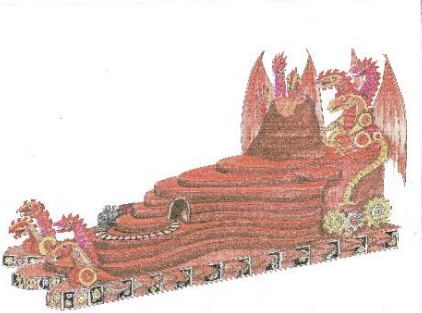
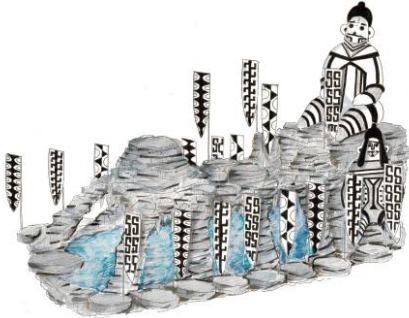
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Rosa Magalhães		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
02	<p><b>PEDRAS PRECIOSAS</b></p>  <p><i>* Esse é o desenho artístico do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Diamantina foi um celeiro de pedras preciosas-sobretudo dos diamantes, que deu o nome a cidade. A beleza das pedras preciosas encanta os homens desde a Antiguidade, transformando-as em símbolos de poder e riqueza.</p> <p>Destaque Central: Luanda Ritz Fantasia: RIQUEZA, representa o luxo e o poder inspirado pelas pedras, que eram possuídas por reis e nobres.</p> <p>Semi-destaque: Marcela Leal Fantasia: VAIDADE</p> <p>Semi-destaque: Waldek Escaleira Fantasia: NOBREZA</p> <p>Semi-destaque: Luciano Figueiredo Fantasia: OSTENTAÇÃO</p> <p>Semi-destaque: Cristiano Paim Fantasia: LUXO</p> <p>Composição: AS JÓIAS</p>
*	<p><b>Tripé (02)</b></p> <p><b>OS TRENS DA MINERAÇÃO</b></p>  <p><i>* Esse é o desenho artístico do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Os trens levando o produto para a exportação – alegoricamente representado por dragões que engolem as pedras.</p>

**FICHA TÉCNICA**

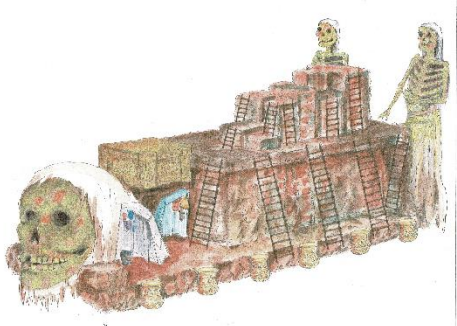

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>A SERRA DO CAUÊ</b></p>  <p><i>* Esse é o desenho artístico do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Da Serra mineira é arrancado o rico minério de ferro deixando para trás a terra arrasada.</p> <p>Destaque Central: Zezito Avila Fantasia: A MÁQUINA DA DESTRUIÇÃO, representa a destruição das reservas naturais em nome do “progresso”.</p> <p>Semi-destaque: Bruno Fantasia: GUERREIRO DA DESTRUIÇÃO</p> <p>Semi-destaque: Fabiana Garcia Fantasia: FORÇA DESTRUTIVA</p> <p>Semi-destaque: Waldo Rocha Fantasia: O PODER DAS MÁQUINAS</p> <p>Composição: DESTRUIÇÃO</p>
04	<p><b>MITOLOGIA CARAJÁ</b></p>  <p><i>* Esse é o desenho artístico do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Segundo a crença dos Carajás, eles nasciam do interior do solo, rico e pedregoso, repleto de grutas. Quando nasciam, saíam desse mundo subterrâneo para habitar a superfície.</p> <p>Destaque Central: Paulo Robson Fantasia: ALMA CARAJÁ, representa os espíritos dos povos Carajás que segundo a lenda nasciam das pedras.</p> <p>Semi-destaque: Daniela Carelli Cunha Fantasia: LENDA CARAJÁ</p> <p>Composição: O NASCIMENTO DOS CARAJÁS</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Rosa Magalhães		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<p><b>EM BUSCA DO OURO</b></p>  <p><i>* Esse é o desenho artístico do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>A mineração sem limite e a ganância pelo ouro em Serra Pelada, um Eldorado no meio da Selva, causando a degradação humana e ambiental.</p> <p>Destaque Central: João Helder Fantasia: O OURO, representa o sonho de riqueza, o Eldorado no meio da Selva.</p> <p>Semi-destaque: Gustavo Kreling Fantasia: A VIDA NO GARIMPO</p> <p>Semi-destaque: Samile Cunha Fantasia: SONHO DE RIQUEZA</p> <p>Composição: OS GARIMPEIROS</p>
06	<p><b>A TERRA VISTA DA LUA</b></p>  <p><i>* Esse é o desenho artístico do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Há 50 anos atrás o homem chegou na Lua. Segundo a crença popular, a morada de São Jorge. De lá trouxeram uma pedra – a mais antiga que conhecemos. Ela tem 4 bilhões de anos. A Lua e a sua aridez pode ser uma miragem da Terra, se não tomarmos cuidado com a preservação.</p> <p>Destaque Central: Alain Taillard Fantasia: SÃO JORGE, segundo a crença popular a Lua é a morada de São Jorge e é de lá que ele observa a Terra.</p> <p>Composição: O LIXO ESPACIAL OS ASTRONAUTAS</p> <p>VELHA GUARDA DA ESTÁCIO</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Alegoria 1 – Abre-Alas</u></b>                      Dona Eliane – Central                      Roberto Vasconcelos – Semi-destaque                      Romulo Ribeiro – Semi-destaque                      Ione Kar – Semi-destaque                      Agatha Lacerda – Semi-destaque</p> <p><b><u>Alegoria 02</u></b>                      Luanda Ritz – Central                      Waldek Escaleira – Semi-destaque                      Luciano Figueiredo – Semi-destaque                      Cristiano Paim – Semi-destaque                      Marcela Leal – Semi-destaque</p> <p><b><u>Alegoria 03</u></b>                      Zezito Avila – Central                      Bruno - Semi-destaque                      Fafá - Semi-destaque                      Waldo Rocha - Semi-destaque</p> <p><b><u>Alegoria 04</u></b>                      Paulo Robson – Central                      Daniela Carelli Cunha - Semi-destaque</p> <p><b><u>Alegoria 05</u></b>                      João Helder – Central                      Gustavo Kreling - Semi-destaque                      Samile Cunha - Semi-destaque</p> <p><b><u>Alegoria 06</u></b>                      Alain Taillard – Central</p>	<p>Empresária                      Assistente Financeiro                      Figurinista                      Cabeleireira                      Estilista</p> <p>Professora                      Servidor Público                      Assessor Administrativo                      Comprador                      Estudante</p> <p>Estilista                      -                      Estilista                      Design</p> <p>Servidor Público                      Servidora Pública</p> <p>Médico                      Artista Plástico                      Figurinista</p> <p>Curador de Exposições</p>
<p><b>Local do Barracão</b>                      Rua Rivadavia Correa, 60 – Barracão 07 – Cidade de Samba – Gamboa – Rio de Janeiro</p>	
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>                      Roni Jorge</p>	
<p><b>Ferreiro Chefe de Equipe</b>                      Helcio Paim</p>	<p><b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b>                      Edivaldo das Neves (Neneca)</p>
<p><b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b>                      Jucelino, França, Andrea e Flavinho</p>	<p><b>Pintor Chefe de Equipe</b>                      Gilmar</p>
<p><b>Eletricista Chefe de Equipe</b>                      Carlos Rodrigo Rosa</p>	<p><b>Mecânico Chefe de Equipe</b>                      Antonio Mecânico e Samuel dos Santos</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Outros Profissionais e Respectivas Funções**

Nino	- Fibra
Tom	- Iluminação
Mauro	- Geradores
Joice Campos e Leon Menezes	- Almoxarife
Alessandra Cadore, Mauro Leite e Pedro Girão	- Assistentes da Carnavalesca
Amanda Cunha	- Assessora de Imprensa
Cristiano	- Comprador
Jucelino	- Movimentos Alegóricos
João Batista e Dani Cavanellas	- Coreógrafos – Abre-Alas e Alegoria 05
João e Rita	- Coreógrafos – Ala 11
Divina Lujan	- Maquiagem e Perucas – Alas 05 e 06
Joyce	- Maquiagem



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

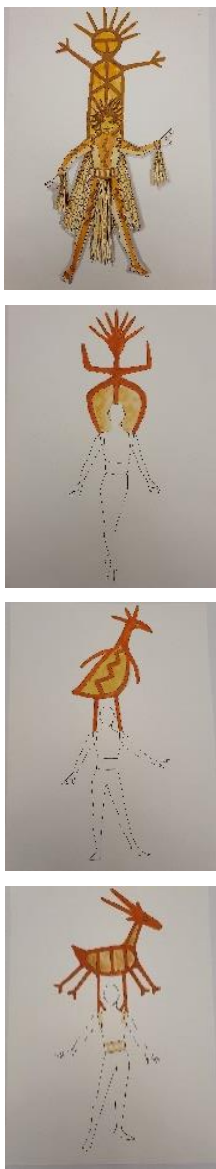
Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>A Natureza Primitiva</b></p> 	<p>Representa os fósseis de animais pré-históricos encontrados em sítios arqueológicos. Simbolicamente essa representação da natureza primitiva guarda a pedra mais preciosa que é o pavilhão da escola</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2019)</p>	<p>Ariadne Lax</p>
01	<p><b>O Homem Primitivo</b></p> 	<p>Habitantes do Brasil que deixaram suas marcas desenhadas nas pedras (pintura rupestre). Nas laterais da ala, 2 grupos de componentes trazem nas fantasias elementos que retratam os diferentes tipos de desenhos rupestres</p>	<p>Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>




## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figuristas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<b>O Homem Primitivo (Continuação)</b> 	<p>Habitantes do Brasil que deixaram suas marcas desenhadas nas pedras (pintura rupestre).</p> <p>Nas laterais da ala, 2 grupos de componentes trazem nas fantasias elementos que retratam os diferentes tipos de desenhos rupestres</p>	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<b>Força Ancestral</b> 	Representa o mistério da vida nos primórdios da Terra.	Destaque de Chão (2019) Pérola Arruda	Direção de Carnaval
02	<b>Pedras Preciosas</b> 	Riquezas minerais exploradas sobretudo em Minas a partir do sec. XVIII	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval
03	<b>O Fascínio das Pedras Preciosas</b> 	Atração exercida por essas gemas que até hoje nos encantam	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval




## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<b>Beleza e Mistério dos Diamantes</b> 	Valiosíssimos e irresistíveis, os diamantes brotam do solo mineiro	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval
05	<b>O Comprador de Diamantes</b> 	Uma das principais atividades no Brasil, exercida pela coroa portuguesa	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval
06	<b>Homenagem a Chica da Silva</b> 	Figura emblemática do período colonial tendo sido inspiração para filmes e enredos de escolas de samba	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**




**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>As Joias de Diamantina</b></p> 	Representa as joias produzidas através das extrações nas ricas minas de Minas Gerais.	Destaque de Chão Zinara Leal (2019)	Direção de Carnaval
07	<p><b>Garimpeiros</b></p> 	Escravos que trabalhavam na mineração	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval
08	<p><b>Cabelos de Ouro</b></p> 	As escravas escondiam parte das pepitas de ouro em seus cabelos, visando pagar alforrias	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<b>O Ouro Barroco</b> 	Além da confecção das joias, o ouro foi utilizado sobretudo na decoração de igrejas barrocas	Baianas (2019)	Maria Luiza Mattos Baptista
10	<b>Os Metais</b> 	Minérios encontrados em profusão nas Serras Mineiras – usados na fabricação de ferro, aço e etc..	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval
11	<b>O Trem do Minério</b> 	O minério sendo transportado para ser vendido “in natura” Ala coreografada que interage com 2 tripés em forma de dragão, que representam as locomotivas, que puxam os vagões de minério.	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantásias (Figuristas)**




Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p><b>Ritual Carajá</b></p> 	<p>Traje remete a dança ritualística carajá</p>	<p>Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
13	<p><b>Jovens Carajás</b></p> 	<p>Traje de índios brasileiros da tribo do Carajás que habitam a região da Serra rica em minerais</p>	<p>Passistas Femininos e Masculinos (2019)</p>	<p>Leila Barros e Tiago Rodrigues</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<b>Deusa da Mata</b> 	Representa entidade mitológica indígena identificada com as forças da natureza.	Destaque de Chão Rainha de Bateria Jack Maia (2019)	Direção de Carnaval
14	<b>Guerreiros Carajás</b> 	Simboliza a força e a resistência dos Carajás	Bateria (2019)	Mestre Chuisco
15	<b>Nascimento do Índio Carajá</b> 	Segundo suas crenças, os carajás nasciam do solo pedregoso repleto de grutas	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantásias (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
16	<p><b>A Alma Guerreira Carajá</b></p> 	Representação do espírito de luta e resistência que vem das pedras.	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval
17	<p><b>A Vegetação Frondosa da Região Carajá</b></p> 	As plantas eram respeitadas e serviam como alimentos e remédios	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
18	<p><b>A Queimada</b></p> 	Destruição causada pelas invasões e ganância por riquezas	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval
19	<p><b>Homem da Terra</b></p> 	Representa a população do interior do Brasil, tantas vezes obrigada a abandonar sua terra natal, em busca de melhores condições	Compositores (2019)	Alexandre Naval




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Rosa Magalhães				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p><b>Retirantes</b></p> 	Sempre a procura de trabalho e novas formas de ganhar a vida, o povo se move de um lugar para outro	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
21	<b>Garimpeiros da Serra Pelada</b> 	Quando foi descoberto o ouro de Serra Pelada – milhares de pessoas se amontoavam feito formigas em busca de riqueza	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval
*	<b>Sonho do Eldorado</b> 	Representa o ouro encontrado na Serra Pelada, a realização de um sonho de riqueza	Destaque de Chão (2019) Monique Azeredo	Direção de Carnaval
22	<b>O Universo</b> 	Fazemos parte de um Universo misterioso	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Rosa Magalhães

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>O Sol</b></p> 	<p>Fonte de vida para o nosso planeta.</p>	<p>Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
24	<p><b>A Terra</b></p> 	<p>Nossa morada com todo seu equilíbrio natural</p>	<p>Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
25	<p><b>Os Guardiões da Pedra Fundamental do Samba</b></p> 	<p>Guardam a memória da nossa Escola, a primeira Escola de Samba, a primeira pedra desse grande patrimônio cultural.</p>	<p>Velha-Guarda da Bateria (2019)</p>	<p>Manu e Renatinha</p>



**FICHA TÉCNICA****Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Rosa Magalhães				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
26	<b>São Jorge</b> 	Protetor do Estácio e segundo a tradição popular, morador da Lua. A ligação de São Jorge com a Lua é algo puramente brasileiro, com forte influência de cultura africana.	Comunidade (2019)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rivadavia Correa, 60 – Barracão 05 – Cidade do Samba – Gamboa – Rio de Janeiro.	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Direção de Carnaval	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Carmem Maria (Baiana) e Sheila Martorelli	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Adir Araújo
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Marcos Salles	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Guilherme (Dom Lopes)
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>  Rafael Drumond - Aderecista Ágata - Aderecista Fafá - Aderecista	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.	

**FICHA TÉCNICA****Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b>	Edson Marinho, Jorge Xavier, Júlio Alves, Jailton Russo, Ivan Ribeiro e Dudu Miller	
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b> Alexandre Naval		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 70 (setenta)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Jaci Inspiração 74 anos	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Difininho 37 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p><b>O poder que emana do alto da pedreira Tem alma justiceira e garra de leão Senhor não deixa um filho seu sozinho Tirando pedras do meu caminho</b></p> <p>Vai São Carlos À força dos ancestrais Pedra fundamental do samba Batalhas e rituais Paredes que contam histórias Na sede pela vitória Sagrada, talhada, encravada no chão Conduz meu pavilhão</p> <p><b>Ê roda pra lá, ê roda pra cá Brilha na estrada seguindo o caminho do mar Diamantes e amores, sedução e fantasia A riqueza dos senhores dos escravos, alforria</b></p> <p>No verso duro a inspiração Da serra do meu pai e meu avô O trem que leva a produção Das minas a tinta do grande escritor</p> <p>Vem peneirar, peneirar O garimpo traz o ouro e a cobiça dos mortais Peneirar, peneirar Devastando a natureza no Pará dos Carajás Da lua, de Jorge, eu vejo o planeta azul chorar Atire a pedra quem não tem espelho Quero meu rubi vermelho Pra minha Estácio de Sá</p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Reinaldo de Souza Chagas (Mestre Chuvisco)

**Outros Diretores de Bateria**

Luisinho, Beto, Buçu, Celinho, Edivaldo, Jeserson, Cristiano, Presuntinho, Thiago, Luiz Fernando, João, Pitel, Villa Lobos, Zé Reinaldo, Rondineli, Firme e William.

**Total de Componentes da Bateria**

270 (duzentos e setenta) Componentes

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
12	12	14	0	0
<b>Caixa</b> 94	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 30
<b>Prato</b> 0	<b>Agogô</b> 24	<b>Cuíca</b> 24	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 24

**Outras informações julgadas necessárias**

Além dos instrumentos comuns a serem utilizados, a escola levará à avenida 12 Atabaques.

- Teremos uma parada na cabeça do samba que vamos parar a bateria e tocar um ALUJA para Xangô e retomar a bateria na parte do samba aonde diz: “batalhas e rituais”
- Na segunda parte do samba teremos uma conversa entre surdos na primeira parte do “peneirar” e na segunda parte do “peneirar” vamos tocar um ritmo oriundo do Pará
- Teremos uma bossa na segunda do samba com contra tempos de caixa, repiques e tamboris
- Teremos uma bossa de precisão e desenho de caixas, repiques e tamboris na cabeça do samba
- Não sabemos se dará tempo de apresentar tudo, mas informo aqui tudo que estamos preparando para que todos tenham ciência.

Mestre Chuvisco

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

<b>Diretor Geral de Harmonia</b> Valmir Cerilo e Saint Clair Vaz
<b>Outros Diretores de Harmonia</b> Leo Reis, Ademilson, Claudio Henrique, Pelezinho e Paulo Luis
<b>Total de Componentes da Direção de Harmonia</b> 75 (setenta e cinco) Componentes
<b>Puxador(es) do Samba-Enredo</b> Serginho do Porto (Intérprete Oficial)
<b>Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo</b> Violão – Victor Alves Cavaco – Hugo Bruno Cavaco com afinação de bandolim – Marcio Wanderlei Cavaco – Walmir Cavaco – Odmar
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  Cantores – Talárico, Fabinho, Mericá, Marcelo, Dalatinha, Júlia e Thathiane.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Valmir Cerilo e Saint Clair

**Outros Diretores de Evolução**

Leo Reis, Ademilson, Claudio Henrique, Pelezinho e Paulo Luis.

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

75 (setenta e cinco) componentes

**Principais Passistas Femininos**

Total de 50 (cinquenta) integrantes \*

**Principais Passistas Masculinos**

Total de 30 (trinta) integrantes \*

**Outras informações julgadas necessárias**

*\* Todos os integrantes da ala de passistas são de excelente nível, por isso não indicaremos nenhum destaque individual.*

**FICHA TÉCNICA****Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Marcão Selva		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Marcão Selva e Mario Mattos		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> -		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> -		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> -	<b>Quantidade de Meninas</b> -	<b>Quantidade de Meninos</b> -
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Maria Luiza Mattos Baptista		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 70 (setenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Tia Ivone 87 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Geisa 24 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Marli Alves		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 38 (trinta e oito)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Eunice Soares 86 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Marli Alves 62 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> -		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Ariadne Lax		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Ariadne Lax		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b> 15 (quinze)	<b>Componentes Femininos</b> 05 (cinco)	<b>Componentes Masculinos</b> 10 (dez)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  Comissão de Frente: PEDRA, UMA VIAGEM NO TEMPO  Elemento Alegórico da Comissão de Frente: PASSAGEM DE TEMPO  Há alguns milhões de anos atrás, nossos ancestrais começaram a evoluir, liberando as mãos para criar ferramentas e o cérebro para lidar com o mundo, em constante mutação.  Como fomos capazes de sair das cavernas, aprimorar conhecimentos, desenvolver tecnologias e partir para a exploração da Lua?  Na Marquês de Sapucaí, nossos 15 dançarinos vão mostrar o quanto a humanidade evoluiu. Passamos a enxergar as ciências da natureza como fatores determinantes aos acontecimentos na Terra.  Vamos fazer o encontro dos nossos ancestrais primitivos juntamente com a evolução do homem na Lua, que só a liberdade permitida pelo carnaval pode proporcionar. E assim a comissão de frente da Estácio de Sá saúda o público e os jurados para cantar e celebrar "Pedra".  <u>Coreógrafa da Comissão de Frente:</u> Ariadne Lax é formada em balé clássico e sapateado no Broadway Dance Center de Nova York. Divide sua carreira na dança entre balés e musicais. No carnaval, integrou diversas comissões de frente do Grupo Especial e da Série A. Também atuou como assistente do coreógrafo Márcio Moura e acumula experiência coreografando casais de mestre-sala e porta-bandeira. Este é o terceiro ano que Ariadne Lax assina a coreografia da comissão de frente da Estácio de Sá.  Nome da fantasia: Pedra, Uma Viagem no Tempo Criação do figurino: Rosa Magalhães Confecção: Joaquim Cardoso (Alfaiate) e Jorge Luis Pereira (Costureiro)		



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> José Roberto de Paula Junior	<b>Idade</b> 29 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Alcione Carvalho	<b>Idade</b> 36 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Marcos Fernando	<b>Idade</b> 29 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Laryssa Victória	<b>Idade</b> 17 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> Thuan Matheus	<b>Idade</b> 20 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Crislane de Oliveira	<b>Idade</b> 18 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA



Nome da fantasia: Os Rubis

Criação do figurino: Rosa Magalhães

Confecção: Ateliê Aquarela Carioca

O que representa: Representa a beleza, o brilho e a transformação de uma pedra bruta em uma pedra lapidada pela mão do homem. Simboliza o alto valor alcançado pelas pedras preciosas. A cor vermelha do Rubi homenageia a nossa escola.

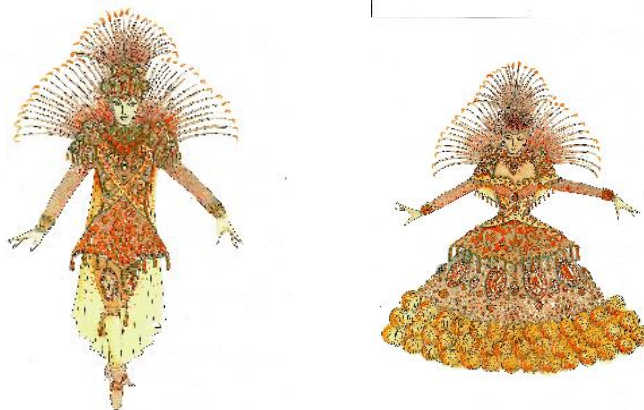
Ensaiaadora: Ariadne Lax

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA**



Nome da fantasia: Metais Preciosos

Criação do figurino: Rosa Magalhães

Confecção: Ateliê Aquarela Carioca

O que representa: Representa a beleza dos metais preciosos que através do tempo foram usados em trabalhos artísticos e criativos, na ourivesaria e em acabamentos e folheados em imagens e igrejas barrocas

Ensaiaadora: Ariadne Lax

**3º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA**



Nome da fantasia: Sonho dos Garimpeiros

Criação do figurino: Rosa Magalhães

Confecção: Ateliê Aquarela Carioca

O que representa: Representa o sonho de riqueza em meio das dificuldades da vida dos garimpeiros de Serra Pelada.

Ensaiaadora: Ariadne Lax

# **G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO**



**PRESIDENTE**

**MARCELO CALIL PETRUS FILHO**

**PRESIDENTES DE HONRA**

**JOSÉ CARLOS MONASSA BESSIL (EM MEMÓRIA) E  
MARCELO CALIL PETRUS**



# *“Viradouro de alma lavada”*



**Carnavalescos**

**MARCUS FERREIRA E TARCÍSIO ZANON**



**FICHA TÉCNICA****Enredo**

<b>Enredo</b> <i>“Viradouro de alma lavada”</i>					
<b>Carnavalescos</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Marcus Ferreira, Tarcísio Zanon e Igor Ricardo					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Marcus Ferreira, Tarcísio Zanon, Igor Ricardo, Alex Fab e Dudu Falcão					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	A Cultura Visual de Itapuã	Mônica Lemos Bitencourt	UNEB	2009	Todas
02	A Voz de Itapuã	Tânia Risério d’Almeida Gandon	EDUFBA	2018	Todas
03	As Ganhadeiras de Itapuã: Memória e Identidade em Performance	Renata Costa Leahy	Plural Pluriel	2018	Todas
04	Estórias das Ganhadeiras de Itapuã	Leahy, R.C., Machado, L.R..	Faculdade de Tecnologia e Ciências	2006	Todas
05	Usos e Costumes do Antigo Povoado de Itapuã	E. P. Meireles	Arembepe	1987	Todas
06	As Ganhadeiras de Itapuã: Gênero, Música e Educação	Harue Tanaka	EDUFBA	2008	Todas
07	Articulações Pedagógicas do Coro das Ganhadeiras de Itapuã	Harue Tanaka	EDUFBA	2013	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
08	Carybé & Verger, Jorge – Obás da Bahia	Bruno Bettelheim	Fundação Pierre Verger	2011	Todas
09	Rebelião Escrava no Brasil (A história do levante dos Malês em 1835)	João José Reis	Companhia das Letras	2017	Todas
10	Heroínas Negras Brasileiras	Jarid Arraes	Paz e Terra	2017	Todas
11	Joalheria de Crioulas: Subversão e Poder no Brasil Colonial	Amanda Gatinho Teixeira	Antíteses	2017	Todas
12	O Negro no Brasil	Júlio José Chiavenato	Ed. Cortez	2012	Todas
13	As fontes na cidade de Salvador	Aucimaia de Oliveira Tourinho, Nicolas de Almeida Costa	Revista Interdisciplinar de Gestão Social	2012	Todas
14	Trabalhadoras Lavadeiras e a Literatura Científica	Leda Maria Fonseca Bazzo	Anpuh-Bahia	2016	Todas
15	Aguadeiras, Lavadeiras: Uma análise dos discursos acerca das mulheres negras na trama urbana de Salvador	Claudia Andrade Vieira	EDUFBA	2015	Todas



**FICHA TÉCNICA****Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
16	O escravo do Naturalista	Ildeu de Castro Moreira	Ciência Hoje	2002	Todas
17	Costureiras, Mucamas, Lavadeiras e Vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas	Joana de Moraes Monteleone	Revista Estudos Feministas	2018	Todas
18	Sonoros Ofícios: Cantos de Trabalho	Sonora Brasil. Circuito 2015.16	Sesc	2015	Todas

**Outras informações julgadas necessárias****Histórico – Carnavalescos:**

**Marcus Ferreira** é arquiteto e designer gráfico formado pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). O carnavalesco fez a estreia em 2009 pela Mocidade de Vicente de Carvalho, levando a agremiação ao antigo Grupo B. Em 2010, manteve a escola no grupo, com o premiado enredo “Bonecas: Impossível não se apaixonar por elas”. Por causa do notório trabalho, em 2011, Marcus assumiu a Estácio de Sá, sendo considerado a revelação do Carnaval da Série A. Ele faturou diversos prêmios de melhor carnavalesco, figurinista, além do prêmio internacional Top Of Business – oferecido pelo Hotel Sheraton. Na Série A, assinou ainda outras agremiações, como Unidos do Jacarezinho, Renascer de Jacarepaguá, União do Parque Curicica e Inocentes de Belford Roxo. Em 2017, deu o título ao Império Serrano com o enredo sobre o centenário do poeta Manoel de Barros – “Meu quintal é maior que o mundo!”, levando a escola da Serrinha de volta ao Grupo Especial.

## FICHA TÉCNICA

### Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

**Tarcísio Zanon** é designer gráfico formado pela Escola Técnica Federal de Campos dos Goytacazes, e pós-graduado em Carnaval e Figurino pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). A carreira de Tarcísio começou em 2014 como assistente de carnavalesco na Estácio de Sá, na Série A.

No ano seguinte, Zanon assumiu o Carnaval da vermelho e branco com um enredo em homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro. Logo na estreia, Tarcísio foi campeão, levando a Estácio de Sá para o Grupo Especial. Além disso, foi premiado como Revelação do ano. Já em 2016, no Grupo Especial, junto com o carnavalesco Chico Spinoza, conquistou o Estandarte de Ouro pela Melhor Ala das Baianas. Em 2017, levou o prêmio dado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro pela cenografia da peça “João e o Alfaiate”, da companhia Etc. e Tal. A partir de 2018, passou a assinar sozinho os desfiles da Estácio de Sá. O profissional assumiu também a função de figurinista do carnavalesco Alexandre Louzada, na Mocidade Independente de Padre Miguel. Na ocasião, faturou prêmios como melhor figurinista. No ano passado, conquistou mais um título da Série A pela Estácio de Sá, levando a agremiação de volta para o Especial. Ainda foi um dos responsáveis pelos figurinos da novela “Jesus”, da TV Record, em 2019.

Juntos, Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon somam, nos últimos cinco anos, três títulos pela Série A (2015, 2017 e 2019). Os dois são apontados por especialistas como grandes talentos à serviço do Carnaval Carioca. Casados na vida real, os dois assinarão um desfile juntos pela primeira vez na Unidos do Viradouro, em 2020.

#### **Pesquisa e Texto: Igor Ricardo**

Formado em Jornalismo pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), em 2013, Igor trabalhou na cobertura carnavalesca por cinco anos. Neste período, o jornalista se notabilizou à frente da Editoria de Carnaval do Jornal Extra e do Jornal O Globo, os jornais de maior renome da mídia carioca e do país. Também foi convidado para a produção de reportagens internacionais durante os desfiles carnavalescos da província de San Luís, na Argentina. Desde 2018, vem desenvolvendo enredos para agremiações do Grupo Especial do Rio de Janeiro. No ano passado, conquistou os 40 pontos (pontuação máxima) do júri com o enredo sobre a simbologia do pão, da Unidos da Tijuca. Além disso, foi jurado no Carnaval de Santos e Córdoba (Argentina). Por dois anos consecutivos fez parte do corpo de jurados para a escolha da Corte Real do Carnaval do Rio.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Logomarcas (Artes Visuais – Carnaval 2020):**

A Viradouro optou por apresentar uma nova tipologia de marca para o Carnaval Carioca, com o intuito de traduzir ao público seis artes que ilustram as diferentes etapas do enredo:

Logo 01. (Amarela) – Referência à Oxum – Orixá guia do Grupo Musical as Ganhadeiras de Itapuã.

Logo 02. (Vermelha) – Pimenta – Referência ao segundo setor da escola em que as Ganhadeiras se apresentam como mercantes de feiras populares.

Logo 03. (Rosa) – Balangandã – O terceiro setor da Viradouro mostra o último momento do ganho, em que ganhadeiras são denominadas caixinheiras dos terreiros da Baixa do Dendê, produção do artesanato e de manufaturas de metal.

Logo 04. (Marrom) – Instrumentos de Ritmos – Quarto momento do desfile, negritude liberta manifestando pelas ruas de Itapuã sua musicalidade – fundamento para a criação do samba de mar aberto.

Logo 05. (Azul) – Água de Flores – A fé dos itapuãzeiros, dos ribeirinhos e das Ganhadeiras de Itapuã lavando as escadarias de Nossa Senhora da Conceição – padroeira do bairro.

Logo 06. (Vinho) – Ganhadeiras de Itapuã – Registro de foto do Centro Cultural do Bairro de Itapuã.

**Discos:**

*As Ganhadeiras de Itapuã* (Produção Musical Alê Siqueira – Coaxo do Xapo, Bahia, Agosto 2012)

26º Prêmio da Música Brasileira – Melhor Álbum (Categoria Regional)

26º Prêmio da Música Brasileira – Melhor Grupo (Categoria Regional)

Ganhadeiras de Itapuã – 15 anos de história cantada (Tupynamba Produções Musicais, Maré Produções 2019)

**Sites:**

<https://www.youtube.com/watch?v=fx6586NGVb8> (Documentário – As Ganhadeiras de Itapuã)

<https://www.youtube.com/watch?v=NqJoLEtSXnc> (Obra Musical As Ganhadeiras de Itapuã – Negra é a Voz)

<https://www.youtube.com/watch?v=VkJ7CkBW3-9I> (Especial Tve – As Ganhadeiras de Itapuã)

<http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2011/01/atuacao-dos-escravos-de-ganhona.html?m=1>

(A atuação dos escravos de Ganho)

<http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2010/12/importancia-do-papel-do-escravode.html?m=1>

(A Importância do papel do escravo de Ganho para uma nova abordagem da escravidão)

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/escravidao-no-brasil-escravos-eram-base-da-economia-colonial-imperial.htm> (Escravidão no Brasil – Escravos eram a base da economia colonial e imperial)

[http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendopolo.php?cod\\_area=5&cod\\_polo=57](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendopolo.php?cod_area=5&cod_polo=57)

(As Ganhadeiras de Itapuã e a poesia negra no Brasil)

<http://www.ct-escoladacidade.org/contraconduas/editorias/escravismo-imagem-e-letra/sobre-sapatos-identidade-e-simbolos-de-liberdade/> (Sobre sapatos – Identidade e símbolos da liberdade)

<http://www.historia-bahia.com/darwin.htm> (Charles Darwin na Bahia)

# HISTÓRICO DO ENREDO

*Viradouro de alma lavada* é baseado no repertório musical e nas histórias orais das Tias: Maria do Xindó, Raimunda, Mariinha, Herondina, Anamaria, Denise, Lucinha, Rachel, Eunice, Teresa e Amália – as matriarcas do grupo *As Ganhadeiras de Itapuã*.

Em maio de 2019, a Unidos do Viradouro, em comitiva na Sede Cultural do Bairro de Itapuã, teve seu primeiro contato com a produção, equipe musical e com as coristas do grupo. No momento, foi entregue aos dirigentes a tese de doutorado de Cecília Moreira Soares, pela EDUFBA – 1996. A tese de Cecília é um grande apanhado histórico das ganhadeiras em solo baiano, além do enfoque cultural das mulheres que hoje realizam o resgate musical desses cânticos seculares trazidos da memória de suas ancestrais.

## SINOPSE DE ENREDO VIRADOURO DE ALMA LAVADA

Sou Maria... De paixão vermelha, céu de nuvens brancas dos santos anjos... De Xindó, a alma cafuza, do pai pescador e mãe lavadeira. Alma que se une às escravas, caboclas e crioulas numa rede de sentimentos que emanam o mesmo ideal: a luta pela alforria do povo negro. Trago a memória ancestral de outras Marias da minha pequena Itapuã. A Itapuã do mar aberto, leito para a mística doçura do Abaeté.

A aurora do dia reflete o ouro nas águas escuras da Lagoa, águas circundadas por dunas de finas areias brancas. No alvo véu da noiva, a comunhão das lavadeiras que ouvem cânticos lendários que vêm à tona das profundezas. À sombra do anjelim, as sacerdotisas do sol ensaiam cantorias adocicadas por cachundés e guajirus. Varais de resistência cruzam as restingas no quarar das impurezas de seus senhores.

No mar, a simplicidade no ganho de outras heroínas. Jangadas e saveirinhos repletos de feitorias por sereia-rainha que oferta o quinhão (xaréu, robalo, guaricema e peixe-galo). O marear das ondas preludia o balé das redes ao compasso feminino das puxadas. Cantos bravios que amenizam o peso de contínuos caminhos traçados. Areais testemunhos de grandes lições de vida que, caladas, alcançaram o pecúlio familiar.

Terreiros da Baixa do Dendê revelam o preparo do ganho. Nas malhadas, a secura dos pescados, a colheita do plantio, o preparo do quitute e o manejo das artesãs. A Bica de Itapuã foi o principal ponto de encontro do Bando das Ganhadeiras. Ópera negra do mercadejo: dos banhos sem pudor, dos negros camarás e da comunhão das escravas em torno da compra de suas alforrias.

*“E que toda Maria passe na frente!”*

E lá vai Maria... E lá vão as Marias... De saias florais, blusas de crivo, colares de contas e erês nos panos de dorso. Apoiadas em torsos, segue a procissão de balaios, bandejas e gamelas em ritual de longas trajetórias. Maré baixa que revela no litoral margeante milhares de passos a caminho de São Salvador - o porto das freguesias. Aguadeiras refrescam a sede dos becros perfumados de dendê. Largos ganham o colorido das barracas mercantes de frutas. Vento que orchestra a sinfonia dos balangandãs das caixoteiras. Fogarêus acesos e vozes regadas a goles de cachaça no fuá da estridente mercação.

À beira-mar, um farol vermelho e branco de luz poente ilumina o livre caminhar. De pés cansados, agora calçados. Punhos cerrados, enfeitados com joias de crioula. Mulheres que não se curvaram e hoje cantam a sua liberdade. Saias de roda para sambar; samba de areia para cirandar. Nas cheganças, a negra dança ao som malê. Atabaques que unem Orun - Ayê. Pedra que ronca ao vento que balança. Mergulho profundo de peito aberto no samba de mar aberto.

Águas que purificam a lavagem das escadarias de Nossa Senhora da Conceição - nossa devoção! Mãe da Mãe que desata todos os nós. Fé que emana romarias ao mar: escadarias, pétalas em flor e o cheiro da aroeira. Irmandades remontam a festejos passados na Festa da Baleia. O sagrado abraça a matriz sob o véu que descortina a igualdade.

*"Toda mulher brasileira em sua essência é ganhadeira!"*

O Brasil de hoje revela a voz de outras mulheres que, em consonância, ritmam o trabalho e o sustento de suas vidas. Elas são de verdade! Sou um pouco de mim, em uma falange de nós. Pertencço à quinta geração das ganhadeiras históricas que remetem à saga de nossas avós, de nossas mães e de outras Marias que contribuíram para a fortificação do povo brasileiro. Histórias que se cruzam à beira da Baía e refletem no espelho d'água o futuro, sem se esquecer da luta de um passado recente. De mãos dadas, ganzás embalam chocalhos, atabaques versam caixas, pandeiros cadenciam o choro das cuícas. Lágrimas que se revigoram no sagrado altar do samba sob as bênçãos de Xangô e São João Batista – protetores da minha Viradouro. Viradouro que, de alma lavada, abraça as Ganhadeiras de Itapuã, espelho da mulher brasileira.

Donas do meu carnaval!

### **Maria da Paixão dos Santos Anjos ou Maria de Xindó.**

(Lavadeira e uma das matriarcas do grupo musical as Ganhadeiras de Itapuã. Viradourense de coração, nascida em 1946 – Ano de fundação da Unidos do Viradouro.)

Marcus Ferreira, Tarcísio Zanon e Igor Ricardo (**Pesquisa, Desenvolvimento e Texto**)  
Henrique Pessoa (**Revisão Textual**)

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

*Viradouro de alma lavada* descreve a valentia e a bravura das mulheres que fizeram parte do início das páginas da história de liberdade do nosso país. Batizadas como ganhadeiras, participaram do sistema de ganho – escravas que comercializavam produtos em que a maior parte do excedente vendido era devolvido aos senhores (proprietários escravocratas). No século XIX, período de escravidão do país, eram obrigadas a praticar diversos ofícios através de um contrato informal entre as partes. O excedente do ganho era acumulado pelas escravas para a compra de suas alforrias e de seus camarás (irmãos de alma).

Nossa narrativa é conduzida por Maria da Paixão dos Santos Anjos – Tia Maria de Xindó, integrante do grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã. Baiana, nascida em 1946 (mesmo ano de fundação da Unidos do Viradouro), pertencente à quinta geração de ganhadeiras. Ela segue o exemplo de outras mulheres que batalham dia-a-dia para o sustento familiar. Ótica baseada nos testemunhos da memória afetiva local, das ancestrais do matriarcado, hoje existentes em Itapuã.

Mergulhamos nas histórias das águas da Lagoa do Abaeté, principal ponto de encontro das ganhadeiras históricas do bairro de Itapuã. Margens que abrigavam as lavadeiras, um dos ofícios importantes de ganhadeira. A luta pelo ganho motivada pela cantoria em meio ao árduo trabalho de limpar as impurezas dos senhores de escravos. Cânticos históricos sobre diversos tipos de feitorias praticadas por escravos e por libertos, remanescentes do ganho.

Surge em 2004 o grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã que resgatam os costumes, as atividades, as manufaturas através da musicalidade de forma muito peculiar. Um passeio musical sobre um momento importante para a afirmação da mulher brasileira, perante os primórdios da nossa sociedade. As integrantes do conjunto bebem na fonte do bairro para caracterizar seu próprio estilo musical denominado como o “samba de mar aberto”. Samba de ciranda, do batuque negro e do começo do carnaval baiano.

Mulheres que mantêm a bravura e a dignidade de suas ancestrais, hoje através do ganho da música. Estão presentes em todas as manifestações artísticas e culturais de Itapuã. Pastoras de histórias, coristas da dignidade feminina, matriarcas da liberdade baiana negra ou cafuza. Canto de amenizo a dor e ao peso do trabalho. Espelho para outros grupos de mulheres que entoam vozes a fim de garantir a vida de seus familiares, pelos rincões do nosso Brasil.

## SETORES DE DESFILE

### **1º SETOR: PRELÚDIO DAS ÁGUAS**

A Viradouro se inspira na música “O Prelúdio das águas” (As Ganhadeiras de Itapuã) para um mergulho nas águas da Lagoa do Abaeté e no Mar de Itapuã. Resgata a ancestralidade das Ganhadeiras históricas da Bahia em meio a lendas míticas, em torno da lavagem de roupas na Lagoa e na busca do quinhão através das puxadas de rede ao mar aberto.

### **2º SETOR: BANDO DO MERCADEJO**

Conceito da música “Mercação”, de Amadeu Amaral, para as Ganhadeiras de Itapuã. Setor histórico-ancestral que demarca os diversos ofícios existentes do sistema de ganho. É a mercação de frutas, animais, condimentos, o encontro nas bicas públicas repletas da camaradagem. A Bica de Itapuã foi o local de encontro da população negra/cafuzo itapuãzeira. O figurino dos componentes deste setor foi inspirado em registros históricos obtidos com as próprias Ganhadeiras de Itapuã. Neles, os escravos de ganho eram vistos (e até confundidos) com os próprios produtos de venda diante da grande quantidade que carregavam. Por causa da longa distância que percorriam, muitos só tinham a oportunidade de fazer a venda uma única vez ao dia. As fantasias, portanto, fazem uma estilização carnavalesca dessa mercação do período.

### **3º SETOR: CAIXINHEIROS DE TERREIRO**

Na Baixa do Dendê, átrio matriarcal das Ganhadeiras de Itapuã, os terreiros (frente de quintal das ganhadeiras) se tornam ateliês das diferentes manufaturas utilizadas como venda de ganho. Contas, sobras de tecidos dos senhores, balangandãs e o artesanato local surgem como forma de sustento para mulheres e para seus companheiros. O termo “Caixinheiro” especifica os mercantes de manufaturas. Neste setor, o colorido das fantasias estabelece uma relação direta com as cores dos objetos que eram vendidos pelos escravos. Os figurinos dos componentes fazem, portanto, referência direta às manufaturas vendidas no sistema de ganho, e ao visual adotado pelos negros nesta época, que era inspirado na moda europeia.

### **4º SETOR: FESTA NA ALDEIA**

Negritude liberta, ruas tomadas das principais manifestações folclóricas da negritude de Itapuã. A Viradouro explicita as influências culturais e históricas que levaram ao surgimento do grupo musical das Ganhadeiras de Itapuã. A incorporação dessas manifestações por parte das musicistas ajuda a entender a classificação do chamado “samba de mar aberto” – samba cirandado à beira-mar, misto de batuque de roda, cirandas nordestinas e dos afoxés.

### **5º SETOR: SAGRADA-MATRIZ**

Momento devotivo, emoção no agradecer a luta do povoado que busca até hoje seu quinhão junto às águas. As Ganhadeiras viram anfitriãs e presença constante nos festejos religiosos de Itapuã. Dos festejos aos padroeiros: São Tomé, Senhora de Santana à Conceição – padroeira do grupo e do bairro.

### **6º SETOR: OS TESOUROS DO BRASIL**

As Ganhadeiras de Itapuã abrem ciranda a congregar outros grupos de mulheres do nosso país, que, como elas, se unem para o trabalho em conjunto. União movida à cânticos, que refletem a lida dura no sustento de suas famílias. Vozes que amenizam a dor do trabalho – grupos de lutas e bravuras que mostram a força da mulher brasileira.



## **ROTEIRO DO DESFILE**

### **1º SETOR – PRELÚDIO DAS ÁGUAS**

**Comissão de Frente**  
**VELHOS AREAIS DE NOSSAS**  
**ANCESTRAIS**  
*\*Possui um Elemento Cenográfico*

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Julinho Nascimento e Rute Alves**  
**SOL PARA A LIBERDADE**

**Guardiãs do**  
**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**SACERDOTISAS DO SOL**

**Tripé 01 – Pede Passagem**  
**QUEM LAVA A ALMA DESSA GENTE**  
**VESTE OURO**

**Ala 01 – Comunidade**  
**MÃE LAVADEIRA**

**Ala 02 – Comunidade**  
**PAI PESCADOR**

**Alegoria 01 – Abre-Alas**  
**PRELÚDIO DAS ÁGUAS**

### **2º SETOR – BANDO DO MERCADEJO**

**Ala 03 – Comunidade**  
**FUÁ DA MERCAÇÃO**

**Grupo de Adereços**  
**BECO DOS GALINHEIROS**

**Tripé 02**  
**EXPEDIÇÃO NATURALISTA**

Personagem de Chão  
Tia Cléa (Presidente da Ala das Baianas)  
PRETA MARIA

Ala 04 – Baianas  
BAIANAS QUITUTEIRAS

Guardiãs das Baianas  
DOCEIRAS DE COCADAS

Ala 05 – Comunidade  
AGUADEIRAS

Musa  
Luana Bandeira  
CAPITÃ-DE-CANTO

**Alegoria 02**  
**ÁGUA DE BEBER É MAIS CARO! – A BICA DE**  
**ITAPUÃ**

**3º SETOR – CAIXINHEIROS DE TERREIROS**

Ala 06 – Reis da Folia  
MALEIROS DE AVIAMENTOS

Ala 07 – Comunidade  
ALFAIATES DE RETALHOS

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Jeferson Souza e Amanda Poblete**  
**ARTESÃOS DE XAGRIN**

Ala 08 – Juvenil  
MESTRES DO BRINCAR

Ala 09 – Projeto de Casais de Mestre-Sala e  
Porta-Bandeira  
ARTEIROS DE CONTAS

Ala 10 – Comunidade  
TRANÇADEIRAS DE PITAS

Ala 11 – Comunidade  
BUGINGUEIROS DE ARTEFATOS

**Alegoria 03**  
**JOIAS DE CRIOLA: A ARTE METAL E O**  
**GANHO DA SORTE**

**4º SETOR – FESTA NA ALDEIA**

Ala 12 – Ala dos Artistas  
RANCHO DAS FLORES (O CUCUMBI)

Ala 13 – Comunidade  
TERNO DE REIS (O PALHAÇO)

Ala 14 – Passistas  
LENDA DO PÁSSARO DO ABAETÉ  
(AFOXÉ)

Rainha de Bateria  
Raíssa Machado  
RAINHA MALÊ

Mestre de Bateria  
Ciça  
REI MALÊ

Ala 15 – Bateria  
MALÊ DEBALÊ (AFOXÉ)

Tripé III  
TIMBAL MALÊ

*Obs.: O tripé é um elemento surpresa que será  
utilizado em momentos pontuais do desfile.*

Ala 16 – Comunidade  
YALODÊ (AFOXÉ)

Ala 17 – Comunidade  
CHEGANÇAS DO MAR ABERTO  
(OS CAVALEIROS)

Musa  
Lore Improta  
RAINHA DO CARNAVAL DE ITAPUÃ

**Alegoria 04**  
**CIRANDA DE RODA À BEIRA DO MAR**  
**ABERTO!**

**5º SETOR – SAGRADA-MATRIZ**

Grupo Cênico (Componentes da Comunidade)  
O BANDO ANUNCIADOR

Ala 18 – Ala da Amizade  
MISSA DO ANZOL

Ala 19 – Comunidade  
PROCISSÃO DE SÃO TOMÉ

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Diego Jenkins e Gislaine Lira**  
**PRESENTE DE OXUM**

Ala 20 – Comunidade  
FESTA DE IEMANJÁ

Elemento Cênico  
A BALEIA

Carregadores do Elemento Cênico  
“BALEEIROS”

Ala 21 – Comunidade  
FESTEJO DE SANTANA

Grupo Cênico  
ROMEIROS DE VELAS

**Alegoria 05**  
**NAS ESCADAS DA FÉ: É A VOZ DA MULHER!**

**6º SETOR – OS TESOUROS DO BRASIL**

Ala 22 – Comunidade  
QUEBRADEIRAS DE COCO

Ala 23 – Comunidade  
DESTALADEIRAS DE FUMO

Ala 24 – Comunidade  
CANTADEIRAS DO SISAL

Ala 25 – Comunidade  
FARINHEIRAS DE BARROCAS

Ala 26 – Comunidade  
LAVADEIRAS DE ALMENARA

**Alegoria 06**  
**AS GANHADEIRAS DE ITAPUÃ – O AXÉ QUE  
VEIO DA BAHIA!**

Ala 27 – Compositores  
BAIANOS CARIOCAS

Grupo de Encerramento  
LUTE COMO UMA MULHER!

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 01</b> <b>QUEM LAVA A ALMA</b> <b>DESSA GENTE VESTE</b> <b>OURO</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>A Unidos do Viradouro abre passagem para contar a história das Ganhadeiras de Itapuã, a partir da figura mítica de Oxum, padroeira do grupo, que faz morada na Lagoa do Abaeté. A orixá das águas doces lava a alma da comunidade niteroiense, que se bravura para mais um carnaval que se inicia.</p> <p><i>*A alegoria traz Verônica (Verônica Raquel Santana das Virgens, 35 anos), solista das Ganhadeiras de Itapuã, que encena nas apresentações do grupo musical à relação das mulheres com a Orixá Oxum – Rainha das águas doces. Ela vem representando a figura materna da lavadeira e seu afeto ao orixá descrito.</i></p> <p><i>* Os empurradores virão com figurino inspirado na tipologia artística dos tripés.</i></p>
01	<p><b>PRELÚDIO DAS ÁGUAS</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>Pelas manhãs, um grupo de ganhadeiras se envolvia nas lendas das águas de Itapuã. O Abre-Alas da Viradouro traz o imaginário em torno do quinhão ofertado por pescadores à essas mulheres, que ajudavam nas puxadas de redes. A lenda da sereia, das figuras míticas marinhas, preenchia histórias à beira-mar, abençoadas no axé de Iemanjá-Rainha do Mar (figuras míticas brancas). A alegoria é inspirada nos elementos marinhos do barroco baiano que refletem o ouro das manhãs na praia de Itapuã.</p> <p><i>*Prelúdio das águas é o título de uma das canções das Ganhadeiras de Itapuã, que evidencia a importância das águas para a população ribeirinha do bairro.</i></p> <p><b>Composições Femininas (Lateral Baixo)</b> – Sereias Rainhas.  <b>Composições Femininas (Alto)</b> – Ninfas das Águas.  <b>Composições Masculinas (Alto das Torres)</b> – Cardume Marítimo.  <b>Grupo Cênico (Redes)</b> – Peixes na Rede.  <b>Grupo Cênico (Lateral Chão-Avenida)</b> – Quinhão do Mar.</p>

## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 02</b> <b>EXPEDIÇÃO NATURALISTA</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>As expedições naturalistas que passaram por Salvador no século XIX, e que tiveram grande auxílio das escravas ganhadeiras (chamadas coletoras). Em troca da liberdade, as negras de ganho acompanhavam e coletavam parte da fauna e flora das restingas de Itapuã aos pesquisadores estrangeiros. Os próprios naturalistas reconhecem esse auxílio em seus escritos, mas no geral desconhecidos por historiadores.</p> <p><i>*A alegoria traz Lica (Teresa Cristina Santos Silva, 59 anos) - Ganhadeira de Itapuã que encena nas apresentações do grupo musical a relação das mulheres com a natureza de ganho.</i></p> <p><i>* Os empurradores virão com figurino inspirado na tipologia artística dos tripés.</i></p>
02	<p><b>ÁGUA DE BEBER É MAIS CARO!</b> <b>A BICA DE ITAPUÃ</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>Com um sistema de abastecimento de água encanada praticamente inexistente, até meados do século XIX, Itapuã dependia da força escrava para levar água até as residências. Surge então a figura da aguadeira – ou mercante de água potável carregada por gamelas. O trabalho braçal desempenhado pelas escravas exigia grande esforço físico, já que as fontes eram localizadas nas “baixas de grandes ladeiras”. Era o caso da Bica de Itapuã, na “Baixa do Dendê”, local que também serviu como principal ponto de encontro da camaradagem (irmãos de alma), que saía do bairro em direção à capital. Ali se reuniam os mercantes de diversos tipos de produtos, para a compra das alforrias.</p> <p>O carro vem cercado por um grupo cênico representando as “negras de gamela”. O calçado das componentes está “camuflado” com a estamparia do figurino, já que os escravos de ganho andavam descalços no período escravocrata brasileiro.</p> <p><b>Composições Femininas (Alto da bica) – Banho de Bica.</b> <b>Velha-Guarda (Varandas da fonte) – Fonte do Saber</b> <b>Grupo Cênico (Lateral chão-avenida) – Negras de Gamelas</b></p>

**FICHA TÉCNICA**


**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
03	<p><b>JOIAS DE CRIOULA: A ARTE METAL E O GANHO DA SORTE</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>No Brasil do Século XIX, só o negro detinha o poder da metalurgia. As joias de crioula eram produzidas pelas escravas descendentes das africanas a chegarem em Itapuã. As ganhadeiras passaram a utilizar joias, feitas a base de metal, em um indicativo de prosperidade, clientela numerosa e, portanto, sinal de que vendiam produtos de qualidade. Nesse caso, ter essas joias era um modo de amealhar riqueza com a qual fosse possível garantir a sobrevivência em uma sociedade bastante adversa para as ex-escravas. O empoderamento feminino e social era demonstrado pela quantidade dessas peças que adornavam as Caixineiras (denominação às vendedoras de artesanato da Baixa do Dendê). Os balangandãs de prata, por exemplo, são amuletos que afastam o mau olhado e emancipam a sorte. São considerados o símbolo da riqueza e do empoderamento feminino. Foi em Itapuã que as fitinhas devotivas ganharam fama, em que a tipografia inicial era marcada com a prata, e posteriormente xilogravuradas. As fitinhas para Nossa Senhora da Conceição (padroeira do bairro) desfilavam pelas ruas entrelaçadas à essas joias, como símbolos de bravura, resistência e o axé dessas mulheres que tanto lutaram por liberdade. Por meio de simbologias e signos, estas “coisas” materializam códigos culturais estabelecidos para fins de reconhecimento diante do meio social.</p> <p><b>Grupo Cênico (Chão-Avenida e Composições Alegóricas) – Fitas da Sorte.</b></p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcos Ferreira e Tarcísio Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
*	<p><b>Tripé 03</b> <b>TIMBAL MALÊ</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>A força e a garra da mulher malê – parceiras de ritmo das Ganhadeiras de Itapuã.</p> <p><i>* O tripé em forma de um tambor estilizado é um elemento cênico que será utilizado em momentos pontuais do desfile. Haverá uma interação com os ritmistas de Mestre Ciça.</i></p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
04	<p><b>CIRANDA DE RODA À BEIRA DO MAR ABERTO!</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>O grupo As Ganhadeiras de Itapuã surgiu em março de 2004, a partir de encontros musicais realizados entre moradores empenhados na busca pelo resgate de tradições do passado e pela preservação da memória cultural do bairro de Itapuã. O termo “Samba de Mar Aberto” foi criado por Amadeu Alves (Diretor Musical das Ganhadeiras de Itapuã) para denominar o jeito de tocar e cantar o samba do litoral de Itapuã. São sambas, cirandas nordestinas, afoxés, marchinhas, entre outros. De modo que o “Samba de Mar Aberto” é hoje a expressão da diversidade musical que as Ganhadeiras representam. Este conceito se materializa na alegoria ao trazer elementos carnavalescos combinados com representações marítimas, como as ondas do mar, elementos marinhos e o Farol de Itapuã. Cirandas de Roda à beira do mar, descrito como mar aberto por Itapuã ser a primeira praia baiana de abertura total ao Oceano Atlântico.</p> <p><i>*A alegoria traz a inspiração de Júnior Pássaros. Artista baiano que criou inúmeras decorações de orla para o carnaval que fazia o circuito de Itapuã-Salvador.</i></p> <p><b>Composições Femininas e Masculinas (Laterais) –</b> Foliões do Mar Aberto</p> <p><b>Grupo Cênico (Base Farol) –</b> Cirandeiras de Roda</p>

## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>NAS ESCADAS DA FÉ: É A VOZ DA MULHER!</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>As festividades religiosas ocupam um lugar todo especial na memória dos itapuãzeiros. E a principal festa do bairro é a dedicada para Nossa Senhora da Conceição. No calendário regular católico, seu dia consagrado é 8 de dezembro. Porém, a festa da padroeira de Itapuã é celebrada no dia 2 de fevereiro – dia consagrado para Nossa Senhora das Candeias, divindade que corresponde à Oxum, orixá das águas doces nos candomblés da Bahia. Os moradores realizam a lavagem da escadaria da igreja, logo pela manhã, com participação das integrantes do grupo As Ganhadeiras de Itapuã. A alegoria vem ladeada por um grupo performático de romeiros que remontam a tradicional Procissão de Velas realizada durante os festejos para Nossa Senhora.</p> <p><i>*A estética da alegoria, assim como no setor 5, é inspirada no artesanato de barro do bairro de Itapuã.</i></p> <p><b>Grupo Cênico (Escadarias)</b> – Ganhadeiras Afro-Sacras <b>Grupo Cênico (Chão Avenida)</b> – Romeiros de Velas</p>
06	<p><b>AS GANHADEIRAS DE ITAPUÃ – O AXÉ QUE VEM DA BAHIA!</b></p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.</i></p>	<p>A Unidos do Viradouro reverencia as integrantes do Grupo Musical As Ganhadeiras de Itapuã – consideradas as primeiras feministas do Brasil. Para marcar essa união, as homenageadas são guardadas pelo orixá regente da Viradouro – Xangô, que é representado pelas Oxés (machados da justiça) e coroadas pelo símbolo maior da escola.</p> <p>A figura matriarcal de Tia Maria do Xindó – Ganhadeira, lavadeira, cafuzo e viradourense de coração (nascida em 1946, ano de fundação da escola), também une o samba do mar aberto das Ganhadeiras de Itapuã às Partideiras do samba-enredo do Rio de Janeiro.</p> <p>As ganhadeiras tornam-se para o mundo o símbolo da luta e da bravura, que lavam a alma da mulher brasileira.</p> <p><b>Composições Femininas</b> – Partideiras da Viradouro <b>Personagens</b> – As Ganhadeiras de Itapuã</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Tripé I – Quem lava a alma dessa gente veste ouro</u></b>  <b>Personagem</b> – Verônica                      Fantasia – Mãe Lavadeira</p> <p><b>Personagem</b> – Amadeu Alves                      Fantasia – Pai Pescador</p>	<p>Ganhadeira de Itapuã</p> <p>Produtor Musical – As ganhadeiras de Itapuã</p>
<p><b><u>Alegoria 01 – Prelúdio das águas</u></b>  <b>Semi-Destaque Frontal</b> – Tatiana Guimarães                      Fantasia – A Rainha das Águas</p> <p><b>Destaque Central Baixo</b> – Paulo Passos                      Fantasia – O Lendário dos Mares</p> <p><b>Destaque Central Superior</b> – Will Passos                      Fantasia – O Prelúdio das Águas</p>	<p>Designer de Interiores</p> <p>Cabelereiro</p> <p>Cabelereiro</p>
<p><b><u>Tripé II – Expedição Naturalista</u></b>  <b>Destaque Central</b> – Rafael Éboli                      Fantasia – Restinga Natural</p> <p><b>Personagem</b> – Lica                      Fantasia – Negra Coletora</p>	<p>Cabelereiro</p> <p>Ganhadeira de Itapuã</p>
<p><b><u>Alegoria 02 – Água de Beber é mais Caro! A Bica de Itapuã</u></b>  <b>Semi-Destaque Frontal</b> – Rodrigo Totti                      Fantasia – Capatazia</p> <p><b>Personagens Laterais</b> – Ton Brício                      Fantasia – Mercante de Legumes</p> <p>Carlos Tavares                      Fantasia – Mercante de Verduras</p> <p>Paulo Souza                      Fantasia – Mercante de Cereais</p> <p>Nacho Mohanmed                      Fantasia – Mercante de Peixes</p> <p>Marcelo Gonçalves                      Fantasia – Mercante de Aberém</p>	<p>Especialista de Inteligência de Mercado</p> <p>Professor</p> <p>Cabelereiro</p> <p>Cabelereiro</p> <p>Empresário</p> <p>Jornalista</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Alegoria 02 – Água de Beber é mais Caro! A Bica de Itapuã (Continuação)</u></b>                      Iran Chagas                      Fantasia – Mercante de Pão</p> <p>Marilda Lafitte                      Fantasia – Ganhadeira Benzedeira</p> <p>Cláudio Fabri                      Fantasia – Mercante de Ervas</p>	<p>Matemático</p> <p>Produtora</p> <p>Comerciante</p>
<p><b><u>Alegoria 03 – Joias de Crioula: A Arte Metal e o Ganho da Sorte</u></b>  <b>Semi-Destaque Frontal</b> – Victoria Castelhanos                      Fantasia – Joias de Crioula</p> <p><b>Destaque Central</b> – Edmilton Paracambi                      Fantasia – Balangandã Real</p>	<p>Fonoaudióloga</p> <p>Promoter de Eventos</p>
<p><b><u>Alegoria 04 – Ciranda de Roda à Beira do Mar Aberto!</u></b>  <b>Personagem Frontal</b> – Margarete Menezes                      Fantasia – Estrela do Carnaval Baiano</p> <p><b>Destaque Lateral Esquerdo</b> – Ray Menezes                      Fantasia – Folias de Mar Aberto (Pierrô)</p> <p><b>Destaque Lateral Direito</b> – Ricardo Ferrador                      Fantasia – Folias de Mar Aberto (Arlequim)</p>	<p>Cantora</p> <p>Designer de Carnaval</p> <p>Administrador</p>
<p><b><u>Alegoria 05 – Nas Escadas da Fé: É a Voz da Mulher!</u></b>  <b>Personagem Central</b> – Patrícia Costa                      Fantasia – Oxum</p> <p><b>Semi-Destaque Lateral Esquerdo</b> – Luana Figueiredo                      Fantasia – Arautos de Nossa Senhora da Conceição</p> <p><b>Semi-Destaque Lateral Direito</b> – Valesca Ritz                      Fantasia – Arautos de Nossa Senhora da Conceição</p>	<p>Atriz</p> <p>Advogada</p> <p>Fisioterapeuta</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Alegoria 06 – Ganhadeiras de Itapuã – O Axé vem da Bahia!</u></b>  <b>Grupo – As Ganhadeiras de Itapuã</b>                      Fantasia – As Ganhadeiras de Itapuã – Tesouro do Brasil</p> <p><b>Destaque Frontal – Thalyta Monassa</b>                      Fantasia – Oxé de Xangô</p> <p><b>Semi-Destaque Central – Susie Monassa</b>                      Fantasia – Kaô-Kabecilé!</p>	<p>Grupo Musical</p> <p>Empresária</p> <p>Empresária</p>
<p><b>Local do Barracão</b>                      Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 01 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>                      Hilton Rosa do Nascimento Filho (Miltinho)</p>	
<p><b>Ferreiro Chefe de Equipe</b>                      João Lopes</p>	<p><b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b>                      Edson de Lima (Futika)</p>
<p><b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b>                      Flavinho Policarpo</p>	<p><b>Pintor Chefe de Equipe</b>                      Leandro Assis (Lê Art)</p>
<p><b>Eletricista Chefe de Equipe</b>                      Júlio</p>	<p><b>Mecânico Chefe de Equipe</b>                      Cal</p>
<p><b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b></p> <p>Nino - Fibra e Pastelação</p> <p>Leandro Santos - Decorador (Carro Abre-Alas, Tripé I e Elemento Cenográfico da Comissão de Frente)</p> <p>Ricardo Cigano - Decorador (Carro 02, 03, 04 e 06)</p> <p>Luiz Monsores - Decorador (Carro 05, Tripé II)</p> <p>Sandro Márcio (Família Bigode) - Espelho</p> <p>Alan (Carvalho JPC) - Iluminação</p> <p>Orlando - Espuma</p> <p>Luiz - Borracharia</p> <p>Sérgio Pina e Jamaica - Efeitos em Água</p> <p>Nildo - Parintins</p>	

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<b>Sacerdotisas do Sol</b>	A representação poética das ganhadeiras-lavadeiras “adoradoras” do Sol.	Guardiãs do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  Comunidade (1946)	Harmonia
01	<b>Mãe Lavadeira</b>	O ofício de lavadeira era uma das principais atividades do sistema de ganho praticado na Lagoa do Abaeté. Mulheres que, para amenizar a dor do trabalho, entoavam cânticos que ajudaram a reforçar as lendas em torno das águas do Abaeté. A fantasia apresenta elementos aquáticos que destacam a ligação das Ganhadeiras de Itapuã, com o ouro de Oxum – a orixá das águas doces.	Comunidade (1946)	Harmonia
02	<b>Pai Pescador</b>	Pelas manhãs, enquanto um grupo de ganhadeiras lavava roupas no Abaeté, outras acompanhavam as puxadas de redes do mar de Itapuã junto aos pescadores – para garantir o quinhão, peixinhos baratos. A ala representa a figura masculina da família dessas mulheres.	Comunidade (1946)	Harmonia




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon




**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Fuá da Mercação</b></p> <p>(Mercação de Milho)</p>  <p>(Mercação de Flores)</p>  <p>(Mercação de Caranguejo)</p> 	<p>No sistema de ganho, os escravos eram obrigados a mercar (vender) pelas ruas de Salvador. A comercialização de diversos produtos, como alimentos, temperos e outras mercadorias, cabia tanto para homens quanto para as ganhadeiras.</p> <p>Percorriam de Itapuã à Salvador, cerca de 50km diários para a venda de produtos de consumo humano dos mais variados.</p> <p>As fantasias femininas carregam seus filhos às costas.</p> <p><i>*A ala é inspirada na música das Ganhadeiras de Itapuã: ‘Mercação’.</i></p> <p><i>*O calçado dos componentes segue ‘camuflado’ com a estamparia do figurino, já que os escravos de ganho, andavam descalços no período escravocrata brasileiro.</i></p> <p><i>O figurino dos componentes desta ala foi inspirado em registros históricos obtidos com as próprias Ganhadeiras de Itapuã. Neles, os escravos de ganho eram vistos (e até confundidos) com os próprios produtos de venda diante da grande quantidade que carregavam. Por causa da longa distância que percorriam, muitos só tinham a oportunidade de fazer a venda uma única vez ao dia. As fantasias, portanto, fazem uma estilização carnavalesca dessa mercação do período.</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Fuá da Mercação (Continuação)</b></p> <p><b>(Mercação de Amendoim)</b></p>  <p><b>(Mercação de Ervas)</b></p>  <p><b>(Mercação de Pimenta)</b></p> 	<p>No sistema de ganho, os escravos eram obrigados a mercar (vender) pelas ruas de Salvador. A comercialização de diversos produtos, como alimentos, temperos e outras mercadorias, cabia tanto para homens quanto para as ganhadeiras. Percorriam de Itapuã à Salvador, cerca de 50km diários para a venda de produtos de consumo humano dos mais variados. As fantasias femininas carregam seus filhos às costas.</p> <p><i>*A ala é inspirada na música das Ganhadeiras de Itapuã: "Mercação".</i></p> <p><i>*O calçado dos componentes segue "camuflado" com a estamparia do figurino, já que os escravos de ganho, andavam descalços no período escravocrata brasileiro.</i></p> <p><i>O figurino dos componentes desta ala foi inspirado em registros históricos obtidos com as próprias Ganhadeiras de Itapuã. Neles, os escravos de ganho eram vistos (e até confundidos) com os próprios produtos de venda diante da grande quantidade que carregavam. Por causa da longa distância que percorriam, muitos só tinham a oportunidade de fazer a venda uma única vez ao dia. As fantasias, portanto, fazem uma estilização carnavalesca dessa mercação do período.</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Fuá da Mercação (Continuação)</b></p> <p><b>(Mercação de Cana)</b></p>  <p><b>(Mercação de Frutas)</b></p> 	<p>No sistema de ganho, os escravos eram obrigados a mercar (vender) pelas ruas de Salvador. A comercialização de diversos produtos, como alimentos, temperos e outras mercadorias, cabia tanto para homens quanto para as ganhadeiras.</p> <p>Percorriam de Itapuã à Salvador, cerca de 50km diários para a venda de produtos de consumo humano dos mais variados.</p> <p>As fantasias femininas carregam seus filhos às costas.</p> <p><i>*A ala é inspirada na música das Ganhadeiras de Itapuã: "Mercação".</i></p> <p><i>O figurino dos componentes desta ala foi inspirado em registros históricos obtidos com as próprias Ganhadeiras de Itapuã. Neles, os escravos de ganho eram vistos (e até confundidos) com os próprios produtos de venda diante da grande quantidade que carregavam. Por causa da longa distância que percorriam, muitos só tinham a oportunidade de fazer a venda uma única vez ao dia. As fantasias, portanto, fazem uma estilização carnavalesca dessa mercação do período.</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Beco dos Galinheiros</b></p> 	<p>O sistema de organização das tarefas de ganho originou os "cantos" (ajuntamentos de escravos ganhadores). O grupo de adereços faz referência às atividades de carregadores do Beco dos Galinheiros, em Salvador. As ganhadeiras que vinham de Itapuã, abasteciam os becos da capital baiana com aves de terreiros da Baixa do Dendê.</p> <p><i>*Os Grupos de Adereços foram elementos inseridos por João 30, no campeonato da escola de 1997.</i></p> <p><i>*O calçado dos componentes segue "camuflado" com a estamparia do figurino, já que os escravos de ganho, andavam descalços no período escravocrata brasileiro.</i></p>	Grupo de Adereços (1997)	Harmonia
*	<p><b>Preta Maria</b></p> 	<p>Tia Cléia interpreta uma das primeiras ganhadeiras de Itapuã a conquistar a alforria: Preta Maria. A líder genuína passou a vender nas ruas junto com suas camarás (irmãs de alma). Negra liberta, por isso de pés calçados, Preta Maria ajudou muitos escravos a conquistar a liberdade por meio do sistema de ganho.</p>	Personagem de Chão	Tia Cléia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p><b>Baianas Quituteiras</b></p>  <p><b>Doceiras de Cocadas (Guardiãs das Baianas)</b></p> 	<p>As baianas da Viradouro representam as conhecidas ganhadeiras quituteiras. A figura da legítima baiana ajudou a popularizar a culinária dos quitutes, ainda hoje presente nas ruas dos bairros de Salvador – tradição da Bahia pelas baianas de acarajé. Surgiram no contexto do sistema de ganho, vendendo além de iguarias, quitutes e doces típicos dos bairros do Recôncavo.</p> <p><i>*A Ala das baianas da Viradouro virá ladeada por suas filhas. Representam as acompanhantes mais jovens das Ganhadeiras de Quitutes, e o ofício de Cocadeiras – Vendedoras de Cocadas. O figurino, segue a tipologia das fantasias das Baianas.</i></p> <p><i>*O calçado dos componentes segue “camuflado” com a estamparia do figurino, já que os escravos de ganho, andavam descalços no período escravocrata brasileiro.</i></p>	Baianas (1946)	Tia Cléia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<b>Aguadeiras</b> 	<p>Atividade desempenhada pelas ganhadeiras no sistema de ganho: buscar águas nas bicas públicas para a mercação. Apesar de Salvador contar com muitas fontes de água, o sistema de abastecimento, até o início do Século XIX, era feito basicamente através do trabalho braçal desempenhado tanto por homens, quanto por mulheres. Na cabeça dos componentes, baldes de água de beber. A fantasia apresenta estamparia africana para reforçar a relação das aguadeiras com as descendentes do continente negro.</p> <p><i>*O calçado dos componentes está "camuflado" com a estamparia do figurino, já que os escravos de ganho andavam descalços no período escravocrata brasileiro.</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<b>Capitã-de-Canto</b> 	<p>Africana alforriada, por isso de pés calçados, nomeada como líder de canto das ganhadeiras. É dela a tarefa de traçar as melhores estratégias para o lucro diário no sistema de ganho, como, por exemplo, tabelar os preços da água que seria distribuída.</p>	Musa (2018)	Luana Bandeira

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p><b>Maleiros de Aviamentos</b></p> 	<p>O escravo de ganho trabalhava fora da casa de seu senhor, exercendo atividades relacionadas ao mercado ambulante. Ao início do Século XIX, os homens adentraram com força na mercadoria vendendo as mais diferentes manufaturas, como linhas, botões e aviamentos em geral. O colorido da fantasia estabelece uma relação direta com as cores vibrantes desses objetos que eram vendidos.</p> <p><i>O colorido das fantasias estabelece uma relação direta com as cores dos objetos que eram vendidos pelos escravos. Os figurinos dos componentes fazem, portanto, referência direta às manufaturas vendidas no sistema de ganho, e ao visual adotado pelos negros nesta época, que era inspirado na moda europeia.</i></p>	Reis da Folia (2013)	Luciano Tinoco

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<b>Alfaiates de Retalhos</b> 	<p>O artesanato de retalhos deu aos povoados da Baixa do Dendê o ganho preciso para alcançarem suas alforrias. As escravas cortavam os tecidos e faziam trouxinhas usando agulhas. Os fuxicos têm a criação atribuída aos escravos africanos, pela necessidade que tinham em reaproveitar retalhos dos tecidos das senhoras.</p> <p><i>O colorido das fantasias estabelece uma relação direta com as cores dos objetos que eram vendidos pelos escravos. Os figurinos dos componentes fazem, portanto, referência direta às manufaturas vendidas no sistema de ganho, e ao visual adotado pelos negros nesta época, que era inspirado na moda europeia.</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

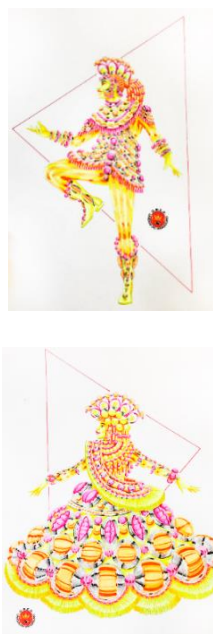

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p><b>Mestres do Brincar</b></p> <p><b>(Masculino Juvenil)</b></p>  <p><b>(Feminino Juvenil)</b></p> 	<p>A juventude da Viradouro traz o lúdico do artesanato talhado a madeira e pintado a mão pelos artesãos do ganho.</p> <p>A ala simboliza a arte dos primeiros brinquedos fabricados na Baixa do Dendê: Os cavalinhos coloridos e a inocência das bonecas de madeira.</p>	Juvenil (1946)	Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
09	<p><b>Arteiros de Contas</b></p> 	<p>Representam a arte baiana de contas e miçangas. As peças são base para diversos adornos artesanais como guias, colares e pulseiras. Com o fim da escravidão, a negritude continuou seu ganho às ruas, garantindo o pecúlio familiar através do artesanato de manufaturas produzidas pela população local de Itapuã.</p>	<p>Projeto de Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Harmonia</p>
10	<p><b>Trançadeiras de Pitas</b></p> 	<p>Outro material muito utilizado por escravos no artesanato era a pita (espécie de bambu), servindo para confecção de objetos de decoração. A ala coreografada traz escravas libertas simulando a colheita da pita. Este tipo de artesanato até hoje faz sucesso na Bahia.</p>	<p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>Bugingueiros de Artefatos</b></p> 	<p>Os pés já estão calçados, mas a vida do ganhador e da ganhadeira não mudou substancialmente após a Lei Áurea. Coube aos libertos sobreviverem na sociedade pós-escravista basicamente com o sistema de vendas. Os foliões retratam os bugingueiros que viviam (e ainda vivem) pelas ruas de Salvador vendendo os mais diversos artefatos, como utensílios domésticos.</p>	<p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>
12	<p><b>Rancho das Flores (O Cucumbi)</b></p> 	<p>Negritude liberta, agora mesclada com a população indígena. Traduz a primeira manifestação cultural do bairro de Itapuã. O Rancho das Flores desfilava em cortejo às ruas vestidos como os cafuzos Cucumbis (traços culturais indígenas junto à de africanos – povos ancestrais do bairro).</p>	<p>Artistas (1972)</p>	<p>Sohail e Suely Saud</p>
13	<p><b>Terno de Reis (O Palhaço)</b></p> 	<p>O surgimento do Terno de Reis é posterior ao dos Ranchos. Nas "noites de Reis", diversos Ternos (grupos musicistas) saíam às ruas do bairro, parando em algumas casas e fazendo uma apresentação músico-teatral dos palhaços do Reisado. A figura do palhaço encarna o lado profano e divertido das festividades dos Reis, já que cabia a eles puxar as cantigas da festa em que participavam as ganhadeiras ancestrais do bairro de Itapuã.</p>	<p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>




## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<b>Lenda do Pássaro do Abaeté (Afoxé)</b> 	<p>A ala é a representação do bloco afro “A lenda do pássaro do Abaeté numa manhã de muito sol”, um dos destaques das festas de verão-carnaval de Itapuã. O nome do bloco foi inspirado num poema de Myriam Fraga, em uma referência aos pássaros que margeavam a Lagoa do Abaeté. O grupo de afoxé desfilava pelas ruas junto à outras denominações de origem afro – como as ganhadeiras ancestrais do bairro.</p>	Passistas (1946)	Valci Pelé
*	<b>Rainha Malê</b> 	<p>A cada carnaval, o grupo de afoxé Malê Debalê realiza a coroação da própria Corte. O cortejo ganha ares das majestades africanas, lembrando à grandes personagens da história do continente negro.</p>	Rainha de Bateria (2014)	Raissa Machado



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
15	<p><b>Malê Debalê (Afoxé)</b> <b>(Masculina)</b></p>  <p><b>(Feminina)</b></p> 	<p>Os ritmistas de Mestre Ciça representam o movimento negro que resiste há mais de três décadas no cenário musical de Itapuã: o Bloco Afro Malê Debalê. O nome do bloco é uma referência aos negros muçulmanos que, em 1835, em Salvador, realizaram um importante feito na história do Brasil, intitulado de Revolta dos Malês. Já o nome “Debalê” traduz, uma conotação de positividade e felicidade. É por causa dessa forma de resgate da ancestralidade, da memória de Itapuã, que o Malê Debalê vai ser preponderante para influenciar musicalmente o grupo das Ganhadeiras de Itapuã. O figurino traz referência aos príncipes (demais instrumentos) e princesas (ala de chocalhos) malês africanos.</p>	Bateria (1946)	Mestre Ciça
16	<p><b>Yalodê (Afoxé)</b></p> 	<p>A presença da matriz negra de Itapuã se manifesta nos diferentes grupos de Afoxés do bairro. Carregado de influência religiosa, o afoxé é um cortejo que faz parte do carnaval como uma manifestação cultural – sempre homenageando um orixá. Por esse motivo, pode ser considerado um candomblé de rua. O Yalodê é um importante grupo afro do bairro que muito contribuiu musicalmente às Ganhadeiras de Itapuã.</p>	Comunidade (1946)	André

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
17	<p><b>Cheganças do Mar Aberto (Os Cavaleiros)</b></p> 	<p>As Cheganças de Itapuã ganharam fama para além do bairro. Nenhuma localidade de Salvador manteve durante tanto tempo a tradição das cheganças como representatividade na luta de Cristãos e Mouros, à Beira do Mar Aberto. Apesar dos grupos serem em maioria formado por homens, a musicalidade deles influenciou o ritmo adotado pelas Ganhadeiras de Itapuã: O samba de Mar Aberto. Nas vestimentas, os marujos da chegança bailam sobre cavalos marinhos estilizados.</p> <p>A ala apresenta dois figurinos, representando uma parte a marujada cristã, e outra, a marujada moura.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<p><b>Rainha do Carnaval de Itapuã</b></p> 	<p>O carnaval é a festa de maior expressão popular do bairro de Itapuã.</p>	Musa (2018)	Lore Improta



**FICHA TÉCNICA**

**Fantásias**

**Criador(es) das Fantásias (Figuristas)**


Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>O Bando Anunciador</b></p> 	<p>Manifestação cultural e histórica de Itapuã que “anuncia” os festejos religiosos da região. Revitalizado no fim da década de 80, o Bando se mantém atuante e é um dos sobreviventes das festas religiosas populares da Bahia; reúne moradores e turistas a partir das 3 ou 4 horas da manhã para anunciar os festejos religiosos. Figurino mambembe, inspirado nos seus artistas que usam flores, máscara e trompetes.</p>	<p>Grupo Cênico (Componentes da Comunidade)”. (1946)</p>	<p>Harmonia</p>
18	<p><b>Missa do Anzol</b></p> 	<p>Com grande presença de pescadores entre os moradores de Itapuã, há uma tradição de promover festejos para São Pedro. O santo padroeiro dos pescadores é celebrado no dia 29 de junho com a chamada Missa do Anzol na igreja do bairro, de onde depois, sai uma procissão de velas. A tradição existe há mais de um século na região. Os fiéis rezam e agradecem as graças alcançadas e pedem, principalmente, bênçãos para uma boa pesca. À noite, a festa para São Pedro é animada com samba de roda, tendo a participação do grupo das Ganhadeiras de Itapuã.</p>	<p>Amizade (1986)</p>	<p>Ubirajara e Sandra Siqueira</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<b>Procissão de São Tomé</b> 	<p>A lenda de Zomé (ou Tomé) tem base em relatos dos primeiros europeus no Brasil. A devoção ao santo é considerável em Salvador. A festividade para o apóstolo de Jesus Cristo sai da Igreja Matriz de Itapuã e segue até o Cruzeiro de São Tomé, na praia de Piatã, onde os fiéis rezam. Realizam uma festa animada com muito samba. Por ser considerado padroeiro dos arquitetos e construtores, São Tomé costuma receber muitos pedidos em prol da casa própria. Desta forma, a fantasia dos componentes traz elementos que lembram a procissão, como as velas, e o desejo pelas chaves do imóvel almejado.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p><b>Festa de Iemanjá</b></p>  <p>“Baleeiros” (Carregadores do Elemento Cênico)</p> 	<p>A cada primeiro de janeiro, os moradores de Itapuã realizam um ritual de jogar oferendas ao mar, para agradar a Iemanjá. O costume de presentear as águas é muito antigo na Bahia. Nessa festividade, é comum a oferta das flores porque são símbolos de transformação.</p> <p><i>*Um elemento cênico em formato de baleia integra a ala para reforçar uma particularidade dos festejos de Iemanjá de Itapuã. O animal foi escolhido por ter sido o pilar da primeira atividade econômica relevante do bairro. Por isso, produtores locais fazem uma réplica da baleia e ofertam ao mar.</i></p>	Comunidade (1946)	Harmonia



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<b>Festejo de Santana</b> 	<p>Nossa Senhora de Santana é uma das padroeiras protetoras do grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã. Ela é conhecida por ser a mãe de Maria, portanto, a avó de Jesus Cristo. Nas religiões de matriz africana está sincretizada com Nanã, a orixá senhora da lama. A fantasia dos componentes traz as flores dadas em devoção para Sant'Ana e uma réplica da imagem da santa nas mãos dos foliões. A tonalidade da cor da roupa dá destaque para o sincretismo com Nanã, além de lembrar a arte sacra em barro tão característica de Itapuã.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<b>Romeiros de Velas</b> 	<p>A procissão de velas é uma das mais tradicionais manifestações religiosas de Itapuã. A grande quantidade de fiéis carregando velas ao redor dos andores chamava atenção, que virou um espetáculo à parte no bairro baiano. O grupo cênico vem a frente e ao redor da quinta alegoria representando as ganhadeiras que participam da romaria de velas.</p> <p><i>* O adereço de mão será utilizado apenas por alguns componentes do grupo cênico.</i></p>	Grupo Cênico (1946)	Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p><b>Quebradeiras de Coco</b></p> 	<p>A voz das Ganhadeiras ecoa pelo Brasil e encontra semelhanças de histórias e lutas em outras formações musicais do país. A ala representa o grupo musical de oito mulheres que trabalham na quebra do coco babaçu. Elas exercem importante papel de liderança na defesa e valorização do trabalho das quebradeiras. A prática do canto durante a quebra do coco e na caminhada para os babaçuais é uma experiência que trazem desde a infância. A saia das danças de carimbó utilizada na fantasia das componentes é para demarcar o espaço onde as quebradeiras surgiram: a região Norte, mais precisamente, no Maranhão.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
23	<p><b>Destaladeiras de Fumo</b></p> 	<p>O cultivo do fumo foi a principal atividade econômica por mais de cinco décadas em Arapiraca (Alagoas). As mulheres trabalhavam horas a fio sentadas no chão dos “salões de fumo”, destalando e selecionando as folhas ao som de cantigas. O canto das destaladeiras é entoado a várias vozes e com uma voz solo no improviso dos versos. Ocorrem em forma de trovas rimadas e têm como característica serem arrastados e sem acompanhamento instrumental. Atualmente, o grupo das Destaladeiras de Fumo de Arapiraca é formado por cinco mulheres com suas tradicionais sombrinhas.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<b>Cantadeiras do Sisal</b> 	<p>As cantadeiras do sisal são mulheres que trabalharam por muito tempo nas várias etapas de produção da fibra, desde o plantio até a fabricação dos produtos derivados, em Valente (Bahia). O repertório das cantadeiras é entoado em grupo durante a produção do artesanato, é formado por cantigas conhecidas desde a infância. As seis integrantes do grupo Cantadeiras do Sisal de Valente são acompanhadas por dois aboiadores (responsáveis por chamar o gado com canto), justificando a figura do boi no chapéu das foliãs. A estética da roupa remete ao universo do cangaço.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
25	<b>Farinheiras de Barrocas</b> 	<p>Barrocas (Bahia) é um dos principais produtores de farinha de mandioca da região, onde surgiu o grupo das Farinheiras. Nessa região, às mulheres cabe o trabalho manual: o de descascar e peneirar a mandioca. Entoam cantigas de domínio público, passadas de gerações, que embalam o trabalho. O conjunto, apesar de não conter integrantes fixas, possui músicas gravadas por outras entidades. O figurino da ala lembra o movimento de peneirar, além dos florais – tecido característico do estado da Bahia.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**


**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p><b>Lavadeiras de Almenara</b></p> 	<p>As Lavadeiras de Almenara (Minas Gerais) interpretam cantigas aprendidas nas margens do Rio Jequitinhonha. As músicas retratam o cotidiano das lavadeiras. São atualmente as guardiãs da música e da dança de uma cultura mesclada, em que as roupas de um colorido forte vêm ressaltar a marca singular e artística do Brasil. Essa particularidade resgatada serve para potencializar em território nacional, por meio dos shows, esse imaginário folclórico e exuberante do Brasil proclamado por essas trabalhadoras/cantoras.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
27	<p><b>Baianos Cariocas</b></p> 	<p>A ala dos compositores retrata os atuais baianos de ganho das ruas do Rio de Janeiro: os musicistas da capoeira, que hoje fazem seu sustento através da música, assim como as Ganhadeiras de Itapuã da Bahia.</p>	Compositores (1946)	PC Portugal

**FICHA TÉCNICA****Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<b>Lute como uma Mulher!</b> 	<p>Um grupo de mulheres negras notáveis encerra o desfile da Unidos do Viradouro para destacar que a luta feminina nunca vai parar. Demonstrado desde o começo do desfile da vermelho e branco, mulheres, negras, ganhadeiras, mostraram força, coragem e persistência para resistir. E essa resistência continua! As componentes vestem uma indumentária com um dos símbolos do feminismo, reconhecendo assim a trajetória contínua de luta das mulheres. Lute como uma mulher!</p>	<p>Grupo de Encerramento (2020)</p>	<p>Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Correa, 60, Gamboa, Rio de Janeiro - Barracão 01	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Emerson Fidélis – Wladimir – Marcus Vaca – Fabiano – Marcio	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Dailze de Fátima Fidélis	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Emerson Fidélis
<b>Adrecista Chefe de Equipe</b> Cigano – Luiz – Leandro	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> José
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Júnior e Alexandre	- Arame
Paula e Anderson	- Espuma
Norma	- Flores EVA
Alan	- Led
Vitor Negromonte	- Vime
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	
<p><i>*As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência.</i></p> <p><i>*Procuramos ter o cuidado de no projeto de fantasias da Viradouro, no setores 2 e 3, representarmos os escravos de ganho com calçados que estão estampados com a manufatura de venda de cada ala, pelo fato dos escravos de ganho, em maioria, andarem descalços, e por nossos componentes precisarem por conforto e locomoção, estarem com os pés calçados.</i></p>	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b>	Cláudio Russo, Paulo Cesar Feital, Diego Nicolau, Júlio Alves, Dadinho, Rildo Seixas, Manolo, Anderson Lemos e Carlinhos Fionda	
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b> Paulo Cesar Portugal		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 60 (sessenta)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Maria Preta 71 anos	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Dan Passos 26 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>Levanta, preta, que o sol tá na janela                  Leva a gamela pro xaréu do pescador                  A alforria se conquista com o ganho                  E o balaio é do tamanho do suor do seu amor</p> <p>Mainha, esses velhos areais                  Onde nossas ancestrais acordavam as manhãs pra luta                  Sentem cheiro de anjelim                  E a doçura do quindim                  Da bica de Itapuã</p> <p><b>Camará ganhou a cidade</b>  <b>O erê herdou liberdade</b>  <b>Canto das Marias, baixa do dendê</b>  <b>Chama a freguesia pro batuquejê</b></p> <p>São elas, dos anjos e das marés                  Crioulas do balangandã, ô iaiá                  Ciranda de roda, na beira do mar                  Ganhadeira que benze, vai pro terreiro sambar                  Nas escadas da fé:                  É a voz da mulher!</p> <p>Xangô ilumina a caminhada,                  A falange está formada, um coral cheio de amor                  Kaô, o axé vem da Bahia                  Nessa negra cantoria                  Que Maria ensinou</p> <p><b>Ó, Mãe! Ensaboa, Mãe!</b>  <b>Ensaboa, pra depois quarar</b></p> <p><b>Ora yê ô Oxum! Seu dourado tem axé</b>  <b>Faz o seu quilombo no abaeté</b>  <b>Quem lava a alma dessa gente veste ouro</b>  <b>É Viradouro! É Viradouro!</b></p>		

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Defesa da Letra do Samba-Enredo:

Assim como o desenvolvimento do enredo, o samba da Viradouro se divide em duas partes para narrar a trajetória das Ganhadeiras de Itapuã. O primeiro trecho da obra evidencia a característica histórica das escravas ganhadeiras, trazendo uma explanação poética sobre a tarefa das negras de ganho de Itapuã. A “cabeça do samba” traz palavras que buscam incentivá-las na tarefa diária do ganho. Ao mesmo tempo, a poesia empregada pelos compositores evidencia que era por meio deste sistema de ganho que elas conquistavam a alforria, a própria liberdade.

Para isso, as ancestrais das Ganhadeiras de Itapuã “acordavam as manhãs”, ou seja, despertavam o próprio amanhecer. A partir disso, elas saíam, geralmente, em bando para o ganho. Um dos locais mais famosos dessa concentração das ganhadeiras rumo a Salvador foi a Bica de Itapuã. Ao “ganhar” a capital baiana, as/os camarás (irmãos de alma) vão à luta para conseguir a liberdade dos seus e das crias. Ao fim do árduo trabalho, todos ainda encontravam tempo para as festas embaladas pelos ritmos locais. É a partir deste “batuquejê” que irá surgir o grupo musical homenageado pelo enredo da Unidos do Viradouro.

A segunda parte do samba-enredo se refere, portanto, ao advento das Ganhadeiras de Itapuã, referenciadas no verso “São elas dos Anjos e das marés”. Esta frase título faz uma generalização sobre a religiosidade e as águas que cercam o bairro baiano. Além disso, Anjos trata-se do sobrenome de uma das matriarcas do conjunto musical (Maria da Paixão dos Santos Anjos, a Maria de Xindó). O samba vai dialogar assim com o passado das Ganhadeiras, ao citar a ancestralidade crioula delas, e revelar dogmas do presente, como a característica do samba de mar aberto e a participação na festa da Lavagem da escadaria da Igreja de Itapuã.

O canto dessas mulheres vai ecoar pelo país e encontrar outras vozes femininas. De mulheres guerreiras, que, como uma falange, não deixam se abater mesmo diante das dificuldades encontradas. Pelo contrário, adquirem força na própria ancestralidade e usam o canto como forma de resistência cultural, assim como as Ganhadeiras de Itapuã. Toda essa trajetória na Avenida é iluminada pelo orixá protetor da vermelho e branco de Niterói: Xangô.

Os compositores usam a licença poética e aplicam aos versos “ensaboa, mãe, pra depois quarar” um resgate dessas matriarcas lavadeiras que limpavam a sujeira das roupas dos senhores. A busca é por uma lavagem que elimine as “impurezas sociais”. Melodicamente, este trecho ainda remete aos antigos sambas de roda da Bahia.

Os poetas da Viradouro pedem licença também para Oxum, que é a padroeira das Ganhadeiras de Itapuã. O refrão principal do samba-enredo faz uma ode para a cor dourada da orixá das águas doces, ampliando o entendimento da abertura do desfile. Desta forma, os compositores conseguiram traduzir cronologicamente e melodicamente a proposta do enredo narrado na Avenida.

**Por Paulo César Feital, Cláudio Russo e Igor Ricardo**



**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Defesa da Melodia do Samba-Enredo**

O enredo da Unidos do Viradouro é acima de tudo musical. O samba-enredo, desta forma, traduz, fundamentalmente, a ancestralidade da história narradas pelas Marias, cirandeiras, lavadeiras, com cânticos lendários. A melodia desse samba-enredo, assinado por Cláudio Russo, Paulo César Feital, Diego Nicolau, Júlio Alves, Dadinho, Rildo Seixas, Manolo, Anderson Lemos e Carlinhos Fionda, transmite toda essa riqueza. A composição conta com apoio harmônico de dois cavaquinhos em duas afinações diferentes entre si (sol, ré, lá, mi e ré, sol, si, ré) e um violão de 7 cordas, acompanhando, preparando o alicerce para essa linda melodia em todas suas nuances. Tudo isso em um entrosamento perfeito, em um tom perfeito (sol maior), onde os campos harmônicos se cruzam o tempo todo, dando uma riqueza singular entre os três instrumentos acompanhantes.

Os primeiros acordes melódicos de “Viradouro de alma lavada” nos levam até uma viagem aos areais da Lagoa do Abaeté. A melodia de pureza cativante e envolvente do início do samba “*Levanta, preta, que o sol tá na janela | Leva a gamela pro xaréu do pescador | A alforria se conquista com o ganho | E o balaio é do tamanho do suor do seu amor*” é o retrato fiel de uma trilha sonora nordestina, cheia de requinte e peculiaridades. São passagens melódicas com detalhes regionais e intenções de acontecimentos literários. Ao ouvir a melodia aliada à letra, a história, automaticamente, se revela com clareza.

*“Mainha, esses velhos areais | Onde nossas ancestrais acordavam as manhãs pra luta | Sentem cheiro de angelim | E a doçura do quindim | Da Bica de Itapuã”*

Com muita sutileza e de maneira singela, a melodia flutua com passagens de muito bom gosto, construindo a temática do momento que a letra aborda. As intenções de lembranças e lutas nesse trecho são valorizadas por escalas musicais e variações em maior e menor, que fazem uma ponte perfeita para o refrão do meio:

*“Camará ganhou a cidade | O erê herdou liberdade | Canto das Marias, baixa do dendê | Chama a freguesia pro batuquejê”*

Melodia forte, popular e tradicional, pergunta e reposta. Mas nem por isso deixa de ser explicativa para o momento. Ressoam como um hino à conquista, celebração e festa. Mais uma vez os autores foram felizes na construção, proporcionando pausas rítmicas que serão executadas no desfile, em uma das bossas da bateria.

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

Vamos para segunda do samba?

Ê, Bahiiiiia....

Salve Dorival Caymmi, Salve Roque Ferreira, Salve Nana, Salve Margareth, Salve Daniela, entre outras. Salve as ganhadeiras e a musicalidade baiana!

*“São elas, dos anjos e das marés | Crioulas do balangandã, oh, iaiá | Ciranda de roda, na beira do mar | Ganhadeira que benze, vai pro terreiro sambar | Nas escadas da fé: É a voz da mulher”*

Nessa passagem, as características de samba de roda e mar aberto estão presentes. Basta ouvir, fechar os olhos e imagina-las com suas saias floridas e seus balangandãs dançando, benzendo. É a voz da mulher clamando com fé. É o canto, é a melodia é baianidade na essência.

*Kaô Kabecilê!!*

*"Xangô ilumina a caminhada | A falange está formada, um coral cheio de amor | Kaô, o axé vem da Bahia nessa negra | Cantoria que maria ensinou"*

Neste momento, a melodia, em maior, transmite ao componente a emoção de exaltar seu padroeiro. E de forma muito inteligente, os compositores conseguem balancear o trecho com uma preparação em menor, e cheia de axé.

Ensaboa...

*“Oh, mãe, ensaboa, mãe, ensaboa pra depois quará”*

Essa melodia é a simulação perfeita de um cântico de lavadeira, com todos os ingredientes da musicalidade das Ganhadeiras de Itapuã. É o povo cantando, é a Sapucaí cantando, é o Brasil ensaboando!

*“Ora yê ô Oxum! Seu dourado tem axé | Faz seu quilombo no Abaeté | Quem lava a alma dessa gente veste ouro | É Viradouro! É Viradouro!”*

Popular, ousado e simples. A melodia forte e aberta, com escalas na segunda frase preparam, de forma magistral, um encerramento apoteótico. O componente, tomado de orgulho em uma pausa rítmica canta a plenos pulmões: “É Viradouro! É Viradouro!”.

**Por Maestro Jorge Cardoso e Zé Paulo Sierra**

**FICHA TÉCNICA****Bateria**

<b>Diretor Geral de Bateria</b> Mestre Ciça				
<b>Outros Diretores de Bateria</b> Serginho, Ulisses, Marquinho, Gabriel, Romildo, Rogerinho, Herinho, Mauro, Monique, Leandro, Russo, Dalmir, Arídio e Pierre.				
<b>Total de Componentes da Bateria</b> 300 (trezentos) Componentes				
<b>NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS</b>				
<b>1ª Marcação</b> 14	<b>2ª Marcação</b> 14	<b>3ª Marcação</b> 13	<b>Reco-Reco</b> 0	<b>Agogô</b> 14
<b>Caixa</b> 110	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 40
<b>Prato</b> 0	<b>Xequerê</b> 01	<b>Cuica</b> 24	<b>Timbal</b> 10	<b>Chocalho</b> 24
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>				
<b><u>Bateria</u></b>				
<b>Nome da Fantasia: Malê Debalê (Afoxé)</b>				
<b>O que representa:</b> Os ritmistas de Mestre Ciça representam o movimento negro que resiste há mais de três décadas no cenário musical de Itapuã: o Bloco Afro Malê Debalê. O nome do bloco é uma referência aos negros muçulmanos que, em 1835, em Salvador, realizaram um importante feito na história do Brasil, intitulado de Revolta dos Malês. Já o nome “Debalê” traduz, uma conotação de positividade e felicidade. É por causa dessa forma de resgate da ancestralidade, da memória de Itapuã, que o Malê Debalê vai ser preponderante para influenciar musicalmente o grupo das Ganhadeiras de Itapuã. O figurino traz referência aos príncipes (demais instrumentos) e princesas (ala de chocalhos) malês africanos.				
<b>Rainha da Bateria: Raissa Machado</b>				
<b>Nome da Fantasia: Rainha Malê</b>				
<b>O que representa:</b> A cada carnaval, o grupo de afoxé Malê Debalê realiza a coroação da própria Corte. O cortejo ganha ares das majestades africanas, relembrando à grandes personagens da história do continente negro.				

## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### Outras informações julgadas necessárias

**Mestre Ciça:** Reconhecido por sua ousadia há 30 anos e um dos mais respeitados mestres, esteve à frente de grandes baterias:

1988 – 1997: Estácio de Sá

1998: Unidos da Tijuca

1999 – 2009: Unidos do Viradouro

2010 – 2014: Grande Rio

2015 – 2018: União da Ilha do Governador

2019 – 2020: Unidos do Viradouro

Ciça é até hoje um dos mestres mais aguardados na Sapucaí. Lugar no qual faz seus sonhos se tornar realidade! Como o próprio diz: “Se for para fazer feijão com arroz fico em casa!” Eis o motivo de tanta ousadia. Grandes momentos marcaram a carreira dessa “lenda” do carnaval carioca. Um dos mais marcantes foi na própria Viradouro em 2007 quando a bateria desfilou até o recuo em um carro alegórico. Simplesmente inesquecível para os amantes do carnaval!

Outro momento muito marcante em sua carreira foi sua passagem pela União da Ilha, no carnaval de 2017 onde ganhou o tão esperado Estandarte de Ouro e o Sambanet.

Em 2019, Mestre Ciça retornou com força total a Viradouro garantindo a nota máxima do quesito.

Para o carnaval 2020, a competente Furacão Vermelho e Branco vem com suas convenções criativas. Tudo isso está sendo preparado, mais uma vez, pra surpreender a Avenida. Com um efetivo de 300 ritmistas, divididos em naipes de surdos de 1a, 2a e 3a, caixas, repiques, tamborins, chocalhos, agogôs, cuícas e timbales, essa orquestra de sons percussivos está afinadíssima e com o mesmo brilho no olhar que encantou a Sapucaí no desfile de 2019.

Mestre Ciça, respeitando as características do nosso gênero musical e as suas próprias, buscou ferramentas na cultura rítmica baiana para engrandecer ainda mais a apresentação. Poderão ser apresentadas até quatro bossas. Outro destaque será a volta do naipe de timbal e agogô, que serão protagonistas em alguns momentos do desfile.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

<b>Diretor Geral de Harmonia</b> Mauro Amorim
<b>Outros Diretores de Harmonia</b> Magno Junior, Fredd, Jardel, Gabriel, Nélio, Rodrigo Baeta, Romeu, Renata, César, Michell, Marcos Mendes, Esther, Alexandre, Wilson Nicola, Darlan, Bira e Hérico
<b>Total de Componentes da Direção de Harmonia</b> 70 (setenta) Componentes
<b>Puxador(es) do Samba-Enredo</b> José Paulo Sierra (intérprete oficial)
<b>Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo</b> Hugo Bruno (Cavaco Afinação Bandolim), Roberto Migans (Cavaco) e Ézio Filho (Violão 7 Cordas)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  <p>Mauro Amorim iniciou sua carreira em 2009 no segmento de harmonia fazendo parte do time da Renascer após um curso de formação da própria escola. Depois disso, seguiu seus passos por escolas como UPM, Mocidade e Caprichosos até vir a assinar sua primeira direção geral na Unidos de Bangu. Com um trabalho diferenciado feito junto à direção geral da Imperatriz nos anos de 2015 a 2017, veio o convite para comandar a direção geral da Viradouro surgiu em 2018 e foi prontamente aceito. O bom trabalho alcançou a nota máxima no quesito, ajudando no título do acesso daquele mesmo ano. Assim se manteve no cargo em 2019 e novamente alcançou o bom resultado no quesito que ajudou a escola a chegar ao vice-campeonato do Especial, em 2019.</p> <p><b>Do trabalho de Harmonia:</b> Tecnicamente, a Direção de Harmonia atua dividida por setores, em funções como chefes e volantes. Visando o maior controle e maior atenção à comunidade de nossa agremiação, 10 chefes de setores e 02 volantes percorrem áreas previamente demarcadas minimizando, assim, erros e diminuindo o tempo para a solução de eventuais problemas. Educação, respeito e comprometimento compõem a diretriz da equipe, que acredita que o componente é nosso maior bem e merece ser acolhido pela escola que tanto ama e se dedica.</p> <p>A forma de trabalho é rigorosa quanto ao desempenho de evolução e canto do componente. A direção defende que os componentes tenham uma evolução livre dentro das alas, dando a eles a liberdade de se divertir de fato com o desfile. Em relação ao canto, existe um trabalho criterioso de ensaio, com a integração do diretor musical Jorge Cardoso. Segmentamos a escola para ensaios fora dos dias padrões, tratando assim com mais propriedade a busca do melhor desempenho individual ou coletivo das alas.</p>

## FICHA TÉCNICA

### Harmonia

#### Outras informações julgadas necessárias

##### **Da harmonia do Carro de Som:**

É Viradouro! De alma lavada indo para mais um desfile com sua alegria contagiante, com seus componentes fiéis a essas cores e a esse espírito vencedor. É Viradouro! Com um samba que foi nitidamente abraçado pela comunidade, hoje ele é gritado, dançado e tocado com o sentimento real de buscar a nota máxima. Com um enredo genuinamente musical, sobre Lavadeiras que cantam durante o seu trabalho e que fazem desse dom divino a extensão de suas vidas, o carro de som da escola entendeu a responsabilidade de representar o canto da Unidos do Viradouro juntamente com a comunidade e vem se empenhando em rotinas de ensaios para busca do melhor desempenho no desfile.

Como cantor principal temos Zé Paulo Sierra, amadurecido, metucioso, consciente da sua responsabilidade de conduzir um enredo acima de tudo musical. Estudioso, foi buscar nas origens africanas sons e timbres que pudessem enriquecer a sua interpretação na avenida, pra isso fez preparação vocal se adequando à riqueza melódica do samba. Seu canto será sem cacoc desnecessários. Sua interpretação, limpa e clara, em analogia ao título do enredo. Sua condução nos ensaios já tem determinado toda sua competência e carisma, representando todo o sentimento vermelho e branco da escola.

Teremos como apoio vocal, cinco cantores experientes e com muitos anos de avenida: Zé Paulo Miranda, Ronaldo Ilê, Matheus Gaúcho, Celino Dias e Gutto. Na harmonia de cordas teremos três grandes músicos. Hugo Bruno, que virá com cavaco na afinação de bandolim, fez seu primeiro desfile na escola em 2019 (logo convidado para gravar o CD das Escolas de Samba 2020). Com a experiência e qualidade adquiridas, tornou-se o ponto de apoio harmônico. Na outra afinação, temos Roberto Migans “prata da casa” já com muitos anos de escola. No violão sete cordas temos a segurança e sutileza de Ézio Filho. Sem malabarismos, e com extrema competência, prepara suas elegantes escalas. Muitas surpresas estão sendo preparadas para que o grande público participe, cantando através de “deixas”, com ou sem a bateria principalmente no trecho do refrão: “É Viradouro! É Viradouro!”. Na direção musical, o Maestro Jorge Cardoso, arranjador do CD das Escolas de Samba do Grupo Especial, julgador do quesito Bateria em três edições e supervisor do áudio da Avenida, conduz toda essa preparação unindo os três pilares da música: Melodia, harmonia e ritmo.

Foram muitos ensaios de estúdio, na quadra e no barracão em um total entrosamento com a bateria para que a condução do canto da escola esteja no limite da perfeição em busca do tão sonhado título.

**Por Maestro Jorge Cardoso**

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

<b>Diretor Geral de Evolução</b> Mauro Amorim
<b>Outros Diretores de Evolução</b> Magno Junior, Fredd, Jardel, Gabriel, Nélio, Rodrigo Baeta, Romeu, Renata, César, Michell, Marcos Mendes, Esther, Alexandre, Wilson Nicola, Darlan, Bira e Hérico
<b>Total de Componentes da Direção de Evolução</b> 70 (setenta) Componentes
<b>Principais Passistas Femininos</b> Thays Busson, Taylane Gomes e Hérica Isabel.
<b>Principais Passistas Masculinos</b> Pablo Jalles, Flávio Ferreira e Kaiser da Conceição
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  <b>Do trabalho de Evolução:</b> A forma de trabalho é criteriosa quanto ao desempenho de evolução e a direção defende que os componentes devem ter uma evolução livre e espontânea dentro das alas dando a eles a liberdade de se divertirem de fato com o desfile. Algumas alas trarão movimentos coreografados, interagindo com fantasias e alegorias, que estarão dentro da proposta do enredo. Visando sempre abrilhantar a leitura visual do desfile.  <b>Sobre a ala de passistas:</b> <b>Nome da Fantasia: Lenda do Pássaro do Abaeté (Afoxé)</b> <b>O que representa:</b> A representação do bloco-afro "A lenda do pássaro do Abaeté numa manhã de muito sol", um dos destaques das festas de verão-carnaval de Itapuã. O nome do bloco foi inspirado num poema de Myriam Fraga, em uma referência aos pássaros que margeavam a Lagoa do Abaeté. O grupo de afoxé desfilava pelas ruas junto à outras denominações de origem afro – como as Ganhadeiras ancestrais do bairro.  <b>Coordenador de Passistas: Valci Pelé</b> Herdeiro da tradição de grandes passistas portelenses, em 2012, sagrou-se vencedor do prêmio Estandarte de Ouro de melhor Passista masculino. Há três anos à frente da coordenação da Ala de passistas da Viradouro, vem realizando um trabalho de formação e orientação de novos sambistas para a Agremiação. Também é responsável pela direção artística dos shows realizados pela escola em diversos eventos inclusive apresentação do show da final que é dito no meio do carnaval um dos melhores shows de todas as finais.

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b>		
-		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b>		
Alex Fab e Dudu Falcão		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b>		
-		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b>		
Renan		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b>	<b>Quantidade de Meninas</b>	<b>Quantidade de Meninos</b>
80 (oitenta)	40 (quarenta)	40 (quarenta)
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b>		
Tia Cleia		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b>	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b>	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b>
75 (setenta e cinco)	Leda Rosa dos Santos 84 anos	Camila de Salina 25 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b>		
Sr. Joel		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b>	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b>
63 (sessenta e três)	Ilda Lemos 90 anos	Marcia Cristina 49 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b>		
As Ganhadeiras de Itapuã (Grupo Musical) - Lore Improta (Apresentadora) - Margareth Menezes (Cantora Baiana) - Patrícia Costa (Atriz)		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>Direção de Carnaval ao longo de toda formação do projeto, buscou equilíbrio entre as plataformas técnicas, artísticas e administrativas. Acreditando nessa ferramenta como instrumento para um bom desempenho.</p> <p><b>Alex Fab</b> – Filho de uma baluarte da Portela e criado entre os maiores bambas de Madureira não seria surpresa que aquele garoto iria mais cedo ou mais tarde se dedicar ao ofício do carnaval, e assim ocorreu. Começando em 2002, quatro anos depois já assumiria o cargo de gestão de harmonia implantando a organização que sua formação militar lhe ensinou, ajudando com isso algumas voltas da Portela ao desfile das campeãs. Após passagens pela Caprichosos de Pilares e Imperatriz Leopodinense, Alex chega no final de 2016 a vermelho e branco de Niterói num momento crítico da escola, mas com muito equilíbrio e dedicação consegue levar a escola ao vice campeonato de 2017 e ao tão projetado campeonato de 2018 que gabaritou a Viradouro a disputar o grupo especial de 2019, em que sagrou-se vice-campeã do mesmo ano. Destaca-se como prêmio o Plumas &amp; Paetês de melhor diretor de carnaval do ano em todas as divisões do carnaval do acesso B, acesso A e Grupo Especial.</p>		



**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Dudu Falcão** – Iniciou sua carreira no carnaval em 2009 como diretor de ala na Portela e Renascer, poucos anos depois ao mesmo tempo que ganhava espaço na azul e branco de Madureira passou a assinar a direção de harmonia da Caprichosos de Pilares. Após passagens expressivas por Mangueira e Imperatriz, passou a assinar juntamente com seu irmão Alex Fab a direção de carnaval da Viradouro, onde juntos reverteram um quadro ruim da escola para um vice-campeonato do Acesso A em 2017, seguindo para o título de 2018 do mesmo grupo e chegando no Especial o projeto de direção de carnaval contribuiu com o vice-campeonato para escola de Niterói. Destacamos entre alguns prêmios o Plumas & Paetês de melhor diretor de carnaval do ano de 2019, prêmio este já recebido no acesso A e B de anos anteriores.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Alex Neoral

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Alex Neoral e Márcio Jahú

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
15 (quinze)	15 (quinze)	-

**Outras informações julgadas necessárias**

**Nome da Comissão de Frente: Velhos Areais de Nossas Ancestrais.**

O vigor da dança trazida por Alex Neoral e Márcio Jahú para a comissão de frente deste ano se expressa desde os primeiros movimentos coreográficos. As bailarinas demonstram força e sincronia para caracterizar as zungueiras-lavadeiras (ancestrais das ganhadeiras) vindas diretamente de África. No requebrado do corpo, saúdam mamãe Oxum e pedem passagem para a Viradouro.

A dança adquire, posteriormente, uma brasilidade, marcando a transferência de território das matriarcas africanas para o continente americano, e ressignificando o conceito de zungueira para ganhadeira. Mão na cintura, giros fortes e ativos. É a mulher brasileira em resistência, em essência!

Entre pescados, frutas e o colorido das próprias roupas, as negras ganhadeiras “ganham” Itapuã e os arredores. Um dos principais locais de encontro dessas grandes mulheres era a Lagoa do Abaeté. O elemento cenográfico utilizado na comissão de frente representa os Velhos Areais, que testemunharam a lida diária dessas guerreiras e circundam essas místicas águas da Lagoa.

Neste momento, utilizam passos marcados que remetem ao exercício da lavagem de roupa, sem perder a altivez e a força das escravas ganhadeiras. Tal característica é reflexo de um passado cheio de bravura. E é justamente nessas águas místicas, morada do sobrenatural, que as homenageadas fazem o próprio quilombo, o lugar de resistência, de diálogo com o passado, de força para o presente, e esperança no futuro. Ou seja, fundamentam nas águas a construção da identidade das mulheres ganhadeiras. É de lavar a alma!

**Elemento Cenográfico:**



**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre o Coreógrafo:**

**Alex Neoral:** É diretor e coreógrafo da Focus Cia de Dança, já se apresentando em mais de 90 cidades brasileiras e em países como França, Canadá, Itália, Portugal, Estados Unidos, Alemanha, Panamá, México, Bolívia, Colômbia e Costa Rica. No Carnaval, Alex atua como coreógrafo de comissões de frente há 11 anos, já tendo passado pelas escolas de samba Imperatriz Leopoldinense, Vila Isabel e Unidos da Tijuca. Fez sua estreia no carnaval 2019 na Unidos do Viradouro alcançando nota máxima e conquistando o público com um show “mágico” na comissão de frente.

**Elenco:**

1. Anna Giulia França Veloso – 19 anos.
2. Ariane Santos Pereira – 19 anos.
3. Beatryz Conceição da Silva – 19 anos.
4. Ingrid da Silva França – 19 anos.
5. Laryssa Cristine Magalhães Torres – 21 anos.
6. Larissa dos Santos Soares – 23 anos.
7. Raquel Ribeiro de Santanna – 23 anos.
8. Maria Antônia Ibraim de Oliveira – 24 anos.
9. Raissa da Silva Cabral – 25 anos.
10. Jéssica dos Santos Nascimento Silva – 27 anos.
11. Tairine Barbosa Guerra – 28 anos.
12. Anna Maria Rodrigues Pereira dos Santos Callado – 29 anos.
13. Érika Camilo de Souza – 32 anos.
14. Ana Lúcia Alves Gregório – 37 anos.
15. Gabriela Cavalcante Patrício – 38 anos.

Anna Giulia começou aos 3 anos na ginástica rítmica, e aos 6, na natação. Com 7 anos, ela representou o Brasil na Gymnastrada Mundial, a maior competição da modalidade. A partir dos 8 anos, Anna iniciou no nado sincronizado, entrando aos 13, na seleção brasileira. A jovem ganhou três títulos sul-americanos e recebeu a placa de melhor atleta de nado sincronizado da América do Sul, em 2017. Anna também participou de dois Mundiais e dois Pan-Americanos. Em 2020, a atleta irá representar o país em mais uma etapa sul-americana.

Tania Agra é a responsável pelo figurino da comissão de frente da Viradouro. A profissional é figurinista de ballet, teatro e ópera com mais de 30 anos de trabalhos apresentados. Tania tem no currículo a criação e execução de figurinos para Companhias de Ballet como São Paulo Cia de Dança, Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Cia Brasileira de Ballet, Cia de Ballet Sesc BH, entre outras. Já vestiu primeiras bailarinas como Ana Botafogo e Cecília Kerche, tendo trabalhado com grandes coreógrafos e diretores nacionais e internacionais.

Há 15 anos veste Comissões de Frente das mais importantes Escolas do Carnaval do Rio de Janeiro como Portela, Grande Rio, Beija Flor, Unidos da Tijuca, União da Ilha e Mocidade. Atualmente desenvolve um trabalho com a Viradouro em parceria com a Ursula Felix - design de moda radicada em Nova York, convidada especialmente para esta produção. À frente do Atelier que leva seu nome, dedica-se ao estudo sobre o tema e faz um trabalho constante de pesquisa e consultoria sobre o figurino em cena.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Julinho Nascimento	<b>Idade</b> 46 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Rute Alves	<b>Idade</b> 46 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Jeferson Souza	<b>Idade</b> 38 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Amanda Poblete	<b>Idade</b> 23 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> Diego Jenkins	<b>Idade</b> 25 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Gislaine Lira	<b>Idade</b> 34 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia: Sol Para a Liberdade**

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon.

**Confecção:** Ateliê Aquarela Carioca.

**O que representa:** Julinho e Rute irradiam, através da dança, o protagonismo da luz do amanhecer. As escravas lavadeiras iniciavam a rotina de trabalho com os primeiros raios de sol batendo à janela. Essa relação com as manhãs era romantizada nas melodias cantadas durante a lavagem de roupas dos senhores. Nos cânticos, a reza de agradecimento pelo dia iniciado, e a súplica para a presença do principal “companheiro” das lavagens: “Faz Sol, meu Deus, pra lavadeiras lavar!” \*\*\*. A presença do astro-rei era fundamental para a prática do ganho (lavagem) e, por consequência a compra de suas alforrias.

\*\*\**Verso da música “Canto das Lavadeiras” de domínio público.*



\* *Essa imagem é do croqui original e serve como referência.*

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Guardiães 1º Casal

**Nome da Fantasia:** Sacerdotisas do Sol.

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon.

**Confecção:** Ateliê Alessandra Reis.

**O que representa:** A representação poética das ganhadeiras-lavadeiras “adoradoras” do Sol.



*\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.*

**Júlio Nascimento:** Começou a trajetória, em 1986, no G.R.C.E.S.M. Corações Unidos do CIEP, como mestre-sala mirim. Ingressou, em 1988, no G.R.E.S. Tradição, tornando-se primeiro mestre-sala da agremiação, em 1990, e dançando com a madrinha, Vilma Nascimento. Passou pela Unidos do Viradouro, nos anos de 2006 e 2007, e por importantes agremiações, como Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca, escolas pelas quais ganhou quatro prêmios Estandarte de Ouro. Em 2018, voltou a defender o pavilhão da Unidos do Viradouro, onde, com sua parceira de anos, Rute Alves, conseguiu comemorar o título da Série A, garantindo o retorno da vermelho e branco para a elite do Carnaval carioca. No último desfile, garantiram todas as notas máximas dos jurados, ajudando no vice-competonato da Viradouro no Grupo Especial.

**Rute Alves:** Completa em 2020 o 24º ano como porta-bandeira, sendo 12 deles ao lado de Julinho Nascimento, e defendendo pela terceira vez o pavilhão da Unidos do Viradouro. Ingressou na Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta-Estandarte presidida por Manoel Dionísio, em 1996. Em 1997, estreou na Marquês de Sapucaí, sendo escolhida em concurso para ser a primeira porta-bandeira do G.R.E.S. São Clemente, mesmo concorrendo para o posto de segunda. Com passagens por agremiações de grande relevância no Carnaval, como Portela, Porto da Pedra, Salgueiro, Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca, ganhou duas vezes o Prêmio Estandarte de Ouro do jornal *O Globo*, foi três vezes campeã no Grupo Especial e, em 2018, trouxe a nota máxima para o quesito e sagrou-se campeã, com a Unidos do Viradouro. No último desfile, garantiu todas as notas máximas dos jurados, ajudando no vice-campeonato da Viradouro no Grupo Especial.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Ensaiadora do Primeiro Casal:

**Celeste Lima:** Bailarina e ensaiadora do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Celeste Lima é responsável por todas as obras do repertório clássico e moderno da companhia. Atualmente, é também coreógrafa e ensaiadora dos casais de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, desenvolvendo um trabalho personalizado que consiste em aprimorar suas técnicas da dança tradicional, no que diz respeito à elegância e ao refinamento dos movimentos, sem perder a identidade e o perfil de cada um, fazendo, assim, um encontro entre a tradição e o Carnaval desenvolvido na atualidade.

##### 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

**Nome da Fantasia:** Artesãos de Xagrin.

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon.

**Confecção:** Ateliê Murilo Moura

**O que representa:** As imposições de vestimentas funcionavam como formas mais sutis de estigmatizar e controlar a população negra, cada vez mais presente nos vilarejos de Itapuã. Os escravos de ganho andavam descalços. O segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira da Viradouro representa a profissão considerada nobre pelos negros deste período: o sapateiro. O xagrin, calçado baiano reproduzido na saia da porta-bandeira, era comercializado por artesãos negros alforriados. Com o fim da escravidão, através da Lei Áurea, o ofício foi se popularizando. O figurino do casal denota a pomba da liberdade, já que ter sapatos seria a confirmação da condição de ser liberto. Ou seja, o casal marca temporalmente o fim do período escravocrata brasileiro.

*“Negros e negras, em todas as cidades para as quais se dirigiam, passavam felizes e orgulhosos, com uma postura altiva, descalços, mas todos levando um par de sapatos por vezes à mão, como um porta joias valioso, ou por vezes a tiracolo, como as bolsas vacilantes da última moda mundana” (Wissenbach, 1998, pp. 53-54).*



\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

**Jeferson Souza:** Começou na Grande Rio, na ala de mestre-sala e porta-bandeira. Poucos anos depois, já assumia a posição de primeiro mestre-sala das escolas União de Jacarepaguá, Em Cima da Hora e Renascer de Jacarepaguá, além de ser o segundo mestre-sala da Portela, de 2007 a 2015. Em 2018, o grande desempenho no Império da Tijuca fez surgir o convite para fazer par com Amanda Poblete. Pelo segundo ano, Jefferson é o segundo mestre-sala da Viradouro.

**Amanda Poblete:** Professora de Educação Física, Poblete completa uma década como porta-bandeira no Carnaval 2019, com passagens pelas agremiações Sereno de Campo Grande, Unidos de Padre Miguel, Mocidade Unida de Jacarepaguá, Difícil é o Nome, Paraíso do Tuiuti, Renascer de Jacarepaguá, Unidos Vila Isabel e São Clemente. Tem na história alguns prêmios, como: Jorge Lafond, de Melhor Porta-Bandeira da Série A, em 2014 e 2015; Prêmio SambaNet e Estrela do Carnaval, de Melhor Casal da Série A, em 2015; Prêmio Jornal do Sambista, de Melhor Casal da Série A, em 2016. Pelo segundo ano, Amanda é a segunda porta-bandeira da Viradouro.

#### 3º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

**Nome da Fantasia:** Presente de Oxum

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon

**Confeção:** Ateliê Alessandra Reis

**O que representa:** Em Itapuã, é comum a realização de festividades conhecidas como “presente”, em que os adeptos do candomblé, fazem oferendas feitas às águas. Uma das tradições do bairro é o “Presente de Oxum”, que ocorre no fim do ano. Centenas de devotos e foliões acompanham um cortejo com oferendas para Oxum. Os participantes do cortejo cantam e dançam pelas ruas, e os presentes são depositados à beira da Lagoa do Abaeté. O terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira representa o festejo, trazendo no figurino o espelho (uma das principais oferendas para Oxum) e as flores de oferta. O figurino faz referência ao artesanato dos orixás de barro com adornos em branco, típicos dos artesãos do bairro de Itapuã.



*\* Essa imagem é do croqui original e serve como referência.*

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Gislaine Lira:** Bailarina e graduanda em licenciatura em dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Gislaine é formada pelo Projeto de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do G.R.E.S. Unidos do Viradouro, além de professora e coordenadora do Studio Master Dance, em Niterói. Essas são algumas das qualidades que fizeram com que a porta-bandeira fosse convidada a portar o terceiro pavilhão da Escola, após um minucioso processo de escolha.

**Diego Jenkins:** Mestre-sala formado pelo Projeto de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do G.R.E.S. Unidos do Viradouro, passou por escolas, como Unidos da Villa Rica, Unidos do Jacarezinho, Lins Imperial e Acadêmicos do Engenho da Rainha. Atual primeiro mestre-sala do Acadêmicos de Vigário Geral e Império de Arariboia/Niterói, participou da Associação Cultural Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta-Estandarte Manoel Dionísio e da Associação Cultural Minueto do Samba. Diretor executivo do Grupo Nobres Casais, que visa manter, incentivar e divulgar as tradições relacionadas à dança do casal de mestre-sala e porta-bandeira. Pelo segundo ano é o terceiro mestre-sala da Viradouro.

**Ala 09 - Quadro de Casais de Mestres-salas e Porta-Bandeiras Mirins**

Reconhecendo a importância do bailado para a história do carnaval, a Escola trará no seu desfile, além de três casais, o projeto de casais mirins de mestre-sala e porta-bandeira, sob a coordenação de Daniel Ghanem.

**Nome da Fantasia: Arteiros de Contas**

**Criação do Figurino:** Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon.

Confecção: Ateliê Alessandra Reis



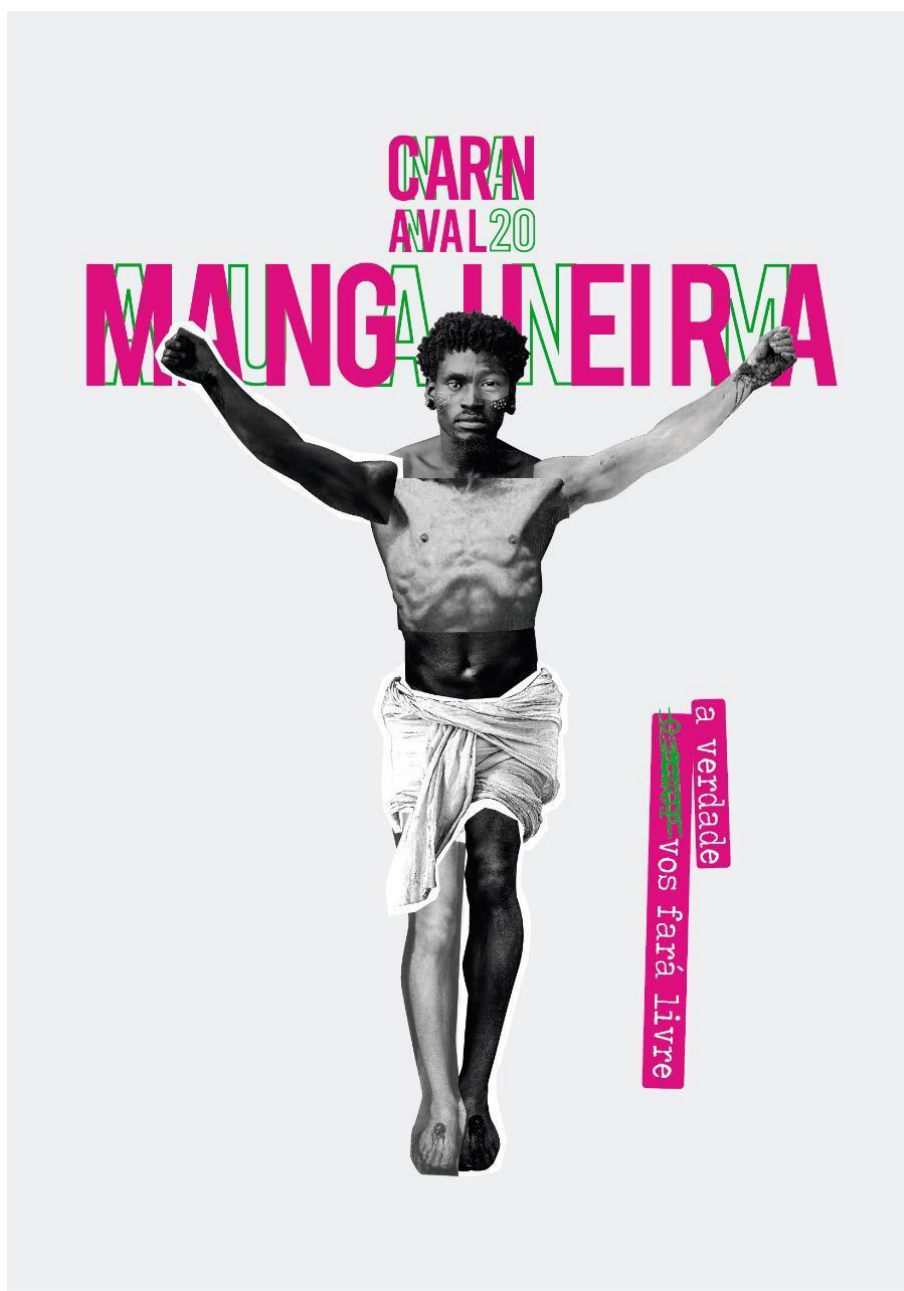
# **G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA**



**PRESIDENTE  
ELIAS RICHE**



*“A verdade vos fará livre”*



**Carnavalesco**  
**LEANDRO VIEIRA**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b> “A verdade vos fará livre”					
<b>Carnavalesco</b> Leandro Vieira					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Leandro Vieira					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Leandro Vieira					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Leandro Vieira					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré	Reza Aslan	ZAHAR	2013	Todas
02	Jesus e os direitos humanos – Porque o reino de Deus é justiça, paz e alegria	Ronilso Pacheco e João Luiz Moura	Instituto Vladimir Herzog / Prefeitura de São Paulo	2018	Todas
03	Jesus de Nazaré – “O melhor de nós”	José Afonso Moura Nunes e Outros	Ramalhete	2019	Todas
04	Cristianismo – De seita judaica a religião oficial do império	José Afonsa Moura Nunes	Ramalhete	2019	Todas
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>					

## **HISTÓRICO DO ENREDO**

Ao vislumbrar uma face para Jesus Cristo, a Estação Primeira de Mangueira olha para a sua gente com a intenção de evidenciar que a experiência de vida de Cristo está muito mais associada com as angústias dos oprimidos do que com a imagem embranquecida, eurocêntrica, machista e patriarcal que foi pintada em um retrato secular. Ao fazer tal ato, dando-lhe contornos artísticos próprios, a verde e rosa realiza escolhas visuais. Compreender que o Jesus caucasiano - de olhos claros e madeixas alouradas - é uma invenção de uma iconografia cristã orquestrada é condição tão importante para a compreensão do enredo quanto o entendimento da resignificação morfológica da figura central da biografia que apresentamos ao longo do desfile.

É importante considerar que a ideia de um Jesus de pele clara surgiu na Idade Média. É unanimidade entre historiadores que o avanço do Cristianismo pela Europa contribuiu para a difusão de um modelo que não levou em consideração que um homem Galileu - queimado há mais de dois mil anos pelo sol do oriente médio - estava longe de ter a aparência das imagens maciçamente disseminadas pelas correntes artísticas advindas da Europa. É portanto inverossímil que Jesus tenha o tom de pele e as semelhanças físicas resguardadas por sua imagem mais bem difundida no imaginário coletivo. Não há indícios bíblicos ou documentais que comprovem ou refutem a afirmação, mas já é sabido que, levando-se em consideração a origem geográfica, é muito provável que a figura central do cristianismo tivesse um biotipo distinto daquele que se tornou convencional, a pele num tom mais escuro, assim como os cabelos e os olhos.

Religiosamente, há quem pergunte que diferença faz a cor ou a imagem de Jesus pintada nos retratos, enfatizando que os ensinamentos fraternais e igualitários do homem que é a base do cristianismo sobrepõem a sua própria imagem. Para questões associadas à prática religiosa, enquanto uma experiência individual, a questão talvez encontre sentido. Para o entendimento de aspectos socioculturais não. Já é sabido - e não é de hoje - o poder das imagens e das representações de modelos, já que é uma inclinação humana atrair-se por pessoas que se pareçam consigo. Apresentar a biografia de Jesus como enredo, acrescentando ao tema uma possibilidade de diversidade de contornos físicos no Brasil do “Deus acima de tudo”, é disputar narrativa com aqueles que se apropriaram dos ensinamentos do Jesus histórico, domesticaram seu conteúdo e passaram a usá-lo para seus interesses. A figura de Jesus, no Brasil do vigésimo ano do século XXI, tornou-se uma espécie de fiadora de uma lógica conservadora que reafirma os mais antigos valores de um país fundado à luz da exploração indígena, do racismo difundido com a prática da escravidão negra, do machismo baseado no patriarcado e na desigualdade social desmedida que segue “sacrificando” e “crucificando”.

É interessante pensar que os conservadores atuais fazem uso da célebre figura que apresentamos como enredo colocando-o como uma espécie de colaborador de um posicionamento muitas vezes anticristão. A verdade é que a figura de Jesus foi domesticada para atender a interesses políticos e religiosos e é sobre isso que o enredo proposto se debruça para apresentar sua narrativa, ou, melhor, sua contra narrativa.

Para apresentar a ideia de um Jesus de várias faces, dando-lhe os possíveis contornos estéticos próximos ao morro da Mangueira e aos grupos minoritários do Brasil do século XX, segue a sinopse do enredo batizado de A VERDADE VOS FARÁ LIVRE:

“Nasceu pobre e sua pele nunca foi tão branca quanto sugere sua imagem mais popular. Sem posses e mais retinto do que lhe foi apresentado, andou ao lado daqueles que a sociedade virou as costas oferecendo-lhes sua face mais amorosa e desprovida de intolerância. Sábio, separou o joio do trigo, semeou terrenos férteis e jamais deixou uma ovelha sequer para trás.

Exaltou os humildes e condenou o acúmulo de riqueza. Insurgiu-se contra o comércio da fé e desafiou a hipocrisia dos líderes religiosos de seu tempo. Questionou o poder do império romano e condenou a opressão. Seu comportamento pacifista e suas ideias revolucionárias inflamaram o discurso dos algozes que passaram a excitar o estado a decretar sua sentença. O fim todos sabemos: Foi torturado, padeceu e morreu.

Séculos depois, sua trajetória ainda anda na boca dos homens e em seu nome, para o mal dito “de bem” – e com rígido contorno de moralidade – muito já foi realizado de forma estanque ao sentido mais completo do AMOR por ele difundido. O amor incondicional, irrestrito e ágape.

Por isso, quando preso à cruz, ele não pode ser apresentado como um. Ser um, exclui os demais. Preso à cruz, ele é a extensão de tantos, inclusive daqueles que a escolha pelo modelo “oficial” quis esconder. Sendo assim, sua imagem humana não pode ser apenas branca e masculina. Na cruz, ele é homem e é também mulher. Ele é o corpo indígena nu que a igreja viu tanto pecado e nenhuma humanidade. Ele é a Ialorixá que professa a fé apedrejada e vilipendiada. Ele é corpo franzino e sujo do menor que você teme no momento em que ele lhe estende a mão nas calçadas. Na cruz, ele é também a pele preta de cabelo crespo. Queiram ou não queiram, o corpo andrógino que te causa estranheza, também é a extensão de seu corpo.

Sem anunciar o inferno, ele prometeu que voltaria. Acredito que, se ele voltasse à terra por uma encosta que toca o céu – para nascer da mesma forma: pobre e mais retinto, criado por pai e mãe humilde, para viver ao lado dos oprimidos e dar-lhes acolhimento – ele desceria pela parte mais íngreme de uma favela qualquer dessa cidade. Talvez na Vila Miséria\*, região mais alta e habitada do Morro de Mangueira. Ali, uma estrela iluminaria a sala sem emboço onde ele nasceria menino outra vez. Então, ele cresceria entre os becos da Travessa Saião Lobato\*, correria junto das crianças da Candelária\*, espalharia suas palavras no Chalé\* e no “Pindura” Saia\*. Impediria que atirassem pedras contra os que vivem nas quebradas e nos becos do Buraco Quente\*. Estaria do lado dos sem eira e nem beira estranhando ver sua imagem erguida para a foto postal tão distante, dando as costas para aqueles onde seu abraço é tão necessário.

Se sobrevivesse às estatísticas destinadas aos pobres que nascem em comunidades, chegaria aos 33 anos para morrer da mesma forma. Teria a morte incentivada pelas velhas ideias que ainda habitam os homens. O amor irrestrito ainda assusta. A diferença jamais foi entendida.

Estender a mão ao oprimido ainda causa estranheza. Seria torturado com base nas mesmas ideias.

Morto, ressuscitaria mais uma vez e, por ter voltado em Mangueira, saudaríamos a possibilidade de vermos seu sorriso amoroso novamente com o que aqui fazemos de melhor. Louvaríamos sua presença afetuosa com samba e batucada. Vestiríamos todos nossa roupa mais cara. Aquela de paetês e purpurina. De cetim com joias falsas. Desfilariamos diante dele e, em seu louvor, instauraríamos a lei que rege nossos três dias de folia. Sem pecado, irmanados e em pleno estado de graça.

Explicaríamos nessa ocasião que a cruz pesada que carregamos como fardo ao longo do ano nos é tirada das costas no carnaval. Por ter vencido a morte e sem ter o peso de sua cruz nas costas, ele sorri para a baiana que desce para se apresentar. Ele acena com a mão direita para a passista que amarra a sandália, enquanto a mão esquerda dá a benção para o ritmista que rompe o silêncio com a levada de seu tamborim.

Fitando o céu, ele parece ver algo ou alguém acima da linha do horizonte. Sorri, como se pegou em meio à brincadeira e se soubesse humano também. Entendendo que ali ele é rebento e que todos, sem exceção, são seu rebanho; ciente de que o pecado, por vezes, é invenção para garantir medo e servidão, ele pede para que toda essa gente que brinca anuncie enquanto canta sorrindo: A VERDADE VOS FARÁ LIVRE.”

Vila Miséria\* Travessa Saião Lobato\* Candelária\* Chalé\* Pindura Saia\* Buraco Quente\* – Todos os nomes referem-se a localidades ocupadas pela comunidade do Morro da Mangueira.



## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Já não é mais novidade que a imagem de Jesus popularizada ao longo do tempo é uma invenção artística, política e datada. Foram séculos e séculos de eurocentrismo - ou seja, a disseminação da cultura europeia de forma massificada em todo o mundo ocidental – que sedimentaram a imagem do Jesus caucasiano, de olhos claros e madeixas longas, seja na arte, seja na religião.

Já é sabido - sem haver contestação histórica - que as primeiras imagens do nome central do cristianismo começaram a ser criadas por volta do século dois, tornando-se clássica na Idade Média e ganhando popularidade com os artistas renascentistas e seu gosto por um ideal de beleza pré-estabelecido. Para os pintores e escultores da renascença, Jesus guardava o rosto, o corpo e a pose da antiguidade clássica que lhe servia de inspiração. Nomes consagrados como Leonardo da Vinci - e seu Jesus da *Última Ceia* – e Michelangelo - com seu Cristo quase Apolo do *Juízo Final* do afresco da Capela Sistina – estão aí para comprovar a invenção de uma face para a figura de Jesus, sem levar em consideração que a figura histórica do homem que foi torturado, crucificado e morto, nasceu no Oriente Médio, e, portanto, guardava um fenótipo específico - e diferente – de traço físico, cor de pele e textura capilar.

O fato é que, gradualmente, ilustrações e gravuras foram popularizando essa “imagem”, e, mesmo que a alta renascença tenha sido contemporânea da reforma calvinista, - opositora a quase toda imagem pública de caráter religioso considerando-a idolatria – a própria produção artística protestante seguiu reproduzindo o visual “padrão” da aparência física de um Jesus criado em meio ao movimento cultural e político surgido na Itália do século XIV e consolidado no século XV. Na sequência, essa mesma aparência ganhou força na pintura espanhola dos séculos XVI e XVII de maneira que, na esteira dessas representações, na maioria dos templos e dos materiais de difusão religiosa, a figura do líder maior do cristianismo é revelada de forma predominante ao gosto europeu, massificando-a no imaginário mundial de forma coletiva.

Não é de hoje que a humanidade tem a consciência do poder da representação e da importância da implementação de modelos. Os europeus, ao escolherem a face do Jesus que gostariam de difundir, sabiam disso. Reconheciam a importância da manutenção da supremacia étnica e física enquanto um modelo, uma vez que entendiam que o Cristianismo introduzia ao mundo os valores de um processo moral e social, que a priori, poderia estar a serviço da perpetuação da concepção da superioridade europeia baseada na brancura.

O fato é que, historicamente, o embranquecimento de uma figura de protagonismo no que diz respeito à difusão de valores, contribuiu para que cristãos alimentassem uma afeição profunda pelos homens cujos traços aproximavam-se do Jesus do retrato, e nenhuma empatia para aqueles que se diferenciam.

Não seria exagero vislumbrar que a histórica relação secular de cristãos com a prática de dominação de povos e territórios teria tido outra concepção se fossemos confrontados com a “realidade” de que a imagem que serve de modelo de virtude e dignidade guarda mais similaridade com o perfil dos que foram subjugados à condição de oprimido do que com aqueles que praticaram a opressão. Se associássemos que o martírio a qual Jesus foi submetido tem mais relação com a experiência dos povos indígenas das Américas, ou com o negro escravizado ao longo de três séculos, do que com aqueles que tradicionalmente foram detentores de poderes ou privilégios, que tipo de entendimento teríamos sobre os debates sociais da contemporaneidade?

É mergulhado nesses questionamentos artísticos e sociais que o enredo apresentado se debruça. Reconhecendo a importância da diversidade étnica, física e comportamental dos modelos adotados como forma normativa, o enredo **A VERDADE VOS FARÁ LIVRE** debruça-se na mundialmente consagrada biografia de Jesus Cristo tendo como interesse conceitual apresentar uma variada possibilidade de “faces” contra-hegemônicas para a figura de Jesus. A ideia é possibilitar reflexões à luz de questões políticas e sociais em voga na sociedade brasileira do vigésimo ano do século XXI tendo como ponto de partida os dados biográficos do homem que viveu na Galileia há 2.000 anos e, em torno do qual, foi criada a mais influente religião do mundo.

Se cristãos ortodoxos possuem uma iconografia religiosa diferente do que a arte europeia propaga; se Velásquez, El Greco, Giotto e tantos outros artistas escolheram uma imagem de Jesus para chamar de sua; se Jim Caviezel - ator americano com ascendência irlandesa responsável por interpretar Jesus na adaptação para o cinema da Paixão de Cristo de Mel Gibson – pôde ser a “face” para um galileu escurecido pelo sol que historicamente guardava os traços físicos do povo do oriente médio; por que não vislumbrarmos uma possível construção artística que nos permita escolher a pele e a “face” do “Jesus da gente” ao tratarmos sua biografia como tema para uma produção artística legitimamente brasileira traduzida por um desfile carnavalesco?

Um Jesus que ora possa ser visto retratado em um negro, ora, em corpo indígena. Por que não um Jesus mulher? Um Jesus que, em linhas gerais, pode apresentar a face que nos é mais próxima. Um Jesus - tal qual escolheu Leonardo da Vinci, Rubens, ou o ilustrador americano Warner Sallman - que guarde a face das nossas mazelas. Uma figura que, ao apresentar-se como protagonista de sua biografia universalmente conhecida – seja na condição de criança na manjedoura; seja adulto e combativo na entrada do templo em Jerusalém; ou ainda, flagelado e morto na cruz - possa vir a ter a cor, o cabelo ou o corpo, do filho da mulher negra que habita a geografia do morro ocupado pela comunidade que desfila. Em linhas gerais, ou em contornos artísticos, um Jesus que possamos chamar de “DA GENTE”.

O enredo da Mangueira é isso: A biografia de Jesus Cristo apresentada em uma ópera carnavalesca dividida em cinco atos que em nada se diferencia do conteúdo de outras abordagens artísticas debruçadas sobre o tema. É o nascimento, a vida adulta, a dor, a morte e a ressurreição, traduzidos em contornos artísticos próprios da tradição, dos signos e da

estética carnavalesca consagrada nos cortejos realizados pelas Escolas de Samba do Rio de Janeiro no período momesco. De novo – talvez nem tão novo assim à medida que já é sabido que a mais fiel imagem do rosto de Jesus é a imagem que nos é mais conveniente – apenas a escolha do contorno visual e comportamental dado ao personagem central da história que é apresentada a partir dos ATOS resumidamente revelados nas linhas que seguem.

### **PRIMEIRO ATO**

O PRIMEIRO ATO da peça carnavalesca que apresentamos é desenvolvido a partir das informações contidas nos evangelhos canônicos de Lucas e Mateus que descrevem dados populares acerca do nascimento de Jesus em Belém, na província romana da Judéia. Apresenta aspectos estéticos, personagens e imagens tradicionalmente associadas à natividade. Os reis magos, a estrela guia e a manjedoura revelam-se a partir de uma seleção visual tradicional que entra em contraste com a aparição da figura do menino Jesus desprovida de seu contorno estético convencional. Já no primeiro ato, inicia-se a desconstrução da imagem eurocêntrica hegemonicamente popularizada do personagem cujo a biografia é o enredo.

### **SEGUNDO ATO**

Na sequência, derramando-se em tons de marfim, palha, ouro e marrom, o SEGUNDO ATO apresenta dados biográficos ligados à vida adulta de Jesus. Sua trajetória pública e o início de sua obra. Aquele que se apresentou como o “pastor” de seu “rebanho de ovelhas”, realizou milagres para suprir a necessidade dos oprimidos e falou de forma simples e popular fazendo uso de parábolas. O setor aborda ainda duas das mais importantes passagens da vida adulta de Jesus: Sua entrada em Jerusalém – quando montado sobre um jumento é reverenciado como Rei – e a expulsão dos vendilhões do templo, quando Jesus revela sua postura mais combativa. Destaque para a substituição da figura clássica de Jesus por Jesus em situação de rua, maltrapilho e mendigando, bem como, para a postura do profeta da paz que perde a paciência e “derruba as mesas dos cambiadores” apresentado na alegoria que encerra o segundo ato.

### **TERCEIRO ATO**

Em meio ao TERCEIRO ATO apresentam-se os algozes de Jesus. Em tons sóbrios, arrematados com dourado, em combinações escuras que dão vez às cores associadas ao martírio de Cristo – o roxo e o vermelho - apresentam-se aqueles que tramaram e incitaram sua condenação, tortura e morte. A indumentária do período é o mote para a construção estética dos figurinos que desfilam. Escribas e Fariseus abrem o setor. A estética romana ganha contorno épico. A figura de Herodes Antipas e Pôncio Pilatos é revelada. Na sequência da apresentação de representações contra hegemônicas para a face de Jesus, destaca-se a figura da Rainha de Bateria e a personificação física assumida pela figura do Cristo que ganha contorno estético em diferentes momentos da alegoria que aborda seu martírio.

## **QUARTO ATO**

Em meio ao martírio, o fato de ser obrigado a carregar sua cruz até o local onde seria crucificado é um dado fundamental para a compreensão das escolhas estéticas e conceituais que direcionam a criação dos figurinos que formam o QUARTO ATO do desfile. A partir daqui, a cruz passa a ser símbolo de dor e o desfile mergulha definitivamente na relação de Jesus com os grupos em situação de vulnerabilidade social na cena contemporânea. O encerramento se dá no conjunto cenográfico que reproduz a cena da crucificação. No calvário, a figura de Jesus revela-se em um número diverso de corpos que remetem a grupos sociais minoritários com a intenção de difundir o ideal pacífico, inclusivo e desprovido de intolerância daquele cujos ensinamentos são as bases do cristianismo.

## **QUINTO ATO**

O QUINTO, e último ATO, aborda a ressurreição. Depois de crucificado - segundo a tradição cristã - Jesus retornou à vida no domingo seguinte à sexta-feira na qual ele foi preso à cruz. Na obra artística apresentada, o episódio é ludicamente associado ao carnaval. Celebrando a vida, aprofundando a contra hegemonia de que a arte carnavalesca não é espaço para a abordagem da tradição artística cristã de apresentar dados sobre a biografia de Jesus, e fazendo uso da permissividade poética, vislumbramos que os festejos carnavalescos anunciam a ressurreição de Cristo. As cores da Estação Primeira de Mangueira, a estampa que serve de ornamento para bate-bolas e estandartes multicoloridos nas mãos de pierrôs e colombinas anunciam que estamos em festa diante da ressurreição. Ao conjunto cenográfico que encerra a exibição foi destinada a representação de uma favela que presencia e testemunha a ascensão de Jesus aos céus, envolto em um manto verde e rosa.

É desta forma, artística, poética e respeitosa, que o enredo da Mangueira apresenta-se como um libelo artístico potente para o Brasil de agora. Ao lançar luz na biografia de Cristo, dando-lhe contorno plural e permissivo, seguimos produzindo arte de alto nível na tentativa de proporcionarmos reflexões que possam contribuir para a sociedade brasileira atual com a crença que, ao produzir arte popular de alto nível, estamos também reafirmando valores importantes para a potencialização dos territórios periféricos enquanto locais de arte e disseminação de ideias valiosas. O “Jesus” que o Morro da Mangueira apresenta é um Jesus possível, imaginado, criado e defendido por seus milhares de artistas que, ao vestir a fantasia, encenam a ópera popular na qual o protagonista da biografia que serve de enredo, enfim, chega mais perto deles.

LEANDRO VIEIRA – FEVEREIRO DE 2020.

Com a palavra o Filósofo, Professor, Escritor e Teólogo Leonardo Boff:

*“Uma vez que o Filho de Deus se fez homem e se encarnou, nunca mais abandonou a humanidade. Ele continua sempre vindo e fazendo-se presente na história, principalmente no pobre, no negro, no índio, na mulher marginalizada, nos homoafetivos, no menino e menina de rua. Sua paixão dolorosa continua até o fim dos tempos. Enquanto houver irmãos e irmãs dele sendo oprimidos e novamente crucificados, lá está ele sofrendo e sendo crucificado junto com eles. Isso é doutrina tradicional da Igreja. Não há erro nenhum naquilo que a Mangueira afirma. A questão é que a maioria dos cristãos esquece essa verdade. Vive uma fé só cultural e não de convicção. Então o enredo da Mangueira expressa concreta e belamente esta venerável tradição. A Estação Primeira é a Nazaré de hoje. Jesus foi pobre bem concretizado hoje pelo “rosto negro, pelo sangue índio, pelo corpo de mulher marginalizada, “pelo moleque pelintra do Buraco Quente... é o Jesus da Gente”.*

*Maria foi uma mulher simples do povo e assistiu com profunda dor de mãe à crucificação do Filho. Por isso ela encarna bem a “Mãe das Dores-Brasil”, pois milhões de brasileiros e de brasileiras estão sendo crucificados pela expulsão de suas casas, de suas terras, pela fome e pelas doenças.*

*A sinopse é verdadeira, pois Jesus são de fato muitos, isto é, todos os que tiveram e estão tendo o mesmo destino de Jesus: os oprimidos pelos latifundiários, os explorados pelos patrões, as mulheres violentadas, as crianças estupradas, os LGBT discriminados. Todos estes atualizam a paixão de Jesus. Tem mais. Jesus como homem representa toda a humanidade, masculina e feminina. A Igreja ensina que Jesus assumiu tudo o que é humano. Se não tivesse assumido todo o humano, não teria sido o salvador e libertador de todos. Em outras palavras: se não tivesse assumido o lado feminino não teria redimido as mulheres que são mais da metade da humanidade. Sabemos hoje que em cada pessoa há a dimensão masculina (o animus) e simultaneamente a dimensão feminina (a anima). Todos sem exceção possuem estes dois lados. Por que estas duas dimensões, masculina e feminina, não estariam presentes também em Jesus? Lógico que estão, pois caso contrário, não seria plenamente humano. “A Mangueira, com seu enredo e sua arte, fez uma pregação melhor do que qualquer uma, de padre, de bispo ou de cardeal”.*

LEONARDO BOFF – JANEIRO DE 2020.

## **ROTEIRO DO DESFILE**

**Comissão de Frente**  
**SEU NOME É JESUS DA GENTE**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Matheus Olivério e Squel Jorgea**  
**IMAGEM POÉTICA**

**Tripé**  
**A CHEGADA DOS TRÊS REIS MAGOS**

**Destaque de Chão**  
**Rosemary**  
**ESTRELA GUIA**

**Ala 01 – Nação Mangueirense / Moana /**  
**Gatinhas e Gatões**  
**REIS MAGOS**

**Grupo de Musas 01**  
**Patrícia Souza / Karina Deloi / Juliana Cerqueira**

**Alegoria 01 – Abre-Alas**  
**O MENINO JESUS**

**Ala 02 – Compositores**  
**PASSAGENS BÍBLICAS**

**Ala 03 – Ala Vendaval / Ala Seresteiros /**  
**Ala Pantera / Ala Estrela Iluminada**  
**O BOM PASTOR**

**Ala 04 – Avante Mangueira**  
**MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO**

**Ala 05 – Garra Mangueirense**  
**O JOIO E O TRIGO**

Ala 06 – Coração Verde e Rosa  
A ENTRADA TRIUNFAL

Elemento Cenográfico 01  
A ENTRADA TRIUNFAL

Ala 06 – Coração Verde e Rosa  
A ENTRADA TRIUNFAL

Musa  
Luisa Langer  
AVAREZA

**Alegoria 02**  
**O TEMPLO TRANSFORMADO EM MERCADO**

Ala 07 – Ala Mimosa / Ala Au Au Au  
ESCRIBAS

Ala 08 – Ala Acauã / Ala Amigos do  
Embaló  
FARISEUS

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Renan Oliveira e Débora de Almeida**  
**O BRILHO DA GANÂNCIA**

Ala 09 – Passistas  
O PODER DE ROMA

**Rainha de Bateria**  
**Evelyn Bastos**

Ala 10 – Bateria  
A BRUTALIDADE ROMANA

Ala 11 – Somos Mangueira  
HERODES ANTIPAS

Ala 12 – Ala Aliados / Ala Carcará / Ala  
Realidade  
PÔNCIO PILATOS

**Alegoria 03**  
**AS FACES DOLOROSAS DA PAIXÃO**

Ala 13 – Baianas  
A INTOLERÂNCIA É UMA CRUZ

Ala 14 – Apaixonados pela Mangueira  
CORPO DE MULHER

Ala 15 – Sambar com a Mangueira  
BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO

**Alegoria 04**  
**O CALVÁRIO**

Ala 16 – Velha-Guarda  
AS CORES DE UM CORAÇÃO EM  
FESTA

Ala 17 – Orgulho Verde e Rosa  
MARIA MADALENA ANO 2000

Ala 18 – Raiz Mangueirense  
BATE-BOLA

Ala 19 – Explode Mangueira  
O CORDÃO DA LIBERDADE

Grupo de Musas 02  
Fernanda de Souza, Andressa Verdino, Flávia  
Santos, Claudiene Esteves, Juliana Clara,  
Luciana Faustini, Angele, Amanda Matos e  
Laysa Rebeca

**Alegoria 05**  
**JESUS ASCENDE AO CÉU**




**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Leandro Vieira		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
*	<b>Tripé</b>  <b>A CHEGADA DOS TRÊS REIS MAGOS</b>	<p>O primeiro elemento alegórico apresentado em desfile está envolvido com o nascimento do personagem que apresentamos como enredo. Para tal, o conjunto cenográfico que pede passagem aborda de forma carnavalesca uma das mais bem difundidas passagens associadas à natividade: A visita dos três Reis Magos ao recém-nascido tido como "Rei dos Judeus", segundo a tradição cristã.</p> <p>Sobre os magos, especula-se muito e boa parte de sua popularidade se dá em função do repasse de uma história oral que ganhou contornos míticos ao ponto de, oitocentos anos depois do nascimento de Jesus, suas figuras terem recebido os nomes e os locais de origem que se perpetuaram no imaginário popular: MELCHIOR - rei da Pérsia - GASPAS - rei da Índia - e BALTAZAR - rei da Arábia.</p> <p>À tradição da presença dos magos somou-se a ideia de que simbolizam a diversidade das raças, representando a universalidade da criança que nascia. Vindos do Oriente, conduzidos por uma estrela, chegaram à cidade de Belém - local do nascimento de Jesus - trazendo presentes, os populares: mirra, ouro e incenso. O ouro representava a realeza; a mirra era símbolo da paixão e da imortalidade; o incenso representava sua divindade.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>O MENINO JESUS</b></p> 	<p>O Abre-Alas do GRES Estação Primeira de Mangueira aborda aspectos associados ao nascimento e à infância daquele cuja biografia apresentamos em narrativa e construção carnavalesca. Para tal, a estética geral remete aos presépios natalinos em clara referência à tradição cristã associada ao nascimento de Jesus nos arredores da Judeia, na cidade de Davi, conhecida como Belém.</p> <p>De forma predominante, o trabalho alegórico apresenta a figura infantil de Jesus debruçando-se na reconstrução dos principais signos envolvidos com a natividade e os presépios: na parte inferior, numa gruta, deitada em uma manjedoura envolta de palha, uma criança recém-nascida é ladeada por animais e ciceroneada por figuras angelicais.</p> <p>No topo da alegoria, sua figura infantil trabalhada ao gosto barroco remete a um “rei criança”, cuja infância foi passada em Nazaré da Galileia. É importante dizer que o nome “Jesus de Nazaré”, ou “Nazareno” – título mundialmente conhecido - foi dado devido ao fato de Jesus ter passado a sua infância naquela cidade.</p> <p>Embora a abordagem dada ao nascimento e à infância daquele que foi tido como “o rei dos judeus” tenha a escolha dos signos mais clássicos possíveis, é conveniente salientar que o contorno racial escolhido para revelar a primeira aparição da figura de Cristo no desfile da verde-e-rosa é desprovido de seu contorno tradicional, estabelecendo sua primeira ruptura com a linearidade histórica que caracterizará a representação da imagem de Jesus ao longo de nossa exibição. Já na abertura do desfile, inicia-se a desconstrução da imagem eurocêntrica hegemonicamente popularizada da figura mais importante do cristianismo. Tanto a “criança” que ostentamos nas manjedouras, quanto aquela que se apresenta como “o menino rei” que passa a infância na Galileia, revelam os contornos estéticos que o samba que cantamos trata com a sugestiva expressão “Jesus da gente.” Já no abre-alas, é possível reconhecer que o “Jesus da Mangueira” apresenta várias faces, sendo a primeira, a do corpo negro e sangue índio que cantamos em desfile.</p>

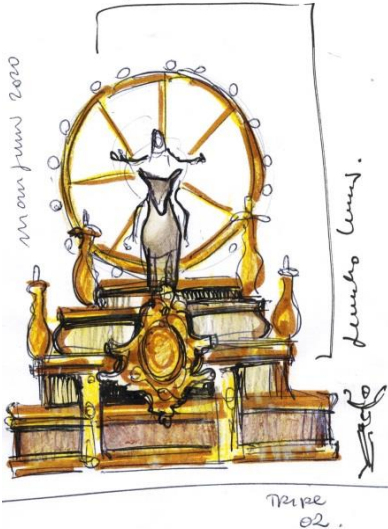
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Leandro Vieira		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
01	<p><b>O MENINO JESUS</b> (Continuação)</p> 	<p><b>PERSONALIDADES – JOSÉ E MARIA</b> – Na porção frontal da alegoria, ladeando a escultura do menino negro localizado na manjedoura, NELSON SARGENTO e ALCIONE rompem a tradição eurocêntrica ao personificarem em corpos negros o pai e a mãe de Jesus. Indissociáveis das mais diversas representações artísticas envolvidas com a natividade, José e Maria são importantes nomes da biografia que apresentamos como enredo. Pai adotivo do menino Jesus, José foi um homem judeu, conhecido como carpinteiro de profissão. Maria - conhecida como Maria de Nazaré - é chamada pelos católicos de Virgem Maria. Identificada como a mãe de Jesus através da intervenção divina, é considerada pelos cristãos como a primeira adepta ao cristianismo.</p> <p><b>DESTAQUE CENTRAL – “A ESTRELA DE BELÉM”:</b> Sobre a manjedoura frontal, EDUARDO LEAL veste figurino predominantemente branco para traduzir de forma poética e carnavalesca a figura resplandecente da Estrela de Belém. Na tradição cristã, trata-se da estrela que teria indicado aos Reis Magos o local exato de onde estaria o prometido messias. Segundo o Evangelho de Mateus, ao se deparar com uma estrela incomum no céu e segui-la, os magos teriam sido conduzidos ao vilarejo de Belém, local onde teriam encontrado o prometido "Rei dos Judeus" das profecias da época.</p> <p><b>DESTAQUES LATERAIS – “A ANUNCIAÇÃO AOS PASTORES”:</b> Localizados sobre as grutas laterais da alegoria, os destaques vestem permissivo figurino de inspiração carnavalesca que faz alusão à uma figura angelical alada. Segundo a tradição cristã destacada pelo evangelho de Lucas, foram os seres celestiais quem anunciaram aos pastores e as pastoras do campo a notícia do nascimento de Jesus, indicando inclusive onde ele estaria para a adoração.</p> <p><b>COMPOSIÇÕES GERAIS – “PASTORES E PASTORAS DO CAMPO”:</b> O conjunto de fantasias que complementa o visual geral da alegoria menciona homens e mulheres que vestem a simplicidade daqueles que trabalham no campo. Em tons marfins e terrosos cortados em algodão, simbolizam o povo humilde e a pouca importância que o nascimento de um “rei” nascido junto aos animais dava à condição social.</p>

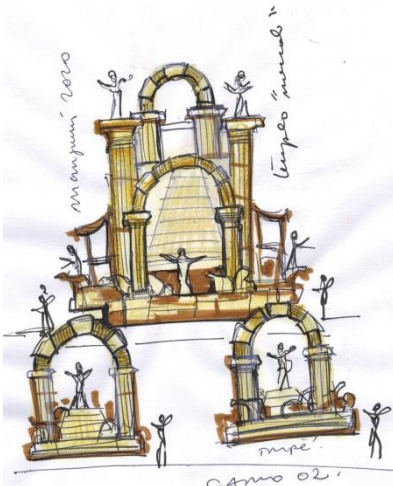
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Elemento Cenográfico 01</b></p> <p><b>A ENTRADA VIRTUAL</b></p> 	<p>Localizado em meio à ala de mesmo nome, o elemento cenográfico apresenta contornos estéticos barrocos para construir uma espécie de altar que revela uma das mais célebres passagens da vida adulta de Jesus Cristo.</p> <p>Popularmente conhecida como ENTRADA TRIUNFAL, segundo o evangelho, Jesus teria se dirigido com seus discípulos para Jerusalém na intenção de celebrar a Páscoa Judaica. Ao entrar no território, sentado em um jumento - adotado como símbolo de humildade – foi aclamado por uma multidão que, tal qual o visual da ala que envolve a cenografia sugere, o saudou com as folhas da oliveira, reconhecendo-lhe como o "Rei dos Judeus" das profecias da época.</p> <p>Reconstruindo a passagem de forma alegórica e carnavalesca, montado sobre um jumento no topo do elemento cenográfico, a figura clássica de Jesus é substituída por um Jesus em situação de rua, maltrapilho e mendigando, que contrasta com a opulência dourada da cenografia do “altar” que carrega a imagem. A ideia de representar a pessoa de Cristo na figura de um marginalizado em situação de rua lança luz nos ensinamentos difundidos pelo homenageado no que diz respeito à humildade e ao trato atencioso que ele dava aos desassistidos.</p> <p>Tratados por ele como “bem-aventurados”, a frase a ele atribuída de que, “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”, inspira a poética e permissiva caracterização que nos leva a possibilidade de vislumbrar que, numa figura humilde, carente e desassistida, está a face e a presença de Cristo.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>O TEMPLO TRANSFORMADO EM MERCADO</b></p> 	<p>Ao longo dos séculos a palavra “templo” assumiu uma conotação quase que exclusivamente religiosa. Segundo as escrituras, o templo de maior destaque na época de Cristo foi o Templo de Jerusalém.</p> <p>Espaço sagrado do povo antigo da Palestina e lugar privilegiado de peregrinação pascal, o “templo” havia sido transformado em um recinto de comércio e exploração por aqueles que ficaram conhecidos como “vendilhões do templo”. Após a sua entrada triunfal em Jerusalém – tema da ala e do elemento cenográfico que precede esta alegoria -, Jesus dirigiu-se ao templo e percebeu que o local havia sido transformado em mercado.</p> <p>Tal qual sugere o trabalho cenográfico apresentado, o pátio do templo havia passado a abrigar cambistas e mercadores que vendiam coisas, trocavam dinheiro, e transformavam o território sagrado numa espécie de feira livre. O espaço, outrora uma casa de oração, estava ocupado por utensílios e pela compra, venda e a troca de animais – sobretudo cabras para serem oferecidas como sacrifício.</p> <p>De forma impetuosa, Jesus revelou sua face combativa e corajosa colocando para fora os vendedores, compradores e, até mesmo, os animais. Ergueu a voz em discurso inflamado repreendendo aqueles que haviam subvertido o propósito da casa de oração taxando-os como homens corruptos e fraudulentos que lucravam com a fé por terem transformado a mesma em objeto de negócio.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>O TEMPLO TRANSFORMADO EM MERCADO (Continuação)</b></p> 	<p><b>DESTAQUES LATERAIS – “GANÂNCIA E COBIÇA”:</b> Ocupando os elementos cenográficos que antecipam o contorno estético da alegoria que se apresenta ludicamente como o Templo de Jerusalém, as destaques “MEIME” e “LIZA” fazem uso do brilho dos artigos dourados que compõe o figurino que vestem para traduzir em tom carnavalesco a GANÂNCIA e a COBIÇA daqueles que transformaram a “casa de oração” em um mercado barulhento, trocando dinheiro, comprando e vendendo animais para sacrifícios.</p> <p><b>COMPOSIÇÕES GERAIS – “VENDILHÕES DO TEMPLO”:</b> Vestindo opulentos tecidos dourados para traduzir a ganância repreendida por Jesus, o figurino das composições dá lúdico contorno carnavalesco aos falsos doutores e aproveitadores da fé; reféns da avareza; da satisfação pessoal e do lucro; expulsos por Jesus em função das práticas incompatíveis com os objetivos daquele ambiente sagrado.</p> <p><b>PERSONAGEM CENTRAL –</b> Em meio aos caixotes virados, aos animais, e aos utensílios derramados no chão, a porção frontal da alegoria é ocupada pela figura de um Jesus combativo, “de peito aberto e punho cerrado” que revoltou-se com os mercadores que profanavam o lugar sagrado mencionado pela construção alegórica. Não excluindo a possibilidade de apresentar-se como a face de um homem branco, o Jesus que protagoniza o episódio popularmente conhecido como “JESUS EXPULSA OS VENDILHÕES” ou “A LIMPEZA DO TEMPLO” é vivido pelo ator Humberto Carrão.</p>

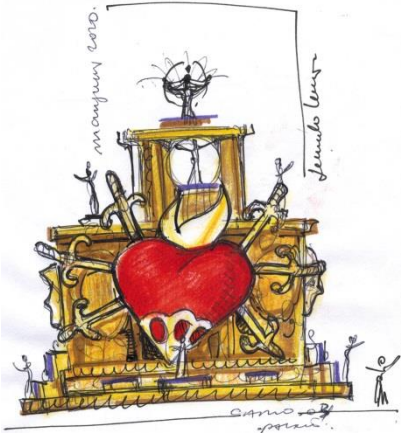
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>AS FACES DOLOROSAS DA PAIXÃO</b></p> 	<p>Finalizando a abordagem do setor que apresenta em fantasias de ala os algozes de Jesus, o visual geral do carro - traduzido através do conjunto escultórico e das fantasias - dá contorno estético e alegórico aos episódios associados ao julgamento e ao início das dores de Jesus em função de um tumultuado julgamento. Para tal, os destaques personificam nomes envolvidos tanto com a condenação – HERODES ANTIPAS E PILATOS são exemplos - quanto com a “paixão” – VERÔNICA é uma delas.</p> <p>Reproduzindo as cores litúrgicas associadas ao martírio de cristo – o roxo, o vermelho e o dourado - unidas à representações alegóricas de conteúdo simbólico – as expressões dolorosas dos personagens exibidos no conjunto escultórico e o coração frontal atravessado por punhais mencionam de forma poética as dores da paixão – em linhas gerais, a alegoria dá contorno estético ao início das dores e das humilhações que Jesus sofre até o calvário.</p> <p>Convém destacar que, seguindo a coerência da apresentação das múltiplas faces de Jesus, a medida em que o desfile vai se apresentando, além da representação iconográfica do Jesus branco – mencionado na alegoria através da reprodução do trabalho escultórico de Aleijadinho – o Cristo que apresentamos em situações de martírio assume perfis múltiplos, sobretudo, aqueles que são classificados como representantes de grupos minoritários em estado de vulnerabilidade social.</p> <p>DESTAQUE CENTRAL BAIXO – “VERÔNICA E A FACE DE JESUS””: Segundo a tradição cristã, Verônica foi uma mulher que, comovida com o sofrimento de Jesus ao carregar a cruz, deu-lhe seu véu para que ele pudesse limpar seu rosto. Após utilizá-lo para o feito, a tradição religiosa conta que a imagem de seu rosto “estampou-se” de forma milagrosa nele. O “véu”, popular como o "Véu de Verônica", é mencionado de forma alegórica no figurino que veste LUDMILA AQUINO.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>AS FACES DOLOROSAS DA PAIXÃO</b> (Continuação)</p> 	<p><b>DESTAQUE CENTRAL MÉDIO:</b> “HERODES ANTIPAS”: – EDNELSON personifica Herodes Antipas. Frequentemente lembrado por ocasião do julgamento de Jesus e o início de seu martírio, historicamente, é o tetrarca - nome dado ao sistema de governo que se criou nos domínios de Herodes, o Grande - que escarneceu e zombou de Jesus. Ridicularizando-o e tratando-o com desdém, foi diante de Herodes que Jesus recebeu o irônico manto que debochava, sobretudo, do boato de que seria “rei”.</p> <p><b>DESTAQUE CENTRAL ALTO:</b> “PILATOS”: No topo da alegoria, o destaque NABIL HABIB veste luxuosa versão de interpretação carnavalesca para mencionar a figura de Pôncio Pilatos junto ao martírio de Jesus. Após o julgamento no Sinédrio, os anciãos judeus pedem a Pilatos que julgue Jesus acusando-o de alegar falsamente ser o "rei dos judeus". Personagem popularmente associado à condenação que culminou com a crucificação, Pilatos foi o líder da província romana da Judéia a serviço de Roma que entra para a história como aquele que condenou oficialmente Jesus.</p> <p><b>COMPOSIÇÕES GERAIS – “ROMANOS”:</b> Vestindo as cores do martírio de Jesus, as composições são criações livremente inspiradas na indumentária tradicionalmente associada aos soldados romanos. Após a ordem dada por Pilatos, Jesus é então violentamente açoitado pelos soldados à serviço de Roma que atuam - até o momento da crucificação - no aumento do martírio e das humilhações impostas ao homem cujo a biografia é o tema central do desfile apresentado.</p>




**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>O CALVÁRIO</b></p> 	<p>O Calvário é mencionado em todos os quatro evangelhos que abordam a crucificação de Jesus. Trata-se do local onde Jesus teria a vida e a dolorosa VIA CRUCIS, encerrada ao ser preso à cruz. No desfile, o calvário está apresentado numa alegoria de coloração sombria, que revela múltiplas cruzes na realização cenográfica. A escolha da cor preta em predominância no contorno estético alegórico remete a uma poética associação inspirada nos evangelhos sinóticos, sobretudo naquelas que narram os eventos sobrenaturais que acompanharam a crucificação, em especial, a escuridão que tingiu o céu na ocasião do feito.</p> <p>Em destaque, uma gigantesca cruz revela a figura de Jesus crucificado. Tal qual o desfile desde o princípio menciona, ele assume uma nova personalidade possível, evidenciando a necessidade de reflexões sociais a partir de ideias amplamente difundidas pelos ensinamentos fraternais daquele que, sendo tema recorrente de discursos políticos e sociais; de tratados religiosos e abordagens artísticas variadas; pendurado em cordéis (cordas, ou cordões de colares) e erguido em monumentos (como o do célebre Cristo de cimento no topo do corcovado); ainda não conseguiu que o alcance a totalidade da compreensão de seus ensinamentos e ações ganhassem o entendimento genuíno.</p> <p>Na cruz em destaque, ele é a face e o corpo de um jovem negro. A ideia é levantar uma reflexão sobre a mortalidade negra expressa nos índices de violência letal resultados de uma sociedade fundada no racismo e em políticas de segurança discriminatórias. De cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Os negros - especialmente os homens jovens negros, tal qual a face do Cristo que apresentamos aqui - são o perfil mais frequente do homicídio no Brasil, sendo muito mais vulneráveis à violência do que os jovens não negros.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>O CALVÁRIO</b> (Continuação)</p> 	<p><b>DESTAQUE CENTRAL BAIXO</b> – “NOSSA SENHORA DAS DORES”: Nossa Senhora das Dores, ou Mãe Dolorosa, é o título atribuído à mãe de Jesus enquanto ela está envolvida com as dores pela crucifissão e morte do Seu filho. Para representar a dolorosa figura, localizada aos pés da cruz que se destaca na alegoria – local onde Maria viveu a sua dor mais crucial – a fantasia do destaque <b>SANTINHO</b> é impregnada de signos e cores dotadas de escolhas simbólicas que remetem a iconografia sacro/barroca que caracteriza sua figura mais difundida no imaginário coletivo.</p> <p><b>COMPOSIÇÕES GERAIS:</b> “MARIA DAS DORES BRASIL” – As composições apresentam contorno estético de inspiração sacro/barroca para revelar as cores que traduzem o luto de Maria – mãe de Jesus – diante da morte do filho torturado e morto pelo Estado.</p> <p><b>PERSONAGENS</b> – “AS MÚLTIPLAS FACES PARA AS DORES DE CRISTO” - Seguindo a abordagem mencionada desde o princípio da apresentação, a figura de Jesus, segue sendo apresentada com a intenção de incentivar reflexões sociais contemporâneas a fim de difundir o ideal pacífico, inclusivo, fraterno e desprovido de intolerância em conformidade com os ensinamentos e atitudes que são as bases do cristianismo.</p> <p>Para tal, à figura do Jesus crucificado revelado através da escultura que assume destaque na apreciação geral da alegoria, somam-se aquelas que se espalham pelas cruzes que compõem o visual que desfila. Fazendo uso de representações alegóricas – através dos figurinos e dos signos escolhidos - a identificação de grupos minoritários da cena brasileira contemporânea se torna evidente. Destaque para indígenas, negros, mulheres e LGBTQIs+.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Leandro Vieira		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<b>JESUS ASCENDE AO CÉU</b>	<p>Longe do aspecto sombrio da alegoria anterior, o carro que encerra o desfile da agremiação apresenta a múltipla combinação de cores alegres para abordar de forma lúdica e carnavalesca o aspecto final da biografia que apresentamos como enredo: A RESSUREIÇÃO. Segundo as escrituras e a tradição cristã, depois de ter sido crucificado e morto, Jesus é sepultado e ressuscita dos mortos para ascender aos céus e sentar-se à direita do Pai.</p> <p>Dentro da narrativa de desfecho carnavalesco e poético, é o carnaval quem anuncia a ressurreição, e isto se dá de forma poética, no Morro de Mangueira, local indissociável da folia carioca e brasileira.</p> <p>Para tal, a cenografia apresentada recria de forma carnavalesca o visual tradicional das favelas que ocupam os morros da cidade. Em linhas gerais, o conjunto arquitetônico apresenta-se como um amontoado de casas, de cores distintas, que colocadas uma sobre a outra, erguem-se verticalmente gerando uma espécie de aglomerado de residências. À frente do conjunto visual, em destaque, a imagem de Jesus, envolto em manto verde e rosa, ascende aos céus.</p> <p><b>COMPOSIÇÕES GERAIS: “O SAMBA E O FUNK”:</b> Em meio ao universo que retrata o morro da Mangueira, de um modo geral, os brincantes presentes na alegoria vestem os signos e as cores associadas ao universo social e estético da comunidade que habita a histórica favela carioca. O verde e o rosa tingem a roupa dos históricos baluartes sambistas da Estação Primeira, sem deixar de se apresentarem junto ao jeans que compõe o figurino das mulheres que ostentam um carnavalesco figurino que remete ao universo estético funk.</p> <p><b>PERSONALIDADE: “SAMBA, A VOZ DO MORRO”:</b> Na porção frontal da alegoria, o ilustre sambista Mangueirense SERGINHO DO PANDEIRO veste as cores da agremiação que defende para apresentar o valor do sambista oriundo das comunidades pobres da cidade.</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
Ednelson	Empresário
Fábio Lima	Cabelereiro
Santinho	Empresário
Eduardo Leal	Empresário
Ludmila Aquino	Jornalista
Nabil Habbib	Empresário
<b>Local do Barracão</b> Rua Rivadávia Correa, nº 60 – Barracão 13 – Cidade do Samba – Gamboa	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Robson Saturnino	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Devalcy	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Fabrício
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> José Teixeira e Flávio Polycarpo	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Leandro Assis
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Tom	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Santos
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Leandro	- Movimentos especiais em mecanismo manual
Renato	- Empapelção, laminação e reprodução em fibra
Batista	- Hidráulico
Julio Cerqueira e Equipe	- Desenvolvimento de adereço
Wellington e Equipe	- Desenvolvimento de adereço
Renato José e Equipe	- Desenvolvimento de adereço
Cléia e Equipe	- Desenvolvimento de adereço
Leandro Parintins e Equipe	- Desenvolvimento de adereço
Penha e Equipe	- Desenvolvimento de adereço

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<b>A Estrela Guia</b>	Vestindo prata, à frente da ala que lança luz sobre as tradicionais figuras dos reis magos, a ilustre mangueirense Rosemary personifica de forma poética e carnavalesca a ESTRELA GUIA. Na tradição cristã, a estrela teria revelado o nascimento de Jesus aos reis Magos, guiando-os até Belém onde teria nascido o “rei dos judeus”.	Destaque de Chão Rosemary	


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>Reis Magos</b></p> 	<p>Inaugurando a apresentação do conjunto de fantasias da Estação Primeira de Mangueira com a narrativa biográfica que envolve o nascimento de Jesus Cristo, a primeira ala do desfile apresenta em sequência três figurinos de coloração distinta para lançar luz na figura dos TRÊS REIS MAGOS.</p> <p>Na tradição histórica cristã, tratam-se dos personagens que teriam visitado Jesus logo após o seu nascimento, trazendo-lhe presentes. Como três presentes foram registrados - o ouro, o incenso e a mirra – a tradição oral convencionou que o número de reis que visitaram a criança recém nascida tenham sido três, embora Mateus não tenha especificado seu número. Seguindo a estética tradicional associada à figura dos reis magos nos presépios, em sequência, apresentam-se três figurinos de coloração diferente para apresentarem respectivamente as figuras popularmente batizadas como Gaspar, Baltasar e Belchior.</p>	<p>Ala Nação Mangueirense (2013)</p> <p>Ala Moana (1980)</p> <p>Ala Gatinhas e Gatões (1974)</p>	<p>Robson, Mário e Herni</p> <p>Paulo Ramos</p> <p>Zélia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<b>Grupo de Musas 01</b>	Após os figurinos da ala que dá contorno estético a figura dos três reis magos – e, localizadas a frente da alegoria que aborda o nascimento de Jesus Cristo – as três musas personificam os três presentes oferecidos pelos “magos” ao menino Jesus. De acordo com os ritos da antiguidade os presentes seriam o ouro - em função da nobreza, era o mais apropriado presente para um rei. O incenso, presente adequado para um religioso, e a mirra – usada para embalsamar corpos – e por representar a imortalidade, era o mais perfeito presente para um profeta. Fazendo uso de cores distintas, as musas PATRÍCIA SOUZA, KARINA DELOI E JULIANA CERQUEIRA personificam de forma poética e carnavalesca com a exuberância das fantasias que exibem, a realeza dos três presentes oferecidos.	Grupo de Musas 01 (2013)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Leandro Vieira


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p><b>Passagens Bíblicas</b></p> 	<p>Para iniciar o setor que aborda a idade adulta de Jesus Cristo - sua vida pública e o início de sua obra - mergulhamos em diversas passagens contidas nas escrituras bíblicas para dar continuidade à apresentação da biografia que nos serve de enredo. Debruçados sobre a questão, os compositores da Estação Primeira vestem o tradicional figurino associado à figura do sambista carioca ostentando estampas exclusivamente desenvolvidas a partir de ilustrações bíblicas. Os compositores assim trajados personificam a Mangueira que faz das escrituras o material de pesquisa para aquilo que ela aborda em seu carnaval.</p>	<p>Ala dos Compositores (1939)</p>	<p>Jerônimo GG</p>
03	<p><b>O Bom Pastor</b></p> 	<p>A imagem de Jesus como um humilde pastor de ovelhas da Galileia é o tema que inspira a realização do figurino de contorno carnavalesco que veste a ala. A imagem do jovem carregando uma ovelha nos ombros atravessou os séculos e por certo é hoje uma das representações da figura de Jesus mais bem difundida no imaginário popular. Nos Evangelhos, a imagem do "Bom Pastor" aparece sempre em referência a Jesus não se permitindo perder nenhuma de suas "ovelhas", sendo a interpretação de seus seguidores como ovelhas, tema recorrente dos ensinamentos de Jesus no início de sua vida pública aos trinta anos. Em linhas gerais, a passagem exprime às críticas de Jesus aos representantes religiosos de sua época que viam sua socialização com aqueles que eram apontados como pecadores como uma atitude repreensível.</p>	<p>Ala Vendaval (1982)</p> <p>Ala Seresteiros (1973)</p> <p>Ala Panteras (1978)</p> <p>Ala Estrela Iluminada (2005)</p>	<p>Clarice</p> <p>Dayse Volta</p> <p>Guanayra</p> <p>Izabel Reis</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<b>O Milagre da Multiplicação</b> 	<p>Além da socialização fraterna e da pregação impregnada de sabedoria, a fama de que realizava milagres fazia com que a popularidade de Jesus se espalhasse por todo o território palestino. Os milagres libertavam o povo de suas angústias, as curas traziam soluções para os aflitos e a multiplicação do alimento disseminava a ideia de que a necessidade do povo precisava ser atendida.</p> <p>Uma das mais celebres realizações de milagres de Jesus foi suprir a fome de uma grande multidão que o acompanhava no deserto a partir da milagrosa multiplicação de “dois pequenos peixes”. Para dar contorno estético ao tema abordado, o visual geral da ala apresentada é composto pela multiplicidade de peixes - construídos em permissivo tom carnavalesco - que se destacam em meio às ilustrações bíblicas que servem de adorno para a composição geral da fantasia.</p>	Ala Avante Mangueira (2013)	José Estevão Marcelo e Tetê I


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p><b>O Joio e o Trigo</b></p> 	<p>Jesus iniciou sua pregação na Galileia fazendo simples comparações entre as coisas e as situações momentâneas de sua época. A este tipo de abordagem, simples e popular, deu-se o nome de Parábola. Em suma, parábolas são uma pequena narrativa que transmitem lições e ensinamentos através da sugestão de imagens alegóricas. Como muitos dos discípulos de Jesus trabalhavam no campo, o uso do trabalho agrícola como exemplo em suas parábolas foi a mais fácil maneira de se fazer compreender. Dentre as muitas parábolas, a escolhida para dar contorno estético e conceitual à ala que apresentamos, é a tradicional <b>PARÁBOLA DA SEPARAÇÃO DO JOIO E DO TRIGO</b>.</p> <p>Vestidos como camponeses da Galileia, o grupo que forma a ala carrega como adereço o mesmo artigo, todavia, confeccionado com o uso de dois tipos de materiais distintos. Um brilhoso e outro opaco. Juntos, o visual geral da ala revela um campo de trigo, que a partir do movimento coreográfico passa a expressar de forma poética a distinção entre um e outro.</p>	Ala Garra Mangueirense (2013)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
06	<p><b>A Entrada Triunfal</b></p> 	<p>A entrada triunfal em Jerusalém é um evento da vida de adulta de Jesus relatada pelos quatro evangelhos canônicos. Os cristãos celebram a entrada de Jesus em Jerusalém no Domingo de Ramos, que ocorre uma semana antes do Domingo de Páscoa. Segundo o Evangelho de João, multidões saíram às ruas de Jerusalém para aclamar Jesus como rei.</p> <p>Complementada pelo elemento cenográfico que desfile junto da ala, tal qual sugere a construção estética que se apresenta, a ideia central da abordagem é traduzir de forma carnavalesca a saudação feita a Jesus com o uso dos ramos da oliveira erguidos por seus seguidores enquanto ele entrava em Jerusalém montado sobre um jumento a fim de comemorar a Páscoa Judaica.</p>	Ala Coração Verde e Rosa (2018)	Ingrid
*	<b>Avareza</b>	<p>A frente da alegoria que menciona o templo de oração transformado em mercado em função da ganância e da cobiça dos “doutores ou vendilhões da fé”, a musa LUISA LANGER veste rico e luxuoso figurino para mencionar de forma lúdica e permissiva a avareza humana combatida por Cristo em seus discursos e sermões.</p>	Musa Luisa Langer	-


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>Escribas</b></p> 	<p>Dando início ao setor que apresenta os algozes de Cristo, a ala OS ESCRIBAS dá contorno estético aqueles que eram considerados os especialistas na interpretação da Lei Mosaica, registrados nos livros de Êxodo, Levítico e Deuteronômio. Por serem profundos conhecedores das escrituras, em algumas passagens dos evangelhos foram chamados “doutores da lei”. A eles estava destinada a cópia dos rolos contendo os textos da Bíblia Hebraica - Velho Testamento – sobretudo, pela não existência de imprensa no período.</p> <p>Ao longo do tempo, começaram a ser corrompidos pela ganância e/ou vaidade (já que ocupavam posição muito importante na sociedade judaica) e acabaram entrando em discordância com as ideias que Jesus difundia. Em seus discursos mais inflamados, Jesus dirigiu duras palavras aos escribas. Em função das críticas contundentes que sofria por parte daquele que a essa altura conquistava um número cada vez maior de seguidores, escribas juntaram-se a fariseus no martírio de Jesus Cristo, tramando planos para matá-lo. São apresentados de forma permissiva e alegórica através da indumentária tradicional, do uso das cores dos tecidos da época e menção realizada de forma carnavalesca dos papiros e da estampa que sugere a grafia da época.</p>	<p>Ala Mimosa (1963)</p> <p>Ala Au Au Au (1986)</p>	<p>Chininha</p> <p>Guezinha</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<b>Fariseus</b> 	<p>Os FARISEUS representavam um grupo numericamente maior do que os escribas e são apresentados no desfile através de uma versão carnavalesca que se debruça sobre a sua mais tradicional aparência difundida no imaginário coletivo. Classe intermediária indispensável na sociedade do período em função da popularidade com o povo judeu, tiveram sua conduta condenada por Cristo em função de sua hipocrisia. Tão arrogantes quanto excessivamente preocupados com as aparências, foram duramente criticados em inúmeras falas públicas de Jesus. Reféns do legalismo, a obediência às regras tornou-se mais importante do que a manutenção de um coração sincero e dotado de compaixão. Foram repreendidos inúmeras vezes em função da sua falta de habilidade com o trato com os oprimidos. Ameaçados por aquilo que Jesus difundia, ao invés de se arrependerem, uniram-se para estimular sua morte.</p>	<p>Ala Acauã (2001)</p> <p>Ala Amigos do Embalo (1971)</p>	<p>Nilcemar</p> <p>João Vitor</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p><b>O Poder de Roma</b></p> 	<p>Como é sabido, toda a História de Jesus passa-se dentro do Império romano. Segundo os Evangelhos, Jesus foi preso pelos romanos sob a acusação de conspirar contra o Império. Torturado, foi condenado à morte e crucificado no ano de trinta e três. Para inserir o contexto romano no desfile apresentado, os passistas do GRES Estação Primeira de Mangueira vestem um figurino de clara inspiração na indumentária e nas cores atribuídas ao período em que o Império Romano simbolizava força, poder e opressão na Antiguidade.</p>	<p>Ala de Passistas (1928)</p>	<p>Queila Mara</p>
*		<p>A frente da bateria da Estação Primeira, a Rainha Evelyn Bastos exhibe sua beleza e seu desempenho excepcional.</p>	<p>Rainha de Bateria</p>	<p>Valéria</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<b>A Brutalidade Romana</b> 	<p>Muitas palavras de Jesus foram respostas ao ambiente e as ações que os Romanos provocaram. A brutalidade de Roma fazia parte da vida diária no tempo de Jesus e os impostos excessivos traduzidos através de altas taxas faziam com que a população vivesse em ambiente de opressão e desespero contínuo. Foi à acusação de que Jesus promovia uma rebelião contra o império romano, proibindo as pessoas de pagar impostos e se declarando rei, que originou o martírio de Cristo que culminou com a sua crucificação. Jesus já havia se tornado figura popular em função de suas falas públicas sobre a sociedade da época, por posicionar-se diante da realidade econômica de seu povo, e por comentar as relações entre os cidadãos e o Estado.</p> <p>Para o Estado Romano Jesus passou a ser visto como uma pessoa que aos poucos excitava uma revolução social que começava a ser pregada entre os pobres e isto passou a fazer de Jesus um inimigo potencial para Roma. Para expressar a brutalidade romana junto à figura de Jesus, a ala da bateria da Estação Primeira de Mangueira apresenta seu contingente numeroso de ritmistas vestindo um figurino sombrio que faz alusão ao exército romano e sua postura brutal e truculenta.</p>	Ala da Bateria (1959)	Mestre Wesley


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Leandro Vieira


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>Herodes Antipas</b></p> 	<p>Para apresentar a figura de HERODES ANTIPAS, o figurino da ala reconstrói a indumentária típica dos poderosos governantes do período. A fantasia que dá contorno estético ao rei da Galileia ostenta coroa e adornos dourados em associação a rico planejamento de tecidos. Convém destacar que o nome de Herodes Antipas é mencionado diversas vezes nos Evangelhos Sinóticos e sua notoriedade histórica junto à tradição cristã se dá, sobretudo, em função do julgamento de Jesus.</p> <p>Antes da condenação que resultou na crucificação - quando Pôncio Pilatos descobriu que Jesus era Galileu e da jurisdição de Herodes Antipas - Cristo foi enviado para Herodes, que na ocasião estava em Jerusalém.</p> <p>Diante dos questionamentos sobre os boatos de que realizava milagres e de que excitava a população à desobediência, Jesus não respondeu às perguntas e nem fez milagres. Diante de Herodes, foi ridicularizado, vestido com um manto e enviado de volta a Pôncio Pilatos.</p>	Ala Somos Mangueira (2013)	Valéria, Antônio e Catarina



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<b>Pôncio Pilatos</b> 	<p>Para dar contorno estético à figura de um dos mais populares algozes de Jesus, o contorno visual da fantasia remete ao império romano - a qual Pilatos servia - em associação com o vermelho – a cor do sangue - e a cor púrpura – a cor dos líderes de Romanos. Pôncio Pilatos - também conhecido simplesmente como Pilatos – foi o governador da província romana da Judeia entre os anos 26 e 36 D.C. Na tradição Cristã, tornou-se popular por ter sido o líder da Judeia, que condenou oficialmente Jesus. Para os Romanos, o “reino dos céus” era visto como uma metáfora para a libertação popular e tal interpretação levou Pilatos a condenar Jesus à morte após um processo tumultuado pela insistência da elite sacerdotal que apresentava Jesus como inimigo dos judeus e perigoso profeta que ameaçava o Império.</p>	<p>Ala Aliados (1958)</p> <p>Ala Carcará (1992)</p> <p>Ala Realidade (1986)</p>	<p>Nilza</p> <p>Selma</p> <p>Digian</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**



Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p><b>A Intolerância é uma Cruz</b></p> 	<p>Após ter sido chicoteado, surrado e cuspidado, Jesus carregou a cruz onde seria crucificado em direção ao local de sua execução. Essa informação é um dado fundamental para a compreensão das escolhas estéticas que direcionam a construção conceitual das alas que seguem, uma vez que daqui, até o carro que retrata o calvário, os figurinos que se apresentam guardam a similaridade de ostentarem cruzes de realizações distintas sobre as costas.</p> <p>Na ocasião, a cruz passa a simbolizar o martírio de grupos minoritários, ou em situação de vulnerabilidade social que, dentro da proposta artística do enredo, passam a se apresentar como faces possíveis para a figura de Jesus. É nesse contexto que merece destaque a ala das baianas e seu figurino de evidente inspiração nos signos que remetem ao universo das religiões de matriz africana.</p> <p>Não é novidade que a crescente onda de intolerância religiosa vem causando vítimas, espalhando medo e opressão. É de suma importância afirmar que muitas dessas práticas intolerantes são estimuladas, sobretudo, em função da distorção de valores cristãos que foram domesticados para atender a interesses associados a práticas de dominação de povos e territórios.</p>	Ala das Baianas (1958)	Nelcy

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
13	<b>A Intolerância é uma Cruz (Continuação)</b> 	<p>Ao apresentar as baianas da Estação Primeira - que ostentam os signos e as insígnias características dos cultos e dos costumes de matrizes afro - como uma extensão poética possível do corpo daquele que funda os valores cristãos, pretende-se conscientizar que a imagem que serve de modelo de virtude e dignidade para os que se apresentam como “cidadãos de bem” guarda mais similaridade com o perfil dos que são subjugados à condição de oprimido do que com aqueles que praticam a opressão.</p>	Ala das Baianas (1958)	Nelcy
14	<b>Corpo de Mulher</b> 	<p>Apresentar artisticamente Jesus num corpo de mulher é combater a desvalorização da figura feminina em nome de uma “submissão” difundida de maneira equivocada e ignorante em função do preconceito e da manutenção de ideias fundadas no machismo patriarcal que ainda hoje dissemina a ideia de inferioridade e subordinação e é a matriz dos crimes que colocam o Brasil em posição de destaque no ranking do feminicídio mundial.</p>	Ala Apaixonados pela Mangueira (2013)	Laura, Tininha e Nany


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Corpo de Mulher (Continuação)</b></p> 	<p>É importante destacar que a discriminação estrutural e a desigualdade de poder que inferioriza as mulheres aos homens é uma “cruz” que diverge da histórica postura pública de Jesus no contato com as mulheres, e, portanto, a ideia de subordinação feminina encontra muito mais respaldo na desvirtuação do ensinamento de Cristo a fim de atender e incentivar o machismo estrutural, do que nas atitudes reais e coletivas do filho de Maria. Em todo seu tempo de difusão de ideias na terra, Jesus reconectou mulheres à cultura, trouxe dignidade e honra a todas as que eram excluídas da sociedade extremamente machista de seu tempo.</p> <p>Valendo-se da força da poética para levantar debate e reflexão sobre a questão, a fantasia que veste a ala - composta apenas por mulheres da comunidade – debruça-se na indumentária e nos signos tradicionalmente associados à figura de Jesus – a coroa de espinhos e os cabelos longos são exemplos - todavia, acrescidos de cores e artigos tradicionalmente pertencentes à difusão da feminilidade no imaginário coletivo.</p>	Ala Apaixonados pela Mangueira (2013)	Laura, Tininha e Nany

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<b>Bandido Bom é Bandido Morto</b> 	<p>Um olhar numérico para a população carcerária brasileira evidência que cerca de 60% dos presos são negros, mais da metade são jovens e a grande maioria não concluiu o Ensino Médio. Com essa informação, não é difícil compreender que a questão da violência, do crime e do encarceramento, é uma questão social que está relacionada às mazelas oriundas de uma desigualdade histórica latente. Em linhas gerais, os “presos” no Brasil são jovens, negros pobres e com baixa escolaridade. Posto isso, o figurino que compõe a ala aponta para a construção estética de um estereótipo visual associado à marginalidade e, ao colocá-lo dentro da narrativa proposta como mais uma face possível para a figura de Jesus Cristo, fica evidente que a ideia é levantar uma voz a favor da dignidade humana em meio ao crescente pensamento de extermínio de indesejados e marginais sob a luz da ideia de que BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO.</p> <p>É conveniente destacar que, boa parte dos que defendem o discurso do justicamento, ou assassinato de criminosos pela polícia, são cristãos professos e isso evidencia o desconhecimento, ou a deturpação, dos ensinamentos da ética cristã originalmente difundida por aquele que em seu tempo combateu o tratamento desumano e cruel.</p>	Ala Sambar com a Mangueira (2013)	Simone, Jussara e Luciana



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>As Cores de um Coração em Festa</b></p> 	<p>Após as alas que ilustram sua caminhada em direção ao calvário e a alegoria que faz menção à morte da figura de Jesus, o setor que se inicia com a ala da velha-guarda anuncia em tom lúdico e carnavalesco a RESSURREIÇÃO. Vestindo as cores oficiais da Estação Primeira, os senhores e as senhoras da verde e rosa personificam - no próprio corpo que desfila - o carnaval que celebra a vida e festeja o anúncio de que a esperança brilha na escuridão. Fazendo uso da linguagem carnavalesca, a Estação Primeira permite-se vislumbrar que é seu carnaval, suas cores e sua gente, que anunciam a ressurreição daquele cuja biografia apresentamos como enredo.</p>	<p>Ala da Velha-Guarda (1953)</p>	<p>D. Gilda</p>
17	<p><b>Maria Madalena Ano 2000</b></p> 	<p>Uma seguidora em especial é apresentada em meio ao setor da apresentação que trata do anúncio da ressurreição de Cristo em tom poético, permissivo e carnavalesco: Maria Madalena. Ressuscitado na madrugada do primeiro dia depois do sábado, foi para ela que Jesus realizou uma de suas primeiras aparições. Inclusive, foi de Maria Madalena que partiu o anúncio da ressurreição aos discípulos que choravam e estavam de luto, razão pelo qual sua figura aqui está justificada e inserida em momento oportuno.</p>	<p>Ala Orgulho Verde e Rosa (2018)</p>	<p>Núrcia</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
17	<p><b>Maria Madalena</b>  <b>Ano 2000</b>  <b>(Continuação)</b></p> 	<p>Sobre o visual geral do figurino que compõe a ala, convém destacar que, no imaginário popular, Maria Madalena está associada ao pecado. Sua figura histórica é a da mulher oprimida que foi defendida por um Jesus que, diante da possibilidade do apedrejamento diante do entendimento de que a personagem cometia um suposto desvio de conduta, pronunciou: “quem não tem pecado que atire a primeira pedra”. Dito isso, ao dar à figura histórica de Maria Madalena contornos estéticos associados à estética LGBTQI+ – a predominância do figurino das cores do arco-íris adotada como símbolo da causa deixa isso evidente - a intenção é potencializar a partir do discurso carnavalesco a conscientização sobre os crimes de ódio contra uma população que sofre com a violência dos mecanismos ideológicos e repressivos, muitos inclusive, justificados a partir de um pré-conceito de raízes religiosas. Aqui, assim como em outros momentos do desfile, a escolha de uma proposta artística quer incentivar o debate dos direitos das minorias e discussões importantes no que diz respeito ao fato de que o país que mais mata homossexuais no mundo é o mesmo país que se declara como sendo 90% cristão.</p>	Ala Orgulho Verde e Rosa (2018)	Núrcia


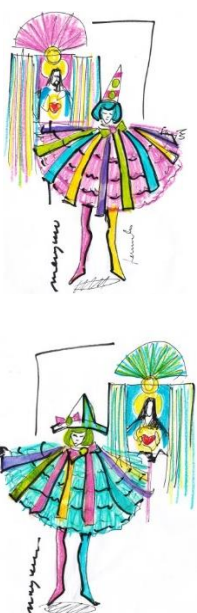
**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Leandro Vieira

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p><b>Bate-Bolas</b></p> 	<p>Em concordância com o aspecto metafórico possível dentro da lógica carnavalesca proposta, como é mencionado pelo histórico do enredo, a ressurreição de Jesus é propagada em ambiente festivo e alegre por meio de uma atividade lúdica que encontra representação e permissividade nos dias de carnaval. Para tal, o figurino que compõe a ala recria uma célebre figura carnavalesca por excelência, o Bate Bola – ou Clovis – tendo como temática a figura de Jesus estampada junto ao colete de purpurina que se destaca na apreensão geral do figurino proposto.</p>	<p>Ala Raiz Mangueirense (2013)</p>	<p>Sandra, André e Gugu</p>
19	<p><b>O Coração da Liberdade</b></p> 	<p>A ala que encerra o desfile revela duas figuras multicoloridas de evidente inspiração carnavalesca que ostentam nos estandartes que carregam a imagem de um Jesus POP. Em meio às cores e as fitas que caracterizam os festejos populares, o verde e o rosa da Estação Primeira de Mangueira se faz presente por considerarmos que suas cores personificam como nenhuma outra o carnaval realizado pelas comunidades carentes que ganha a cidade e atua como um potente difusor de ideias durante os dias de momo. No estandarte a imagem mais popular de Jesus Cristo evidencia o que apresentamos até aqui: o personagem central do cristianismo é apresentado pelas mãos e pelos corpos de um desfile carnavalesco.</p>	<p>Ala Explode Mangueira (2013)</p>	<p>Aurea e Dayse</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Leandro Vieira				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<b>Grupo de Musas 02</b>	O grupo de musas da comunidade veste figurino inspirado no universo estético do funk que permeia as comunidades cariocas. Juntas, as representantes da comunidade, abrem caminho para o anúncio da alegoria cuja cenografia faz menção ao histórico Morro ocupado pela comunidade Mangueirense, e de onde, segundo a permissiva e poética narrativa carnavalesca proposta, Jesus, depois de ressuscitado, ascende aos céus “para sentar-se a direita de Deus pai”.	Grupo de Musas 02 (2013)	Thatiana

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Correa, nº 60 – Barracão 13 – Cidade do Samba - Gamboa	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Leandro Vieira e Júlio Cerqueira	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Sirley, Eliana, Russa, Luís e Vanessa	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Equipe do Barracão
<b>Adrecista Chefe de Equipe</b> Augusto, Rogério, Gustavo, Cléia e Júlio	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Alberto
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>  Leandro Assis - Pintura de Arte Vitor Negromonte - Trabalho em Vime Élcio - Estruturas em Arame	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  As ilustrações aqui apresentadas são apenas imagens de referência para o mero acompanhamento. São interpretações de livre e rudimentar contorno artístico sem a intenção de se revelarem como a exata tradução da fantasia que desfila. Em linhas gerais, fazem menção aos contornos artísticos dos figurinos desenvolvidos com a intenção de facilitar a identificação das mesmas através de seus signos básicos.	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b> Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b> Jerônimo GG		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 150 (cento e cinquenta)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Nelson Sargento 95 anos	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Guilherme Urbano Lins 20 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>Eu sou a Estação Primeira de Nazaré Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher Moleque pelintra no Buraco Quente Meu nome é Jesus da Gente</p> <p>Nasci de peito aberto, de punho cerrado Meu pai carpinteiro desempregado Minha mãe é Maria das Dores Brasil Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira Me encontro no amor que não encontra fronteira Procura por mim nas fileiras contra a opressão</p> <p><b>E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão</b></p> <p>Eu tô que tô dependurado Em cordéis e corcovados Mas será que todo o povo entendeu o meu recado? Porque de novo cravejaram o meu corpo Os profetas da intolerância Sem saber que a esperança Brilha mais na escuridão</p> <p>Favela, pega a visão Não tem futuro sem partilha Nem messias de arma na mão Favela, pega a visa Eu faço fé na minha gente Que é semente do seu chão</p> <p>Do céu deu pra ouvir O desabafo sincopado da cidade Quarei tambor, da cruz fiz esplendor E ressurgi no cordão da liberdade</p> <p><b>Mangueira</b> <b>Samba, teu samba é uma reza</b> <b>Pela força que ele tem</b> <b>Mangueira</b> <b>Vão te inventar mil pecados</b> <b>Mas eu estou do seu lado</b> <b>E do lado do samba também</b></p>		

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### **Outras informações julgadas necessárias**

O samba é uma biografia poética e musical de Jesus Cristo, uma das personagens mais emblemáticas da história, amplamente representado em diversas formulações artísticas, entre elas, o carnaval, maior patrimônio cultural do povo do Rio de Janeiro.

Uma biografia que se fia nas principais mensagens de Cristo, potencializadas quando apresentadas em circunstâncias atuais e numa embocadura fora da rubrica colonial. Jesus Cristo da Mangueira. Ou: Jesus da Gente.

#### **JUSTIFICATIVA**

**Eu sou**

**Da Estação Primeira de Nazaré**

**Rosto negro**

**Sangue índio**

**Corpo de mulher**

**Moleque pelintra no Buraco Quente**

**Meu nome é**

**Jesus da Gente**

Cantado em primeira pessoa pela voz de milhares de componentes, o samba apresenta Jesus com a força do que é particular e a multiplicidade do que é universal. A mescla entre o nome da escola e o local onde Cristo passou sua infância ("Estação Primeira de Nazaré") anuncia o amálgama entre o histórico e o artístico e introduz o hibridismo dos versos seguintes.

Negro, indígena, mulher, pobre ("pelintra", "que ou aquele que é pobre, esfarrapado e maltrapilho") e morador de favela ("Buraco Quente", região central em Mangueira), Cristo tem várias faces e guarda nas chagas as nossas dores. A simbiose com seu povo se completa na alcunha de natureza recíproca ("Jesus da Gente") que encerra a primeira estrofe.

A melodia assertiva evidencia o discurso em primeira pessoa e aguça o pertencimento do componente em uma estrofe que tem como proposta, justamente, aproximar a figura de Cristo do dia a dia na favela.

**Nasci de peito aberto**

**De punho cerrado**

**Meu pai carpinteiro desempregado**

**Minha mãe é Maria das Dores Brasil**

Uma vida de generosidade e coragem ("peito aberto") e de firmeza contra as injustiças ("punho cerrado"). Também uma vida nascida em uma família que conhece as privações. Aqui o samba associa ao carpinteiro José – conhecido por ser o pai de Jesus "na terra" – uma questão presente em diversas famílias da atualidade: o desemprego.

Já Maria traz em seu nome a dolorosa realidade de milhares de mães brasileiras que muitas vezes suportam o peso dos problemas da sociedade, assim como a mãe de Cristo, veem seus filhos serem assassinados pelo Estado.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Enxugo o suor  
De quem desce e sobe ladeira  
Me encontro no amor  
Que não encontra fronteiras  
Procura por mim nas fileiras  
Contra a opressão  
E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão  
E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão**

Cristo está no esforço diário, no amor incondicional, na luta contra toda forma opressão. Está, ainda, num dos mais sublimes e poéticos gesto do carnaval. É, enfim, o trabalho do "bom pastor" que não mede suor para acolher todas as ovelhas.

As escolhas melódicas e rítmicas, com a repetição de quiálteras, mimetizam as reincidências cotidianas e constroem a enumeração desta quase onipresença sem deixar de diferenciar o universo sublime do último verso ("E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão") do caráter mais prosaico – embora não menos importante – dos demais. Outro momento de consonância entre mensagem verbal e mensagem musical está na nota aguda da palavra "sobe" no início da estrofe ("De quem desce e sobe ladeira").

**Eu tô que tô dependurado  
Em cordéis e corcovados  
Mas será que todo povo  
Entendeu o meu recado?  
Porque de novo  
Cravejaram o meu corpo  
Os profetas da intolerância  
Sem saber que a esperança  
Brilha mais na escuridão**

Superado o momento de apresentações, a presente estrofe – sempre no hibridismo entre histórico e fictício, entre passado e presente – convida a reflexões. As notas alongadas da parte anterior são substituídas pelas frases sincopadas dos primeiros versos seguidas de uma ideia melódica que permeia toda a estrofe, dando suporte à pergunta/reflexão com fluxo de prosa propostas pela letra.

E que indagação é essa? A figura de Cristo está amplamente difundida, e vai da imponência das alturas ("corcovados") às miudezas mais populares ("cordéis", aí também no sentido primeiro de fio, barbante). Mas no esforço fictício de imaginar Jesus numa sociedade contemporânea, é preciso perguntar: apesar de exaltarmos tanto a figura de Cristo, será que somos capazes de enxergá-lo no outro, sentir seu sofrimento, sua indignação? ("Será que todo povo / Entendeu o meu recado"?)

A julgar pela intolerância, desigualdade e brutalidade que continuam manchando nosso país, Cristo de Mangueira também teria seu corpo cravejado pelos falsos profetas, os mesmos contra os quais ele tanto se insurgiu.

Mas sua mensagem, acima de tudo, é na esperança que supera a escuridão, como destaca a melodia ao ressaltar a palavra "mais" ("brilha mais na escuridão") como a de nota mais aguda da música. É, em suma, a certeza de que contra o obscurantismo vigoram os ensinamentos fraternais. E é isso o que ele diz pra favela, seu lugar e sua gente.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Favela, pega a visão  
Não tem futuro sem partilha  
Nem messias de arma na mão  
Favela, pega a visão  
Eu faço fé na minha gente  
Que é semente do seu chão**

Cristo de Mangueira, Jesus da Gente, é cria da favela, compartilha seus códigos ("Pega a visão"), suas pulsações. A construção musical desta parte é, por isso, inspirada no funk carioca da década de 90, época em que o gênero fincou raízes de forma categórica em diversas favelas do Rio.

Trata-se de uma mensagem de paz, tolerância e fraternidade transmitida por aquele que, para além de figura histórica, é visto como um Messias por diversas religiões praticadas no Brasil. No centro da mensagem, a certeza de que a fé está também na percepção do outro, na crença na humanidade como um projeto coletivo e na perseverança diária dos moradores de favela ("Eu faço fé na minha gente que é semente do seu chão").

**Do céu deu pra ouvir  
O desabafo sincopado da cidade  
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor  
E ressurgi no cordão da liberdade**

É a vez de Jesus ouvir o que o povo diz, seus desabafos em forma de arte – em especial, em forma de samba ("desabafo sincopado da cidade") – para finalmente convergirem todas as misturas propostas: Cristo está na arte, nos tambores curtidos ao sol ("quarei tambor"), na transformação da dor em brilho ("da cruz fiz esplendor", esplendor também assumindo o sentido popular de parte da fantasia do carnaval), no coletivo da criação popular que é o carnaval ("cordão da liberdade").

A nota aguda em "céu" e a melodia com síncopes no verso "desabafo sincopado da cidade" dão conta, novamente, da comunhão entre as escolhas rítmicas, melódicas e verbais.

**Mangueira  
Samba, teu samba é uma reza  
Pela força que ele tem  
Mangueira  
Vão te inventar mil pecados  
Mas eu estou do seu lado  
E do lado do samba também**

Com uma melodia que convida ao canto sincopado (em diálogo com o verso da estrofe anterior "desabafo sincopado") e sobretudo à dança, o refrão final destaca a força da cultura popular, apresentada como forma de oração. Cristo intercede por ela e pela Mangueira, alerta para os que querem difamá-la ("Vão te inventar mil pecados") e se reafirma como Jesus da Gente – aquele entende o verdadeiro significado de um gênero secular como o samba e toda a potência do morro e da escola de samba da Mangueira.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

<b>Diretor Geral de Bateria</b> Mestre Wesley Assumpção				
<b>Outros Diretores de Bateria</b> Alexandre Marrom, Jaguará Filho, André Carta Marcada, Alison, Marquinhos, Cezinha, Zé Campos e Gago				
<b>Total de Componentes da Bateria</b> 250 (duzentos e cinquenta) Componentes				
<b>NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS</b>				
<b>1ª Marcação</b> 20	<b>2ª Marcação</b> 24	<b>3ª Marcação</b> 0	<b>Reco-Reco</b> 0	<b>Ganzá</b> 20
<b>Caixa</b> 70	<b>Tarol</b> 12	<b>Tamborim</b> 30	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 28
<b>Prato</b> 14	<b>Agogô</b> 12	<b>Cuica</b> 20	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 0
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>				
<p>Mantendo a tradição de que o comando de sua Bateria é sempre entregue a um de seus meninos, herdeiros e crias dos Mestres Waldomiro, Seu Tinguinha, Lúcio Pato e China Florípedes, responsáveis pela batida do surdo sem resposta, que juntamente com os tamborins consagraram a tradição da Bateria “Tem de Respeitar Meu Tamborim”. Em seu segundo ano a frente de nossa bateria nosso Mestre Wesley Assumpção, vem se preparando para mais uma vez levar para a Sapucaí a mais pura tradição da Bateria da Estação Primeira.</p> <p>Mantendo a formação dos Tamborins à frente , juntamente com a “cozinha”, equalizando melhor a bateria e realçando os desenhos e as convenções do naipe de forma mais limpa. Mais uma vez serão utilizados o mesmo tipo de baquetas e a afinação do instrumento mais homogênea, para que sejam mais perceptíveis seus desenhos na melodia do samba.</p> <p>Mestre Wesley e sua diretoria prepararam alguns momentos de grande impacto em sua apresentação. Teremos três bossas: - Na cabeça do Samba, quando cantamos “Favela Pega Visão...” e uma outra no refrão de baixo “Mangueira Samba teu samba é uma Reza ....”. Tais Bossas serão chamadas pelo Mestre Wesley durante diferentes momentos de nosso desfile.</p> <p><b>QUEM É MESTRE WESLEY ASSUMPÇÃO.</b></p> <p>Oriundo da Mangueira do Amanhã, Wesley esteve presente na primeira formação na ala da bateria de nossa escola mirim Mestre Wesley, como é conhecido, se destacou entre os demais ritmistas pelo seu jeito único e diferenciado de tocar repique, seu instrumento de origem. Com toda essa qualidade não demorou muito para tornar-se um diretor e assim aconteceu. Wesley, à frente da bateria mirim, logo passou a ser um dos coordenadores e diretor dos projetos sociais que a escola oferecia e, em consequência disso, foi escolhido para ser o mestre dos ritmistas que participaram do concurso PÈ NO FUTURO.</p>				

## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### Outras informações julgadas necessárias

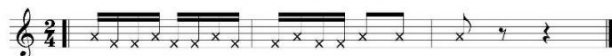
Chegou até a final, um importante feito e de destaque, tornando esta experiência uma vitrine para que muitas pessoas observassem seu trabalho e, devido a isso surgiram vários convites de várias bandas e músicos solo convidando-o a fazer parte de suas bandas. Wesley até aceitou alguns desses convites, mas seu destino estava traçado mesmo como diretor de bateria e assim foi fazer parte do quadro de diretores técnicos da escola, uma conquista pessoal e fundamental e para a carreira, que pretendia seguir. Agora em dezembro de 2019, por ocasião do Festival do Rio de Cinema, Mestre Wesley foi um dos protagonistas do Filme “Mangueira em dois tempos” dirigido por Ana Maria Magalhães, que conta a história de meninos e meninas que participaram da criação da Mangueira do Amanhã e voltaram a ser filmados agora após a indicação do Mestre Wesley como Primeiro Diretor de Bateria, em abril de 2018. No Carnaval de 2019 Mestre Wesley obteve pontuação máxima e mais uma vez junto a seus diretores e ritmistas vem fazendo um intenso trabalho para manter a performance de sua Bateria.

Bom trabalho Mestre Wesley e seus ritmistas

Em anexo vamos encaminhar a partitura das três bossas mencionadas acima.

#### ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA <sup>1</sup> PARADINHAS 2020

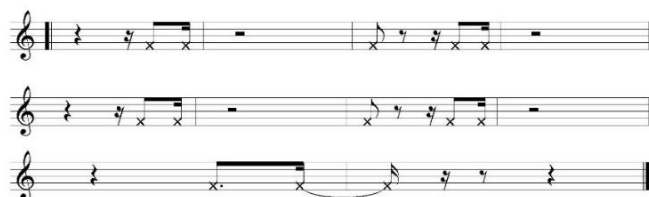
##### BOSSA SUBIDA DO SAMBA (Eu Sou Da Estação Primeira)



##### BOSSA FUNK (Favela Pega a Visão)



##### BOSSA REFRÃO PRINCIPAL (Mangueira Teu Samba é uma Reza)





**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Renato Kort

**Outros Diretores de Harmonia**

Helton Dias, Dalton Ferreira, Paulo Asprila, João Carlos, Bernard Oliveira, Moreira, Fábio Vinícius, Nilso, Marcelo Radar, Ricardo SPQP, Marcio, Simone Rosa, Lacyr, Luis Carlos, Otavio Salles, Valnei, Junior Orlandi, Dimichel Velasco

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

20 (vinte) Componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Marquinhos Art'Samba

Bico Doce, Dowglas Diniz, Leandro Santos, Lequinho e Psé Diminuta

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Violão de 6 cordas – Márcio Ricardo

Violão de 7 cordas – Thiago Almeida

Cavaquinho – Digão

Cavaquinho com afinação de Bandolim – Luiz Paulo

Diretor Musical – Alemão do Cavaco

**Outras informações julgadas necessárias**

Todo o trabalho que a Harmonia da Estação Primeira de Mangueira desenvolveu teve como objetivo proporcionar o perfeito entrosamento entre o ritmo e o canto. Assim, tão logo, o Samba Enredo foi escolhido, demos início aos ensaios de canto, aos quais logo acrescentamos a participação da Bateria. Dessa forma, o carro de som, a bateria e a comunidade começaram a trabalhar a interpretação do samba.

Em paralelo aos ensaios gerais, nosso carro de som trabalhou em estúdio, desenvolvendo um arranjo capaz de contemplar a harmonia musical pertinente ao fortalecimento da interpretação do samba, respeitando os desenhos dos tamborins e as bossas. Enfim, todo o trabalho foi feito para alcançar uma excelência em sua apresentação com o objetivo de que somados o carro de som, a bateria e toda a escola, o nosso chão, da Estação Primeira, possa mostrar na Sapucaí os frutos de todos esses meses de ensaio, contribuindo para fazer ecoar no desfile no desfile oficial.

Ensaio Técnico de Rua nos permitiram avaliar que todos nossos esforços para desenvolver esse trabalho estavam dando resultado, uma vez que, a cada dia nos sentíamos brindados pelo empenho de cada componente em dar o seu melhor e apresentar nosso samba de forma a emocionar a todos.

## FICHA TÉCNICA

### Evolução

**Diretor Geral de Evolução**

Conselho de Carnaval

**Outros Diretores de Evolução**

Comissão de Carnaval

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

15 (quinze) Componentes

**Principais Passistas Femininos**

Evelyn Bastos, Layza Rebeca Santiago, Kamila Roberta, Luciana Pereira, Andrielli e Victória Rodrigues

**Principais Passistas Masculinos**

Pablo Luís, Douglas Cardoso, Rick Chesther, Luís Claudio e Alan Pereira

**Outras informações julgadas necessárias**

Lá vem Mangueira,.. “Todo mundo te conhece ao longe pelo som de teu tamborim e o rufar do teu tambor”. Outra identidade marcante da Estação Primeira de Mangueira é a força de nosso chão. O povo de Mangueira é daqueles que assume seu samba e vai para o desfile na certeza de que, da participação de cada um, depende o desempenho da Estação Primeira.

Faz algum tempo que nossa escola entendeu que, para chegar à Marquês de Sapucaí e apresentar um desfile em condições de brigar pelo título, é necessário muito, mas muito trabalho mesmo. Assim, tão logo foi escolhido o samba enredo para o Carnaval de 2020, ensaios de canto, realizados na quadra, em conjunto com a bateria, foram acontecendo até que o Conselho de Carnaval entendeu que era o momento de passarmos aos ensaios de rua. Mais uma vez, fomos ensaiar na Avenida Estação Primeira, próxima à nossa comunidade o que nos permite emular uma apresentação na Passarela de Desfiles, de modo a podermos reproduzir os diferentes momentos de um desfile, tais como: Entrada da Bateria em desfile e no recuo; Simulação das apresentações para os julgadores e, o mais importante, o trabalho de canto e evolução para que a nossa escola chegue com tudo no desfile.

Ao longo dos ensaios com vistas ao carnaval de 2020, a comunidade incorporou a força de nosso samba, assumindo-o como uma verdadeira oração que permite desatar os nós da garganta fazendo aflorar um canto que liberta. Um canto que vem da favela, de seu povo cansado de tanta chibatada, que nos enche de orgulho em ver que a voz do povo ninguém consegue calar.

Durante o nosso desfile apresentar-se-á o povo da Estação Primeira de Nazaré, que, orgulhosamente, dará vida aos diferentes personagens da vida de Jesus Cristo, revisitada, permitindo que essa história seja contada como se estivesse acontecendo atualmente.

Nos diferentes ensaios de canto, de rua e técnico cada parte de nosso enredo foi preparada e ajustada de modo a enfatizar o canto, a bateria e o chão de nossa comunidade, que, com desenvoltura, evoluirá e cantará na Sapucaí nosso enredo integrando-o às fantasias, alegorias, enredo e o samba durante todo nosso desfile, de modo a contagiar a todos.

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Conselho de Carnaval		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Conselho de Carnaval		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> Comissão de Carnaval		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> -		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> -	<b>Quantidade de Meninas</b> -	<b>Quantidade de Meninos</b> -
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Nelci Gomes		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 80 (oitenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Nadeche 81 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Raquel Barbosa 18 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Ermenegilda Dias (Dona Gilda)		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 70 (setenta)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Dona Ilka 93 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Carlinhos 66 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Nelson Sargento, Alcione, Rosemary, Lecy Brandão, Junior, entre outros		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Priscilla Mota, Rodrigo Negri, Leandro Vieira e Moacyr Barreto

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Priscilla Mota e Rodrigo Neri

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
15 (quinze)	02 (duas)	13 (treze)

**Outras informações julgadas necessárias**

**“SEU NOME É JESUS DA GENTE!”**

A comissão de frente apresenta a figura de Jesus Cristo e seus seguidores em ambiente poético e permissivo. A identificação geral dos personagens se dá através da releitura de figurinos de época acrescidos de signos de contemporaneidade. Na abertura do desfile apresentado, o personagem principal do tema exibido possui ainda seu contorno físico mais bem difundido no imaginário coletivo: é o Jesus – figura central do cristianismo - que se exhibe como protagonista de um desfile carnavalesco.

Todavia, se o visual é o tradicional, a postura é a contra-hegemônica. Através da dança e do gesto, seu comportamento é descolado, próximo da cultura musical e das atitudes das comunidades pobres brasileiras. Adepto de práticas contemporâneas, ele e seu “bonde” estão num “rolê” que vislumbra de forma conceitual e coreográfica as tensões e as possíveis situações de vulnerabilidade que aquele que abraçou “pecadores” e repudiou a opressão que sofreria caso sua vida pública fosse transposta para 2.000 anos à frente.

**FICHA TÉCNICA**

Direção e Coreografia – Priscilla Mota e Rodrigo Negri / Cenografia – Natalia Lana / Figurino - Leandro Vieira / Confecção de Figurinos - Atelier Avant Premiere / Produção – KBMK Produções Culturais / Preparação Teatral - Tauã Delmiro / Visagismo e Maquiagem – Beto Carramanhos

**SOBRE PRISCILLA MOTA E RODRIGO NEGRI**

Priscilla e Rodrigo assinam pelo segundo ano a Comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira. Depois de 12 anos de avenida, quatro títulos conquistados e os mais importantes prêmios do carnaval, na verde e rosa, ao lado de Leandro Vieira, unem inovação com tradição, criatividade com versatilidade.

Primeiros Solistas do Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, os bailarinos Priscilla Mota e Rodrigo Negri se consagraram no Carnaval através do trabalho criativo e envolvente que marcou suas comissões de frente.

Formada em balé clássico, jazz, tap dance e dança contemporânea, a dupla ganhou fama no cenário carnavalesco ao apresentar soluções irreverentes e ousadas no quesito que abre o desfile das escolas de samba.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

Nos últimos anos, Priscilla e Rodrigo, que já foram agraciados com a Medalha de Mérito Artístico do Conseil International de La Danse Cid, da Unesco, pela positiva contribuição à dança, receberam dezenas de prêmios pela atuação no Carnaval, entre eles o Estandarte de Ouro, honraria concedida pelo Jornal O Globo, em 2010, quando emprestaram seu talento à Unidos da Tijuca, ano em que fizeram seu elenco realizar uma eletrizante troca de roupas, que impressionou a todos. O feito ainda rendeu o título, em eleição também promovida pelo Globo, de “melhor comissão de frente da história”. Em 2018 ganharam na categoria inédita o Estandarte de Ouro de Inovação.

O bom desempenho no Carnaval culminou numa série de convites para os coreógrafos. que já abrilhantaram grandes eventos no Brasil e no exterior. Entre os projetos dos quais participaram, estão ações especialmente elaboradas para a Liga Mundial de Vôlei, o Prêmio anual da Confederação Brasileira de Futebol, o Mundial de Judô, a Copa das Confederações, as Olimpíadas do Conhecimento, a Festa de Peão de Barretos, Salão do Automóvel, entre outros. No extenso currículo, Priscilla e Rodrigo ainda incluem apresentações exclusivas para o ex-presidente Lula e para a primeira-dama dos Estados Unidos, Michelle Obama.

O talento da dupla também encanta marcas mundialmente famosas, como Coca-Cola, Bradesco, Renault, Polishop e Omega, que já contrataram os dois para grandes eventos. Foram os responsáveis pelo entretenimento das áreas VIPs da FIFA, durante a Copa do Mundo do Brasil. Nos Jogos Olímpicos Rio de 2016, fizeram coreografia especial que foi apresentada ao longo dos Jogos em 30 apresentações. Criaram o show de Ivete Sangalo para o “Rock in Rio” e tourne “À Vontade”.

Seu grupo totaliza mais de 500 apresentações nacionais e internacionais, que se refletem nos desfiles através do bom entrosamento de toda a equipe que compõe a comissão de frente.

**SOBRE BETO CARRAMANHOS**

Profissional há 30 anos especializado na área de beleza, Beto é consagrado por assinar o visagismo dos maiores musicais produzidos no Brasil, como: Cinderella, Kiss me Kate, Noviça Rebelde, O mágico de Oz, Família Adams, entre outros. Além disso, é apresentador do quadro "Tapa no Visual", no programa Mais Você e "Acredita na Peruca “do Multishow.

**SOBRE TAUÃ DELMIRO**

Tauã Delmiro é ator, compositor, dramaturgo e diretor teatral. Foi indicado a melhor ator em teatro musical no Prêmio Cesgranrio e no Prêmio Botequim Cultural com o espetáculo "70? – Década do Divino Maravilhoso – Doc. Musical" (2018). Em "Title of Show" (2017), foi indicado como melhor diretor. Com seu monólogo infantil "O Edredom" (2015) recebeu 12 indicações para prêmios de teatro infanto-juvenil e saiu vitorioso em quatro delas.

**SOBRE NATÁLIA LANA**

Natália Lana assinou cenários para diversos projetos teatrais e musicais, como: "Rock in Rio, O musical", "60! Doc. Musical, 70!Doc.Musical, "Bibi - Uma vida em Musical, A Cor Púrpura, entre outros. Recebeu o PRÊMIO CBTIJ DE TEATRO PARA CRIANÇAS de melhor cenário em 2017 pelo espetáculo "Makuru- Um Musical de Ninar", o PRÊMIO BRASIL MUSICAL de melhor cenário em 2018 pelo espetáculo " Bibi - Uma Vida em Musical " e atualmente está indicada ao prêmio Cesgranrio de Teatro 2019 pelo cenário de " A Cor Púrpura".

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Matheus Olivério	<b>Idade</b> 32 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Squel Jorgea	<b>Idade</b> 34 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Renan Oliveira	<b>Idade</b> 29 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Débora de Almeida	<b>Idade</b> 33 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**SOBRE O PRIMEIRO CASAL DE MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA:**

“IMAGEM POÉTICA” – A apresentação do primeiro casal da Estação Primeira de Mangueira sugere uma lúdica e poética cena pertinente ao tema proposto.

**DADOS SOBRE O CASAL:**

Matheus ingressou na verde e rosa com apenas 8 anos na ala das crianças. Fez parte dos projetos sociais de educação da Vila Olímpica da Mangueira, onde se tornou instrutor e se dedicou ao ensino do samba no pé a crianças e adultos. Premiado com Estandarte de Ouro, entre outros prêmios, de melhor passista, Matheus passa a defender o segundo pavilhão da Escola por 10 anos, onde amadurece e se aprimora no aprendizado do bailado tradicional do Mestre Sala para, em 2017, receber a maior honra da sua vida, que é defender o primeiro pavilhão da sua Escola, a Estação Primeira de Mangueira, a quem ele chama de mãe.

Squel Jorgea- Ingressou no carnaval ainda criança, na ala das baianinhas. Estreou ainda menina como Porta-Bandeira. É Primeira Porta-Bandeira há 19 anos. Com vasta experiência e profissionalismo, Squel, agraciada com o Estandarte de Ouro, defende com orgulho e grande paixão o pavilhão da Estação Primeira de Mangueira há 7 anos.

Matheus e Squel são tio e sobrinha, filho e neta do lendário partideiro e mestre de harmonia Xangô da Mangueira. Juntos, criaram um projeto social de ensino da dança de Mestre Sala e Porta Bandeira, onde os dois ministram aulas para crianças e adolescentes da comunidade da Mangueira. O casal tem como marca o bailado tradicional da arte da dança de Mestre Sala e Porta Bandeira, preservando e buscando honrar a Majestade do seu pavilhão com cortesia e alegria.

**DADOS SOBRE A ORIENTADORA DO CASAL:**

Ana Paula Lessa é ex-bailarina, coreógrafa e professora de dança na Escola de Dança Maristela Lobato. Há 7 anos na Estação Primeira de Mangueira, ela desenvolve um trabalho de refinamento artístico, respeitando o bailado tradicional do casal e característico do quesito.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**SOBRE O SEGUNDO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA:**

“O BRILHO DA GANÂNCIA” - O segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira apresenta-se em meio ao setor que revela os algozes de Jesus Cristo. O luxo do figurino e os contornos dourados de Renan Oliveira e Débora de Almeida expõem de forma poética as críticas feitas pelo personagem principal do Cristianismo à ganância e a postura desprovida de compaixão dos líderes religiosos de seu tempo.





# **G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI**



**PRESIDENTE  
RENATO RIBEIRO MARINS**



*“O Santo e o Rei:  
Encantarias de Sebastião”*



**Carnavalesco**  
**JOÃO VITOR ARAÚJO**



**FICHA TÉCNICA****Enredo**

<b>Enredo</b> <i>“O Santo e o Rei: Encantarias de Sebastião”</i>					
<b>Carnavalesco</b> João Vitor Araújo					
<b>Autor(es) do Enredo</b> João Vitor Araújo					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> João Gustavo Melo					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> João Vitor Araújo e João Gustavo Melo					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	<i>Encantaria Maranhense de Dom Sebastião</i>	Sérgio F. Ferreti	Revista Lusófona de Estudos Culturais	2013	Todas
02	<i>O Rei que Mora no Mar</i>	Ferreira Gullar	Global	2002	Todas
03	<i>Desencanto</i>	Luisa Marinho	Funarte	2015	Todas
04	<i>O Desejado: a fascinante história de Dom Sebastião</i>	Aydano Roriz	Europa	2015	Todas
05	<i>Almanaque Brasilidades: um Inventário do Brasil Popular</i>	Luiz Antônio Simas	Bazar do Tempo	2018	Todas
06	<i>O Reino Encantado: Crônica Sebastianista</i>	Tristão de Alencar Araripe Júnior	Ed. do Organizador	2017	Todas
07	<i>O Romance da Pedra do Reino</i>	Ariano Suassuna	Editores José Olympio	2005	Todas
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>					

## HISTÓRICO DO ENREDO

*Em honra e glória a São Sebastião, valoroso padroeiro e defensor da cidade do Rio de Janeiro e da nossa escola, o G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI tem a honra de apresentar:*

### O SANTO E O REI: ENCANTARIAS DE SEBASTIÃO

*“Oh, meu rei de fantástica memória  
Passo a vida a rezar tua história.  
Tão verdadeira e sobrenatural...  
Eu rezo a tua infância aventureira  
Tua morte num trágico areal.  
Rezo a tua existência transcendente  
Numa ilha de névoa, ao Sol nascente,  
Encantada nos longes da Natura...  
E rezo tua vinda anunciada,  
Dentre as brumas daquela madrugada  
Que virá dissipar a noite escura”*

*Oração Sebastianista (Teixeira de Pascoaes)*

### I – O SANTO VENERÁVEL E O REI DESEJADO

Que venha Sebastião, O DESEJADO, assim nomeado por ser a esperança de sucessão da dinastia que guiou o reino lusitano ao apogeu.

Que venha o divino rei-menino de Portugal, futuro regente do Império Mundial Cristão!

MAJESTOSO, GUERREIRO, PUJANTE!

Que venha Sebastião, ornado de FESTAS DO POVO e de JÚBILO DOS DEUSES. Cumpram-se todas as profecias, abram-se os livros da boa aventura.

O REI NASCEU! O REI NASCEU!

Na data mística de 20 de janeiro, Sebastião foi ENCANTADO pelo espírito de coragem e fé do venerável Santo que lhe deu o nome.

Assim traçaram-se as flechas de bom e mau auguro sobre DOM SEBASTIÃO.

O jovem Rei cresceu ouvindo as histórias de bravura e martírio em nome da reconquista da Península Ibérica.

Um dia, conduziu seu exército rumo à última cruzada.

Marrocos era o destino. Vencer os mouros, uma obsessão.

## **II – O REI ENCOBERTO**

Em súplicas, Sebastião, o Rei, rogou proteção ao padroeiro.

Sebastião, o Santo, concedeu-lhe coragem para prosseguir: “Tua glória correrá muito além da própria vida. Irá se espalhar por mundos e eras que nunca sonhaste”.

Fez-se então ungido com os paramentos banhados pelas glórias dos antepassados.

E assim foi mapeada a incerta campanha. Era hora de partir com a sua esquadra rumo a ALCÁCER QUIBIR.

Deu-se a sangrenta batalha no deserto do Norte africano contra o exército do Sultão.

Destemidos, Santo e Rei empunharam a cruz contra a cimitarra.

Postas frente a frente, tropas ergueram o pavilhão da ordem de Cristo contra a bandeira da crescente lua e brilhante estrela.

Cavalaria avançaram-se em mortal conflito. Armas ao céu, o rei se lançou à glória derradeira.

Nas areias do Marrocos, Dom Sebastião desapareceu...

E veio o nevoeiro. Com ele, a esperança de que um dia o Rei iria regressar para reviver o apogeu do seu povo.

“Ele há de voltar! Ele há de voltar...”

## **III – O REI SUBMERSO**

E o Rei fez morada no mar...

Navegou em triunfo a bordo da nau mística com a tropa que, com seu líder, sumiu no areal marroquino.

Aportou nas águas do Maranhão, em imponente cortejo arrebatado.

Ergueu seus domínios na costa do Atlântico, indo tomar lugar na corte dos encantados.

Com barbatanas bordadas de escamas cintilantes, ascendeu ao régio trono marinho.

No suntuoso PALÁCIO DE CRISTAL, suas joias reais eram cravejadas de pérolas, conchas e búzios.

Seu paraíso marinho era cercado de majestosos seres encantados que habitavam o fundo do oceano.

A lenda do Rei submerso inundou o imaginário do povo que vivia na beira do mar.

Na busca pelo Encoberto, foi o povo que se encantou em névoa de maré...

## **IV – O REI ENCANTADO**

Nas torrentes das águas sagradas, a lenda sobre o Rei se espalhou.

Entre batuques vindos dos terreiros de mina se dizia que, em noite de lua cheia, andava pela praia um TOURO NEGRO. E esse touro era Dom Sebastião.

O bravo que se atrevesse a fincar uma espada reluzente na testa do animal desfaria o encanto, cumprindo a profecia:

“REI / É REI DOM SEBASTIÃO / QUEM DESENCANTAR LENÇÓIS / BOTA ABAIXO O MARANHÃO”

Mas o desfazimento do encanto era em si outro encanto.

Assim, na crença, na magia e nos cânticos, o Rei foi coroado no couro do tambor.

Dançou com os deuses, macerou as ervas e bebeu dos segredos das matas.

Incorporou-se aos cultos afro-ameríndios.

Entranhou-se, em alumbramento, na alma dos cantadores e poetas populares.

Da sua capa real, ornada de brilho e sonho, veio a inspiração para tecerem as vestes do bumba-meu-boi.

Encantado, Dom Sebastião se fez o espírito que o povo desejava para conduzi-lo por novas cruzadas...

## **V – O REI DOS FLAGELADOS**

Nos areais do sertão nordestino, o Rei Encoberto regressou com o encanto de um monarca restaurador.

O povo, roto nas batalhas de existir, nada esperava dos homens. Confiava tudo a um milagre de Deus. Na busca pelo paraíso terreal, a crença dos sertanejos esculpiu o espírito do Rei em alma de santo. Na Serra do Rodeador, em Pernambuco, a insurreição se deu. Mas foi esmagada pelo poder implacável da Coroa.

Anos mais tarde, na localidade da Pedra Bonita, em São José do Belmonte, o beato João Antônio ocultou-se no alto da montanha com seu séquito de flagelados.

Acreditavam que Dom Sebastião iria ressurgir das fendas das pedras para restaurar a justiça social sempre prometida e nunca alcançada.

Mas para isso era preciso lavar as rochas com sangue para desencantar o Rei. Houve nova batalha. O terror se espalhou no lajedo. Morreu-se para não matar.

O Rei não veio. Ressurgiu n'outro arraial.

Em Canudos, Antônio Conselheiro liderou seu povo que o seguia no limite entre a fé e o delírio messiânico, evocando a volta do monarca.

“O SERTÃO VAI VIRAR MAR E HAVERÁ UMA GRANDE CHUVA DE ESTRELAS”

Canudos, Pedra Bonita, Rodeador... tudo sucumbiu. Mas não a glória do Santo-Rei Sebastião, que renasce ao poder do encanto de quem nele acreditar.

## **VI – O SANTO PADROEIRO E O POVO-REI LIBERTADOR**

A cada episódio de luta e dor, eis a certeza de que o espírito sebastianista continua a guiar o povo na eterna busca pelo seu próprio rumo.

Dizem que o Rei vive adormecido nos domínios encantados de São Sebastião, terra emergida a flecha e fogo.

A *muy-heroica* cidade fundada durante o reinado de Sebastião, o Desejado.

Na data mística de 20 de janeiro, o nobre Estácio de Sá foi flechado em batalha com os índios.



Conta a lenda que São Sebastião lutava ao seu lado.  
O bravo guerreiro lusitano se encantou junto com sua cidade, que um dia se partiu. E hoje se retalhou...  
Recanto ferido, que precisa se regenerar.  
Mas um dia há de vir o verdadeiro Rei.  
Que das brumas da memória se levanta e se ergue  
**MAJESTOSO, GUERREIRO, PUJANTE!**  
É o POVO, senhor de si, enfim desencantado  
Que na bravura do Rei por ele mesmo despertado,  
Arrancará as flechas do peito do padroeiro  
E Sebastião, enfim, há de restaurar o que lhe é devido:  
O trono do Rei e o altar do Santo.  
E a paz enfim triunfará  
Na cidade cansada de tantas batalhas...  
Mas nunca da luta!  
(Ele há de vir. Ele há de vir...)

*Carnavalesco: João Vitor Araújo  
Texto: João Gustavo Melo*

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Sebastião. Nome que vem do grego *sebastós*, que significa “venerável”, “sagrado”. E é nos domínios do sagrado e do encantamento que contamos nossa história no Carnaval de 2020. “O Santo e o Rei: Encantarias de Sebastião” é um enredo que fala de intercruzamentos e de esperança. Ao cruzarmos as vidas e trajetórias de São Sebastião e Dom Sebastião, trazemos por meio desses dois personagens, ligados por uma série de coincidências místicas, as minúcias de uma história de fé que se desdobra, se espalha e se derrama pelos mais improváveis rincões. Como explicar que um Rei português morto em batalha iria se transformar em entidade espiritual na crença afro-ameríndia presente na cultura do povo maranhense? Como as flechas que atingiram o corpo do Santo foram se cruzar com as que atravessam as conquistas do Rei Sebastião nas terras do novo mundo? Por que um Rei desaparecido em batalha desperta tanto fascínio em um povo desesperado no sertão nordestino?

Muito além de ser um enredo histórico ou místico, falar de Sebastião (Santo e Rei) é desvendar uma cartografia de encantamentos. Sendo assim, podemos desenhar um percurso próprio da presença sebastianista que atravessa o oceano, ultrapassa fronteiras, rompe com a racionalidade e nos conduz pelo sentimento místico das encantarias. Para ilustrar um pouco desse caminho, abrimos um mapa que nos guia pelos caminhos percorridos por Dom Sebastião, sob a proteção do Santo que lhe deu o nome.

*Figura 1: Imagem da trajetória a ser percorrida no enredo, que parte de Portugal quinhentista, vai ao Marrocos na batalha fatal de Alcácer Quibir, mergulha no fundo do Oceano Atlântico, aporta na costa maranhense, rebela-se no sertão nordestino e finalmente se apega ao santo na cidade que leva o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro.*



Assim, trilhamos um caminho guiado pela esperança de um povo que não cessa de buscar seu rumo.

**Setor 01 (PORTUGAL):**

**O NASCIMENTO DE DOM SEBASTIÃO SOB A MÍSTICA DO 20 DE JANEIRO**

Dom Sebastião nasceu em 20 de janeiro de 1554, data consagrada a São Sebastião. Filho da princesa Joana da Áustria e de Dom João Manuel (que não chegou a ver o filho nascer, deixando todo o reino em sobressalto por não haver herdeiros além do bebê que ainda estava no ventre da princesa), o menino Sebastião tornou-se rei em 1557, com apenas três anos de idade, mas só subiu ao trono em 1568. Vocacionado para a guerra, sonhava com as grandes batalhas em que seus antepassados derrotaram os muçulmanos. Nos anos de 1500, o império Otomano continuava a ameaçar a Europa, que estava envolvida em conflitos que se espalhavam por diversos países. Dom Sebastião foi educado como o rei restaurador que devolveria a hegemonia ao império cristão ocidental. Era a personificação da esperança de uma nova era de glórias para Portugal. Neste setor, as linhas e formas da arte decorativa lusitana ganham o frescor e a alegria das fitas, das cores e dos símbolos das festas populares no Brasil, como o reisado. No terreno das encantarias, essa conexão torna-se não apenas possível, mas um amálgama que une dois mundos que se encontram ao longo de todo este enredo.

**Setor 02 (MARROCOS):**

**A BATALHA DE ALCÁCER QUIBIR**

*(Dom Sebastião a Caminho da África - Carlos Pena Filho)*

*Olhai, Senhor, para estas naus e vede  
a quanto obrigam reino e cristandade;  
atrás de nós já se ergue esta parede  
de vento e mar e tempo e soledade*

*e à frente nos esperam sol e sede  
e, mais que sede e sol, crua saudade  
que pelas noites sem limites há-de  
frequentar nosso abismo impuro. Sede*

*pois tão piedoso e justo quanto deve  
ser um Deus para um servo e um soldado  
que a proeza tamanha enfim se atreve  
só porque julga ser do vosso agrado.*

*Mas não deixeis que volte sem vitória:  
embora perca a vida, encontre a glória.*

O segundo quadro do desfile mostra os preparativos e alguns aspectos políticos e religiosos que tornaram possível esta campanha quase suicida que Dom Sebastião liderou em favor da guerra no deserto marroquino.

Ao se aliar a Mulei Mohamed, sobrinho do sultão Mulei Moluco do Marrocos, o monarca português se lançava a uma aventura que poderia custar o futuro do trono português, já que até àquela altura Dom Sebastião não havia se casado, e, assim, não havia constituído herdeiros. Obcecado por derrotar os marroquinos, arregimentou um exército que não seria capaz de vencer o inimigo do norte da África. Para isso, evocou a força mística do santo que lhe deu o nome e buscou coragem nas armas e paramentos reais dos seus antepassados, como a espada de Dom Afonso Henriques e o Elmo de Carlos V. Em Alcácer Quibir, que significa “grande fortaleza”, aconteceria o sangrento combate que também teria o nome de “Batalha dos Três Reis”, por ali terem desaparecido Dom Sebastião, Mulei Moluco e Mulei Mohamed. Após a derrota do exército português, surgiram especulações sobre o real paradeiro de Dom Sebastião, dentre as quais se acreditava que o monarca não havia morrido. Esta dúvida em relação à morte do rei levou o povo de Portugal e os habitantes da recém-criada colônia lusitana no Brasil a cultivarem a esperança de que um dia Dom Sebastião voltaria.

### **Setor 03 (PROFUNDEZAS DO OCEANO ATLÂNTICO):** **O REI QUE MORA NO MAR**

Muitas lendas e mitos surgiram em torno de Dom Sebastião. Entre elas, a de que o Rei e seu exército, ao se encantarem nos areais do deserto Marroquino de Alcácer Quibir, embarcaram em uma nau imaginária e seguiram para o fundo do Oceano Atlântico. Perto da costa maranhense, Dom Sebastião reinaria no fundo do mar ao lado da chamada Família dos Lençóis, composta por nobres, servos e encantados que habitam o suntuoso palácio de cristal. Sob as águas, Dom Sebastião dominaria os segredos da encantaria, que reúne entidades que não passaram necessariamente pela morte física, mas que desapareceram misteriosamente, ressurgindo em forma de peixes, pedras, conchas, búzios e muitos seres presentes na natureza. Assim, Dom Sebastião teria dado seguimento à própria vida interrompida na batalha, tendo ao seu lado a mística princesa Iná, filha com quem divide o trono do reino subaquático.

### **Setor 04 (MARANHÃO):** **TAMBORES AO REI**

Batizado no couro do tambor de mina, Dom Sebastião é celebrado nos terreiros maranhenses como espírito de cura, de nobre temperamento e conhecedor dos segredos da vida e da morte. Entre os centros de culto ao espírito de Dom Sebastião está a ilha dos Lençóis, localizada em Cururupu, município que fica na região norte do estado, a mais de 200 quilômetros da capital São Luís. Lá vive uma comunidade de albinos que cultuam Dom Sebastião em cerimônias espirituais. Nas noites de lua cheia, a presença de Dom Sebastião prateia as águas do mar, criando uma atmosfera mística de intensa energia espiritual. Mas a lenda mais famosa da região diz que Dom Sebastião está encantado sob a forma de um majestoso touro negro. A pessoa que cravar uma espada na estrela localizada na testa no animal irá desfazer o encanto e o touro se transformará em Dom Sebastião. A indumentária

opulenta do rei português também teria inspirado a criação das vestes do bumba-meu-boi, um dos mais expressivos folguedos maranhenses, repleto de brilhos, cores, ritmos e danças.

**Setor 05 (SERTÃO NORDESTINO):**  
**LEVANTA O POVO EM TEU NOME, SEBASTIÃO!**

A crença na volta de Dom Sebastião não se restringiu ao misticismo das lendas e às celebrações dos folguedos. Ela penetrou no imaginário da população em várias partes do Brasil, especialmente no sertão nordestino. No Século XIX, *sangrou a terra onde a paz chorou a guerra* pela vinda do Rei, fazendo eclodir três episódios com desfechos trágicos: o arraial erguido na serra do Rodeador, o massacre da Pedra Bonita (ambos no sertão pernambucano) e a criação da comunidade de Canudos, no sertão da Bahia. Nas pedras do Rodeador, o desertor das milícias de Dom João VI, Silvestre José dos Santos, criou entre 1817 e 1820 a primeira comunidade sebastianista do país. Os seguidores acreditavam que Dom Sebastião voltaria à frente do seu exército para guiar o povo rumo ao paraíso terreal, um reino de fartura em plena paisagem árida do sertão. Mas o sonho dessa comunidade alternativa terminou em tragédia. Estima-se que foram mortas cerca de noventa pessoas e mais de cem ficaram feridas após o ataque das forças comandadas pelo capitão general de Pernambuco, Luís do Rego Barreto. O arraial foi inteiramente queimado e destruído pelas forças oficiais do império. Já entre os anos de 1836 e 1838, em outro povoado, localizado na cidade de São José do Belmonte, em Pernambuco, formou-se uma nova comunidade sebastianista. Liderados por João Antônio dos Santos, os camponeses acreditavam que Dom Sebastião voltaria caso as pedras do lugar fossem banhadas com o sangue dos inocentes. Ao todo, foram 87 pessoas mortas, parte delas em sacrifícios para o retorno de Dom Sebastião e outra parte pela batalha de retomada da comunidade, ocorrida entre os dias 14 e 18 de maio de 1838. Assim como aconteceu no Rodeador, o arraial sucumbiu. A tragédia inspirou José Lins do Rego a escrever o romance “Pedra Bonita”, publicado em 1938, ano do centenário do massacre. Já em 1971, Ariano Suassuna lança “O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta”, um marco para a literatura brasileira e para o movimento armorial, que reúne elementos da cultura cabocla, sertaneja e nordestina, mesclados com as tradições do mundo ibérico. Até hoje, a população local realiza a cavalgada de São José do Belmonte, município que foi sede do massacre da Pedra Bonita. Cavaleiros vestidos nas cores azul e encarnado relembram torneios medievais e também revivem a disputa entre cristãos e mouros, tal qual aconteceu na batalha de Alcácer Quibir, em que Dom Sebastião desapareceu. A cavalgada parte da Igreja Matriz de São José e segue até a Serra do Catolé, onde está localizada a Pedra do Reino. Por fim, chegamos ao mais famoso dos movimentos sebastianistas, Canudos. O líder do movimento, Antônio Conselheiro, era um contrarrevolucionário monarquista que, em pleno alvorecer da República, representava uma ameaça à forma de governo recém-estabelecida. Uma sequência de secas calamitosas aumentava o desalento da população, que viu no messiânico Antônio Conselheiro a figura de um salvador. O beato dizia que Dom Sebastião iria ressurgir para restaurar a monarquia no Brasil. Os seguidores de Antônio Conselheiro formaram um modelo de economia comunitária, causando uma grande crise de mão-de-obra e desafiando o poder dos coronéis da região. A exemplo do que ocorreu com os movimentos da Pedra

Bonita e do Rodeador, o arraial foi destruído violentamente pelo aparato oficial do Estado brasileiro. O escritor Euclides da Cunha, que acompanhou de perto a luta em Canudos, publicou anos mais tarde o clássico “Os Sertões”. Os três episódios ilustram a crença na imagem de Dom Sebastião como um restaurador da justiça social, um ente mitológico que traria a fartura a seu povo. E é sob essa crença que chegaremos ao ponto derradeiro do enredo: a mística cidade fundada durante o reinado de Dom Sebastião, o Rei, e abençoada por Sebastião, o Santo.

**Setor 06 (RIO DE JANEIRO):**  
**GLÓRIA AO SANTO PADROEIRO**

Em 20 de janeiro de 1567, deu-se a batalha de Uruçumirim. A paliçada (fortificação de defesa) franco-tamoia foi atacada pelos portugueses, aliados dos temiminós. No combate, Estácio de Sá, que dois anos antes havia fundado a cidade do Rio de Janeiro, foi atingido por uma flecha envenenada justamente no dia consagrado a São Sebastião. Essa série de intercruzamentos históricos constitui uma importante fonte de acontecimentos que nos leva a entender melhor os destinos da nossa cidade, que nasceu a flecha e fogo. A cada 20 de janeiro, terreiros e igrejas celebram seus santos: Oxóssi, entidade da caça e da flecha certa; e São Sebastião, padroeiro do Paraíso do Tuiuti, cuja imagem da flecha em seu peito nos inspira a estabelecer um paralelo com a situação atual da cidade. O carioca está ferido. E roga às divindades para que o Santo liberte o rei que existe dentro de cada um. O Rio do peito flechado é a cidade que, um dia se partiu e hoje se retalha em disputas insanas por território e poder, para as quais os governos não conseguem dar respostas. A fé em Sebastião, Santo e Rei, mais que um elo religioso e histórico, é uma forma de aglutinação popular que se manifesta na esperança em uma entidade que um dia há de vir para restaurar o poder maior do povo: a união em nome da paz e da justiça social. Aqui, Santo e Rei são um só espírito que se levanta na eterna batalha da sobrevivência. São os “tours” que precisamos desencantar para coroar a majestade real, o POVO-REI!!

# ROTEIRO DO DESFILE

**SETOR 01 (ABERTURA)**  
**O NASCIMENTO DE DOM SEBASTIÃO SOB A MÍSTICA DO 20 DE**  
**JANEIRO**

**Comissão de Frente**  
**UM SEBASTIÃO NÃO FALHA!**

**Guardiões**  
**SOB AS**  
**BENÇÃOS**  
**DO DIVINO**

**1º Casal de**  
**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Marlon Flores e Danielle Nascimento**  
**DOM JOÃO MANUEL E PRINCESA**  
**JOANA DA ÁUSTRIA**

**Guardiões**  
**SOB AS**  
**BENÇÃOS**  
**DO DIVINO**

**Tripé**  
**ABERTURA DO CORTEJO PARA O**  
**MENINO-REI**

**Ala 01 – Baianas**  
**O JÚBILO DOS DEUSES**

**Ala 02 – Comunidade (Coreografada)**  
**BOM AUGURO AO REI**

**Grupo**  
**ANUNCIADORES DO REI DESEJADO**

**Alegoria 01 (Abre-Alas):**  
**SOB AS BÊNÇÃOS DO SANTO E PARA A**  
**GLÓRIA DE PORTUGAL: VIVA O REI**  
**DESEJADO!**

**SETOR 02**  
**A BATALHA DE ALCÁCER QUIBIR**

**Ala 03 – Comunidade**  
**A ESPADA DE DOM AFONSO**  
**HENRIQUES**

Ala 04 – Comunidade  
O ELMO DE CARLOS V

Ala 05 – Comunidade  
A FÉ CRISTÃ: PELA HONRA E PELA  
GLÓRIA DA RECONQUISTA

Ala 06 – Comunidade (Ala Performática)  
NAUS EM DIREÇÃO AO MARROCOS

Ala 07 – Comunidade  
MULEI MOHAMED:  
O ALIADO NA BATALHA

Ala 08 – Comunidade (Coreografada)  
A BATALHA DE ALCÁCER QUIBIR:  
PORTUGUESES X MARROQUINOS  
(Dois Figurinos)

Musa  
Quitéria Chagas  
PRENÚNCIO DA BATALHA ÉPICA

**Alegoria 02**  
**O ENCANTAMENTO DE DOM SEBASTIÃO NA**  
**BATALHA DE ALCÁCER QUIBIR**

**SETOR 03**  
**O REI QUE MORA NO MAR**

Ala 09 – Comunidade  
O NAVIO ENCANTADO DE DOM  
SEBASTIÃO

Ala 10 – Comunidade (Coreografada)  
ENCANTO DE AREIA E MAR  
(Dois Figurinos)



Destaque de Chão  
Alex Coutinho  
ESPLENDOR AQUÁTICO

Ala 11 – Passistas  
GUARDIÕES DOS TESOUROS  
MARINHOS  
(Dois Figurinos)

Rainha da Bateria  
Lívia Andrade  
NINFA DAS ÁGUAS MÍSTICAS

Princesa da Bateria  
Jullia Farias  
ENCANTO DE MARÉ

Ala 12 – Bateria  
O EXÉRCITO DE ENCANTADOS

Ala 13 – Comunidade  
ENCANTADOS MARINHOS

Ala 14 – Comunidade  
A CORTE DOS REIS SUBMERSOS: DOM  
LUÍS DE FRANÇA, DOM MANUEL E  
RAINHA BÁRBARA SOEIRA  
(Três Figurinos)

Musa  
Mylla Ribeiro  
PRECIOSIDADE DO PALÁCIO  
ENCANTADO

**Alegoria 03**  
**O PALÁCIO MARINHO DE DOM SEBASTIÃO**

**SETOR 04**  
**TAMBORES AO REI**

Ala 15 – Comunidade (Coreografada)  
BATIZADO NO COURO DO TAMBOR  
DE MINA  
(Dois Figurinos)

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Wesley Cherry e Rebeca Tito**  
**O LUAR CLAREIA A NOITE EM**  
**CURURUPU**

Ala 16 – Comunidade  
**ALBINOS DA ILHA DOS LENÇÓIS**

Ala 17 – Comunidade  
**LUA CHEIA E MAGIA**

Ala 18 – Comunidade  
**O CABOCLO DOM SEBASTIÃO**

Ala 19 – Comunidade  
**A LENDA DO TOURO NEGRO**  
**COROADO**

Musa  
Fernanda Florentino  
**AMERÍNDIA**

Musa  
Renata Vargas  
**FEITIÇO CABOCLO**

**Alegoria 04**  
**O MAJESTOSO TOURO NEGRO COROADO**

**SETOR 05**  
**LEVANTA O POVO EM TEU NOME, SEBASTIÃO!**

Ala 20 – Comunidade  
**PARAÍSO TERREAL: EM BUSCA DA**  
**TERRA PROMETIDA**

Ala 21 – Comunidade  
**DOM SEBASTIÃO, O REI DO SERTÃO**

Ala 22 – Comunidade  
**A PEDRA DO REINO**

Ala 23 – Comunidade  
A CAVALGADA DE  
SÃO JOSÉ DO BELMONTE

Destaque de Chão (Personagem)  
Rodrigo Avellar (Coreógrafo)  
ANTÔNIO CONSELHEIRO

Ala 24 – Comunidade (Teatralizada)  
CANUDOS: OS SEGUIDORES DO  
BEATO ANTÔNIO CONSELHEIRO  
(Diversos Figurinos)

Musa  
Mary Mola  
UTOPIA SEBASTIANISTA

Musa  
Mayara Lima  
SONHO DE PROSPERIDADE

Tripé  
CANUDOS E  
O SEBASTIANISMO SERTANEJO

**SETOR 06**  
**GLÓRIA AO SANTO PADROEIRO**

Ala 25 – Comunidade  
ESTÁCIO DE SÁ E A CIDADE NASCIDA  
A FLECHA E FOGO

Ala 26 – Comunidade  
DEVOÇÃO AO SANTO PADROEIRO

Ala 27 – Comunidade  
SÃO SEBASTIÃO DE OXÓSSI

Ala 28 – Comunidade  
A ALCÁCER QUIBIR NOSSA  
DE CADA DIA

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Ewerton Anchieta e Cássia Maria**  
**OH, PADROEIRO! QUE É LUZ E**  
**DEVOÇÃO, ABENÇOAI MEU QUERIDO**  
**PAVILHÃO!**


Personagens (à frente do cortejo)  
CARDEAL E COROINHAS

Ala 29 – Comunidade (Coreografada)  
20 DE JANEIRO:  
A PROCISSÃO A SÃO SEBASTIÃO  
(Diversos Figurinos)

**Alegoria 5**  
**O CORTEJO VAI SUBIR PARA SAUDAR**  
**SEBASTIÃO**

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) João Vitor Araújo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé</b></p> <p><b>ABERTURA DO CORTEJO PARA O MENINO-REI</b></p>  <p><i>* Esta imagem é de um croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética na execução da alegoria.</i></p>	<p>Um pórtico em estilo manuelino anuncia a chegada do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, trazendo as bênçãos e dádivas ao menino Sebastião.</p> <p><b>Destaque central alto:</b> Renata Marins. Fantasia: Anunciação.</p> <p><b>Personagem central baixo</b> – Fantasia: O Menino-Rei Sebastião.</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) João Vitor Araújo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>SOB AS BÊNÇÃOS DO SANTO E PARA A GLÓRIA DE PORTUGAL: VIVA O REI DESEJADO!</b></p>  <p><i>* Esta imagem é de um croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética na execução da alegoria.</i></p>	<p>A alegoria traz elementos da arquitetura manuelina, estilo que marcou o período de apogeu do império português durante os grandes descobrimentos. Na segunda metade do Século XVI, a situação política e econômica portuguesa já não era como no início do Século. A corte, porém, acalentava o sonho de reviver as glórias recentes. Glórias essas que foram depositadas na esperança da vinda do Rei Dom Sebastião, que nasceu sob as bênçãos do Santo que lhe deu o nome. O estilo manuelino tem aspirações messiânicas ao fazer lembrar às futuras gerações a época de ouro do reino português ornando construções e ostentando o esplendor lusitano com arcos, pórticos, treliças e outros elementos decorativos trabalhados com muitos detalhes. Como o enredo se passa nos domínios do encantamento, a visão solene das ornamentações portuguesas é complementada com formas azulejadas e com a leveza das fitas presentes no folclore brasileiro em festas como o reisado, folguedo que celebra a visita dos reis magos ao menino Jesus. Os arqueiros representam as flechas de bom auguro lançadas sobre o Rei. Os touros azulejados à frente são alegorias à bravura indomável de Dom Sebastião e prenunciam a presença mística do Rei nas terras encantadas do Maranhão. A grande estrela representa o nascimento do monarca tão aguardado. Acima, a coroa portuguesa simboliza o poder da dinastia de Avis que recai sobre o menino que acaba de nascer. Nas laterais, esculturas de São Sebastião lembram a devoção ao Santo. Nos fundos do carro, um barco aponta como flecha para os caminhos das encantarias do Rei Desejado.</p> <p><b>Destaque Central Médio (1º chassi):</b> Marcos Teixeira.</p> <p>Fantasia: Papa Gregório XIII (Papa que deu ao menino Sebastião as flechas que teriam atingido São Sebastião durante o martírio).</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) João Vitor Araújo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>SOB AS BÊNÇÃOS DO SANTO E PARA A GLÓRIA DE PORTUGAL: VIVA O REI DESEJADO!</b></p>   <p><i>* Esta imagem é de um croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética na execução da alegoria.</i></p>	<p><b>Destaque Central Alto (2º chassi):</b> Diogo Ribeiro Fantasia: Heráldica Portuguesa (Traz o símbolo da dinastia de Avis, vestindo-se com a armadura e os ornamentos dos reis em batalha).</p> <p><b>Semi-destaque direito:</b> Esplendor da Corte Portuguesa – <i>Cláudio Hillary</i></p> <p><b>Semi-destaque esquerdo:</b> Esplendor da Corte Portuguesa – <i>Anderson dos Santos</i></p> <p><b>Composições (quadripés):</b> Bênçãos ao Rei</p> <p><b>Composições 1:</b> Folia ao Rei (feminino)</p> <p><b>Composições 2:</b> Brincantes da Corte Lusitana (Masculino)</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) João Vitor Araújo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>O ENCANTAMENTO DO DOM SEBASTIÃO NA BATALHA DE ALCÁCER QUIBIR</b></p>  <p><i>* Esta imagem é de um croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética na execução da alegoria.</i></p>	<p>A grande batalha em que Dom Sebastião desapareceu é representada nesta segunda alegoria, que traz símbolos da cultura moura surgindo como miragem em pleno areal do deserto marroquino. De um lado estão os aliados de Dom Sebastião; do outro, os soldados de Mulei Moluco. Naquele 4 de agosto de 1578, estava sendo escrito um dos mais dramáticos capítulos da epopeia portuguesa. A derrota de Portugal em Alcácer Quibir foi esmagadora, sendo considerada a maior da história lusitana em batalha. Ao centro está uma grande escultura de Dom Sebastião no momento do seu encantamento no combate. O Rei Desejado desapareceria em pleno campo de guerra, mas viveria para sempre nas lendas e no imaginário do povo que o reinventaria das mais diversas maneiras, nos mais diferentes recantos. Sem sucessor para a coroa, o reino de Portugal foi unificado ao da Espanha, na chamada União Ibérica, que levaria ao trono a dinastia Filipina. As esculturas que sustentam a coroa na parte traseira são alegorias às divindades que se levantam para que a memória de Dom Sebastião jamais se perca nas areias do tempo.</p> <p><b>Destaque:</b> Luiz Vigneron.  Fantasia: O Rei Encantado (Representa a nova manifestação de Dom Sebastião, agora monarca das encantarias).</p> <p>Teatralização  <b>Composições 1:</b> Soldados Mouros  <b>Composições 2:</b> Soldados Cristãos</p>




## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) João Vitor Araújo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>O PALÁCIO MARINHO DE DOM SEBASTIÃO</b></p>  <p><i>* Esta imagem é de um croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética na execução da alegoria.</i></p>	<p>Dizem que sob as águas tropicais do Atlântico, Dom Sebastião faz morada. Vive em um grande palácio marinho, cheio de tesouros ocultos, protegidos por servas, ninfas e guardiões. No reino das grandes águas, Dom Sebastião mora com sua família de encantados, onde vive também a filha que ele nunca teve quando foi Rei, a Princesa Iná. Torres em caracóis, águas-vivas e ornamentos aquáticos estão presentes na alegoria, que é um castelo estilizado erguido e ornado em cores que remetem ao fundo do oceano, onde Dom Sebastião foi tomar lugar após o desaparecimento na Batalha de Alcácer Quibir. Na parte traseira, uma serpente marinha faz a ligação com as encantarias maranhenses, lugar no qual o Rei passou a ser cultuado por diversos folguedos e místicas celebrações religiosas.</p> <p><b>Semi-destaque Esquerdo</b> – Fantasia: Serva da Realeza Subaquática – <i>Davina Samba</i></p> <p><b>Semi-destaque Direito</b> – Fantasia: Serva da Realeza Subaquática – <i>Nathaly Liberdade</i></p> <p><b>Semi-destaque Central:</b> Roberta. Fantasia: Princesa Iná (a filha de Dom Sebastião)</p> <p><b>Destaque Central Baixo:</b> Tuane Rocha. Fantasia: A Joia do Palácio</p> <p><b>Destaque Central Médio:</b> Alex Araújo. Fantasia: O Rei que Mora no Mar</p> <p><b>Destaque Central Alto:</b> Ton Brício. Fantasia: Riquezas do Castelo de Dom Sebastião</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Preciosidades Marinhas <b>Composições:</b> Águas Vivas (Coreografada) <b>Composições:</b> Guardiões do Palácio Real (Teatralizado)</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> João Vitor Araújo		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
04	<p><b>O MAJESTOSO TOURO NEGRO COROADO</b></p>  <p><i>* Esta imagem é de um croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética na execução da alegoria.</i></p>	<p>Dizem que em noite de lua cheia, vagueia pelos areais da Praia dos Lençóis um majestoso touro negro encantado. Esse touro é Dom Sebastião. O encanto se desfaz se alguém cravar uma espada na testa do animal, revelando o Rei que se manifesta de forma mística e imponente a quem nele acreditar. Em tons que remetem à noite e ao mistério, a alegoria busca reproduzir o encantamento que envolve a lenda do touro negro, que se enfeita com as vestes do Rei para ressurgir como uma entidade da encantaria maranhense cultuada nos terreiros.</p> <p><b>Destaque Central Médio:</b> Chris. Fantasia: O Encanto da Lua Cheia</p> <p><b>Destaque Central Baixo:</b> Jorge Amarelloh. Exuberância Noturna.</p> <p><b>Semi-destaque Esquerdo:</b> Luiz. Fantasia: Sacerdote da Encantaria</p> <p><b>Semi-destaque Direito:</b> Fábio Aragão. Fantasia: Súdito do Rei da Encantaria.</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Noite de Encantarias</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> João Vitor Araújo		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
*	<p><b>Tripé</b></p> <p><b>CANUDOS E O SEBASTIANISMO SERTANEJO</b></p>  <p><i>* Esta imagem é de um croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética na execução da alegoria.</i></p>	<p>Canudos era uma comunidade mística no sertão da Bahia, localizada em uma região extremamente árida. O líder do arraial, o cearense Antônio Conselheiro, anunciava a volta de Dom Sebastião e fundou em meio ao cenário inóspito da caatinga um núcleo de insurgentes fiéis. Os seguidores de Antônio Conselheiro resistiram a três expedições e só sucumbiram na quarta, após a chegada de um exército de mais de 3 mil homens armados de canhões. O tripé apresenta elementos da vegetação seca da região e reproduz a paisagem sertaneja onde viveram os mais de 400 habitantes de Canudos.</p> <p><b>Destaque Central Alto:</b> Dida. Fantasia: Martírio Solar.</p> <p><b>Destaque Central Baixo:</b> Marcinho. Fantasia: Incandescência.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) João Vitor Araújo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>O CORTEJO VAI SUBIR PARA SAUDAR SEBASTIÃO!</b></p>  <p><i>* Esta imagem é de um croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética na execução da alegoria.</i></p> <p><b>Velha-Guarda</b></p> 	<p>Um grande altar desfila pela Avenida Marquês de Sapucaí para saudar a “<i>muy heroica</i>” São Sebastião do Rio de Janeiro, fundada durante o reinado de Dom Sebastião, Rei de Portugal. Lugar de contrastes, é a cidade retalhada que a cada 20 de janeiro, nas ruas e nos terreiros, clama proteção aos santos Sebastião e Oxóssi para que livrem o povo das flechas atiradas contra si nas batalhas de todo dia. Sebastião é o símbolo de uma força inexplicável que mora dentro de cada um e somente com a união popular a cidade será desencantada. E assim surgirá o verdadeiro povo-rei erguido e coroado na esperança de viver em um lugar com paz e justiça social.</p> <p><b>Destaque Central Médio:</b> Marcelo de Almeida. Fantasia: Okê, Arô!</p> <p><b>Destaque central baixo:</b> Samile Cunha. Fantasia: Memórias Sebastianistas</p> <p><b>Velha-Guarda</b> – Fantasia: Devoção ao Santo Padroeiro</p> <p><b>Composições Femininas:</b> Relicários do Santo-Rei.</p> <p><b>Grupo:</b> Povo Ferido. (teatralizado)</p> <p><b>Rei do Povo (parte traseira):</b> Leonardo Diniz</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p>Renata Marins Dida Marcos Texeira Marcelo de Almeida Diogo Ribeiro Luiz Vigneron Ton Bricio Alex Araújo Tuane Rocha Cristiane Ekberg Jorge Amarelloh Samile Cunha Marcinho</p>	<p>Psicóloga e Primeira Dama da Escola Cabelereiro Estilista Figurinista Estilista Hair Style Professor Maquiador Modelo Empresária Bailarino e Coreógrafo Professor e Figurinista Bailarino</p>
<p><b>Local do Barracão</b> Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ</p>	
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Júlio César e Renan</p>	
<p><b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Gilberto</p>	<p><b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Robinho e Brian</p>
<p><b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Wendell Azevedo</p>	<p><b>Pintor Chefe de Equipe</b> Fábio Carvalho “file”</p>
<p><b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Natanael Ferreira</p>	<p><b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Antônio</p>
<p><b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b></p> <p>Paulinho da Luz - Responsável pela iluminação cênica, instalando cabeamento, plugs, equipamentos como dimmers, refletores e mesa de comando, assim possibilitando uma luz cênica e criativa aos carros alegóricos.</p>	



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**



João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Sob as Bênçãos do Divino</b></p> 	<p>Os guardiões representam as bênçãos dos arcanjos de ordem superior lançadas ao futuro Rei. Inspirados em figuras típicas de festas populares brasileiras, misturados com elementos da cultura portuguesa, os brincantes fazem a guarda do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira com pompa e majestade.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Marcia Frey Coreógrafa</p>
01	<p><b>O Júbilo dos Deuses</b></p> 	<p>As baianas do Paraíso do Tuiuti, devotas do sagrado amor ao samba, representam a alegria e o regozijo dos deuses pela chegada do Rei menino. As cores do pavilhão da escola estão em destaque na fantasia, que traz em dourado o fausto da coroa portuguesa e em azul a arte da azulejaria que reveste algumas das construções mais imponentes de Portugal, tornando-se marca inconfundível da cultura lusitana. Ao rodarem suas saias, as baianas da Paraíso do Tuiuti celebram a glória pelo nascimento de Dom Sebastião, o Rei Desejado.</p>	<p>Ala das Baianas (1952)</p>	<p>Tia Sandra Maria</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
João Vitor Araújo				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
02	<b>Bom Auguro ao Rei Menino!</b> 	<p>Seguindo a mistura de elementos da folia de reis brasileira com signos da cultura portuguesa, como tecidos azulejados, o figurino desta ala do setor de abertura do desfile representa os desejos de bom auguro de São Sebastião trazido como dádivas ao novo Rei. A imagem do monarca infante é representada por um pequeno touro estilizado que vem nas mãos dos brincantes.</p>	<p>Comunidade (Coreografada)  (2019)</p>	<p>Luciana Yegros Coreógrafa</p>
*	<b>Anunciadores do Rei Desejado</b> 	<p>À frente do carro abre-alas, desfilam os mestres de cerimônia da corte que anunciam com toda a pompa o nascimento do Rei Dom Sebastião. Com altivez, representam os arautos da boa aventura em um momento de renovação da esperança pela vinda do herdeiro da dinastia de Avis, responsável pelos tempos de maior apogeu da história de Portugal.</p>	<p>Grupo (2019)</p>	<p>Marcio Moura Coreógrafo</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**

João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>A Espada de Dom Afonso Henriques</b></p> 	<p>Dom Sebastião cresceu ouvindo as histórias de lutas dos grandes monarcas em nome da fé e da conquista sobre outros povos. Tornou-se obcecado pela tomada do norte da África, região dominada pelos mouros. Reza a lenda que, ao decidir lançar-se à guerra contra os marroquinos, Dom Sebastião foi presenteado com a espada do lendário rei Dom Afonso Henriques, soberano guerreiro que obteve vitórias épicas sobre os soldados mouros e fez de Portugal um Estado unificado, em meados do Século XII. Esta era uma das glórias que Dom Sebastião se aventurava a reviver, e para isso, utilizou-se dos paramentos reais herdados pelos seus antepassados.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>
04	<p><b>O Elmo de Carlos V</b></p> 	<p>Além da espada do Rei Dom Afonso Henriques, Dom Sebastião receberia também como presente antes da grande batalha o elmo de Carlos V da Espanha, seu avô. A peça lhe teria sido oferecida por Felipe II da Espanha, que, depois do desaparecimento de Dom Sebastião, subiria ao trono dos reinos de Portugal e Espanha, com a chamada União Ibérica. O paramento foi apresentado aos soldados aliados como forma de mostrar ao exército português que Dom Sebastião estava unido com o poder místico das armas dos seus antepassados.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<b>A Fé Cristã: Pela Honra e Pela Glória da Reconquista</b> 	<p>Educado por jesuítas, que lhe ensinaram muitas das doutrinas cristãs, Dom Sebastião cresceu movido por um impulso que o dominava: reviver as guerras de reconquista da península ibérica pelos cristãos após séculos de dominação moura. Confundindo a glória de Portugal com sua própria ambição de glória, o rei seguiu com o plano de invadir o território marroquino no norte da África. Assim, pretendia reeditar as batalhas contra os chamados infiéis como forma de restaurar as grandes conquistas portuguesas em nome de Cristo no período das Cruzadas.</p>	Ala da Comunidade (2019)	Direção de Carnaval e Harmonia
06	<b>Naus em Direção ao Marrocos</b> 	<p>No dia 25 de junho de 1578, o exército de Dom Sebastião embarcou na costa do Algarve, sul de Portugal, em naus que singraram as águas até chegar à cidade de Tânger, no norte do Marrocos. Ali, os soldados se juntariam, em terra, a outra tropa para o grande combate que aconteceria nos areais de Alcácer Quibir.</p>	Ala da Comunidade (Performática) (2019)	Ricardo Testa Mauro Junior Coreógrafos


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>Mulei Mohamed: O Aliado na Batalha</b></p> 	<p>A tropa que se uniu ao exército de Dom Sebastião foi organizada pelo rei Mulei Mohamed, sobrinho do rei marroquino Mulei Moluco. Mohamed tornou-se um aliado de Dom Sebastião porque queria recuperar o trono que havia sido usurpado pelo tio. Ao lado do rei Moluco e do rei Sebastião, Mohamed desapareceu durante o combate, que ganharia o nome de “Batalha de Alcácer Quibir” ou “Batalha dos Três Reis”. A fantasia é inspirada nos trajes reais marroquinos para simbolizar o poder das dinastias dos sultões no norte da África.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval de Harmonia</p>
08	<p><b>A Batalha de Alcácer Quibir: Portugueses x Marroquinos</b></p> 	<p>Em 4 de agosto de 1578 teve início a sangrenta batalha de Alcácer Quibir. Espadas de Cristo e de Alá se levantaram umas contra as outras nas areias marroquinas. Dividida em duas partes, a ala representa os soldados dos dois exércitos que combateram durante quatro dias seguidos até a derrota final dos portugueses, dando início a uma grave crise de sucessão do trono lusitano.</p>	<p>Ala da Comunidade (Coreografada) (2019)</p>	<p>Tio Fábio Coreógrafo</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
João Vitor Araújo				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>O Prenúncio da Batalha Épica</b></p> 	<p>O grande conflito se aproxima nos areais marroquinos e, como miragem, uma deusa surge para anunciar o combate.</p>	<p>Musa #1 (2019)</p>	<p>Quitéria Chagas</p>
09	<p><b>O Navio Encantado de Dom Sebastião</b></p> 	<p>Após o desaparecimento do rei na batalha de Alcácer Quibir, diversas lendas começaram a surgir, tanto em Portugal quanto no Brasil. Uma delas dizia que depois da derrota no deserto marroquino, o rei navegou mar adentro em uma nau encantada, onde tomaria seu lugar de monarca em um novo reino no fundo do oceano.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval de Harmonia</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Encanto de Areia e Mar</b></p> 	<p>O mar se transformou na nova morada de Dom Sebastião. Ao lado de encantados, o monarca viria a governar sob o reino das águas salgadas. A ala desfila com dois figurinos distintos:</p> <p>O primeiro representa as areias das praias da costa maranhense, miragem que acabou por confundir o Rei com os areais do deserto em que se deu a derradeira batalha;</p> <p>O segundo figurino representa as águas revoltas que o tragaram para o fundo do oceano.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Claudio Andrade Coreógrafo</p>
*	<p><b>Esplendor Aquático</b></p> 	<p>Todas as pompas e circunstâncias, estão representadas nesta fantasia repleta de elementos aquáticos. Alex brilhará a frente dos seus passistas com a exuberância das cores verde, azul, prata e lilás</p>	<p>Destaque de Chão (2019)</p>	<p>Alex Coutinho</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<b>Guardiões dos Tesouros Marinhos</b> 	Dizem que o reino de Dom Sebastião no fundo do mar esconde tesouros encantados de valor incalculável. É lá que vivem guardiões marinhos vestidos de pérolas e conchas que se movem compassadamente na cadência das marés.	Passistas (1952)	Alex Coutinho
*	<b>Ninfa das Águas Místicas</b> 	Ninfa das Águas Místicas – Todo encanto que se esconde no fundo do mar surge resplandecente em forma de uma bela ninfa. Guardiã do exército de encantados, ela seduz e afasta os que ousarem se aproximar dos domínios submarinos de Dom Sebastião.	Rainha de Bateria (2019)	Lívia Andrade
*	<b>Encanto de Maré</b> 	Dizem que nas profundezas do Oceano vive uma princesa mística que comanda o vaivém das marés. Bela e misteriosa, ela enfeitiça a todos com seu gingado e encanto.	Princesa da Bateria (2019)	Jullia Farias



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**


João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p><b>O Exército de Encantados</b></p> 	<p>O ruidoso exército de encantados de Dom Sebastião avança pelas águas na imensidão do oceano. Após a batalha fatal em Alcácer Quibir, o Rei se encantou junto com os seus soldados, que fielmente o protegem e fazem sua corte nas profundezas do Atlântico.</p>	<p>Bateria (1952)</p>	<p>Mestre Ricardinho</p>
13	<p><b>Encantados Marinhos</b></p> 	<p>Os encantados são entes que desapareceram misteriosamente e hoje seus espíritos vivem em outros seres como pedras, plantas e peixes. Não significa que passaram necessariamente pela morte física, mas encontram-se em outro estágio no plano espiritual. Os seguidores da linha mística de Dom Sebastião acreditam que muitos dos que se encantaram na batalha se engeraram (ou se transmutaram) em animais marinhos e plantas aquáticas, como as que são apresentados nesta fantasia.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<b>A Corte dos Reis Submersos: Dom Luís de França, Dom Manuel e Rainha Bárbara Soeira</b>  	<p>Esta ala, formada por desfilantes em três figurinos, representa a nobre corte dos encantados. É a realeza submersa que recebeu Dom Sebastião após o monarca português ter se encantado na batalha de Alcácer Quibir.</p> <p>Habitantes do fundo das águas, os reis encantados são:</p> <p><b>Dom Luís de França</b>, soberano que subiu ao trono no ano de 1226. Dizem que após se encantar, foi morar nos domínios marinhos na costa de São Luís do Maranhão, cidade fundada pelos descendentes do seu reinado.</p> <p><b>Dom Manuel</b>, mais conhecido como Rei dos Mestres, é o grande monarca que ao lado de Dom Sebastião é senhor da glória portuguesa, encantado que baixa nos terreiros para guiar seu povo.</p> <p><b>Rainha Maria Bárbara Soeira</b>, cujos súditos de linhas ou famílias de caboclos a evocam no fundo do mar com um ponto que diz: <i>“Eu vou chamar meu povo para trabalhar / Maria Bárbara Soeira já vem beirando o mar / Ela vem beirando o mar / Ela vem beirando o mar / Maria Bárbara Soeira já vem beirando o mar”</i>.</p>	Ala da Comunidade (2019)	Direção de Carnaval e Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Preciosidade do Palácio Encantado</b></p> 	<p>O Palácio do Rei Submerso reúne tesouros marinhos ocultos nas mais profundas águas do Oceano.</p>	<p>Musa #2 (2017)</p>	<p>Mylla Ribeiro</p>
15	<p><b>Batizado no Couro do Tambor de Mina</b></p> 	<p>Tocam os tambores das casas da Mina para chamar Rei Sebastião. Com trajes típicos dos cerimoniais nos terreiros de Mina do Maranhão, o couro reverbera e os corpos balançam para receber o rei encantado, evocado no ponto: <i>“Rei, é o rei, Dom Sebastião, quem desencantar lençóis vai abaixo o Maranhão”</i>.</p>	<p>Ala da Comunidade (Coreografada)  (2019)</p>	<p>André Dedeco Coreógrafo</p>
16	<p><b>Albinos da Ilha dos Lençóis</b></p> 	<p>A ilha dos Lençóis, em Cururupu, no Maranhão, é conhecida por abrigar uma das maiores comunidades de albinos do mundo. Eles cultuam o encantado Rei Sebastião, o monarca encoberto que surge nas místicas dunas brancas em noites em que a lua prateia as águas do mar. Para os moradores dos Lençóis, é Rei Sebastião que manda na ilha. É ele quem zela, protege e espanta qualquer maldade que por ali chegar.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<b>Lua Cheia e Magia</b> 	<p>O misticismo em torno de Dom Sebastião construiu, no imaginário do povo maranhense, muitas crenças ligadas ao culto ao Rei. Em uma delas, dizem que em noites de Lua Cheia emerge das profundezas das águas um imponente touro negro. A magia e o misticismo que envolvem as crenças em torno do monarca dão um novo significado à figura de Dom Sebastião, cuja história vagou por continentes e mares até fazer morada no coração do povo.</p>	Ala da Comunidade (2019)	Direção de Carnaval e Harmonia
18	<b>O Caboclo Dom Sebastião</b> 	<p>Do Maranhão aos estados do Pará, Amapá e Amazonas, a crença em Dom Sebastião revive na cosmogonia afro-ameríndia dos povos que cultuam a memória do rei encantado. Segundo os iniciados, Rei Sebastião é uma entidade cabocla que vem à terra invocado pelos tambores, e surge ornado com as folhas sagradas da mata e as mais belas penas dos pássaros da floresta. Sua coroa real dá lugar ao cocar do pajé. As flechas que um dia feriram o padroeiro São Sebastião, agora servem para espantar os males pelo espírito guerreiro do rei batizado no couro do tambor.</p>	Ala da Comunidade (2019)	Direção de Carnaval e Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p><b>A Lenda do Touro Negro Coroado</b></p> 	<p>O imaginário popular criou diversas lendas e mitos sobre Dom Sebastião. A mais famosa diz que em noite de lua cheia surge nas dunas da praia dos Lençóis a majestosa figura de um touro negro encantado. O encanto se quebra se alguém cravar uma espada na testa do bravo animal. O touro é Dom Sebastião e suas ricas vestes inspiram os brincantes a fazerem os mantos do bumba-meu-boi, tradicional folgado maranhense.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>
*	<p><b>Ameríndia</b></p> 	<p>O vigor das danças e a exuberância dos cultos ameríndios se manifestam nos corpos que se deixam levar ao som dos tambores.</p>	<p>Musa #3 (2019)</p>	<p>Fernanda Florentino</p>
*	<p><b>Feitiço Caboclo</b></p> 	<p>O misticismo das noites de magia no Maranhão ganha ainda mais beleza com a manifestação de entidades que baixam nos terreiros para receber Dom Sebastião.</p>	<p>Musa #4 (2018)</p>	<p>Renata Vargas</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<b>Paraíso Terreal: Em Busca da Terra Prometida</b> 	<p>Do litoral para o sertão nordestino, a mística criada em torno da volta do Rei restaurador se espalhou pelo imaginário popular. Durante parte do Século XIX, movimentos sebastianistas eclodiram sobre o chão árido de algumas localidades do Nordeste. A crença de que Dom Sebastião voltaria para libertar a população da miséria e da fome atraiu camponeses que sonhavam com paraíso terreal. Na região da serra do Rodeador, no agreste pernambucano, entre 1817 e 1820 o líder Silvestre José dos Santos, desertor das milícias reais de Dom João VI, formou um pequeno povoado que acreditava ser ali um terreno propício para o florescimento de liberdade e justiça social. Esta terra prometida seria um lugar de muita fartura, reino cravejado de pedras preciosas e banhado em solo fértil. Nada faltaria aos que acreditassem no retorno do rei, que voltaria para promover a prosperidade e devolver a dignidade ao povo do sertão. O sonho acabou em massacre. Estima-se que foram mortas cerca de noventa pessoas e mais de cem ficaram feridas após o ataque das forças comandadas pelo capitão general de Pernambuco, Luís do Rego Barreto. O arraial foi inteiramente queimado e destruído pelas forças oficiais.</p>	Ala da Comunidade (2019)	Direção de Carnaval e Harmonia


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p><b>Dom Sebastião, o Rei do Sertão</b></p> 	<p>O sonho de que um dia o Rei Sebastião voltasse para libertar o povo da fome e da miséria foi acalentado por alguns grupos de camponeses, como os da Serra do Rodeador, da Pedra Bonita e de Canudos. Desacreditados no governo central brasileiro, passaram a crer piamente na volta do monarca português, com poderes divinos e sobrenaturais manifestados em beatos e líderes que concentravam em si a esperança de prosperidade e felicidade para em quem neles depositasse sua fé. A fantasia foi inspirada em elementos visuais do movimento armorial, que traz brasões e insígnias reais misturados a imagens da cultura popular nordestina.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<b>A Pedra do Reino</b> 	<p>Entre os anos de 1836 e 1838, em outro povoado, localizado na cidade de São José do Belmonte, em Pernambuco, formou-se uma nova comunidade sebastianista. Liderados por João Antônio dos Santos, os camponeses acreditavam que Dom Sebastião voltaria caso as pedras do lugar fossem banhadas com o sangue dos inocentes. Ao todo, foram 87 pessoas mortas, parte delas em sacrifícios para o retorno de Dom Sebastião e outra parte pela batalha de retomada da comunidade, ocorrida entre os dias 14 e 18 de maio de 1838. Assim como aconteceu no Rodeador, o arraial foi destruído. A tragédia inspirou José Lins do Rego a escrever o romance “Pedra Bonita”, publicado em 1938. Já em 1971, Ariano Suassuna lança “O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta”, um marco para a literatura brasileira e para o movimento armorial, que reúne elementos da cultura cabocla, sertaneja e nordestina, mesclados com as tradições do mundo ibérico.</p>	Ala da Comunidade (2019)	Direção de Carnaval e Harmonia

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)**


João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>A Cavalgada de São José</b></p> 	<p>Anualmente, no mês de maio, ocorre uma das mais belas manifestações da cultura nordestina: a cavalgada de São José do Belmonte, município que foi sede do massacre da Pedra Bonita. Cavaleiros vestidos nas cores azul e encarnado relembram torneios medievais e também revivem a disputa entre cristãos e mouros, tal qual aconteceu na batalha de Alcácer Quibir, em que Dom Sebastião desapareceu. O cortejo parte da Igreja Matriz de São José e segue até a Serra do Catolé, onde está localizada a Pedra do Reino.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>
*	<p><b>Antônio Conselheiro</b></p> 	<p>Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido na História do Brasil como Antônio Conselheiro, que se autodenominava "o peregrino", foi um líder religioso brasileiro. Figura carismática adquiriu uma dimensão messiânica ao liderar o arraial de Canudos, um pequeno vilarejo no sertão da Bahia, que atraiu milhares de sertanejos.</p>	<p>Destaque de Chão (Personagem) (2019)</p>	<p>Rodrigo Avellar (Coreógrafo)</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p><b>Canudos: Os Seguidores do Beato Antônio Conselheiro</b></p> 	<p>O mais famoso dos movimentos sebastianistas brasileiros ocorreu no final do Século XIX, no sertão da Bahia. O líder do movimento, Antônio Conselheiro, era um contrarrevolucionário monarquista que, em pleno alvorecer da República, representava uma ameaça à forma de governo recém-estabelecida. Uma sequência de secas calamitosas aumentava o desalento da população, que viu no messiânico Antônio Conselheiro a figura de um salvador. O beato dizia que Dom Sebastião iria ressurgir para restaurar a monarquia no Brasil. A exemplo do que ocorreu com os movimentos da Pedra Bonita e do Rodeador, o arraial foi destruído violentamente pelo aparato oficial do Estado brasileiro. O escritor Euclides da Cunha, que acompanhou de perto a luta de Canudos, publicou anos mais tarde o clássico “Os Sertões”.</p>	<p>Ala da Comunidade (Coreografada)</p> <p>(2019)</p>	<p>Rodrigo Avellar (Coreógrafo)</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Utopia Sebastiana</b></p> 	<p>O sonho de erguer uma comunidade de bravos sertanejos no coração do semiárido nordestino levou o beato Antônio Conselheiro a criar seu próprio reino, onde reinaria a paz e a justiça social.</p>	Mary Mola	Musa #5 (2019)
*	<p><b>Sonho de Prosperidade</b></p> 	<p>A paisagem seca de Canudos foi a terra escolhida para que os seguidores de Antônio Conselheiro pudessem sonhar com terra fértil, partilhando da fartura e da prosperidade de um novo tempo.</p>	Mayara Lima	Musa #6 (2019)



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<b>Estácio de Sá e a Cidade Nascida a Flecha e Fogo</b> 	Os entrelaçamentos de personagens históricos com Dom Sebastião possuem um forte elo com lutas e batalhas. Neste derradeiro setor, Santo e Rei Sebastião se encontram nas encruzilhadas místicas da cidade do Rio de Janeiro, fundada a flecha e fogo por Estácio de Sá em 1565, sob o reinado de Dom Sebastião. Em 20 de janeiro de 1567, dia consagrado ao Santo e aniversário do Rei, deu-se a sangrenta batalha de Urucumirim, na qual Estácio de Sá foi atingido por uma flecha envenenada em confronto direto com os Tamoios, aliados dos franceses, que disputavam com os portugueses as terras às margens da baía de Guanabara. Diz a lenda que São Sebastião lutava ao lado do soldado português, que, ao ser atingido pela flecha dos combatentes, estaria cumprindo o mesmo destino do Santo.	Ala da Comunidade (2019)	Direção de Carnaval e Harmonia
26	<b>Devoção ao Santo Padroeiro</b> 	Fundada sob o reinado de Dom Sebastião de Portugal e às custas de muitas batalhas, a cidade de Dom Sebastião do Rio de Janeiro traz no nome a devoção ao Santo e a ele pede proteção e paz. A fantasia da ala reproduz a vestimenta de guerra de São Sebastião, soldado cristão que surge em desfile como guerreiro louvado e glorificado pelo povo carioca.	Ala da Comunidade (2019)	Direção de Carnaval e Harmonia



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

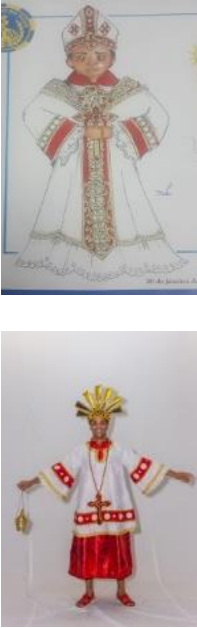
João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p><b>São Sebastião de Oxóssi</b></p> 	<p>Senhor das matas, das caças, da fartura, do sustento, regente do revoar dos pássaros, Oxóssi é sincretizado no Rio de Janeiro com São Sebastião. Orixá devoto das coisas belas, como a arte, a dança, a música e a escultura, Oxóssi ergue seu ofá, o arco e a flecha, em permanente combate pela paz do seu povo que o homenageia todo 20 de janeiro com celebrações nos terreiros nesta cidade de São Sebastião. Na umbanda, o orixá é também considerado o patrono da linha dos caboclos e sua saudação é Okê Arô!</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>
28	<p><b>A Alcácer Quibir Nossa de Cada Dia</b></p> 	<p>O Rio de Janeiro das belezas naturais é também a cidade das mazelas a uma parte da população que, ao deitar e ao levantar, pede ao santo a proteção para as batalhas do dia a dia. Muitos dos seus filhos criados à margem das políticas públicas sucumbem diante das “flechas” perdidas disparadas para todos os lados, mas que atingem especialmente os corpos negros e periféricos. Mártires de uma guerra insana, assim como foi Alcácer Quibir, buscam se refugiar nas trincheiras da fé em Sebastião e em todos os santos para suportar a dor e o medo de sair para a batalha e desaparecer no combate diário pela sobrevivência.</p>	<p>Ala da Comunidade (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval e Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<b>Cardeal e Coroinhas</b>  	<p>Na data mística de 20 de janeiro, dia em que se deu o martírio do Santo e o nascimento do Rei Sebastião, uma legião de fiéis vai às ruas pedindo proteção, paz e bênçãos a todos os habitantes da cidade. A cor vermelha nas vestes representa o duplo martírio do Santo: o das flechas lançadas sobre seu corpo e o dos açoites contra Sebastião por nunca negar a fé cristã. Com cânticos e louvores ao santo padroeiro, a multidão de muitos credos caminha com emoção, clamando pelo fim do martírio nas batalhas diárias. Não por acaso, o desfile das escolas de samba é realizado em cortejo, uma procissão de esperança que celebra o poder restaurador de uma cidade retalhada que volta a construir uma unidade quando se devota ao encanto. E caminhando, essa multidão reúne a força que vem de dentro de si. Afinal, como disse Ariano Suassuna, a crença em Sebastião, Santo e Rei, pode ser resumida em “um povo que procura eternamente o seu rumo”.</p>	Personagens (à frente do cortejo)  (2019)	Carla Meirelles (Coreógrafa)

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

João Vitor Araújo

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p><b>20 de Janeiro: Procissão a São Sebastião</b></p> 	<p>Na data mística de 20 de janeiro, dia em que se deu o martírio do Santo e o nascimento do Rei Sebastião, uma legião de fiéis vai às ruas pedindo proteção, paz e bênçãos a todos os habitantes da cidade. A cor vermelha nas vestes representa o duplo martírio do Santo: o das flechas lançadas sobre seu corpo e o dos açoites contra Sebastião por nunca negar a fé cristã. Com cânticos e louvores ao santo padroeiro, a multidão de muitos credos caminha com emoção, clamando pelo fim do martírio nas batalhas diárias. Não por acaso, o desfile das escolas de samba é realizado em cortejo, uma procissão de esperança que celebra o poder restaurador de uma cidade retalhada que volta a construir uma unidade quando se devota ao encanto. E caminhando, essa multidão reúne a força que vem de dentro de si. Afinal, como disse Ariano Suassuna, a crença em Sebastião, Santo e Rei, pode ser resumida em “um povo que procura eternamente o seu rumo”.</p>	<p>Ala da Comunidade (Coreografada)</p> <p>(2019)</p>	<p>Carla Meirelles Coreógrafa</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Correa, n.º 60 – Barracão n.º 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Elbert Santos e João Vitor Araújo	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Flávia Jacob	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b>
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Fernando Kieer	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Gomes Sapateiro
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Fernando Kieer	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 01, 18 e 23.
Flávia Jacob	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 02, 04,07 e 08.
Jefferson Siqueira	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 13, 22 e 28.
Ana Cláudia	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 15, 16 e 17.
Felipe Rocha	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 12, 25 e 26.
Fabio Anciollotti	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 12, 25 e 26.
Carlos Eduardo	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 24 e 29.
Wellington Ferreira	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 05 e 21.
Anderson Dourado	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 03,14 e 19.
Alex Coutinho	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 10 e 11.
Luan Moreira	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 06, Guardiões do Mestre-sala e Porta-Bandeira e Grupo Anunciadores.
Chiquinho	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das peças de espuma das fantasias das alas da escola 02,09,13,17,19,20,23,24 e 27
Marquinhos	- Reprodução de penas artificiais
Fábio Carvalho	- Pintura de arte das fantasias
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b> Moacyr Luz, Cláudio Russo, Aníbal, Pier, Júlio Alves e Tricolor		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b> Aníbal		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 80 (oitenta)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Jurandir 79 anos	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Gabriel Russo 25 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>                     Todo 20 de janeiro                      Nos altares e terreiros                      Pelos campos de batalha                      Uma vela pro divino                      O imperador menino                      Um Sebastião não falha                        Nas marés, o desejado                      Infiéis para todo lado                      Enfrentou a lua cheia  <b>No deserto, um grão de areia</b>  <b>Dom Sebastião vogueira</b>  <b>Sem futuro, nem passado... (laiá laiá)</b>                      Renasce sob nós, um caboclo encantado                      Na praia dos lençóis, é o touro coroadado                      Vestiu bumba-meu-boi                      Até mudou o fado                      No couro do tambor foi batizado    <b>Poeira, ê! Poeira!</b>  <b>Pedra bonita pôs o santo no altar</b>  <b>Sangrou a terra, onde a paz chorou a guerra</b>  <b>Mas ele vai voltar!</b>                        (Oh Meu Rio...)                      Rio, do peito flechado                      Dos apaixonados                      Rio-Batuqueiro                      Oxóssi, orixá das coisas belas                      Guardião dessa aquarela                      Salve o Rio de Janeiro!                        Orfeus tocam liras na favela                      A cidade das mazelas                      Pede ao santo proteção                      Grito o teu nome no cruzeiro                      Ô Padroeiro! Toda minha devoção!    <b>No morro do Tuiuti</b>  <b>No alto do terreirão</b>  <b>O cortejo vai subir</b>  <b>Pra saudar Sebastião!</b> </p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Defesa Do Samba**

Em honra e glória a São Sebastião, valoroso padroeiro e defensor da cidade do Rio de Janeiro e da nossa escola, o samba de enredo do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti para o carnaval de 2020 alia, de forma pertinente e peculiar, letra e melodia a cada momento de nosso enredo. A esperança, o drama e a salvação encadeados numa crescente fé no retorno de Dom Sebastião constroem uma obra que transpira sentimentos e utiliza de variações melódicas significativas até chegar ao momento de ápice no refrão final do samba, que convida o povo em geral a seguir o cortejo e saudar ao santo e ao rei.

Os primeiros versos do samba buscam de forma poética enredar três pontos fundamentais de nossa história: O santo, o rei e a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro através de uma data em comum que é o dia 20 de Janeiro. Velas acesas, igrejas lotadas, batuques nos terreiros para louvar. Em tom menor, evoca sentimento, o dia do nascimento do imperador menino e a vitória da cidade nos campos de batalha contra o invasor: Um Sebastião não falha!

**Todo 20 de janeiro**

**Nos altares e terreiros**

**Pelos campos de batalha**

**Uma vela pro divino**

**O imperador menino**

**Um Sebastião não falha**

O desejado que cresceu ouvindo histórias de martírio e bravura se lança ao mar em busca da glória derradeira. Na cruzada aos infiéis, no deserto do Marrocos em meio ao nevoeiro, a lua cheia testemunha a luta nas areias e o desaparecimento, neste momento nasce a esperança naquele que vagueia sem futuro, nem passado!

**Nas marés, o desejado**

**Infiéis pra todo lado**

**Enfrentou a Lua cheia**

**No deserto, um grão de areia**

**Dom Sebastião vagueia**

**Sem futuro, nem passado**

O rei que fez morada no mar emerge das águas do Maranhão com seu cortejo... É touro negro coroado, é caboclo encantado! E como o “fado” destas bandas ecoa por outros tambores, vestiu bumba-meu-boi e foi coroado no couro da Casa da Mina.

**Renasce sob nós, um caboclo encantado**

**Na praia dos lençóis, é o touro coroado**

**Vestiu bumba-meu-boi**

**Até mudou o fado**

**No couro do tambor foi batizado**

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

Mas a esperança transforma-se em movimento e o Sebastianismo encontra no sertanejo um povo forte e de fé. Este povo, que levanta a poeira, acredita no divino, e não crê no poder dos homens, desafia as instituições e se prepara para volta de Dom Sebastião que haverá de restaurar a justiça social. E quando a paz chora a guerra! Quando a terra sangra por todos esses sertões! Não há nada mais o que fazer a não ser aguardar o rei dos flagelados: Ele vai voltar! Ele vai voltar!

**Poeira, ê! Poeira!**

**Pedra bonita pôs o santo no altar**

**Sangrou a terra, onde a paz chorou a guerra**

**Mas ele vai voltar!**

A grande cruzada que começou no pequeno Portugal, a cada episódio de luta e dor, continua a guiar o povo na eterna busca pelo seu próprio rumo... E na cidade de peitos flechados, desde aquele longínquo 20 de janeiro, em que o fundador ferido em batalha rogou ao santo padroeiro por sua vida, o povo parte para unir o que a falta de união partiu. Esta cidade que é de Sebastião e de Oxóssi, cidade, de Orfeus e artistas alvejados que não se curvam as mazelas e tocam liras nas favelas, pede ao santo toda proteção, Salve o Rio de Janeiro!

**(Oh, meu Rio...)**

**Rio, do peito flechado**

**Dos apaixonados**

**Rio-batuqueiro**

**Oxóssi, orixá das coisas belas**

**Guardião dessa aquarela**

**Salve o Rio de Janeiro!**

**Orfeus tocam liras na favela**

**A cidade das mazelas**

**Pede ao santo proteção**

**Grito o teu nome no cruzeiro**

**Ó, padroeiro! Toda minha devoção!**

No carnaval de 2020, o morro do Tuiuti desce para desfilas em louvor a São Sebastião! E que a fé e a esperança, que a todos os anos percorre nossa comunidade quando o cortejo sobe do terreirão até o alto do morro, continuem a iluminar nossos sonhos, permaneçam vivas em nossas lutas e coloquem o santo no altar, o rei no trono e a nossa escola nos braços do povo!

**No Morro do Tuiuti**

**No alto do terreirão**

**O cortejo vai subir**

**Pra saudar Sebastião**



**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre os Compositores:**

A parceria permanece a mesma do antológico samba de 2018, que conduziu a escola ao emblemático desfile e alcançou diversas premiações no carnaval carioca.

**Claudio Russo:** Compositor consagrado da nova geração do samba carioca e ganhador de diversos prêmios, como o Estandarte de Ouro em 2007, 2015 e 2017, Tamborim de Ouro de 2007 e 2018. É Integrante da ala de compositores do Paraíso do Tuiuti desde 2015, e em 2016 foi um dos compositores que emprestaram o talento ao samba campeão que levou a escola a elite do carnaval e ao inesquecível samba de 2018.

**Moacyr Luz:** Convidado especial desta parceria profundamente ligada ao Paraíso do Tuiuti. Este mestre do samba carioca, possui treze CDs gravados inclusive o recém-lançado: Natureza e Fé! Trazendo em cada trabalho importantes referências à Música Brasileira. Na sua carreira de compositor, mais de 100 músicas gravadas por diferentes intérpretes da MPB, como, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, Maria Bethânia, Nana Caymmi, Beth Carvalho, Leny Andrade, Gilberto Gil e Leila Pinheiro. Moacyr também é ganhador de diversos prêmios no carnaval, inclusive o Estandarte de Ouro de 2015 em parceria com Cláudio Russo e Teresa Cristina.

**Aníbal:** O médico apaixonado por samba tornou-se o Dr. Aníbal. Compositor por diversas vezes campeão na escola (2008, 2009, 2010, 2012, 2018 e 2019) também teve grandes vitórias em outras agremiações, mas manteve seu amor e sua fidelidade à escola de São Cristóvão, e este ano coroa, novamente, esta grande parceria.

**Pier:** Do Amor ao samba fez seu trabalho diário de mais de 28 anos, trabalhando com artistas consagrados como Raça Negra e Mumuzinho. Desfila em nossa escola pelo quinto ano, sendo que por duas vezes compôs e concorreu no concurso de samba enredo.

**Júlio Alves:** Compondo desde 2002 para o carnaval carioca e com inúmeras vitórias, este ano faz parte do time que trará O Santo e o Rei em forma de versos para Avenida Marques de Sapucaí.

**Tricolor:** É acima de tudo um torcedor fervoroso de nossa agremiação e morador do bairro imperial de São Cristóvão. Compondo desde 1999 para escola, este ano tem a honra de participar desta parceria campeã e saudar, com todos os outros compositores, o padroeiro São Sebastião.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Diretor Geral de Bateria**

Mestre Ricardinho

**Outros Diretores de Bateria**

Denílson, Rodrigo Siqueira, Yuri Martins, Luis Cláudio, Luygui, Fabiano Serafin, Leonardo Jorge, Carlos Antônio, Denílson Gonçalves, Waldney, Luciano da Silva, Jeferson Oliveira e Rita (Secretária)

**Total de Componentes da Bateria**

254 (duzentos e cinquenta e quatro) Componentes

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
10	10	12	0	0
<b>Caixa</b>	<b>Tarol</b>	<b>Tamborim</b>	<b>Tan-Tan</b>	<b>Repinique</b>
100	0	42	0	28
<b>Prato</b>	<b>Agogô</b>	<b>Cuica</b>	<b>Pandeiro</b>	<b>Chocalho</b>
0	0	24	0	28

**Outras informações julgadas necessárias**

**A Bateria do Paraíso do Tuiuti** – Batizada pelo nome de “*SuperSom da Tuiuti*” a tradicional bateria do Paraíso do Tuiuti, comandada pelo Mestre Ricardinho, um dos mais antigos na função dentre os Mestres de Bateria do Carnaval Carioca, é considerada de ritmo forte sem esquecer a perfeita harmonia entre o samba, a cadência e a manutenção rítmica de todos os instrumentos. No carnaval de 2018 a bateria da Azul e Amarelo do bairro de São Cristóvão, embalou os componentes e foi de fundamental importância no desempenho de samba-enredo na Marquês, conquistando assim notas máximas no quesito. Ensaando desde o mês de agosto, as convenções e bossas foram cuidadosamente preparadas e exaustivamente treinadas para que o ritmo pudesse servir de perfeita sustentação ao componente do Tuiuti evoluir de maneira plena e confortável na Avenida, aproveitando a leveza e alegria espontânea do samba-enredo, bem como as variações melódicas que esta obra de 2020 possui. Cada integrante da “SuperSom” tem a plena consciência de que a bateria de uma escola de samba exerce fundamental importância no desfile em acalantar o sonho de uma comunidade inteira rumo ao seu objetivo!

**Fantasia da Bateria** - No Carnaval de 2020 a “SuperSom” estará fantasiada de **O Exército de Encantados**



**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Mestre Ricardinho** – Apaixonado por Carnaval desde a adolescência, Mestre Ricardinho, iniciou sua trajetória na folia aos 15 anos e imediatamente se identificou com a batida do surdo, a leveza das caixas, o desenho feito pelos tamborins e o molho oriundo dos chocalhos. Não teve dúvidas de que ali havia encontrado seu espaço! Professor por formação, Ricardinho não se contentou em apenas deter a arte da percussão e no ano de 1998 decidiu dividir seus conhecimentos a quem, assim como ele um dia, sonhava em aprender a tocar um instrumento e sentir a emoção de entrar na Marquês de Sapucaí integrando uma bateria. Já se passaram 20 anos e neste tempo centenas de pessoas tem o orgulho de dizer que só podem ser chamadas de ritmistas porque alguém como o Mestre Ricardinho esteve em seu caminho.

Como Mestre, Ricardinho iniciou sua trajetória no próprio Paraíso do Tuiuti no ano de 2002, permanecendo até 2006. Nos Carnavais de 2007 e 2008 comandou as baterias do Arranco do Engenho de Dentro e Acadêmicos do Cubango respectivamente. Retorna ao Paraíso do Tuiuti para os Carnavais de 2009 e 2010. Após dois anos de dedicação a projetos pessoais volta ao Carnaval em 2013 na Unidos do Jacarezinho. Mas como “o bom filho à casa retorna” em 2014 a Direção do Paraíso do Tuiuti novamente contrata o Mestre para juntos conquistarem em 2016 o Título de Campeão da Série A e a sonhada ascensão ao Grupo Especial. Em 2019, Ricardinho completou seu décimo Terceiro desfile no comando da “SuperSom”, nesse período conquistou diversos prêmios. Para o carnaval de 2020, o tarimbado Mestre da “SuperSom” promete mais uma bela atuação de seus comandados, vislumbrando o sonhado 40 pontos no quesito.

**Rainha de Bateria (Lívia Andrade)** –

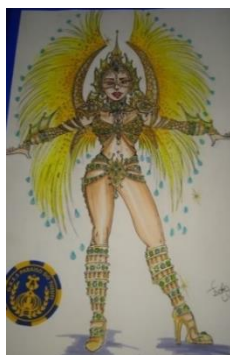
Lívia Andrade é apresentadora, atriz, modelo, radialista e empresária brasileira. Iniciou a carreira como modelo aos 13 anos, fazendo algumas campanhas publicitárias. Em 1997 foi para a TV como assistente de palco do programa Fantasia no SBT. Desde 2008 participa do quadro Jogo dos Pontinhos no Programa Silvio Santos. No dia 3 de janeiro de 2018, foi efetivada como apresentadora fixa no programa Fofocalizando. Em 2014, Lívia completou 20 anos de presença confirmada na folia carnavalesca paulistana, no Sambódromo do Anhembi. Seu primeiro desfile foi aos dez anos de idade na ala das crianças da Unidos do Peruche, mas foi na Gaviões da Fiel que ela ganhou fama após frequentar o samba da escola por mais de dez anos. Também já desfilou na Leandro de Itaquera, X-9 Paulistana, Acadêmicos do Tucuruvi e Império de Casa Verde. No Rio, desfilou no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, onde foi destaque de abre-alas da Caprichosos de Pilares, musa da Inocentes de Belford Roxo e no ano de 2019 desfilou como musa da Paraíso do Tuiuti. Sua identificação com a escola e com a comunidade foi algo que lhe tocou sentimentalmente. O sorriso no rosto das pessoas em cada foto que tirou nos ensaios e na quadra da agremiação, e olha que não foram poucas, foi o combustível que faltava para a Lívia Andrade participar cada vez mais das atividades da agremiação. Sua dedicação, humildade e comprometimento lhe impulsionaram ao cargo de rainha da bateria SuperSom. Conduzir os ritmistas da bateria do Paraíso do Tuiuti ao longo da avenida será um desafio e uma honra muito grande. Podem ter certeza que com um sorriso no rosto e muito samba no pé, Lívia Andrade será sutil e ao mesmo tempo aguerrida na condução da Supersom rumo à nota máxima!

## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### Outras informações julgadas necessárias

#### Fantasia da Rainha de Bateria – Ninfa das Águas Místicas



**Princesa de Bateria (Jullia Farias)** – Jullia nasceu e se desenvolveu no chamado bairro imperial, sendo verdadeira cria de São Cristóvão, como popularmente dizem. Sempre admirou o samba, os blocos de carnaval, os desfiles das agremiações e as manifestações culturais carioca. Aos 11 anos de idade iniciou sua trajetória nos festejos de momo, desfilando na escola Unidos de Vila Santa Tereza. Ao completar 17 anos, depois de muita dedicação e comprometimento, passou a integrar o time de passistas do Paraíso do Tuiuti. Em uma bela noite de ensaio, o presidente da agremiação, Renato Thor, informou que a diretoria da agremiação escolheria uma componente da ala de passistas para ocupar o cargo de princesa de bateria. Neste momento Jullia começou a sonhar em pisar na avenida à frente da bateria SuperSom. Aquele sonho que parecia distante se tornou realidade no dia 09.12.2019, quando ao final do ensaio da agremiação seu nome ecoou nas ruas de São Cristóvão como princesa de bateria do Paraíso do Tuiuti. Estudante de fisioterapia, Jullia pretende no carnaval de 2020 representar toda força da comunidade e carrega em sua dança a dedicação e o amor pela escola de cada menina que integra a ala de passista. Desfilar no posto de princesa de bateria do Paraíso do Tuiuti é a realização de um sonho!

#### Fantasia Princesa da Bateria – Encanto de Maré



**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Todos os Diretores de Harmonia

**Outros Diretores de Harmonia**

Alexandre Amorim, Alexandre Maximus, Aline Almeida, Andréia Laurindo, Antonio Carlos, Arthur Diego, Bruno Santos, Carla Ribeiro, Carlos Gomes, Cláudia Girafa, Cláudio Magalhães, Durvalina, Eduardo Quintaniliano, Fernando Alberto, Flávio Azevedo, Gabriela Nascimento, Igor de Almeida, Jorge Luiz F., Jurema Carvalho, Leonardo Neto, Lília Patrícia, Luci Reis, Luis Augusto, Manoel Filho, Michel Casemiro, Michelle Marcelino, Nilson Jorge Mathias, Paulo Cesar, Paulo Roberto, Regis Fernandes, Renato Alves R. Rondinei Fernando, Rudnei dos Santos, Ubiratan Silva, Vanderlei Virgínio, Vânia Carlos, Jorge Fernandes, Fernando Costa, Felipe e Leonardo Castro.

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

40 (quarenta) integrantes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

*Intérpretes Oficiais* – **Celsinho Mody e Nino do Milênio**

*Auxiliares* – **Hudson Luiz, Douglas Ananias e Erick Ferreira**

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Cavaco Base e Solo: **Tico do Cavaco e Juninho Valério**

Violão 7 Cordas e Direção Musical: **Vinícius “Chocolate”**

**Outras informações julgadas necessárias**

A Direção de Harmonia pretende realizar de maneira harmônica, integrando a tríade: ritmo, canto e dança, o desfile de seus componentes na Sapucaí. No intuito de alcançar tal feito

**André Gonçalves (Diretor de Operações)** – André Gonçalves iniciou sua trajetória no carnaval carioca no ano de 2000, integrando o carro de som do GRES Tradição. Em 2011, assumiu a importante função de diretor financeiro do GRES Império Serrano adquirindo, por sua vez, vasta experiência na área artística, operacional e gerencial dos desfiles das escolas de samba. No GRES Paraíso do Tuiuti sua caminhada se iniciou no ano de 2015. Em 2016 contribuiu significativamente para a conquista do sonhado acesso ao carnaval do grupo especial. Em 2018 realizou o sonho particular e de toda a comunidade de São Cristóvão ao contribuir para conquista do tão aguardado vice-campeonato. Foi um desfile histórico. A agremiação saiu da avenida literalmente aclamada pelos amantes do carnaval, rendendo o título de “Campeã do Povo.” No carnaval de 2020, André Gonçalves exerce a importante função de diretor de operações. Sendo responsável pela montagem da logística do barracão, criação de metas e gerenciamento dos prazos. Nos ensaios de rua se mostra incansável, busca sempre aprimorar o canto da comunidade e zela pela organização e evolução das alas.

## FICHA TÉCNICA

### Harmonia

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Intérpretes:

O grande trunfo do Paraíso do Tuiuti para 2020 é seu time de intérpretes oficiais. Presentes no histórico carnaval de 2018, dois nomes remanescentes conduzirão os microfones oficiais, cantando com emoção, força, simpatia e alegria na dosagem certa o samba-enredo da escola Azul e Amarelo de São Cristóvão.

##### **Celsinho Mody – “Pegada de Africano!”**

Com seu grito de guerra, que já está na boca do povo de todo o Brasil, promete levar na melodia de sua voz, toda a irreverência e alegria em sua segunda passagem no templo do carnaval carioca, a Marques de Sapucaí!

Nascido e talhado em berço sambistas, criado entre rodas de samba e barracões na cidade de São Paulo, é considerado a maior revelação do Carnaval da Pauliceia nos últimos anos. Sua história como cantor iniciou precocemente, e com apenas 11 anos de idade já era a voz da escola de samba Prova de Fogo. Em uma ascensão meteórica, despertou a atenção da tradicional Unidos do Peruche cantando ao lado da consagrada cantora Eliana de Lima. É o mais jovem compositor a assinar um samba-enredo na multi-campeã e centenária Mocidade Camisa Verde e Branco, onde se tornou o mais jovem intérprete oficial.

Atualmente carrega com orgulho o posto de intérprete oficial da atual bicampeã do Grupo Especial Paulistano, o Acadêmicos do Tatuapé. Na azul e branco da zona leste vive um grande momento na sua premiada carreira conquistando em 2017, além do título de Campeão do Carnaval, todos os prêmios disponíveis de melhor intérprete conferido aos profissionais e artistas do Carnaval Paulistano. T tamanha aclamação rendeu o convite de ser uma das vozes oficiais do Paraíso do Tuiuti no histórico carnaval de 2018. Para 2020 não tem medo de errar e repete como um mantra o jargão: “*eu acredito!*”.

##### **Nino do Milênio – “É essa parte que me emociona!”**

Chegou a hora de mais um talento brilhar no maior espetáculo a céu aberto do mundo! Nascido em São João de Meriti, Nino, chamado assim desde criança, cresceu no meio dos bambas aprendendo os caminhos sinuosos do gênero musical que encanta o mundo, o nosso samba. Ainda jovem já cantava em grupos de pagode, se apresentando nos mais variados palcos da cidade. Quando se destacou no grupo “Milênio do Samba”, adotou seu nome artístico: Nino do Milênio. Mas o Carnaval sempre foi sua maior paixão, deu seus primeiros passos como intérprete na escola mirim Pimpolhos da Grande Rio o ano de 2005. Mas não demorou a ter seu talento reconhecido e ser contratado pela escola Inocentes de Belford Roxo em 2007 aonde atuou como apoio do ícone do Carnaval Dominginhos do Estácio. Após emprestar seu talento a tradicionais escolas de samba, recebeu o convite de se tornar apoio de Neguinho da Beija-Flor, a quem sempre se refere como um de seus maiores professores.

Diante de uma afinação vocal invejável, utilizando com extrema disciplina e correção recursos que somente os grandes cantores o conseguem, atualmente é reconhecido por vários expoentes do cenário carnavalesco como a mais nova joia do samba. Nino alcançou sua maturidade como intérprete de samba-enredo no Carnaval de 2016, ano em que recebeu os mais concorridos prêmios de melhor cantor da Série A. Em 2018, junto com Celsinho Mody e Grazzi Brasil, Nino do Milênio, estreou como intérprete oficial do Grupo Especial.

Em 2020, o cantor retorna ao Paraíso do Tuiuti, junto com Celsinho e agradecerá o público com uma das mais corretas e emocionantes performances que um time harmônico já apresentou.

**FICHA TÉCNICA****Evolução**

<b>Diretor Geral de Evolução</b> Júnior Schall e André Gonçalves
<b>Outros Diretores de Evolução</b> Todos os diretores de Harmonia mais coreógrafos
<b>Total de Componentes da Direção de Evolução</b> 49 (quarenta e nove) componentes
<b>Principais Passistas Femininos</b> Débora Bonam & Thais Luiza
<b>Principais Passistas Masculinos</b> Edmar Andrade & Vitor Hugo
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  <p>Fazer o componente se divertir na Sapucaí sem esquecer que o mesmo desempenhe seu papel na consecução de um desfile competitivo é o principal objetivo da Direção de Harmonia e Evolução do Paraíso do Tuiuti. A apresentação da escola precisa acontecer de forma fluída e solta. A escola foi preparada para que cada componente simplesmente se “solte” no desfile, de forma alegre e descontraída. Isso não significa que as alas performáticas ou coreografadas existentes no corpo da escola estejam alheias a esta metodologia, pelo contrário, a liberdade e leveza estarão latentes no desfile, sempre em sintonia com ritmo do samba e o andamento da bateria, já que o tema passeia na crítica, mas também com espontaneidade.</p> <p>O Paraíso do Tuiuti em 2020 pretende realizar mais um autêntico desfile de “Escola de Samba” incentivando a evolução começando pelos segmentos tradicionais como o rodopiar marcante de suas mães baianas, a arte do samba no pé em sua essência através do requebrado da ala de passistas, posicionadas na privilegiadíssima posição à frente da bateria, seguido pelos componentes de alas e a sua elegante velha guarda que praticamente fechando o desfile no último carro alegórico.</p> <p><b>Ala de Passistas</b> No Paraíso do Tuiuti, escola que guarda de forma clara a tradição do samba na sua maior essência, a ala de passistas requer atenção especial. Com ensaios iniciados em agosto, a exigência principal para que um homem ou mulher se torne membro do seletivo grupo de passistas do Tuiuti é deter a arte do samba no pé com garbo e elegância. Para a escola, a pessoa para ser passista precisa “dizer no pé” como as cabrochas de outrora. A ala é comandada por dois experientes diretores: Alex Coutinho e Jorge Amarelloh.</p> <p><b>Alex Coutinho</b> Desfila na escola desde 2002, sendo convidado para ser o responsável da Ala de Passistas no Carnaval de 2008. É o responsável pelo desenvolvimento do elenco feminino da ala. Fundou o projeto “Samba no pé aos passos do paraíso” que consiste em formar futuros passistas a desenvolver o dom de sambar e defender essa nobre arte. O Diretor é atualmente uma referência em matéria de samba, sendo convidado a ministrar Workshop em diversas cidades do país e do exterior, tais como: São Paulo, Manaus, Buenos Aires, Moscou e Londres.</p>

## FICHA TÉCNICA

### Evolução

#### Outras informações julgadas necessárias

##### **Jorge Amarelloh**

Responsável em recrutar e formar o elenco masculino da ala, Jorge chegou ao Paraíso do Tuiuti em 2010. Desde então acumulou prêmios. Para o diretor, o passista não pode perder a essência do “malandro sambista” tão cultivada no imaginário popular.

Fantasia da Ala de Passistas - Em 2020 a ala de passistas está representando  
**Guardiões dos Tesouros Marinhos**





**FICHA TÉCNICA****Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Renato Marins “Renatinho”		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Erler Schall Amorim Jr. “Jr. Schall”		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> André Gonçalves		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> -		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> -	<b>Quantidade de Meninas</b> -	<b>Quantidade de Meninos</b> -
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Tia Sandra Maria		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 80 (oitenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Leda Rosa dos Santos 84 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Gabriela de Jesus Moreira 31 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Jorge Honorato		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 35 (trinta e cinco)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Ivonete da Silva Fernandes 88 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Inara 56 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> <b>Regiane Alves</b> (Atriz) – Ficou conhecida por interpretar as personagens Clara de <i>Laços de Família</i> , Ana Clara de <i>Fascinação</i> , Dóris de <i>Mulheres Apaixonadas</i> , Belinha de <i>Cabocla</i> em 2019 participou da 16ª temporada da Dança dos Famosos.		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b> <b>JUNIOR SCHALL</b> Atua nas funções de Diretor de Carnaval e Harmonia, Carnavalesco e Diretor artístico do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti no Rio de Janeiro e do S.R.C os Rouxinóis de Uruguaiana, RS. Com mais de 20 anos de experiência no carnaval, Junior Schall Já Passou por diversas agremiações Cariocas, Paulistas, Uruguaianenses e Uruguaios. No Rio de Janeiro já trabalhou nas seguintes Agremiações ; Sagueiro, Ilha do Governador, Unidos do Viradouro, Porto da Pedra, Vila Isabel, Mangueira e Portela. E com passagens campeãs por Vila Isabel, 2006 e 2013, e Mangueira 2016. Em São Paulo passou pelas agremiações; Dragões da Real, Vai Vai e Nenê de Vila Matilde. Em Uruguaiana; Bambas da Alegria e Rouxinóis. No Uruguai; Titanitos e Império del Ayui e quatro títulos no Carnaval. Junior Schall é Palestrante e realizador de Workshops em diversas capitais do país e também no exterior, tais como: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Florianópolis, Vitória, Bella Union (Uruguai), Artigas (Uruguai), La Paz (Bolívia) e Houston, Texas (EUA).		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Márcio Moura

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Márcio Moura

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
15 (quinze)	0	15 (quinze)

**Outras informações julgadas necessárias**

**Defesa da Comissão de Frente**

**UM SEBASTIÃO NÃO FALHA!**

Devoção. Essa é a palavra central da Comissão de Frente da Paraíso do Tuiuti para o Carnaval 2020. Devoção por um Rei Mítico que mesmo com sangue nobre e europeu ganhou força no sincretismo maranhense. Devoção por um Santo que é a representação da luta e força do povo do Rio de Janeiro, do povo do Tuiuti.

A comissão traz a procissão que todo dia 20 de janeiro encontra no morro palco de adoração. Nesse cortejo, senhoras, histórias vivas da agremiação caminham lado a lado com a futura geração. A comunidade é representada por um tripé onde a simples capela construída em homenagem ao santo ganha proporções de Catedral, tamanho o amor desta comunidade para com o Padroeiro. Celebração que ganhou força e resistência entre tantos momentos que nosso povo sofrido já viveu. Sim, nosso povo! Somos todos nesse momento Tuiuti! Pois convidamos a todos para presenciar o encontro do Santo e do Rei. Encontro que fará florescer a comunidade em nossos corações, na certeza de que dias melhores virão. Seguimos acreditando que "um Sebastião não falha".

**O Coreógrafo:**

Marcio Moura é diretor, ator e coreógrafo profissional. Coursou Artes Cênicas na Uni-Rio e dança pelo Nós da Dança. Coreógrafo de eventos de grandes empresas, entre elas Natura; Loreal ; Jeunesse; Farm e C&A. Ator do Centro Teatral e Etcetal, uma das mais importantes companhias de teatro físico do país com a qual já foi agraciado com mais de 40 indicações e prêmios de melhor atuação em festivais nacionais e internacionais, incluindo o prêmio São Paulo e o prêmio Zilka Salaberry.

Participou recentemente da série " A Dona da Banca", com direção de Marton Olympio.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

Na Tv Globo foi responsável pela direção de movimentos da última temporada de "A Grande Família", e assistente cênico de Beth Olioise no especial Criança Esperança. Diretor dos espetáculos: Xirê Orixá; O Último Unicórnio e Terror é Coisa de Criança - todos da Ore Cia Artística. Diretor do espetáculo "Lá na Gafieira "- da Giros Cia . Diretor do espetáculo solo "Emaranhados " de Amarillis Irani. Diretor do espetáculo de estreia da Circo em Nós, coletivo formado pelo Edital de Fomento ao circo da Secretaria de Cultura do Município do RJ. Completa, em 2020, vinte anos de carnaval. Já foi coreógrafo e diretor artístico de muitas agremiações cariocas tais como Portela, Viradouro, Estácio de Sá, Império Serrano, dentre outras. Em 2020, assume a comissão de frente da Paraíso do Tuiuti. Recentemente iniciou um canal no youtube (Humoura) onde fala de forma bem humorada sobre assuntos do carnaval.

Uma comissão de frente é feita por uma gama de profissionais que contribuem com experiência e talento para que a ideia concebida seja levada pra avenida . Unimos aos incríveis profissionais, marceneiros e ferreiros da Paraíso do Tuiuti quatro artistas indispensáveis: o jovem cenógrafo **Nicolas Gonçalves** formado em Belas Artes na UFRJ é o responsável pelo tripé que representa o Morro do Tuiuti ; **Jorge Abreu**, um dos mais importantes e premiados visagistas do país fica à frente das maquiagens e próteses dos integrantes. **Alessandra Reis**, chefe de Atelier com vasta experiência no Carnaval assume a confecção dos figurinos. E fechando esse time , o talentoso **Bruno Dante** é o responsável pela criação das sensacionais bonecas habitáveis que representam senhoras importantes da comunidade. Uma equipe que merece todo reconhecimento.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Marlon Flores	<b>Idade</b> 25 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Danielle Nascimento	<b>Idade</b> 43 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Wesley Cherry	<b>Idade</b> 23 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Rebeca Tito	<b>Idade</b> 18 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> Ewerton Anchieta	<b>Idade</b> 25 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Cássia Maria	<b>Idade</b> 22 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:**

**Dom João Manuel e Princesa Joana da Áustria**

Empunhando o pavilhão azul e amarelo do Paraíso do Tuiuti, o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira representa os pais de Dom Sebastião. O príncipe Dom João Manuel tornou-se herdeiro do trono português nos primeiros anos de vida e, ainda jovem se casou com Joana da Áustria. Filha do Imperador Carlos V da Espanha, Joana deu à luz Dom Sebastião em 20 de janeiro de 1554, dia consagrado a Sebastião, o Santo. Entretanto, o pai Dom João Manuel não viu o filho nascer. O monarca morreu no dia 2 de janeiro, a menos de três semanas da princesa Joana da Áustria trazer ao mundo o Rei Desejado, em cuja aparição o povo português passou a depositar as esperanças de ver restauradas as eras de glória lusitana. Na Avenida, o casal celebra com muita alegria o anúncio da chegada do predestinado Rei, que teria sua história contada por séculos e séculos, e sua memória espalhada por terras distantes, até mesmo do outro lado do oceano desbravado pelos seus antepassados.



## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

**Marlon Flores** - Com o samba correndo em suas veias, Marlon traz em seu DNA a nobre arte do bailado do Mestre-Sala. Filho de grande Mestre-Sala Marcelinho, que teve sua carreira sedimentada na São Clemente, o então menino Marlon nunca teve dúvidas de que seus passos no Carnaval seriam semelhantes aos de seu pai. Ainda com 07 (sete) anos ingressou no Projeto Manoel Dionísio. Já no Carnaval de 2002 foi convidado a defender as cores da escola mirim Mangueira do Amanhã, permanecendo até 2007. Sua estreia defendendo as cores de uma escola de samba “adulta” foi curiosamente em 2006 na São Clemente, a mesma que seu pai defendeu no passado. Em 2012 foi convidado a ser o 2º mestre-sala da Unidos do Viradouro na Série A. Seu desempenho foi reconhecido pela diretoria da agremiação o alçando no ano seguinte à condição de 1º mestre-sala, posto ocupado até 2015 trazendo excelentes notas para a escola. Nos Carnavais de 2016 e 2017 honrou o segundo pavilhão da Portela. Sua forma elegante e leve de evoluir, assim como a maneira de cortejar sua porta-bandeira fez com que o Paraíso do Tuiuti o convidasse no Carnaval de 2018, junto com Danielle Nascimento, a ser o responsável para defender o quesito. Com excelente resultado na recém-parceria alcançou notas máximas de todos os julgadores. Para 2020, Marlon promete mais empenho e dedicação para manter as notas auferidas no carnaval passado.

**Danielle Nascimento** - Nascida e criada por quem entende de Samba, por quem fez história no Carnaval. Daniele é filha de Vilma Nascimento, o “Cisne da Passarela” e neta de Natal da Portela. Descobriu seu amor pela arte de ser porta-bandeira aos 13 (treze) anos de idade, através da ala mirim da escola de samba Tradição. Em 1993 já começava a desfilar como 1º porta-bandeira, sagrando-se campeã do Grupo de Acesso. Defendeu o pavilhão do “Condor” até 2007. Em 2008 recebeu o convite do Império Serrano, sendo novamente campeã da divisão de acesso do Carnaval. Nos anos seguintes, defende os pavilhões da Portela e do Império Serrano novamente. Entre 2011 e 2013 decide se afastar da Passarela do Samba para se dedicar ao seu maior projeto de vida, a maternidade. Recebe novamente o convite da Portela para retornar sua vitoriosa carreira e com orgulho defende o pavilhão da Azul e Branco de Madureira, permanecendo entre 2014 e 2017. No último Carnaval desempenhou papel fundamental na conquista do título de Campeã para a Águia após longo jejum com seus 40 (quarenta) pontos conferidos pelos jurados. Diante de tamanha história o Paraíso do Tuiuti a contratou para junto com Marlon Flores defenderem o pavilhão da Azul e Amarelo de São Cristóvão no Carnaval de 2018. Resultado: mais uma vez notas máximas e muita comemoração pelo desfile histórico da escola. Com tamanho currículo e responsabilidade, Danielle sabe que repetir o desempenho requer muito suor e lágrimas, porém o destino final são os 40 (quarenta) pontos.

#### Guardiões do Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Sob as Bênçãos do Divino

Os guardiões representam as bênçãos dos arcanjos de ordem superior lançadas ao futuro Rei. Inspirados em figuras típicas de festas populares brasileiras, misturados com elementos da cultura portuguesa, os brincantes fazem a guarda do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira com pompa e majestade.



## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

#### O Luar Clareia a Noite em Cururupu

A Ilha dos Lençóis, localizada no município de Cururupu, no litoral maranhense, possui uma paisagem mística que inspira a criação de lendas e atrai energias poderosas. Em noites de lua cheia, esse misticismo ganha uma atmosfera ainda mais fantástica com o reflexo da luz lunar sobre as águas que banham a costa maranhense.



**Wesley Cherry** – Iniciou sua carreira no projeto de mestre-sala e porta-bandeira do G.R.E.S. União do Parque Curicica. Apesar de sempre se identificar com o bailado do mestre-sala, Wesley passou por outros segmentos no Carnaval: foi ritmista, diretor de harmonia e até intérprete, mas nenhum deles o fez tão completo como no papel de cortejar a porta-bandeira defendendo o pavilhão de uma agremiação. Desde então passou por escolas como o próprio Paraíso do Tuiuti, Acadêmicos do Engenho da Rainha e Unidos de Bangu. Em 2018 retornou ao Paraíso do Tuiuti defendendo o segundo Pavilhão ao lado de Rebeca Tito, com quem repetirá a dobradinha em 2020.

**Rebeca Tito** – Já aos 4 (quatro) anos de idade iniciou sua jornada no samba como passista da escola mirim Tijuquinha do Borel. Conheceu o projeto “Madureira toca, canta e dança”, que é vinculado à Portela, se apaixonando ainda aos 5 (cinco) anos pela arte do “Padedê com Bandeira”. Deu então ponta pé inicial no segmento. Com passagem pelas escolas mirins Inocentes da Caprichosos e Filhos da Águia, sua estreia em uma escola “adulta” foi na Unidos de Vila Kennedy, permanecendo por 3 (três) anos. A primeira vez que Rebeca teve a responsabilidade de empunhar o primeiro pavilhão foi na Unidos de Maricá com, apenas, 13 (treze) anos de idade. No Carnaval de 2015 foi convidada a participar do concurso de terceira porta-bandeira do Paraíso do Tuiuti. Sua performance segura a fez conquistar a vaga. Em 2016 foi promovida ao posto de segunda porta-bandeira da escola, cargo ocupado com segurança e elogios até os dias atuais.”

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:**

**Oh, Padroeiro! Que é Luz e Devoção, Abençoai meu Querido Pavilhão!**

O Samba exaltação da Paraíso do Tuiuti, composto em homenagem ao padroeiro da escola, São Sebastião, inspira o título da fantasia do terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, que traz símbolos e ornamentos católicos presentes nas celebrações ao Santo, cultuado nas ruas e nas igrejas todo 20 de janeiro.

Para uma exposição poética do sentido do que São Sebastião representa para a nossa agremiação, seguem os versos que compõem o samba-exaltação da escola, celebrado no bailar do nosso terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira:

**Samba Exaltação ao Padroeiro São Sebastião**

*Ó padroeiro, que é luz e devoção  
Abençoai, meu querido pavilhão  
Um canto de fé, ecoa em forma de oração  
Salve São Sebastião!*

*Guerreiro lutou, batalhas venceu  
Com a proteção divinal  
Em 20 de Janeiro é a celebração  
Viva São Sebastião!*

*Batalhas ou na fé, alcançou seus ideais  
Eis de seguir, perseverar  
E vitórias conquistar  
És padroeiro do meu Rio de Janeiro  
Cartão postal do meu Brasil  
Teu povo te ama e grita com emoção  
Valei-me São Sebastião!*

*E hoje, o Tuiuti na avenida  
És meu amor és minha vida  
Meu bem-querer, razão do meu viver  
O morro desce a ladeira  
E põe a bandeira  
E de mãos dadas pede paz e proteção  
O samba a mais sublime inspiração  
O manto azul na imensidão  
És meu paraíso  
Oh glorioso São Sebastião!*

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias



**Ewerton Anchieta** – Mais velho de três irmãos, Ewerton Anchieta Silveira nasceu em 07/02/1994, deu seus primeiros passos no Projeto Manoel Dionísio, onde iniciou sua formação e adquiriu um vasto conhecimento acerca da dança do casal. Iniciou sua trajetória como mestre sala mirim, aos seus 9 anos de idade, na agremiação Delírio da Zona Oeste. Com passagens marcantes pela União de Jacarepaguá, Sereno de Campo Grande e Renascer de Jacarepaguá. Ewerton integra hoje o Projeto Minueto do Samba. No carnaval de 2020 defenderá o pavilhão da azul e amarela de São Cristóvão com muita dedicação, amor e carinho. Sonha um dia cruzar a Sapucaí como primeiro mestre-sala de uma escola no Grupo Especial.

**Cássia Maria** – Cássia Maria Anchieta Silveira nasceu em 29/04/1997. No carnaval de 2020 defenderá o pavilhão do Paraíso do Tuiuti ao lado do Ewerton, seu irmão mais velho. Cássia iniciou sua trajetória na escola Delírio da Zona Oeste, quando tinha apenas 06 anos de idade. Apaixonada pelo bailado da porta bandeira, busca sempre aprimorar seus passos e conhecimento acerca da dança tendo participado, inclusive, do respeitável Projeto Manoel Dionísio. Cássia é uma apaixonada pelo carnaval e pela dança do casal de mestre sala e porta bandeira, nunca pisou na avenida em outra posição. Em sua trajetória teve passagens marcantes pelas agremiações Unidos de Cosmos, Sereno de Campo Grande e Unidos de Padre Miguel. Cássia dança com o irmão no Projeto Minueto do Samba, como forma de aprimorar seu bailado, e sonha um dia conseguir pisar na avenida principal dos desfiles como primeira porta bandeira.



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Marcia Frey – Coreógrafa**

Bacharel e licenciada em Dança e Educação Física. Formada em Ballet Clássico, Jazz, Dança do Ventre e Contemporâneo. Jurada do quesito Mestre Sala e Porta Bandeira da Série A de 2016 a 2019.

Participou como bailarina do encerramento dos Jogos Panamericanos Rio 2007, participação como porta bandeira na cerimônia de encerramento da Copa do Mundo 2014, participou como bailarina no encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e também participou como bailarina da cerimônia de encerramento da Copa América 2019.

Participação em eventos, festivais, espetáculos e apresentações como bailarina nas suas áreas de atuação (ballet clássico, contemporâneo, jazz e dança do ventre), ensaiadora e/ou coreógrafa.

Participações em cursos, seminários, congressos e workshops pertinentes às suas formações acadêmicas e culturais (SPdrj, Núcleo de Qualificação Paola Bartolo, Colégio Pedro II, Cefet Maracanã, UFRJ, Universidade Estácio de Sá, CHS Dancing, SM Fitness & Wellness, Rio Sport&Health2016, Gaff Studio, Festival de Dança de Joinville, Instituto Passo de Arte, Philia Pilates e outros).

Diversas capacitações nas suas áreas de atuação da Dança e em Educação Física, visando o constante aperfeiçoamento e atualização, incluindo cursos que possam viabilizar um aproveitamento pleno do corpo e movimento minimizando os efeitos colaterais, tais como pilates, alongamento e outros.

Trabalha desde .... como professora de dança para crianças e adolescentes em escolas, academias e projetos sociais visando a formação artística, cultural e de inclusão social.



# **G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio**



**PRESIDENTE**  
**MILTON ABREU DO NASCIMENTO “PERÁCIO”**



*“Tata Londir – O Canto do  
Caboclo no Quilombo de  
Caxias”*



**Carnavalescos**  
**GABRIEL HADDAD E LEONARDO BORA**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b>					
<i>“Tata Londir – O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias”</i>					
<b>Carnavalescos</b>					
Gabriel Haddad e Leonardo Bora					
<b>Autor(es) do Enredo</b>					
Gabriel Haddad, Leonardo Bora e Vinícius Natal					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b>					
Gabriel Haddad, Leonardo Bora e Vinícius Natal					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b>					
Gabriel Haddad, Leonardo Bora e Vinícius Natal					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Bahia de Todos os Santos	AMADO, Jorge	Companhia das Letras	2012	Todas
02	O sagrado selvagem e outros ensaios	BASTIDE, Roger	Companhia das Letras	2006	Todas
03	Museu de Folclore Edison Carneiro. Sondagem na Alma do Povo	BISILLIAT, Maurren; SOARES, Renato	Empresa de Artes	2005	Todas
04	Aw - o mistério dos Orixás	COSSARD, Gisle Omindarewa	Pallas	2014	Todas
05	Uma francesa no Candomblé, a busca de uma outra verdade	DION, Michel	Pallas	2002	Todas
06	Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei  este? Trajetória de Joãozinho da Gomeia	GAMA, Elizabeth Castelano	Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Ps-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense	2012	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
07	Uma Trajetória de muitas histórias: João da Gomeia e o conflito entre Candomblé e Umbanda nos “anos dourados”	GAMA, Elizabeth Castelano	Anais do XXVII Simpósio nacional de História – ANPUH	2013	Todas
08	As Àfricas de Pamplona e o Debret da trinca. Figurinos monumentais do carnaval carioca	GUIMARÃES, Helenise Monteiro	Textos Escolhidos de Cultura e Arte Popular (TECAP) – EDUERJ	2013	Todas
09	Candomblé Angola e o culto a Caboclo: de como João da Pedra Preta se tornou o Rei Nagô	MENDES, Andrea	Revista Periferia – v.6, n.2	2014	Todas
10	O Rei do Candomblé nas páginas da revista. Joãozinho da Gomeia em O Cruzeiro (1967)	MENDES, Andrea	Revista da História da UNIABEU – v.4, n.6.	2014	Todas
11	Vestidos de Realeza: contribuições centro-africanas no Candomblé de Joãozinho da Gomeia (1937-1967)	MENDES, Andrea	Dissertação de mestrado em História Social – UNICAMP	2012	Todas
12	O Quilombismo - documentos de uma militância pan-africanista	NASCIMENTO, Abdias	Perspectiva	2019	Todas



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
13	Salve Pai Pedra Preta: uma contribuição singela à trajetória do Babalorixá Joãozinho da Goméia	NASCIMENTO, Andréa	Mneme Revista de Humanidades – Departamento de História e Geografia da UFRN – v.5, n. 11	2004	Todas
14	Gomeia João - a arte de tecer o invisível	NOBRE, Carlos	Centro Portal Cultural	2017	Todas
15	Joãozinho da Gomeia. Memórias do babalorixá em Duque de Caxias (1914-1971)	NORONHA, Taís Fernanda	Dissertação apresentada ao Programa de pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO	2017	Todas
16	Fogo no Mato. A ciência encantada das macumbas	RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio	Mórula	2018	Todas
17	Pedrinhas Miudinhas - ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros	SIMAS, Luiz Antônio	Mórula	2013	Todas
18	Samba, o dono do corpo	SODRÉ, Muniz	Mauad	1998	Todas
19	Serra, Serrinha, Serrano - o Império do samba	VALENÇA, Rachel; VALENÇA, Suetônio	Record	2017	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
20	Orixás - deuses Iorubás na África e no Novo Mundo	VERGER, Pierre Fatumbi.	Corrupio	2002	Todas
21	O Corpo Encantado das Ruas	SIMAS, Luiz Antônio	Record	2019	Todas
22	Do Outro Lado	FRAGA, César; GONÇALVES, Ana Maria; DE CASTRO, Maurício Barros.	Olhares	2017	Todas
23	2 de Julho: A Festa é História	MARTINEZ, Socorro Targino.	Fundação Gregório de Mattos	2000	Todas
24	A Comida Baiana de Jorge Amado	AMADO, Paloma.	Panelinha	2004	Todas

**Outras informações julgadas necessárias**

Filmes Consultados

- COPACABANA MON AMOUR. Rogério Sganzerla. Rio de Janeiro, 1970.
- LINA, A MULHER DE FOGO. Tito Davison. Rio de Janeiro e Cidade do México, 1958.
- GISÈLE OMINDAREWA. Clarice Peixoto. Rio de Janeiro, 2009.

Sítios Consultados

- <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/cem-anos-de-um-rei-negro-pai-de-santo-derrubou-preconceitos-popularizou-candomble-14884003>
- [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15310/1/2016\\_ThiagoAlmeidaFerreira\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15310/1/2016_ThiagoAlmeidaFerreira_tcc.pdf)
- [https://www.academia.edu/23201853/O\\_REI\\_DO\\_CANDOMBL%C3%89\\_NAS\\_P%C3%81GINAS\\_DA\\_REVISTA\\_JO%C3%83OZINHO\\_DA\\_GOM%C3%89IA\\_EM\\_O\\_CRUZEIRO\\_1967](https://www.academia.edu/23201853/O_REI_DO_CANDOMBL%C3%89_NAS_P%C3%81GINAS_DA_REVISTA_JO%C3%83OZINHO_DA_GOM%C3%89IA_EM_O_CRUZEIRO_1967)
- <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/12854/0>
- <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20817/2/Hanayr%C3%A1%20Negreiros%20de%20Oliveira%20Pereira.pdf>

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Perfil dos Carnavalescos**

**Gabriel Haddad**

Gabriel Haddad Gomes Porto, 31 anos, é formado em Relações Internacionais pela UNILASALLE – RJ (2011) e Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ (PPGArtes – UERJ). Além disso, cursou História da Arte na Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2008, começou a desenvolver trabalhos para o carnaval, realizando as defesas e justificativas de enredo, fantasias e alegorias para a Estação Primeira de Mangueira. Para os carnavais de 2011 e 2012 realizou a pesquisa, o desenvolvimento e as defesas dos enredos da Imperatriz Leopoldinense (“Sambar faz bem à saúde” e “Jorge, Amado Jorge”, respectivamente), em parceria com o carnavalesco Max Lopes. Em paralelo, realizou trabalhos vitoriosos no concurso “Carnaval Virtual”, na liga Virtuafolia, sagrando-se campeão pelo Grupo de Acesso, em 2011, e pelo Grupo Especial, em 2012. A partir dos projetos de alegorias desenvolvidos para o Carnaval Virtual, foi convidado pelo carnavalesco Eduardo Gonçalves para integrar a sua equipe de criação e arte-finalização, na escola de samba Alegria da Zona Sul (então no Grupo de Acesso A), e pelo carnavalesco Alexandre Louzada, que estava à frente da Mocidade Independente de Padre Miguel (Grupo Especial). Para o carnaval de 2013, em parceria com os profissionais citados, desenvolveu as plantas técnicas dos carros alegóricos. No mesmo ano, como carnavalesco, assinou o desfile da Mocidade Unida do Santa Marta (que terminou campeã no Grupo de Acesso D), juntamente com Eduardo Gonçalves, Leonardo Bora, Fábio Fabato, Rafael Gonçalves, Vitor Saraiva e Vinícius Natal. Ainda em 2013, realizou a pesquisa, o desenvolvimento e as defesas do enredo da Unidos do Viradouro (2ª colocada no Grupo de Acesso A). Para o carnaval de 2014, Gabriel seguiu como assistente de Eduardo Gonçalves, no Império Serrano, e de Alexandre Louzada, na Portela (3ª colocada no Grupo Especial), realizando os projetos artísticos e técnicos dos carros alegóricos de ambas as escolas. No mesmo ano, permaneceu como carnavalesco da Mocidade Unida do Santa Marta, em conjunto com Leonardo Bora, Rafael Gonçalves e Vítor Saraiva, sagrando-se novamente campeão (Grupo de Acesso C). Além disso, desenvolveu, sob orientação de Alexandre Louzada, os projetos das alegorias da escola de samba Império de Casa Verde, de São Paulo. Para o carnaval de 2015, Gabriel continuou na Portela (5ª colocada no Grupo Especial), tendo efetuado os projetos artísticos e técnicos do carro abre-alas da agremiação (idealizado por Alexandre Louzada), conhecido como a “Águia Redentora”. Graças ao impacto da alegoria, conquistou o prêmio de melhor desenhista do Grupo Especial, cedido pelo Plumas e Paetês Cultural. No mesmo ano, foi convidado pelo carnavalesco Fábio Ricardo para realizar a arte-finalização das alegorias da Acadêmicos do Grande Rio (3ª colocada no Grupo Especial). Para o carnaval de 2016, Gabriel seguiu assistente de Alexandre Louzada, na Mocidade Independente, e assinou, em parceria com Leonardo Bora, o desfile apresentado pela Acadêmicos do Sossego, na Série B. O conjunto visual e a narrativa do enredo sobre as imagens poéticas de Manoel de Barros levaram a escola à vitória. Além disso, realizou os projetos artísticos e técnicos do carnavalesco Edson Pereira para a Unidos de Padre Miguel (2ª colocada na Série A), e de Alexandre Louzada para a Unidos de Vila Maria (5ª colocada no Grupo Especial de São Paulo).

## FICHA TÉCNICA

### Enredo

#### Outras informações julgadas necessárias

Para o carnaval de 2017, Gabriel trabalhou como assistente e projetista na Mocidade Independente de Padre Miguel (uma das campeãs do Grupo Especial, ao lado da Portela) e na Unidos de Padre Miguel (Série A), além de ter sido convidado pelo carnavalesco Leandro Vieira para realizar projetos de alegorias da Mocidade Alegre, do Grupo Especial de São Paulo. Em 2018 e 2019, ao lado de Leonardo Bora, assinou os desfiles do GRES Acadêmicos do Cubango, pela Série A – ganhadores, ambos, do Estandarte de Ouro de Melhor Escola e Melhor Samba – um feito inédito na história da premiação. A apresentação de 2018, em homenagem a Arthur Bispo do Rosário, ganhou mais de 15 prêmios, gerou exposições e desdobramentos diversos. O desfile de 2019, “Igbá Cubango – a alma das coisas e a arte dos milagres”, ganhou mais de 40 prêmios e gerou o documentário “A Alma das Coisas”, de Douglas Soares. Além do carnaval, o artista já efetuou outros trabalhos, como os desenhos cenográficos do concurso Miss Angola (2015 e 2016) e projetos cenográficos de inúmeros shows e eventos.

#### Leonardo Bora

Leonardo Augusto Bora, 33 anos, é Licenciado em Letras Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2009), Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Paraná (2011), Mestre e Doutor em Ciência da Literatura (Teoria Literária) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014 e 2018). Atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Faculdade de Letras da UFRJ e é Professor Substituto de Estudos da Cena, da Dramaturgia e do Espaço Cênico da Escola de Belas Artes da UFRJ, ministrando aulas para os cursos de Cenografia e Indumentária. Participou do Programa de Mobilidade Acadêmica (Doutorado-Sanduiche), com bolsa Erasmus + (concedida pela União Europeia), morando seis meses (de janeiro a julho de 2017) na cidade de Nice, França, onde conheceu e participou dos festejos carnavalescos daquele lugar, além de pesquisar o carnaval de Veneza. Publicou, em 2019, o livro “A Antropofagia de Rosa Magalhães” (Rico Editora), análise de 11 carnavais assinados pela famosa artista. Trabalhou como professor assistente e revisor de textos no Curso e Colégio Positivo, em Curitiba-PR (2008 a 2011) e como Professor Substituto do Departamento de Artes (curso de Produção Cultural) da Universidade Federal Fluminense, em Niterói-RJ (2015 a 2016). Membro associado da Society for Utopian Studies desde 2014, apresentou parte das suas pesquisas sobre o carnaval carioca em congressos internacionais realizados em Montréal, no Canadá (2014), e em Lisboa, Portugal (2016). Como ilustrador, já fez desenhos para inúmeros eventos e publicações, como a série “Família do Carnaval” (Editora NovaTerra, 2012 - 2017), o livro científico “O sentido das estrelas – a história que nos trouxe à Terra”, da bióloga Eneida Miskalo (Editora CRV, 2016), o livro infantil “Primeiro Voo”, de Denise Mazocco (Insight, 2019), e a obra “Arte Total Brasileira”, de Izak Dahora (Cândido, 2019). No campo específico das Escolas de Samba, começou a trabalhar em 2008, quando realizou pequenos trabalhos para a Unidos do Viradouro e ingressou no concurso “Carnaval Virtual” (Liga Virtuaflora), sagrando-se campeão pelos grupos Especial e de Acesso. De 2009 a 2013, acumulou mais dois campeonatos (2010 e 2011) e três vice-campeonatos (2009, 2012 e 2013).

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

Em 2012, prestou serviços para as Escolas de Samba São Clemente, Alegria da Zona Sul e Estrelinha da Mocidade. No mesmo ano, ingressou na Comissão de Carnaval da Mocidade Unida do Santa Marta (da qual também faziam parte Fábio Fabato, Gabriel Haddad, Rafael Gonçalves, Vinícius Natal e Vítor Saraiva). A Escola de Botafogo terminou campeã do Grupo D, após um desfile aclamado. Para o carnaval de 2014, permaneceu na equipe de arte-finalização de desenhos de figurinos de Eduardo Gonçalves (então à frente do Império Serrano) e na Comissão de Carnaval da Mocidade Unida do Santa Marta, juntamente com Gabriel Haddad, Rafael Gonçalves e Vítor Saraiva. Bicampeã, após o desfile com o enredo “Na hora em que o sol se esconde”, homenagem ao músico Dorival Caymmi, a Mocidade Unida do Santa Marta subiu para o Grupo B. Para o carnaval de 2015, Leonardo Bora e Gabriel Haddad se desligaram da Mocidade Unida e migraram para a Escola de Samba Acadêmicos do Sossego, também no Grupo B. No desfile de 2015, com enredo baseado em contos de Mia Couto e na obra “Made in Africa”, de Câmara Cascudo, a agremiação terminou em oitavo lugar. Para o carnaval de 2016, Leonardo e Gabriel, ainda à frente da Acadêmicos do Sossego, idealizaram enredo sobre as imagens poéticas de Manoel de Barros: “O Circo do Menino Passarinho”. O desfile terminou campeão e levou a escola para a Série A. No carnaval de 2018, assinou o desfile do GRES Acadêmicos do Cubango, juntamente com Gabriel Haddad. A homenagem a Arthur Bispo do Rosário, ganhadora de dezenas de prêmios (entre eles, os Estandartes de Ouro de melhor escola e melhor samba de enredo), gerou exposições, apresentações de trabalhos acadêmicos e parcerias com instituições de ensino. O desfile de 2019, “Igbá Cubango – a alma das coisas e a arte dos milagres”, novamente ganhou os principais prêmios da Série A do Rio de Janeiro, incluindo os Estandartes de Melhor Escola e Melhor Samba, um feito inédito. Enquanto prestador de serviços, Leonardo Bora já efetuou trabalhos de criação visual para inúmeras agremiações carnavalescas do Brasil, entre elas: Império da Tijuca, Boi da Ilha do Governador, Imperatriz Leopoldinense, Tupy de Brás de Pina, Vai-Vai (São Paulo) e Piratas da Batucada (Macapá).

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Perfil do Pesquisador Vinícius Natal**

Doutor em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição pela qual também se tornou mestre, no mesmo curso. É graduado em História pela Universidade Federal Fluminense e possui curso técnico em Publicidade e Propaganda pela Escola Técnica de Comunicação. Atualmente, cursa o Pós-Doutorado no Instituto de História da Arte da UERJ. Atuou como pesquisador do Centro Cultural Cartola, atual Museu do Samba, instituição responsável pelo encaminhamento do dossiê que tituló as matrizes do samba do Rio de Janeiro como patrimônio imaterial brasileiro (IPHAN); Também foi Diretor Cultural do GRES Unidos de Vila Isabel, coordenando a instalação de um centro de memória - físico e virtual - [www.vilaisabelcultural.com.br](http://www.vilaisabelcultural.com.br) - além de implementar a constituição de um acervo de memória oral com componentes da agremiação, dando origem ao documentário "Kizomba - 30 anos de um grito negro na Sapucaí";

Exerceu a função de Coordenador de Promoção das Políticas de Igualdade Racial - CPIR - do município do Rio de Janeiro, articulando políticas públicas para a questão racial na cidade, agindo na implementação do MUHCAB - Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira - e do Centro de Interpretação do Cais do Valongo, patrimônio mundial sensível titulado pela UNESCO. Foi, também, professor de História do Colégio de Aplicação da UERJ. Além de artigos em revistas científicas, publicou dois livros: um livro de crônicas, "As Titias da Folia: O Brilho Maduro das Escolas de Alta Idade", e "Cultura e Memória nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro: Dramas e Esquecimentos", ganhador do prêmio Afonso Carlos Marques do Santos em 2016, promovido pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Hoje, atua como pesquisador do GRES Acadêmicos do Grande Rio, onde, para o ano de 2020, elaborou, junto de Gabriel Haddad e Leonardo Bora, o enredo "Tata Londirá -O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias", sobre o Pai de Santo Joãozinho da Gomeia".

# HISTÓRICO DO ENREDO

**Tata Londirá**

*O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias*

## APRESENTAÇÃO

Jorge Amado, Obá de Xangô, escreveu, em *Bahia de Todos-os-Santos*:

“Porém nenhuma macumba é tão espetacular como essa da roça da Gomeia, ora Nagô, ora Angola, candomblé de caboclo quando das festas de Pedra Preta, um dos patronos da casa. Nos ritos nagôs, os santos do Pai de Santo da Gomeia são Oxóssi e Iemanjá; do Pai de Santo Joãozinho da Gomeia ou da Pedra Preta, um maravilhoso bailarino, digno de palcos de grandes teatros. Esse caminho de São Caetano, que leva à estrada difícil da Gomeia, é percorrido por quanto artista, quanto escritor e quanto sábio passa por essa cidade. Sou ogã desse candomblé, levantado por Iansã.”

Roger Bastide, um dos mais influentes sociólogos do século XX, explicou:

“Essa coexistência não deixa de causar certa confusão: não haveria oposição entre o caráter do orixá e o do caboclo que disputam a mesma pessoa? Joãozinho da Gomeia responde a essa dificuldade estabelecendo uma série de correspondências entre orixás e caboclos (o mesmo tipo de correspondência, aliás, que se estabeleceu entre os orixás e os santos do catolicismo), de modo que o mesmo ‘poder’ é que, com nomes diferentes, possuiria a mesma pessoa.”

E Abdias do Nascimento, em texto para o *Quilombo*, relatou o seguinte achado:

“Caxias se transformará num grande, imenso quilombo. Seu povo é todo negro. Cada fundo de casa é um terreiro, em cada encruzilhada se topa com um despacho pra Exu. Não é sem motivo que já chamaram Caxias de ‘Roma sem torre de igrejas...’ (...) Era dia de São João em Caxias. Os terreiros embandeirados; o lugar dos atabaques ocupado pelos músicos (...). Nos Cartolinhas de Caxias a festa transcorreu animadíssima. (...) Dançamos também no terreiro do famoso Pai de Santo Joãozinho da Gomeia, que, apesar de ser filho de Oxóssi, é um fervoroso devoto de São João.”

É com as bênçãos dos deuses apregoados que o GRES Acadêmicos do Grande Rio, nas águas correntes do sonho, levará ao asfalto sagrado uma história dos Brasis profundos. Um olhar para o nosso passado e para o legado de um líder negro, homossexual e nordestino, bailarino que ousou dançar com o poder instituído e enfrentou, queixo alto e voz potente, as navalhas do preconceito. A comunidade de Caxias se veste para o xirê: cheguem todos, vamos juntos! Nas tintas de Djanira, nos retratos de Pierre Verger!

Saudemos, unidos, Joãozinho da Gomeia!

## **SINOPSE DO ENREDO**

*Chega de violência, sofrimento e dor  
O pelourinho ainda não findou  
para os ocultos opressores da nação*

G. Martins, Adão Conceição, Barberinho, Queirós, e Nilson Kanema  
- *Águas claras para um rei negro*  
(samba de enredo do carnaval de 1992)

*Pandeiro quando toca  
Faz Pedra Preta chegar  
Viola quando toca  
Faz Pedra Preta sambar*

Baden Powell e Vinícius de Moraes –  
*Canto do Caboclo Pedra Preta*

*Rio é orixá, vento é inquice, maré é vodum,  
pedra de riacho é encantamento de bugre.*  
Luiz Antonio Simas – *A morada do rei dos índios*

*Mukuiú!*

*Xetruá! Maromba Xeto!*

Viva o Brasil-Caboclo e salve o Brasil-Pandeiro!

Jurema, Jibóia, Peri, Jupiara, Flecheiro, Jaciara, Aimoré, Tupiaçu, Campina-Grande, Cobra-Coral, Sete-Flechas, Sete-Encruzilhadas, Girassol, Sultão-das-Matas, Guiné, Jaguará, Pena-Branca, Araranguá, Tabajara, Cachoeira, Tupaíba, Rompe-Mato, Guaraná, Mata-Virgem, Sete-Estrelas, Folha-Verde, Treme-Terra, Tira-Teima, Tupinambá, Ubirajara, Águia-Branca, Ventania, Arranca-Toco, Vira-Mundo... em verde, vermelho e branco, as cores dos seus cocares.

Em verde, vermelho e branco, as cores que nos irmanam.

Sambemos!

O samba é o dono do corpo. Exu, o pó das estradas: Laroyê!

*Clareia, Dindinha...* As noites sem-fim da Bahia, já dizia Jorge Amado, guardam os sonhos daqueles que ousam varrer o mundo. Fumaça, perfume, poeira no redemunho. No fundo, no escuro da casa, as aparições teciam destinos emaranhados. Causos, sopros, quebrantos. Olhos pretos de carvão! Rede que balançava a Lua nas lamparinas. Um clarão e o vulto ali: era homem?, era bicho? Voo de vaga-lumes, raízes tão retorcidas. As vozes dos devaneios indicavam o desenredo: deixar para trás os medos, nos passos do Conselheiro; seguir em direção ao mar e reinar no Trono de Angola. João Alves Torres Filho, menino, vestiu-se em asas de pássaro.



Deu-se o fogo no mato!  
Até parece mentira, até parece milagre.

O samba é o dono do corpo. Ao Sol de São Salvador: Agô!

Flores aquareladas, folhas no chão do mercado. Coube ao velho Jubiabá, feiticeiro de muitas histórias, raspar a cabeça do moço. No alto do Morro da Cruz, sorveu o saber dos encantos. Nas festas de Dois de Julho, vestiu-se em mantos de penas. *Vou-me embora pro sertão; viola, meu bem, viola!* Foi na roça da Gomeia, aos pés de uma gameleira, que João da Pedra Preta firmou o seu Candomblé. Foi na roça da Gomeia, caminho de São Caetano, que as gentes mais afamadas fizeram mandinga e fuzarca. Dendezeiros, mesa farta. Axoxô e aluá. Quem não viu o bailado forte da Corte dos Orixás?

O samba é o dono do corpo. Oxóssi, o Rei caçador: Okê Arô!

Deu-se, então, a navegação. *Para ser livre, nunca é tarde demais.* Búzios, cauim, juremeira. Cascas, flechas de Keto. Perseguido por suas crenças e por sua visão libertária, João seguiu mar afora, aos braços do Redentor. Encontrou no chão de Caxias o ponto da nova Gomeia. Plantou os ensinamentos colhidos na roça baiana. Aldeia contemporânea, evocação ancestral. Baixavam os caboclos na Baixada, Auê!, no mesmo transe dos deuses d'África (oceanos de travessias). Bravos guerreiros daqui, saberes do ventre da mata. Do lugar, Oxóssi era o dono. Iansã, a mãe zeladora. *Lambaranguange Mutalambô! Caça na Aruanda, ô coroa!*

O samba é o dono do corpo. A carne é de carnaval: Evoé!

João, malandro e vedete, abraçou o fuzuê das ruas – e no frenesi dos bailes causou o maior dos espantos. *O pavão é um “passo” bonito; com suas pena dourada!* Deuses de todos os credos reinavam nas passarelas. Qual não foi o bafafá quando ousou se vestir de Cleópatra? Foi ainda Faraó – “Saravá, meu pai Ramsés!” Do Teatro de Revista, herdou os leques de plumas. E nas escolas de samba foi “herói da liberdade”: Ganga Zumba, líder quilombola da saga de Palmares! Fama e notoriedade, *luxo e raro esplendor.* *Oropa, França e Bahia* bordadas em fantasias. Sob um céu de decorações, desfilou a sua grandeza. Alfinetou nos jornais: os olhos o procuravam!

O samba é o dono do corpo. *O show não pode parar:* Bravo!

João, bailarino brilhante, rompeu as fronteiras do rito. A arte o transfigurava: nos palcos da Zona Sul, nas luzes de hotéis e cassinos. Deixou no Municipal o aroma de benjoim. Deixou com Mercedes Baptista o sumo do seu bailado. Do Catete ao Katendê: foram muitos os notáveis que a ele entregaram a fé. Câmara Cascudo e Edison Carneiro beberam do axé caxiense – e podiam tranquilamente girar com Getúlio Vargas. Dos tragos com JK adveio a missão secreta: arriar mais de cem ebós em um eixo profetizado. Dizem que veio dela, a Rainha da Inglaterra, o título maior: Joãozinho da Gomeia, o

“Rei do Candomblé”! A ele enviava presentes e à distância se consultava – graças ao amigo Chatô, nos ecos dos carnavais...

O samba é o dono do corpo. Oyá, nas rosas vermelhas: Eparrei!

O vento que corta, arrepia. O raio que estoura, ensurdece. Nas folhas não maceradas, João avoou encantado – e pode ser redesenhado, andorinha no arrebol; e pode ser reinventado, enfim Labá-Labá. Na batida dos tambores, no Eruexim de Iansã, na espada de Kaiangô. Afefé! Podem ser revisitados os encontros na Gomeia, podem ser reinstalados o desejo e a magia. De ver os terreiros floridos nas tardes de luz e festa. De ver as estrelas candentes no espelho das noites de gala. Fitas e franjas balançam e dançam nas festas juninas. Pinturas de jenipapo, grafismos de urucum. Nos traços do mestre Abdias, no abô de Omindarewá.

João de Inhambupe.

Do barro encarnado, o chão de Caxias.

Da terra que clama o chão de Zumbi.

Do Brasil que se faz cortejo. Do Brasil-contradições.

São negras memórias que se entrelaçam, em ciranda, com o tempo. Tempo Rei, compositor. Nzara, Senhor Kitembo!

São negras vitórias que moram nos roncós das nossas almas – e que na avenida explodem num grito de pertencimento. Respeito!

São negras histórias marcadas nos pés do nosso passado – e que num presente tão duro resistem feito mocambos. Não quebram!

Vibra novamente o couro do atabaque!

Verde em cada menino o tronco do Quilombismo!

Porque há sempre de ecoar mais forte o canto de cada Caboclo.

Viva o Povo-de-Santo e salve o Brasil-Terreiro!

*Xetruá! Maromba Xeto!*

Axé, Tata Londirá!

*Eu sou jongueiro, baiana  
Sapucai, eu vou passar  
E a Grande Rio vem comigo, saravá!*

Carnavalescos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora

Pesquisa e Texto: Gabriel Haddad, Leonardo Bora e Vinícius Natal

Colaborações e Agradecimentos: Mãe Sandra da Gomeia (Seci Caxi), Tata Sergio Jitu, Carlos Nobre, Danyllo Gayer, Luise Campos, Luiz Antonio Simas, Maria Augusta Rodrigues, Renato Ferreira, Taís Noronha, Tânia Amaro, Thiago Hoshino

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

No dia 26 de dezembro de 2019, o editorial do jornal O Globo, intitulado “Sinais de agravamento da intolerância”, foi iniciado com a seguinte passagem: “O samba-enredo da Acadêmicos do Grande Rio para 2020 — sobre o Pai de Santo Joãozinho da Gomeia — tem versos aos quais as autoridades, a despeito da descontração do carnaval, deveriam prestar atenção: “Pelo amor de Deus/ Pelo amor que há na fé/ Eu respeito o seu amém/ Você respeita o meu axé”. Enredos sobre religiões de matriz africana são comuns, mas não se tem notícia de registrarem de forma tão clara os conflitos com religiosos fundamentalistas como desta vez. A regra sempre foi louvar os orixás, sem necessidade de mandar recados ou reagir a ataques, referindo-se eventualmente ao catolicismo, mas no contexto do sincretismo com o Candomblé e a Umbanda. É um sinal dos tempos, pois indica que o país já não é mais tão sincrético assim. Pelo contrário, a convivência entre diferentes credos é cada vez mais difícil. A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa recebeu em torno de 200 denúncias este ano no Estado do Rio até aqui, mais do que o dobro de 2018. Até setembro, 176 terreiros fecharam após ataques de fanáticos ou ameaças de traficantes.”

Os dados apresentados no parágrafo que abre o editorial d’O Globo são mais do que alarmantes e revelam um quadro assustador. É diante deste cenário nebuloso que o GRES Acadêmicos do Grande Rio situa o seu enredo para 2020, assumindo o seu papel social de Grêmio Recreativo que começou a trilhar os caminhos carnavalescos bebendo da fonte das narrativas ancestrais afro-ameríndias, “dando um banho de cultura” (a frase-síntese do samba-enredo de 1996, tão reverberada nos anos seguintes) e se posicionando em defesa da liberdade e da diversidade, contra a intolerância e a opressão. “Chega de violência, sofrimento e dor”, cantavam os versos do samba-enredo de 1992, “Águas Claras para um Rei Negro”. Tais versos permanecem, infelizmente, atuais. Mais atuais do que nunca! Era chegada a hora, portanto, de revisitar a própria memória e revitalizar tal posicionamento. O caminho escolhido para tal não poderia ser outro: um clamor antigo, um desejo da comunidade, um pedido que se fazia ouvir há tempos, pelas ruas de Duque de Caxias: a homenagem a João da Gomeia, Tata Londirá.

Nos últimos anos, algumas iniciativas culturais e artísticas trouxeram à tona o nome do Pai de Santo, como o espetáculo teatral de Átila Bee, “Joãozinho da Gomeia - De Filho do Vento ao Rei do Candomblé”, encenado no galpão Gomeia, em Duque de Caxias, um centro cultural criado por iniciativa de lideranças locais e pesquisadores acadêmicos, no espaço outrora ocupado por uma igreja neopentecostal; e o filme “Joãozinho da Gomeia, o Rei do Candomblé”, de Rodrigo Dutra e Janaina Oliveira, cuja estreia se deu no cinema Odeon, durante o Festival do Rio de 2019. Nesse mesmo fluxo, o GRES Acadêmicos do Grande Rio se propõe a apresentar uma leitura de tão complexa figura, utilizando como palco a Passarela do Samba. O nosso enredo faz parte, então, de uma rede não-intencional de iniciativas que buscam dar visibilidade à figura de Pai João, liderança que

projetou o nome de Caxias para o Brasil e que reunia em si, em um mesmo corpo híbrido, uma amálgama de identidades - negro, homossexual, candomblecista, nordestino, os rótulos se sobrepõem e complexificam a importância política de se revisitar a memória do personagem homenageado. João Alves Torres Filho se mostra enquanto esfinge travestida de incontáveis vivências, figura que tensionou os limites da fantasia e tocou o universo mítico – religioso, carnavalesco, das boates e dos cassinos, dos jornais e das revistas – nas suas mais controversas dimensões. Escavar tal passado não é uma tarefa fácil: antes um exercício com sucessivas mudanças de rumo, a exemplo das escavações realizadas pelo Museu Nacional, no ano de 2015, lideradas pelo arqueólogo Rodrigo Teixeira, que reviraram o chão de barro batido da Gomeia caxiense e resgataram fragmentos, objetos, indagações. Memórias subterrâneas, oclusas pela poeira do tempo e pela ingerência do colonialismo – projeto de poder historicamente comprometido com o apagamento das memórias afro-ameríndias que constituíram (e constituem!) a(s) cultura(s) brasileira(s).

É preciso destacar, de saída, que falamos de apenas uma entre incontáveis leituras possíveis, conforme foi destacado no texto publicado pelos carnavalescos quando do lançamento da sinopse do enredo: “Perder-se, às vezes, é o caminho para os achamentos. Não gostamos de planificações e consensos: gostamos das vielas pedregosas, dos ossos que quebram dentes, do embate permanente e do florir das interrogações - árvores de cascas grossas. Este texto é um duelo entre os relatos escritos de nomes como Jorge Amado e as narrativas de matriz oral; este texto intencionalmente mais sugere do que atesta veracidades; este texto é uma obra aberta, maleável feito o barro, conflituoso feito a própria vida de um sujeito de diferentes nomes e incontáveis saudações, agente mediador, diplomata em trânsito, personagem central de um sem-fim de histórias e estórias - queremos da “verdadeira” História? - ecos de Guimarães Rosa. Quantos são os fios embolados e quantas são as vozes narrativas? É impossível fechar as portas, as pontas, as pontes. Este texto é uma e apenas uma entre dezenas, centenas, milhares de leituras possíveis. Joãozinho abraçava as polêmicas, atrevido e inclassificável. Não há criação sem conflito. Se este texto gerar debates, aí ficaremos felizes.”

A complexidade da empreitada ganha colorido interessante se pensarmos que o processo de gestação do enredo se deu numa encruzilhada entre as narrativas de matriz oral e os relatos escritos (a prospecção bibliográfica). Historicamente, o domínio da escrita é um privilégio daqueles que aprenderam a ler e a escrever no idioma dos colonizadores. O pensamento, entretanto, não se prende à materialidade do papel: é uma ousadia daqueles que refletem sobre a realidade social do seu tempo e espaço, produzindo conhecimentos não-grafados que eclodem sob as mais diversas formas – a começar pelos tambores, a matriz do nosso amado samba. Como pontua Luiz Antonio Simas, no ensaio “Meus heróis civilizadores”, parte da coletânea “Pedrinhas Miudinhas – ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros”, “quem me criou não tinha educação formal e não me deu o Quixote, o Crime e Castigo, o Dom Casmurro, o Grande Sertão e outros tantos livros que, como esses, eu li um dia e passei a amar. Quem me criou, porém, me contou das artimanhas de

Exu, da flecha certa de Oxóssi, dos amores de Ogum, das mulheres de Xangô, do tronco forte de Tempo e do pano branco de Lemba – e eu passei a gostar de ouvir e inventar histórias, no alargamento da vida.” Entendendo essa dinâmica, buscamos beber na fonte da oralidade, realizando dezenas de entrevistas com o objetivo primeiro de ouvir. Os relatos de baluartes da escola, moradores anônimos de Caxias, filhos e herdeiros de Santo e lideranças religiosas ligadas à Gomeia se uniam (não sem atritos) aos depoimentos de artistas, pesquisadores acadêmicos e jornalistas, sem falar nos registros de agentes como Jorge Amado, Roger Bastide, Pierre Verger, Omindarewa e demais intelectuais que passaram pela Gomeia. Deve-se destacar que a valorização da oralidade não deve ser confundida com a negação da escrita; trata-se, ao contrário, de uma outra maneira de construção de conhecimento e discurso, contra-hegemônica e muito mais pluralista. A história oral nos auxiliou como um suporte importante para entendermos esse cruzamento de narrativas e versões que se sobrepõem sobre um mesmo fato ou personagem histórico. E tornou mais visíveis as tensões e disputas instaladas no terreno da memória da Gomeia, um palco de acalorados debates. Como diz Verena Alberti, no seu “Manual de História Oral”, “a oralidade possui uma dimensão da realidade a partir da experiência vivida pelos próprios atores onde, com isso, constroem as suas próprias narrativas e interpretações de realidade.” Das entrevistas realizadas com nomes como Seci Caxi, Sérgio Jitú, Carlos Nobre, Taís Noronha, Adriana Batalha, Danyllo Gayer, Itanijé de Iemonjá, Thiago Hoshino, Tânia Amaro, Antônio Augusto, Lucas Bártolo, Luise Campos, Renata Menezes, Átila Bee, Renato Ferreira, Ivanir dos Santos, André Mendes, Marcelo Fritz etc., foram extraídas informações imprescindíveis para a construção do enredo – tanto na dimensão escrita (a feitura da sinopse e o posterior desdobramento nas justificativas) quanto na visualidade (a concepção de fantasias e carros alegóricos). Procuramos valorizar histórias e detalhes desconhecidos do grande público, abraçando as vozes dissonantes, as lacunas e os delírios – afinal, é Carnaval!

O que nos parece incontestável é que, bailando nas encruzilhadas, João da Gomeia fez do seu Candomblé um ponto de partida para uma atuação mais ampla na cena fluminense, tornando-se, ao seu tempo, um importante agente cultural. A encruzilhada, para Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, é o espaço de confluências de sons, ritmos e culturas; é o “cruzo” onde Exu gargalha, bebe marafo e bafora, na fumaça do charuto, as mais profundas ancestralidades da alma brasileira. Compreendemos, por exemplo, que, apesar de Joãozinho da Gomeia afirmar categoricamente que era feito na linha do Candomblé de Angola, também efusivamente defendia que, se fosse preciso, incorporaria ritos e cantigas de outras nações, pois o que importava, de fato, era o axé das entidades, e não a nação às quais pertenciam. Inquices, orixás e caboclos podiam bailar de mãos dadas – eis um dado importante que perpassou a construção de nosso desfile. Ao assumirmos que João era filho da nação Angola, mas também dialogava com outras nações do Candomblé e inclusive se utilizava publicamente da terminologia dos ritos Keto, tivemos de fazer opções didáticas não-excludentes. Daí a importância dada à presença indígena: a “formatação” (termo intencionalmente contraditório) do chamado “Candomblé de

Caboclo” mistura elementos do panteão africano com elementos do culto às entidades caboclas, antepassados indígenas que habitavam o solo brasileiro antes do período colonial, sem falar no culto da Jurema – algo que João da Gomeia trouxe à Baixada Fluminense. Essa mistura de influências, tendo no Pai de Santo o epicentro articulador, faz da sua figura uma peça importante para a constituição das mediações e intensas trocas religiosas e culturais que ajudaram a definir, ao longo do século XX, a vivência de toda uma coletividade – que também é a base comunitária do GRES Acadêmicos do Grande Rio.

Se consideramos as escolas de samba como espaços privilegiados de manutenção dos saberes ancestrais, é importante destacar que a nossa própria circulação cotidiana na quadra de ensaios e nas rodas de samba de Caxias foi fundamental para percebermos de que maneira a africanidade e a herança de João da Gomeia ainda permanecem latentes nas encruzadas da Baixada e, mais especificamente, nos alicerces do GRES Acadêmicos do Grande Rio. Uma feijoada oferecida por antigos componentes da Cartolinhas de Caxias, por exemplo, nos deu o tempero mais precioso para a concepção da última alegoria do desfile. Percorrendo os fios de memória tecidos no solo caxiense, é possível entender a importância que a figura de João possui para a formação do município e para a articulação e a resistência da cultura popular local. A etnografia, portanto, foi um método profícuo para a elaboração de muitas de nossas saídas narrativas. Desfile, na avenida, não só fantasias e alegorias, mas também um *ethos* da comunidade caxiense, que, a partir de suas práticas cotidianas, ritualiza e celebra a trajetória de uma de suas figuras proeminentes.

Segundo a Cartografia Social de Terreiros do Rio de Janeiro, o município de Duque de Caxias é, atualmente, um dos que mais concentram terreiros de Candomblé no referido estado. Em um triste paralelo, foi o município que mais recebeu ataques com viés de intolerância religiosa, nos últimos anos. Tal contradição de contornos cinzentos revela que falar de um Pai de Santo negro, homossexual e nordestino é automaticamente uma resposta aos ataques às religiões de matriz africana, ao livre-pensamento, à cultura popular, aos fazeres artísticos, ao samba e ao carnaval (no caso específico da cidade do Rio de Janeiro) e à diversidade como um todo (os casos de crimes de racismo e homofobia colocam o Brasil no topo dos rankings mundiais, números atroz que muito dizem de nosso passado/presente colonial, violento e opressor). É, pois sim, um ato político e poético de suma importância, pois dá visibilidade à luta por igualdade e respeito - pilares que devem sustentar as escolas de samba enquanto instituições culturais. A construção de um enredo de escola de samba é, também, a construção de um espaço de visibilidade para figuras até então pouco conhecidas pelo grande público – o conceito de “história pública”, tão debatido no meio acadêmico.

No que tange à estrutura do enredo, optamos pelo desenvolvimento em seis momentos, o que será explicado a seguir, em diálogo com o texto publicado pelos carnavalescos

Gabriel Haddad e Leonardo Bora na Revista da Grande Rio, distribuída ao público durante a escolha do samba-enredo:

*Um outro chamado João*

No dia 22 de novembro de 1967, no jornal Correio da Manhã, Carlos Drummond de Andrade publicou o poema “Um chamado João”, homenagem ao amigo João Guimarães Rosa, que havia falecido três dias antes. Nos versos dedicados ao autor de “Grande Sertão: Veredas”, Drummond apresenta uma série de questionamentos - tentativa poética de compreender quem fora Guimarães Rosa. Em certo momento, indaga: “João era tudo? / Tudo escondido, florindo / como flor é flor, mesmo não semeada?” Ao final, conclui: “Ficamos sem saber o que era João / e se João existiu / de se pegar.”

Nas veredas que nos levam ao carnaval de 2020 do GRES Acadêmicos do Grande Rio, deparamo-nos com um outro chamado João, João Alves Torres Filho, Joãozinho da Gomeia. Tata Londirá, nos ritos do Candomblé Angola. Vento de fogo, Oxóssi e Iansã, de espírito valente, aguerrido, conduzido pelo Caboclo da Pedra Preta desde as noites da primeira infância, em Inhambupe, no interior da Bahia. Um enredo e um clamor antigo: o desejo de uma comunidade que expressa uma cidade inteira, Duque de Caxias, o lugar escolhido pelo homenageado para (re)plantar o seu axé, quando aportou em terras fluminenses, na primeira metade do século passado. Evocando os versos de Drummond, perguntamo-nos, curiosos: quem foi, afinal, Pai João?

A memória do Pai de Santo que se travestia de vedete, do destaque de escolas de samba que encarnou vultos históricos tão discrepantes quanto Ganga Zumba e Netuno, do personagem midiático que recebia celebridades para festas com arquibancadas, do “bailarino popular” que ganhou os mais famosos palcos do país (e que supostamente se apresentou para a Rainha da Inglaterra, tendo recebido dela o título de “Rei do Candomblé”), do líder comunitário que fazia do seu terreiro um centro de convivência e ação social é, e não poderia deixar de ser, uma arena de disputas narrativas. Nós, artistas-mediadores, cientes de que o fazer carnavalesco não deixa de ser uma afetuosa etnografia, colocamo-nos nesse tabuleiro com os olhos mais amorosos e livres de pré-conceitos. Olhos de encantamentos, que buscam a máxima potência nas menores lantejoulas.

Enquanto a pesquisa se desdobrava em um manancial de leituras e entrevistas, todas compartilhadas com o antropólogo Vinícius Natal, também autor do enredo, começamos a nos deparar com uma figura multifacetada, transgressora e mutante. Uma figura que, ao gosto dos ensinamentos de Guimarães Rosa, dança entre opostos, deixando-se atravessar pela mais contundente poeticidade. Homem e pássaro, masculino e feminino, dia e noite, aldeia e quilombo, rua e roncó, dendezeiro e juremeira. Negro, gay, macumbeiro e nordestino, rompeu estereótipos e preconceitos que ainda ferem e ainda matam. Caleidoscópico, abusado, destemido: estilhaços de um mesmo espelho, fragmentos de papel na água. Sorvendo essa complexidade, desenvolvemos uma narrativa dividida da seguinte forma:

### **SETOR 1 – A noite: visões ancestrais, caminhos abertos**

O desfile se inicia com os delírios que conduziram um menino do interior baiano, nascido na cidade de Inhambupe, à visão fantástica de um homem coberto de penas, o Caboclo da Pedra Preta, guia e fio condutor. Nas raízes ancestrais, bradam os gritos dos caboclos, os guardiões das encantarias, e giram as insígnias de Exu, o arrepio da pele em forma de orixá. Irmanando essas energias, definimos o Brasil como um emaranhado de saberes. As visões noturnas do menino João são materializadas em fantasias e elementos alegóricos.

### **SETOR 2 – O terreiro: a magia dos orixás na Gomeia de Salvador**

Na sequência da narrativa, João deixa a pequena Inhambupe e chega à mítica Salvador, cidade solar, cintilante, que festeja os caboclos, no 2 de julho; cidade onde Pai Jubiabá desafiava outros candomblés, promovendo ritos “impuros”, mistura de orixás, inquices e caboclos. Com a cabeça raspada para Oxóssi, o jovem “João da Pedra Preta” dá início ao seu candomblé, profundamente inspirado pela visão não-excludente de Jubiabá – o que despertava a desconfiança das Ialorixás do matriarcado baiano. A Gomeia de Salvador, na Estrada de São Caetano, passaria a receber artistas e intelectuais em um ambiente roceiro. O terreiro!

### **SETOR 3 – A aldeia: candomblé de caboclo na Gomeia de Caxias**

A fama crescia, as polêmicas também. O desfile mostrará, na sequência, que João desembarcou no Rio de Janeiro e fincou as suas raízes na Baixada Fluminense, Duque de Caxias, transformando a “Nova Gomeia” em um cenário de festa e fartura. Baixavam os caboclos na Baixada, sob a proteção de Pedra Preta, no transe do Juremá. O rito do candomblé de Joãozinho misturava a matriz Angola, o culto da jurema sagrada (praticado nas regiões Norte e Nordeste) e as especificidades do candomblé de caboclo. É importante ressaltar que a migração do Pai de Santo exemplifica um amplo processo de interiorização dos terreiros no estado, como já observado por Roberto Conduru. Temos, nesse momento do desfile, o terreiro que se transforma em aldeia.

### **SETOR 4 – A rua: carne de carnaval**

Mas a carne é de Carnaval e João vestiria o brilho, febril, na folia momesca. Vedete nos bailes de transformistas (Arlete, ecos revisteiros), herói clássico nos mais suntuosos salões (Vulcano e Netuno, o fogo e a água), Ramsés e Cleópatra em um mesmo corpo indócil. Tudo isso será levado ao asfalto da Sapucaí, sem falar nas escolas de samba: João desfilou triunfal no Império Serrano, na Imperatriz Leopoldinense e no Império da Tijuca. Exímio costureiro, levava as técnicas de confecção de fantasias para os terreiros e as técnicas de feitura de roupas de Santo para os ateliês das escolas de samba. Nas ruas, debaixo das antigas decorações, João espalhou seu axé.



### **SETOR 5 – O palco: candomblé-espetáculo**

Reconhecido artista, costurou devaneios. Chegamos a outro momento do enredo, dedicado aos palcos. João reinou nos grandes teatros e brilhou nos maiores cassinos. Bailou com Mercedes Baptista e arriou ebós para JK, na capital em construção. Foi capa de revista, gravou disco de pontos, fez pontas no cinema. A Gomeia recebia centenas de celebridades, o que mexia com o imaginário dos moradores de Caxias. Até mesmo a amizade com o outrora coroadado Chatô, enredo da Grande Rio de 1999, será citada no cortejo. Nesse ponto, destacamos que nem tudo possui comprovação documental: abraçamos a fantasia, as contradições das narrativas orais, a construção do mito João.

### **SETOR 6 – O quilombo: resistência e re-existência, respeito e eternidade**

Por fim, o desfile entoará um canto de tolerância, em defesa da liberdade religiosa e da diversidade cultural. A Gomeia ainda pulsa no sangue dos seus herdeiros. A cultura popular que Joãozinho fomentava continua a brincar pelas ruas de Caxias, vestida de palhaço de reis ou gingando capoeira, dançando quadrilhas em junho, louvando Iansã no 4 de dezembro. Mostraremos que as sementes do quilombismo, nas cores de Abdias Nascimento, permanecem prenhes de orgulho, vivas e verdejantes. Mostraremos que a intolerância e a violência jamais quebrarão os fundamentos, as memórias e os saberes do povo de axé. Daremos, juntos, um grito de pertencimento, união e alegria. O quilombo! É com este espírito destemido que esperamos reconectar a Grande Rio à linha de enredos que a definia, tempos atrás, como a escola que apontava na avenida disposta a celebrar a história não-oficial e a multiculturalidade brasileiras. A escola que mergulhou nas águas claras, pediu a paz a Oxalá, denunciou que o Pelourinho ainda não findou, sambou com Exu, rei da noite, de corpo fechado, nas encruzilhadas do sonho. Escola que possui uma comunidade apaixonada e apaixonante, uma geração de “pimpolhos” que aprendem desde cedo a pedir a bênção a Tia Ciata, um corpo de profissionais unidos e dedicados, anônimos sem os quais os nossos traços não ganham vida. O sopro, o cisco, a gira!

O nosso João, como bem pontuou Drummond ao saudar Guimarães Rosa, era árvore e passarinho: dança na tempestade, voa mais alto que os mitos contemporâneos. Desenha o infinito no horizonte, quando o céu se rasga em vermelho e as nuvens se tingem de lava. Andorinha jamais solitária, asas que nos abraçam. Sonhemos, Grande Rio! Axé! O tempo é a nossa história: vamos, vamos de mãos dadas!

## **ROTEIRO DO DESFILE**

**Comissão de Frente**  
**PONTO RISCADO**

Guardiões do  
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
SERVOS DE EXU

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Daniel Werneck e Taciana Couto**  
**“PADÊ DE EXU LIBERTADOR”**

Guardiões do  
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
SERVOS DE EXU

Ala 01 – Grupo Performático / Comunidade  
NOITES DE INHAMBUPE

Destaque de Chão – Musa  
Monique Alfradique  
CORES DA NOITE

**Alegoria 01**  
**RAÍZES ANCESTRAIS**

Ala 02 – Comunidade  
NOS PASSOS DO CONSELHEIRO

Ala 03 – Comunidade  
AS GENTES DO VELHO MERCADO

Destaque de Chão – Musa  
Antônia Fontenelle  
“QUEM NÃO VAI NO BONFIM?”

Ala 04 – Comunidade  
ALTARES DA CIDADE DA BAHIA

Ala 05 – Comunidade  
FESTA DO DOIS DE JULHO

Ala 06 – Grupo Performático / Comunidade  
IAÔS

**Tripé 01**  
**“OKÊ OKÊ”**

Ala 06 – Grupo Performático / Comunidade  
IAÔS

Ala 07 – Baianas  
FESTA NA GOMEIA

Destaque de Chão – Musa  
Juliane Trevisol  
CAMINHOS DO AXÉ

**Alegoria 02**  
**XIRÊ: “FOI NA ROÇA DA GOMEIA, AOS PÉS  
DE UMA GAMELEIRA...”**

Ala 08 – Grupo Performático / Comunidade  
NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM

Ala 09 – Comunidade  
FEIRA DE CAXIAS

Destaque de Chão – Musa  
Renata Kuerten  
FOLHAS DE OSSAIM, ERVAS DE  
KATENDÊ

Ala 10 – Comunidade  
CABOCLO JAGUARÁ (TERRA)

Ala 11 – Comunidade  
CABOCLO TAPEROÁ (FOGO)

Ala 12 – Comunidade  
CABOCLO VENTANIA (AR)

Ala 13 – Comunidade  
CABOCLA JUREMA (ÁGUA)

Destaque de Chão – Musa  
Mileide Mihaile  
ESPÍRITO DE JUPIARA

**Alegoria 03**  
**QUANDO BAIXAM OS CABOCLOS NA**  
**BAIXADA**

Ala 14 – Gaiola das Loucas (Ala LGBT) /  
Comunidade  
VEDETES

Guardiões do  
2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
ARROBOBOI!

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Andrey Ricardo e Jéssica Barreto**  
**COMPANHIA DE OXUMARÉ,**  
**ENERGIA DE ANGORÔ**

Guardiões do  
2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
ARROBOBOI!

Destaque de Chão – Musa  
Natália Knaack  
*FOLIES BERGÈRE*

**Tripé 02**  
**PAVÃO DOURADO**

Ala 15 – Comunidade  
VULCANO

Ala 16 – Passistas  
CORTE DE NETUNO

Rainha da Bateria  
Paolla Oliveira  
JOIAS DE CLEÓPATRA

Ala 17 – Bateria  
SARAVÁ, MEU PAI RAMSÉS!

Elementos Cenográficos  
TOTENS

Ala 18 – Comunidade  
GANGA ZUMBA – IMPÉRIO SERRANO,  
“HEROIS DA LIBERDADE”, 1969

Ala 19 – Comunidade  
OMULU – IMPÉRIO DA TIJUCA, “O  
NEGRO NA CIVILIZAÇÃO  
BRASILEIRA”, 1969

Ala 20 – Velha-Guarda  
REALEZA NAGÔ – IMPERATRIZ  
LEOPOLDINENSE, “OROPA, FRANÇA E  
BAHIA”, 1970

Destaque de Chão – Musa  
Pocah  
TRAÇOS DE PAMPLONA

**Alegoria 04**  
**“UM SARAVÁ PRA FOLIA!”**

Ala 21 – Comunidade  
LEGIÃO DE NOTÁVEIS

Ala 22 – Compositores  
PRESIDENTES NO XIRÊ

Destaque de Chão – Musa  
Adriana Bombom  
TEATRO FOLCLÓRICO BRASILEIRO

Ala 23 – Grupo Performático / Comunidade  
BALÉ AFRO

Ala 24 – Comunidade  
*COPACABANA MON AMOUR*

Destaque de Chão – Musa  
Karen Lopes  
LINA, A MULHER DE FOGO

**Tripé 03**  
**“QUEM FAZ SUA GIRA COM FÉ?”**

Ala 25 – Comunidade  
CAPOEIRA ANGOLA

Ala 26 – Grupo Performático / Comunidade  
SÃO JOÃO NA GOMEIA

Destaque de Chão  
Luisa Sonza  
FESTA POPULAR

Ala 27 – Comunidade  
FOLIA DE REIS

Ala 28 – Grupo Performático / Comunidade  
RAIO DE IANSÃ, VENTO DE  
MATAMBA

Grupo de Casais Mirins de  
Mestres-Salas e Porta-Bandeiras  
IBEJADA

Ala 29 – Adolescentes  
SEMENTES DO QUILOMBISMO

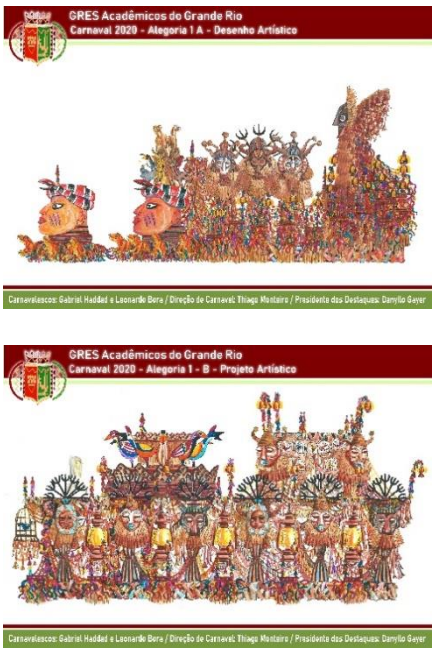
Ala 30 – Comunidade  
HERDEIROS DA GOMEIA – POVO DE  
AXÉ

Destaque de Chão  
Thainá Oliveira  
ANDORINHA

**Alegoria 05**  
**O REVOAR DA LIBERDADE**

**FICHA TÉCNICA**

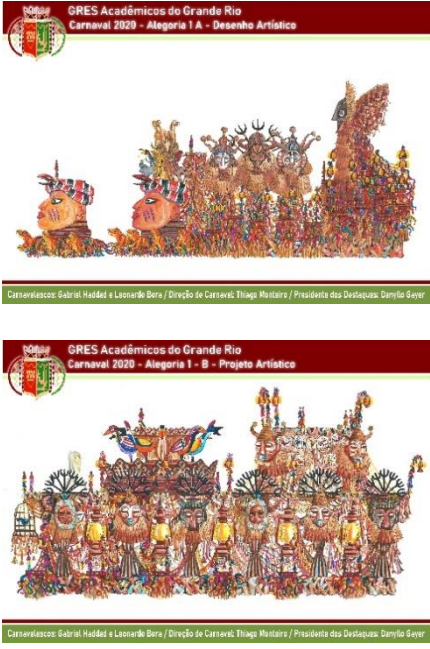
**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>RAÍZES ANCESTRAIS</b></p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>O carro Abre-Alas do GRES Acadêmicos do Grande Rio, dividido em dois chassis acoplados, evoca as raízes ancestrais afro-ameríndias do personagem homenageado, João Alves Torres Filho, Joãozinho da Gomeia. Ainda menino, na cidade de Inhambupe, no interior da Bahia, João recebeu um chamado espiritual: entre visões fantásticas, sombras e vultos, o Caboclo da Pedra Preta se materializava para a criança, provocando medo e fascínio. De acordo com as palavras do próprio Joãozinho, tratava-se de uma visão absurdamente impactante: mistura de homem e pássaro, com asas que projetavam sombras e desenhavam caminhos e símbolos misteriosos. Foi a partir de tais relatos de matriz oral, coletados nos depoimentos registrados por Giselle Cossard, que a cenografia do carro Abre-Alas foi desenvolvida. Também serviu de caminho a descrição que Jorge Amado apresenta na abertura do romance “Terras do Sem-Fim”: o anoitecer na mata baiana, quando as ervas emanam os maiores segredos e os animais saem das tocas, num fervilhar de vida, medos e sons.</p> <p>No primeiro chassi, observam-se elementos que sintetizam o universo afro-ameríndio em que está situado o enredo. À frente do carro, as máscaras Geledés (releituras de uma peça do artista Kifouli Dossou, em exposição no Museu Afro Brasil, em São Paulo) nos transportam para o Benin, na costa da África, região de onde partiram incontáveis navios de africanos escravizados em direção ao Brasil – a ancestralidade desconhecida do menino João, negro que trazia na pele e no sangue a herança dos reinos africanos, as dores da diáspora e a espiritualidade dos antepassados. A avó materna do menino era africana de berço, ainda que não saibamos o exato lugar de nascimento.</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
01	<p><b>RAÍZES ANCESTRAIS</b> <b>(Continuação)</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Tiago Moreira / Presidente das Desfiladas: Danilo Saver</small></p> <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Tiago Moreira / Presidente das Desfiladas: Danilo Saver</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Se originalmente a peça de Dossou apresenta animais da savana africana sobre um rosto amarelo, optamos pelas cores de um anoitecer quente (laranjas e lilases) e pela troca dos animais da savana por exemplares da fauna brasileira: a cobra coral, a onça-pintada, a anta, o tucano, o tiê, o veado campeiro e os macacos bugios (inspirados nas criações em madeira de Antonio Julião). O cabrito evoca a energia de Exu, abrindo os caminhos para a escola desfilar. Os lagartos são releituras carnavalescas da única espécie de iguana encontrada na Bahia, registrada pela primeira vez em 1758. Destacamos a simbologia da cobra coral porque tal réptil é bastante associado ao culto dos caboclos, estando presente em inúmeras cantigas populares, histórias de magia, pontos de capoeira e obras literárias. João da Gomeia admirava a beleza e o mistério da cobra coral – tanto que menciona o bicho em canções gravadas para o LP “Rei do Candomblé”. Ainda no primeiro chassi, o emaranhado de raízes (confeccionadas em espuma, tendo sido revestidas por milhares de retalhos de todos os tecidos utilizados ao longo do processo de confecção do desfile, com exceção daqueles em variações de verde) expressa não apenas a confusão mental do menino, mas a ancestralidade fincada na terra de Inhambupe – mistura de negros e índios, em um mesmo fluxo de travessias e histórias entrecruzadas (Inhambupe quer dizer “no rio dos inhambus”, pássaros muito comuns na região). Tal trabalho em raízes foi inspirado nas obras de duas artistas contemporâneas: a brasileira Sônia Gomes, premiada na Bienal de Veneza, e a sul-africana Mary Sibande. As fantasias das composições teatralizadas, sob a responsabilidade de Carla Meireles, foram confeccionadas em parceria com estudantes e professores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Federal do Rio de Janeiro, tendo sido utilizadas diferentes técnicas de tecelagem (crochês, macramês, tricô) e de tingimentos naturais (urucum, jurema, açafraão da terra, etc.).</p>

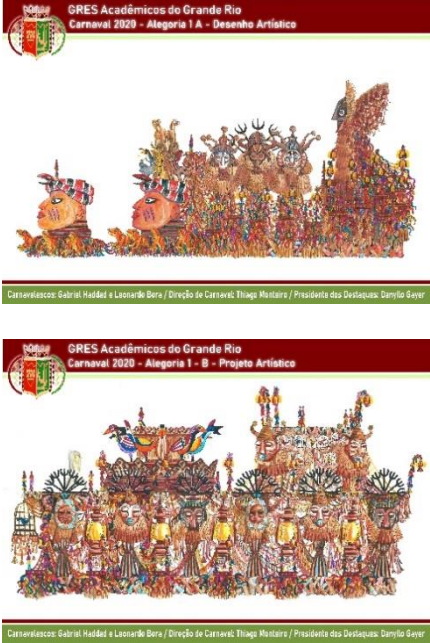
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>RAÍZES ANCESTRAIS</b> <b>(Continuação)</b></p>  <p><small>GRES Acadêmicos do Grande Rio Carnaval 2020 - Alegoria 1 A - Desenho Artístico</small></p> <p><small>GRES Acadêmicos do Grande Rio Carnaval 2020 - Alegoria 1 - B - Projeto Artístico</small></p> <p><small>Carteiros: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Moreira / Presidente dos Desfileiros: Demilo Bora</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Encimando o cenário, a aparição: a escultura de uma face que mistura homem e pássaro, cocar indígena e elementos africanos, síntese da religiosidade de João da Gomeia e peça central para se compreender a trajetória do então menino. As demais máscaras, em movimento pendular, são releituras de peças da etnia Yaka, de Angola, utilizadas por homens em rituais de passagem – a transição da infância para a vida adulta.</p> <p>No segundo chassi, observa-se a continuidade dos elementos presentes na primeira parte do abre-alas, com o acréscimo de grandes lampiões – objetos que sintetizam o imaginário noturno do interior do Brasil e evocam o medo das sombras, os vultos, o sobrenatural. Novas máscaras angolanas da etnia Yaka são apresentadas, unidas a tridentes de Exu. A coroa, símbolo da escola, ganha grafismos africanos e se vê circundada por pássaros (inspirados nos talhos de Vavan), animais que permeiam a vida de João da Gomeia desde o nascimento na terra dos inhambus, sem falar na aparição do Caboclo da Pedra Preta - e que aparecerão ao longo de todo o desfile, das mais variadas formas. A fim de traduzir visualmente o medo e as tensões da infância, utilizamos, também, da simbologia das gaiolas, a ancestral ideia de prisão: ao vencer o medo das aparições e ser iniciado no Candomblé, João vivenciaria a liberdade de uma vida extremamente atribulada, polêmica e rica. O painel escultórico que adorna a frente do alto do chassi é uma releitura de um adorno de cabeça Utempa, dos povos Bigajós, na Guiné Bissau – outro importante ponto para a compreensão da diáspora africana. No painel, a partir das figuras de dragões, pássaros e cágados, são representadas as ideias elementais de fogo, ar e água – cabendo ao elemento humano o triunfo sobre a terra. Para a composição cenográfica, foram utilizados mais de mil metros lineares de redes, rendas, cordas, crochês, tricôs e macramês – peças produzidas no barracão da escola e no interior do Paraná, em Irati, por Ana Maria Bora.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
01	<p><b>RAÍZES ANCESTRAIS</b> <b>(Continuação)</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Monteiro / Presidente das Desfileiras: Danilo Geyer</small></p> <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Monteiro / Presidente das Desfileiras: Danilo Geyer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Nos fios amarrados são tecidos os caminhos do enredo, a trajetória marcante de Tata Londirá. O menino João dormia em redes, quando criança, e dessas redes via as aparições noturnas – é por isso que tudo balança e se entretece, num emaranhado de fantasias.</p> <p><b><u>Destques e Composições - Primeiro Chassi:</u></b></p> <p><b>Destaque central baixo: Bruna Dias</b> Fantasia: Cobra Coral</p> <p><b>Destaque central alto: Rafael Bqueer</b> Fantasia: Poeira no redemunho</p> <p><b>Composições teatralizadas</b> Fantasia: Aparições</p> <p><b><u>Destques e Composições - Segundo Chassi:</u></b></p> <p><b>Destaque central alto: Karina Soares</b> Fantasia: “Aonde a lua clareou”</p> <p><b>Destaque lateral frontal baixo (direita e esquerda)</b> Fantasia: Protegidas de Exu</p> <p><b>Destaque lateral alto (direita): Karinah</b> Fantasia: Ancestralidade afro-indígena</p> <p><b>Destaque lateral alto (esquerda): Priscila Levinson</b> Fantasia: Heranças da terra</p> <p><b>Composições femininas</b> Fantasia: Retalhos do tempo</p> <p><b>Composições masculinas</b> Fantasia: Retalhos do tempo</p> <p><b>Composições teatralizadas</b> Fantasia: Aparições</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 01</b></p> <p><b>“OKÊ OKÊ”</b></p>  <p><small>Carnavalescos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Cenário: Thiago Moreira / Presidente dos Destacados: Dennis Geyer</small></p>	<p>Integrado à ala “Iaôs”, o tripé presta reverência ao orixá Oxóssi e ao inquice Mutalambô (no candomblé Angola), para quem a cabeça do jovem João foi raspada por Jubiabá. Oxóssi é o orixá da caça, o senhor das florestas, o caçador essencial, cercado de fartura e riqueza. Oxóssi, o Alaketo (Senhor do Reino de Keto) é aquele que dança seguindo o ritmo do Agueré. Dominando os perigos das matas, Oxóssi atua com astúcia, inteligência e cautela – e faz da flecha a extensão do seu olhar. Para a composição cênica do elemento alegórico, foram utilizadas obras dos dois artistas que mais guiaram a concepção visual do desfile: Abdias Nascimento e Hector Carybé. A base do tripé é uma adaptação da obra “Okê Oxóssi”, pertencente ao acervo do Museu de Arte de São Paulo – MASP. Na pintura, conforme o que é descrito pelo próprio Museu, Abdias redefine a bandeira nacional, “substituindo o lema positivista 'Ordem e Progresso' pela palavra iorubá 'Okê!', uma saudação a Oxóssi, orixá da caça e da fartura, também representado por suas insígnias mais conhecidas: o arco e a flecha (ofã).” Já a escultura central, obra de Marina Vergara, é uma adaptação carnavalesca da peça “Oxóssi”, de Hector Carybé, esculpida em madeira, na década de 1990, na cidade de Salvador – e que, atualmente, pode ser vista enquanto parte integrante da coleção do Museu Afro Brasil. Na peça, veem-se diversos animais caçados, amarrados por cordas de sisal. Trata-se, portanto, de um todo híbrido, fusão pertinente que muito diz da personalidade aglutinadora do homenageado – que, não por acaso, foi amigo pessoal de Carybé e Abdias. Os alguidares e as quartinhas de barro (utilizados em diferentes momentos da visualidade do desfile, espécie de <i>leitmotiv</i>) apresentam as comidas de Oxóssi, num misto de festa e fartura, pedido e agradecimento. Okê Arô! Kiuá Mutalambô! Viva Oxóssi, o orixá de João da Gomeia!</p> <p><b>Destaque Central: Bira Dance</b> Fantasia: Oxóssi</p>

*\* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
02	<p><b>XIRÊ: “FOI NA ROÇA DA GOMEIA, AOS PÉS DE UMA GAMELEIRA...”</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Moreira / Presidente das Distinções: Dennis Sany</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>A segunda alegoria do GRES Acadêmicos do Grande Rio é uma leitura sucinta e poética do que, a partir dos relatos e das poucas imagens disponíveis (entre elas, as fotografias de Pierre Verger – é válido destacar que a Gomeia foi o primeiro terreiro a abrir as suas portas para o fotógrafo francês desenvolver a sua etnofotografia), imaginamos ser um xirê (bailado festivo de vários orixás) na Gomeia de Salvador, na virada da década de 1930 para a década de 1940. Jorge Amado descreve o terreiro e o preparo das festas com detalhes preciosos, em “Bahia de todos-os-santos”. Num certo momento, afirma: “A casa dos orixás não é uma casa. É uma árvore, uma gameleira sagrada enfeitada de laços e fitas, um altar na floresta.” Alegoricamente, traduzimos tal imagem da sagrada gameleira (árvore também associada ao orixá Tempo, o inquite Qitembo, Senhor das estações do ano e da renovação perpétua) em uma visão brilhante, iluminada, quase espectral. Fugindo das interpretações convencionais, optou-se por uma árvore prateada, como se ela própria, inteira, fosse uma ferramenta de orixá ou uma joia de axé. Os ornatos espiralados, espécies de caracóis, evocam a conexão entre o céu e a terra, Orun e Ayê. Os laços brancos e o uso dos espelhos procuram criar uma aura mágica ao redor dos orixás, esculturas que dão tridimensionalidade aos famosos desenhos de Carybé, coloridos em aquarela. No xirê da alegoria, giram Nanã (orixá das águas paradas, dos pântanos e manguezais, da dança entre a vida e a morte), Iemanjá (mãe de todos os peixes, orixá das águas salgadas), Oxum (senhora da riqueza e da fertilidade, orixá das águas doces, rios e cachoeiras), Oxumarê (entidade representada pelo arco-íris, a serpente encantada, Dan, que une os princípios masculino e feminino em uma mesma corporeidade),</p>

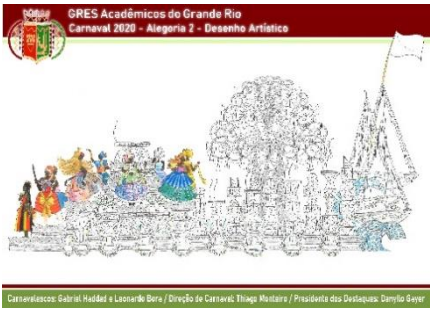
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>XIRÊ: “FOI NA ROÇA DA GOMEIA, AOS PÉS DE UMA GAMELEIRA...” (Continuação)</b></p>  <p><small>GRES Acadêmicos do Grande Rio Carnaval 2020 - Alegoria 2 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Conselheiros: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Monteiro / Presidente da Desfile: Demio Geyer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Xangô (orixá da justiça cujo machado, o oxê, desperta o senso de equilíbrio e equidade), Ogum (orixá guerreiro, associado à forja de metais e ao sucesso nas batalhas) e Omulu (o senhor da terra, associado à cura das doenças contagiosas).</p> <p>À frente, figurando enquanto espécie de carranca, o corpo altivo de Exu, que segura as chaves de todos os caminhos e o falo da criação. Ao lado de Exu, os orixás da cabeça de João: Oxóssi e Iansã, em posição destacada – entidades cujos arquétipos são apresentados detalhadamente, em outros momentos do desfile. Encimando o xirê, sobre uma coroa, a figura de Oxalufan, símbolo da síntese, a evocação da criação do mundo e da sabedoria profunda.</p> <p>Complementam a alegoria as guirlandas de flores e fitas, tão presentes nos relatos de Amado; e peças escultóricas em madeira, no formato de cubos, que expressam diferentes símbolos de cada orixá retratado no xirê. Tais peças, inspiradas nas inconfundíveis criações do artista plástico Jorge dos Anjos, utilizam da técnica de pintura em pátina – a mesma utilizada nos barquinhos que ajudam a compor a parte traseira da alegoria. Tais embarcações prenunciam o setor vindouro: os caminhos de Exu indicavam novos destinos; o mar de Iemanjá levaria Joãozinho da Gomeia ao porto do Rio de Janeiro, então Capital Federal. No alto, a bandeira branca anuncia a magia da nação Angola. Trata-se de um símbolo poderoso, cujas raízes africanas se conectam ao mito da caça e ao nomadismo dos povos Bantu. Kitembo, a quem a bandeira se refere, é o inquite (Nkisi)rei do candomblé de Angola, associado à escala do crescimento – justamente por isso, uma de suas ferramentas é uma escada com uma lança voltada para cima, em referência ao próprio Tempo e às evoluções material e espiritual.</p>


## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>XIRÊ: “FOI NA ROÇA DA GOMEIA, AOS PÉS DE UMA GAMELEIRA...”</b> (Continuação)</p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Nzara, Senhor Kitembo! É preciso destacar que optamos por nomear as entidades da alegoria com a terminologia iorubana da cultura Keto (orixás) e não com a terminologia dos Bantus (inquices) devido ao fato de que os ritos da Gomeia eram híbridos e porosos, não havendo restrições terminológicas. O próprio Joãozinho se dizia filho de Oxóssi (Mutalambô, Burungunzo) e Iansã (Matamba), ainda que saibamos existirem diferenças geográficas e arquetípicas notáveis. Não se trata, portanto, de uma imprecisão, mas de uma escolha com fins didáticos coerente com a forma de rito praticada na Velha Gomeia e, posteriormente, na Gomeia de Caxias. É de Jorge Amado um resumo disso: na roça da Gomeia, a macumba era “ora Nagô, ora Angola.” A cruza em suas múltiplas dimensões!</p> <p><b><u>Destaques e Composições</u></b></p> <p><b>Destaque central alto: Danylo Gayer</b> Fantasia: Oxalufan</p> <p><b>Semi-destaques laterais</b> Fantasia: Luz do axé</p> <p><b>Composições femininas</b> Fantasia: Água de cheiro</p> <p><b>Composições masculinas (barcos)</b> Fantasia: Devotos de Iemanjá</p> <p><b>Composições Piso do Carro</b> Fantasia: Filhos de Santo</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p><b>QUANDO BAIXAM OS CABOCLOS NA BAIXADA</b></p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>“À noite, o candomblé se iniciava com louvores aos orixás – três cantigas para cada um deles – e na sequência eram entoados os pontos – ou cantigas – em louvor aos caboclos. Pedra Preta chegava, dançava com os fiéis, e se retirava para vestir seu traje ritual. Ao retornar, se dirigia à juremeira, árvore sagrada.” Assim Andréa Mendes, a partir dos depoimentos de Giselle Cossard, descreve o início de uma festa de caboclos na Gomeia de Caxias. O terreiro se transformava em uma aldeia e os frutos exalavam os mais doces perfumes. Como narra Cossard, “os atabaques ritmavam o andar da fila até o pé da juremeira no meio do quintal. Depois de despejar água no tronco, as filhas de santo deitavam e rezavam. (...) Nesse sentido, os ogãs começavam a entoar cantigas de caboclo. Seu Pedra Preta chegava para a alegria geral dos assistentes no barracão.” O que se pretende mostrar, na terceira alegoria do desfile do GRES Acadêmicos do Grande Rio, é que o mítico terreiro da Gomeia, na cidade de Duque de Caxias, se transformava em uma maravilhosa aldeia indígena, nas noites das festas de caboclos. É por isso que o carro alegórico pode ser lido como um enorme altar de caboclos, homenagem à nossa ancestralidade ameríndia e aos sofisticados saberes dos primeiros habitantes dessas terras.</p> <p>Na frente da alegoria, entre vasos e oferendas, podem ser vistas as figuras do Caboclo da Pedra Preta e da Cabocla Jurema, entidades com posição de centralidade na vida espiritual do homenageado. A fim de fugir dos estereótipos e das representações convencionais de tais personagens, optou-se pela utilização da estética indígena brasileira, em um diálogo com as peças de cerâmica carajá produzidas na Ilha do Bananal, patrimonializadas pelo Iphan. Os demais elementos escultóricos da alegoria, como as onças, os macacos e as araras, também escapam de qualquer interpretação “literal” ou “realista”, aparecendo enquanto representantes da arte indígena brasileira – nas formas e nas técnicas de pintura.</p>




**FICHA TÉCNICA****Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
03	<p><b>QUANDO BAIXAM OS CABOCLOS NA BAIXADA (Continuação)</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Cenário: Thiago Moreira / Presidente das Distinções: Dennis Sany</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Os grafismos das onças-pintadas dialogam com padrões de diferentes etnias indígenas brasileiras e com obras de artistas contemporâneos como Denilson Baniwa, autor de uma série de intervenções urbanas que decretam determinados territórios ligados à arte institucionalizada, a exemplo do MASP, do MAM e do MAR, como “terra indígena”.</p> <p>É preciso destacar que, para além das descrições de Omindarewa e Andréa Mendes, a concepção cênica do carro tomou por base o belíssimo texto “Joãozinho da Gomeia – Rei Nagô em rosa”, de José Cândido de Carvalho, presente na coletânea “Ninguém mata o arco-íris”. Nesse texto, o autor assim descreve uma festa de caboclos na Gomeia de Caxias: “Ralaram um arco-íris inteirinho por cima dos seus orixás e caboclos. Tem de tudo o país de João.” A visão celestial do arco-íris, união entre a terra e o céu, o horizonte, as águas que lavam o mundo, tal visão tão presente na representação imagética dos caboclos não podia ficar de fora. É por isso que enormes arco-íris constroem, nas laterais do carro, um cenário mágico: a moldura para um altar de caboclos onde se veem representadas as entidades louvadas pelo samba-enredo: Pedra Preta, Flecheiro, Lírio, Arranca-Toco e Serra Negra. A profusão de flores e frutos celebra a espiritualidade afro-indígena brasileira. Pássaros e macacos ajudam a colorir uma floresta gráfica, irreal, intencionalmente abstrata: João era apaixonado por aves e por macacos, animais que divertiam as tardes na Gomeia de Caxias, como relata José Cândido de Carvalho: “O mundo foi passado em escritura pública para o seu nome. Com nuvens e águas. E também pássaros. (...) O principal personagem do seu festivo mundo de anedotas é o macaco.” Tais animais são apresentados como se entalhados em madeira, com formas e pinturas extraídas da obra “Bancos indígenas do Brasil”.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
03	<p><b>QUANDO BAIXAM OS CABOCLOS NA BAIXADA (Continuação)</b></p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>No alto da alegoria, sobre a elevação, quatro esculturas de guerreiros indígenas preparam os seus arcos para a batalha. Trata-se de uma releitura tridimensional de um painel de Carybé intitulado “Índios guerreiros” e confeccionado para o edifício Campo Grande, em Salvador. Na pintura, Iara e Raoni (os nomes dados por Carybé aos personagens retratados) aparecem enquanto espectros, espíritos talhados em cores vibrantes, sem pretensões realistas. Finalizando a cenografia, veem-se cocares com as cores tradicionalmente associadas aos caboclos (verde, vermelho e branco, as mesmas cores do GRES Acadêmicos do Grande Rio, com um toque de amarelo) e pavões azuis, releituras de peças em madeira confeccionadas por Edivan Alves Lima, Vavan, mestre artesão da Ilha do Ferro, em Alagoas. As esculturas, na parte traseira da alegoria, olham para o setor subsequente, quando outra representação alegórica do pavão ganhará a cena, com todo o seu esplendor. O pavão é uma ave associada ao orixá Oxóssi e enfeitava os altares e as vestes cerimoniais da Gomeia caxiense.</p> <p><b><u>Destaques e Composições</u></b></p> <p><b>Destaque central alto: Márcio Marinho</b> Fantasia: Imaginário caboclo</p> <p><b>Destaque central baixo: Guilherme Linhares</b> Fantasia: Caboclo Tupinambá</p> <p><b>Composições femininas</b> Fantasia: Guardiãs das matas</p> <p><b>Composições masculinas alto</b> Fantasia: Caboclos guerreiros</p> <p><b>Composições masculinas lateral baixo</b> Fantasia: Ogãs</p>


## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 02</b></p> <p><b>PAVÃO DOURADO</b></p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>O elemento alegórico sintetiza o imaginário luxuoso dos bailes realizados no Teatro João Caetano, onde João da Gomeia causou escândalo ao se apresentar travestido como a vedete Arlete – pela primeira vez, em 1956, com traje inspirado nos figurinos de Virgínia Lane. O grande pavão, cuja cauda é uma releitura de ilustrações da “Fênix Triunfante”, de Erté, expressa a complexidade do corpo político do personagem homenageado: o Pai de Santo negro e homossexual que se travestia de vedete; o pavão de Oxossi e o pavão que simboliza a vaidade, o excesso, o fausto e o exotismo das fantasias carnavalescas. João, no LP “Rei do Candomblé”, gravou a canção “Pavão”, cuja letra exclama: “O pavão é um “passo” bonito / com suas penas dourada / daquelas que é mais formosa.” O samba da nossa escola, por sua vez, provoca: “Era homem, era bicho-flor / bicho-homem, pena de pavão”. O pesquisador Thiago Almeida Ferreira defende que João da Gomeia foi pioneiro ao promover discussões acerca de transgressões e identidades de gênero no candomblé, pontos que, no mais das vezes, são deixados de lado nas pesquisas e obras em homenagem que tratam da memória do Pai de Santo. Ferreira estabelece paralelos entre as trajetórias de João da Gomeia e Madame Satã (João Francisco dos Santos, o mais famoso malandro da Lapa), destacando a importância desses corpos transgressores para se pensar a masculinidade negra homossexual. A temática é abordada, de maneira transversal, na peça “Oboró – Masculinidades Negras”, dirigida por Rodrigo França, com texto de Adalberto Neto. Ao final da peça, fotos de Satã e Da Gomeia eram exibidas nos telões. Segundo o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, o pavão é um símbolo solar associado à imortalidade cuja cauda “evoca o céu estrelado” (existe, pois, um paradoxo interessante).</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 02</b></p> <p><b>PAVÃO DOURADO</b> (Continuação)</p>  <p><small>Carnavalescos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Monteiro / Presidente dos Destaques: Danilo Geyer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Dizem os autores que o pavão é “o símbolo da beleza e da transmutação, pois a beleza de sua plumagem é supostamente produzida pela transmutação espontânea dos venenos que ele absorve ao destruir as serpentes. Sem dúvida, se trata aí, acima de tudo, de um simbolismo da imortalidade.” Não é à toa, portanto, que a peça de indumentária mais usada pelo Pai de Santo nos ritos da Gomeia, uma saia exposta no Instituto Histórico de Caxias, apresenta pavões bordados em fios de ouro – pavões que também decoravam fantasias carnavalescas e adornavam os salões de baile dos suntuosos teatros cariocas. Complementando, informam Chevalier e Gheerbrant: “nas tradições esotéricas, o pavão é um símbolo de totalidade, na medida em que reúne todas as crenças no leque de sua cauda aberta.” A Grande Rio, nesse ponto do desfile, celebra a crença no respeito à diversidade e o amor que não se curva aos rótulos.</p> <p><b>Destaque central Baixo: Átila Bee</b> Fantasia: Endiabrados - João da Gomeia e Madame Satã</p> <p><b>Destaque Central Alto: David Brazil</b> Fantasia: O Brilho de Virgínia Lane</p>

## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>“UM SARAVÁ PRA FOLIA!”</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Cenário: Tiago Moreira / Presidente das Desfiladas: Camilla Bayer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>João da Gomeia dizia que, no período do carnaval, desaparecia na primeira sexta-feira de fevereiro e só reaparecia depois da quarta-feira de cinzas, quando era iniciada a Quaresma. “Vivo somente para duas coisas: o Candomblé e o Carnaval” – declarou em 27 de janeiro de 1957, para o jornal “Folha da Tarde”. Nos dias governados por Momo, ele vestia os trajes de múltiplos personagens históricos e encarnava dezenas de personalidades por vezes contraditórias. A quarta alegoria do desfile do GRES Acadêmicos do Grande Rio é um cenário para que tamanha diversidade se manifeste – uma espécie de palácio, teatro ou salão a céu aberto, corte que abre as suas portas para o delírio carnavalesco. A boca de cena reúne parte da galeria da Velha Guarda da escola e revela a mistura observável em toda a extensão do carro: elementos decorativos do Salão Assyrio, situado no subsolo do Theatro Municipal (onde se realizavam os mais fantásticos bailes de fantasiados da cidade), se unem às formas geometrizadas das decorações de temáticas africanas concebidas por Fernando Pamplona. Foram utilizados motivos dos projetos para o Baile de Gala do Theatro Municipal de 1959, com o tema “África”, e para a decoração de rua de 1962, estudada por Helenise Guimarães (vide o artigo “As Áfricas de Pamplona e o Debret da Trinca”, publicado na revista Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, da UERJ, em novembro de 2013, e o livro “A batalha das ornamentações: a Escola de Belas Artes e o carnaval carioca”, de 2015). Nas laterais do cenário podem ser vistos enormes “carreteis de linha” ou “cones de lâ”, peças que se transformam nas saias de tresloucadas baianinhas carnavalescas. Tais elementos decorativos são fundamentais para a compreensão de uma das mais importantes facetas de João da Gomeia, no que tange ao seu papel enquanto agente carnavalesco: ele era um exímio costureiro e confeccionava as próprias fantasias (bem como as próprias roupas de santo).</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>“UM SARAVÁ PRA FOLIA!” (Continuação)</b></p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Ou seja: mais do que brincar o Carnaval, João <i>fazia Carnaval</i>, transformando o terreiro da Gomeia e o apartamento de Bonsucesso em efervescentes ateliês. Os filhos de santo auxiliavam no processo, <i>modus operandi</i> ainda observável em praticamente todas as escolas de samba: é mais do que comum o fato de que determinados pais ou mães de santo também são chefes de ateliês, empregando os filhos de santo na profundamente ramificada cadeia produtiva do Carnaval. Curiosamente, não há pesquisas acadêmicas focadas no “papel carnavalesco” de João da Gomeia; em outras palavras: inexistente bibliografia que trate exclusivamente do fazer carnavalesco do Pai de Santo, trabalhos que investiguem os figurinos utilizados nos bailes e nos desfiles de escolas de samba, bem como o modo de produção e os materiais utilizados nessas roupas. O mais próximo disso é o trabalho de Andréa Mendes, intitulado “Vestidos de Realeza: fios e nós centro-africanos no candomblé de Joãozinho da Gomeia.” O estudo investiga as luxuosas roupas de santo confeccionadas por João em diálogo com peças de indumentária observáveis em países africanos, mas não menciona os tão ou mais luxuosos figurinos carnavalescos. O que se defende, a partir da pesquisa realizada para o desenvolvimento do enredo da Grande Rio, é que as coisas se misturavam com extrema organicidade: os mesmos fios que teciam as roupas de santo davam o brilho às fantasias de carnaval – e vice-versa. Ouvimos repetidas vezes que João da Gomeia foi o responsável por inserir o luxo nas roupas de santo; nos parece evidente que a vivência carnavalesca contribuiu sobremaneira para isso. No alto da alegoria, em meio a elementos decorativos inspirados nas pranchas de Fernando Pamplona (desenvolvidos pelo designer Antônio Gonzaga), um grupo de mais de trinta <i>Drag Queens</i> negras, teatralizadas por André Lúcio de Oliveira, festeja livremente o Carnaval, exaltando a diversidade e exibindo corpos indóceis, expansivos, não-enquadráveis.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
04	<p><b>“UM SARAVÁ PRA FOLIA!” (Continuação)</b></p>  <p><small>GRES Acadêmicos do Grande Rio Carnaval 2020 - Alegoria 4 - Desenho Artístico</small></p> <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Tiago Monteiro / Presidente dos Destacados: Camilla Saver</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>No fundo do carro, podem ser observados inúmeros “lambes” do artista paraense (e destaque performático da escola) Rafael Bqueer, cujas experimentações artísticas tratam da corporeidade negra, da sexualidade e da descolonização. As pinturas digitais exibem ícones afro-LGBTQ+ brasileiras que contribuiram para a afirmação do imaginário gay carnavalesco do nosso país, como Jorge Lafond, Madame Satã, Leona e Márcia Pantera – trabalho originalmente desenvolvido para as ruas do Brooklyn, em Nova York, e agora ressignificado no contexto da Marquês de Sapucaí. Evoé!</p> <p><b><u>Destacues e Composições</u></b></p> <p><b>Destaque central infantil: Valentina Soares</b> Fantasia: O luxo das matinês</p> <p><b>Destaque central baixo: Sônia Soares</b> Fantasia: Esplendor bordado em ouro</p> <p><b>Destaque central médio: Denise Amorim</b> Fantasia: Folia geométrica</p> <p><b>Destacues centrais alto (varanda): Daniela Glamour Garcia e Pedro Carvalho</b> Fantasias: Fuzuês e bafafás</p> <p><b>Composições frente: Galeria de Velha-Guarda do GRES Acadêmicos do Grande Rio</b> Fantasia: Realeza Nagô</p> <p><b>Composições laterais femininas</b> Fantasia: Élan carnavalesco</p> <p><b>Composições teatralizadas platô</b> Fantasia: Purpurinadas</p> <p><b>Composições teatralizadas cones</b> Fantasia: “O que é que a baiana tem?”</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**


Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 03</b></p> <p><b>“QUEM FAZ SUA GIRA COM FÉ?”</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Monteiro / Presidente da Desfile: Demilo Geyer</small></p>	<p>Como diz a sinopse do enredo, “foram muitos os notáveis que a ele entregaram a fé...” O terceiro tripé do desfile do GRES Acadêmicos do Grande Rio encerra o setor dedicado à vivência artística de João da Gomeia, entre palcos, telas, câmeras e microfones, celebridades e manchetes jornalísticas, polêmicas e informações desconstruídas. A alegoria se divide em duas partes, ambas integradas. Na parte dianteira, tem-se o cenário de um cassino decorado com motivos africanos. Guias, galinhas d’angola, búzios e atabaques circundam uma roleta que simbolicamente pode figurar enquanto esteira para o jogo de búzios – a roda do destino, o tabuleiro de Ifá, que gira regendo vidas. Trata-se de uma interpretação não-literar para as célebres narrativas orais que falam da passagem de Joãozinho de Gomeia pelo palco do Cassino da Urca – cenário mítico onde, no final da década de 1940, supostamente se apresentou, junto das filhas de santo, para a então princesa Elizabeth, futura Rainha Elizabeth II, <i>Her Majesty The Queen</i>. Diante da ausência de dados comprobatórios (a rigor, a primeira e única visita oficial de Elizabeth II ao Brasil se deu em 1968, quando ela já completava 15 anos como Rainha e o Cassino da Urca não mais existia enquanto casa de jogos, mas como sede da TV Tupi), abraçamos a fantasia carnavalesca e unimos os fragmentos narrativos de teor anedótico em uma alegoria que também pode ser lida como “as histórias fantásticas que envolvem João da Gomeia – aquelas jamais documentadas, mas nas quais todos acreditam.” Carlos Nobre menciona a relação com a Rainha, defendendo o seguinte: “Joãozinho frequentemente era chamado para se encontrar com pessoas famosas. Inclusive na vinda da Princesa Elizabeth da Inglaterra ao Rio de Janeiro esta teria ficado encantada com as danças apresentadas por ele. Assim, teria falado que se houvesse um rei nesse negócio de macumba, este seria Joãozinho da Gomeia. Por essa perspectiva, o povo começou a chamá-lo de “Rei do Candomblé”.</p>

*\* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.*




## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 03</b></p> <p><b>“QUEM FAZ SUA GIRA COM FÉ?”</b> <b>(Continuação)</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Cenário: Thiago Moreira / Presidente das Delimitações: Danilo Sauer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Conta-se que, na coroação de Elizabeth II, a cerimônia era anunciada por um grande sino de ouro, que, no fim das solenidades, foi derretido para gerar miniaturas que eram distribuídas para convidados especiais. João da Gomeia não foi à coroação, mas Elizabeth II teria enviado um desses sinos, que chegou ao Pai de Santo através das mãos do então embaixador Assis Chateaubriand (curiosamente, o enredo da Grande Rio de 1999). O folclorista Edgar de Souza teria sido um dos poucos a ver esta relíquia que hoje está perdida.” Se tudo isso é verdade ou não, não podemos (nem queremos) afirmar. Mas que o sabor carnavalesco é intenso, isso não se discute! Circundando a coroa, dois bustos de Exu (releituras das impressionantes peças em madeira confeccionadas por Bamboye de Odo Owa), guardião dos caminhos e mestre em contar proezas. O nome do tripé brinca com um ponto de Exu: “Exu que tem duas cabeças, ele faz sua gira com fé!” Evocando a malandragem, as cartas de baralho – com motivos africanos, criações exclusivas de Antônio Gonzaga. João da Gomeia dizia, segundo José Cândido de Carvalho: “Em troço de anedota, sou especial.” Ninguém há de duvidar disso!</p> <p>Na parte traseira do tripé pode ser observada a interpretação cênica para outra história fantástica que envolve a figura de João: a viagem secreta que levou o Pai de Santo ao canteiro de obras de Brasília, a pedido de JK. Em meio aos andaimes, sobre a terra vermelha, João teria realizado inúmeros trabalhos: arriou mais de cem ebós nas fundações do Eixo Monumental, deu de comer a Exu e, supostamente, versou os candangos nos segredos do Juremá. O único fato comprovado é que o Pai de Santo participou ativamente dos festivais folclóricos realizados na recém-inaugurada Capital Federal – apegou-se tanto a Brasília que, hoje, um galho expressivo da Gomeia está fincado na cidade.</p>

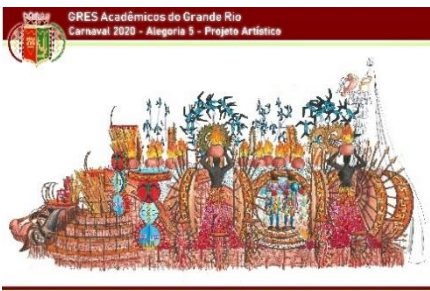
**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p><b>Tripé 03</b></p> <p><b>“QUEM FAZ SUA GIRA COM FÉ?”</b> <b>(Continuação)</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Moreira / Presidente dos Destaques: Demilo Gayer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>De resto, ficamos com a certeza talvez verdadeira de que um Pai de Santo negro, gay e nordestino arriou oferendas no solo que receberia, anos depois, os orixás pintados por Djanira da Motta e Silva enquanto parte do acervo artístico do Palácio do Planalto – imagens que foram retiradas das paredes do palácio, em janeiro de 2019. No tripé, as Yabás de Djanira se sobrepõem às formas de Niemeyer e se mostram altivas sobre o solo de Brasília: ainda que excluídas dos salões palacianos, pulsam nos veios da terra e guardam a certeza de que os ventos sempre mudam – a sábia lição de Oyá.</p> <p><b>Destaque Central Alto: Enoque Silva</b> Fantasia: Rei do Candomblé</p> <p><b>Destaque Central Baixo: Ágatha Moreira</b> Fantasia: <i>Her Majesty The Queen</i></p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<p><b>O REVOAR DA LIBERDADE</b></p>  <p><small>Carnavalesco: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Monteiro / Presidente das Desfiladas: Danilo Geyer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Encerrando o desfile do GRES Acadêmicos do Grande Rio, a alegoria de número 5 aparece enquanto cenário monumental que expõe ao público a celebração da liberdade e a luta contra a intolerância religiosa. Entendemos que a Gomeia era um imenso quilombo: espaço de sociabilidade dos mais plurais, marcado pelas intensas trocas de saberes, vivências e memórias. Hoje um terreno abandonado, o endereço mítico que recebeu as maiores celebridades e os mais afamados intelectuais da época é testemunha das transformações e disputas que fazem de Duque de Caxias um lugar estratégico para a denúncia do fundamentalismo religioso que demoniza os saberes afro-ameríndios e declara guerra aos terreiros, à diversidade, à vida que pulsa nos corpos indóceis. Não é possível fechar os olhos. É preciso resistir e re-existir - com bravura e poeticidade.</p> <p>Segundo o editorial do jornal O Globo de 26 de dezembro de 2019, “a convivência entre diferentes credos é cada vez mais difícil. A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa recebeu em torno de 200 denúncias este ano no Estado do Rio até aqui, mais do que o dobro de 2018. Até setembro, 176 terreiros fecharam após ataques de fanáticos ou ameaças de traficantes.” O município de Duque de Caxias, o maior da Baixada Fluminense, é um dos que mais sofrem com os casos de intolerância e racismo religioso que invade, depreda e incendeia terreiros, numa tentativa de apagar o complexo de saberes e rituais afro-ameríndios que ajudam a compor a nossa brasilidade. Tentativa que jamais terá sucesso: as raízes de tais ritos e saberes são muito mais profundas e guardam, no chão encarnado da Gomeia caxiense, as sementes para o despertar de um novo pensamento: inclusivo, alicerçado no respeito, abraçado ao culto aos ancestrais e à valorização da memória – narrativas que não podem ser apagadas, narrativas redesenhadas, vibrantes, em um desfile de escola de samba.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>O REVOAR DA LIBERDADE (Continuação)</b></p>  <p><small>CRÉDITOS: GRES Acadêmicos do Grande Rio Carnaval 2020 - Alegoria 5 - Projeto Artístico</small></p> <p><small>Conceituadores: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carro: Thiago Monteiro / Presidente dos Desfileiros: Demício Beyer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>A cenografia do carro sintetiza tais conceitos. À frente, a enorme cabeça de búfalo aparece enquanto símbolo de força: encaramos o presente sem medo, aguerridos, dispostos a defender os valores de todo o povo de axé e de todos aqueles que se veem perseguidos por suas crenças, sua orientação sexual, sua cor de pele, seu lugar de origem. Segundo as narrativas mitológicas, Iansã, orixá associada à iniquidade Matamba, entidade que adquire posição de centralidade na cabeça de Joãozinho da Gomeia, quando do final da vida do Pai de Santo, se transformava em um búfalo majestoso, animal que simboliza a coragem e a luta contra a morte. Não curiosamente, segundo os simbologistas Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, em diversas cosmogonias orientais o búfalo é associado às divindades que dançam com a morte, conforme se depreende das iconografias hindu e tibetana.</p> <p>Contam as narrativas orais que a despedida a Joãozinho da Gomeia, na cidade de Duque de Caxias, ganhou contornos épicos. Centenas de pessoas incorporavam Iansã, enquanto nuvens de andorinhas coloriam o céu e desenhavam símbolos, sobrevoando a Gomeia. Então o céu foi rasgado: relâmpagos estouraram vigorosos e as águas transformaram o solo em uma correnteza de barro vermelho. As fotos do cortejo fúnebre são verdadeiramente impressionantes: não é possível mensurar a quantidade de pessoas nem o impacto que tal acontecimento causou na memória coletiva da cidade. O jornalista Carlos Nobre, no seu livro “Gomeia João”, apresenta fragmentos de matérias jornalísticas em que os entrevistados afirmam que um menino de 12 anos desapareceu no ar, carregado pelo vento.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<p><b>O REVOAR DA LIBERDADE (Continuação)</b></p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>A morte, de acordo com as provocações de Luiz Antonio Simas, não é o contrário da vida; o contrário da vida é o desencanto. Desencanto observável nos corpos docilizados, nos saberes colonizados, nas narrativas que abrem mão da magia e abraçam as certezas racionais com pretensões universalizantes. Desencanto que é incompatível com os saberes alimentados nos alguidares, os tambores que narram epopeias, os corpos que dançam em transe, nas noites de candomblé. João da Gomeia deixou a vida terrena em 19 de março de 1971, mas permanece vivo, encantado, na memória coletiva de Duque de Caxias e nos tantos herdeiros da Gomeia, espalhados pelo Brasil. Permanece vivo e nos desafiando, feito os velhos capoeiristas. A alegoria, simbolicamente, evoca a ideia de renascimento: do barro e dos cacos da Velha Gomeia rebrotam as flores das noites de festa; nos alguidares dedicados a Oyá ainda ardem as chamas flamejantes.</p> <p>O fogo ancestral, matéria de Iansã, Matamba e Kaiango, protege os pequenos, aqueles que tem nas mãos o poder de reconstruir o mundo – daí a presença dos gêmeos pintados por Carybé, ibejis que carregam a bola, brinquedo das ruas de barro; bola que se faz planeta – o mundo que resiste ao caos. As flechas muito dizem da resistência dos quilombos. Os raios saúdam Iansã e unem a terra e o céu.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<p><b>O REVOAR DA LIBERDADE (Continuação)</b></p>  <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>Celebrando a mensagem de que as múltiplas personalidades de João da Gomeia permanecem vivas e desafiantes, à frente do carro, numa espécie de arquibancada que muito diz da estrutura cerimonial da Gomeia de Caxias, reunimos lideranças religiosas, artistas, ativistas e intelectuais que atuam nas múltiplas esferas da luta contra a intolerância religiosa, em defesa dos direitos humanos, da liberdade e da diversidade. Destacamos a presença de herdeiros da Gomeia de diferentes localidades do Brasil (Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, São Paulo, etc.), todos reunidos sob o olhar de Mãe Sandra da Gomeia, Seci Caxi, herdeira do trono de Pai João, segundo o jogo de búzios. Seci, que acompanhou todos os preparativos para o desfile, presta homenagem a Oyá, encimando o grande búfalo. Representantes dos Movimentos Negro e LGBTQ+ de Caxias, da Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, dos Filhos de Gandhi, do IPEAFRO, do prêmio Atabaque de Ouro e de diferentes terreiros do Brasil se veem unidos a outras vertentes religiosas, representadas nas figuras de padres, pastores, monges e rabinos que aceitaram participar do desfile da Grande Rio. Completa a cenografia a mais importante peça para se compreender o conjunto simbólico desse momento do desfile: o “Totem da Liberdade”, de Abdias Nascimento.</p>


## FICHA TÉCNICA

## Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<b>O REVOAR DA LIBERDADE (Continuação)</b>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carro: Tiago Monteiro / Presidente dos Desenhos: Camilo Saver</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p>A tela foi pintada em 1974, quando o artista morava em Buffalo, nos Estados Unidos – mesmo período em que escreveu o poema “Padê de Exu Libertador”, o motivo das fantasias do Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. A tela, pertencente ao acervo do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, apresenta uma andorinha protegida por tridentes de Exu, posicionada sobre um disco solar. Unimos as narrativas orais compartilhadas por aqueles que participaram da despedida de João da Gomeia aos traços de Abdias Nascimento – daí a presença de inúmeras andorinhas em movimento, livres, no alto do carro, espalhando o axé por toda a Passarela. Há que se destacar, ainda, a presença da imagem do Sankofa, mencionado pela jornalista Flávia Oliveira no artigo “Uma escola que não se intimida”. Nas palavras dela, “dos povos da antiga Costa do Ouro, hoje Gana, resiste um conjunto ideográfico, de nome adinkra, muito usado como símbolo de identidade e reverência à ancestralidade africana. Sankofa talvez seja o mais difundido desses ícones. É o desenho de um pássaro com o corpo voltado para frente e a cabeça virada para trás. Esse desenho contém recado poderoso: nunca é tarde para apanhar de volta o que ficou para trás.”</p> <p>A escola que já mergulhou nas águas claras, pediu a paz a Oxalá, denunciou que o Pelourinho ainda não findou, sambou com Exu, rei da noite, de corpo fechado, nas encruzilhadas do sonho, agora encerra a sua apresentação com a figura síntese de um Ogã / Xicarangomo unido ao seu tambor. Ali, os saberes ancestrais nas linhas de cada mão. Ali, o futuro que reverbera no couro. Ali, o ancestral e o eterno. Ali, um universo inteiro – e a certeza de que resistiremos, caminhando de mãos dadas.</p>

**FICHA TÉCNICA**


**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
05	<p><b>O REVOAR DA LIBERDADE</b> (Continuação)</p>  <p><small>Carneleiros: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Cenário: Thiago Moreira / Presidente dos Destaques: Danilo Geyer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p><b><u>Destaques e Composições</u></b></p> <p><b>Destaque central no trono: Seci Caxi, Mãe Sandra da Gomeia</b> Fantasia: Herança viva</p> <p><b>Destaque central médio: Thábata Oliveira</b> Fantasia: Laba Laba, borboleta de Iansã</p> <p><b>Destaque central alto: Simone Oliveira</b> Fantasia: Relâmpagos de Kaiango</p> <p><b>Destaques laterais infantis</b> Fantasias: Chamas de Iansã</p> <p><b>Composições laterais varandas: Herdeiros da Gomeia</b> Fantasia: Roupas cerimoniais</p> <p><b>Composições laterais femininas (queijos)</b> Fantasia: Energia de Oyá</p> <p><b>Composições laterais masculinas (queijos)</b> Fantasia: Súditos de Oyá</p> <p><b>Destaque performático alto (cadeira): Luiz Bangbala</b> Fantasia: Eternidade</p> <p><b>Composições arquibancada*:</b> lideranças religiosas, artistas, ativistas e intelectuais que atuam nas múltiplas esferas da luta contra a intolerância religiosa, em defesa dos direitos humanos, da liberdade e da diversidade Fantasia: Roupas cerimoniais/civis</p> <p>*Nas arquibancadas estão personalidades como Conceição Evaristo, Babalawo Ivanir dos Santos, Padre Gege, Padre Reginaldo, Padre Braulio, Pastor José Barbosa, Flávia Oliveira, Renato Ferreira, Giovanna Xavier, Mãe Meninazinha de Oxum, Babá Adailton Moreira, o elenco completo da peça “Oboró – Masculinidades Negras”, dentre outros.</p>




**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>O REVOAR DA LIBERDADE (Continuação)</b></p>  <p><small>Cenógrafos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Cena: Tiago Moreira / Presidente dos Desfile: Danilo Saver</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p><b><u>Biografia das principais lideranças presentes na alegoria</u></b></p> <p>- <b><u>Conceição Evaristo</u></b> - Escritora mineira, trabalhou como empregada doméstica até 1971. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, formou-se em Letras pela UFRJ. Abordou no mestrado (PUC-RJ) e no doutorado (UFF) temas como raça, gênero e classe. É uma das maiores escritoras brasileiras da atualidade, sendo vencedora do Prêmio Jabuti em 2015.</p> <p>- <b><u>Babalawo Ivanir dos Santos</u></b> - Doutor em História Comparada pela UFRJ, é Babalawô e ativista, organizando a caminhada em defesa da liberdade religiosa na praia de Copacabana. Recentemente, lançou o livro "Marchar não é caminhar", falando sobre os processos de intolerância religiosa no país.</p> <p>- <b><u>Pastor José Barbosa</u></b> - É teólogo, pastor e militante pela liberdade religiosa em Belo Horizonte.</p> <p>- <b><u>Padre Braulio Francisco</u></b> – Padre de Duque de Caxias que já foi passista da Grande Rio e luta em defesa da liberdade religiosa.</p> <p>- <b><u>Flávia Oliveira</u></b> - Jornalista(UFF) e ativista em defesa da igualdade racial. É colunista do Jornal O Globo e comentarista de economia no canal Globo News.</p> <p>- <b><u>Mônica Francisco</u></b> - Deputada estadual do Rio de Janeiro, é socióloga e pastora evangélica. Militante do movimento negro, luta pela igualdade de gênero, religiosa e racial. Foi assessora da vereadora Marielle Franco. Integrou projetos de urbanização das favelas do Rio de Janeiro.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Gabriel Haddad e Leonardo Bora		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p><b>O REVOAR DA LIBERDADE (Continuação)</b></p>  <p><small>Camareiros: Gabriel Haddad e Leonardo Bora / Direção de Carnaval: Thiago Moreira / Presidente dos Desfilistas: Gervásio Geyer</small></p> <p><i>* Os projetos apresentados são utilizados enquanto conceitos-chave para a confecção das alegorias, não havendo o compromisso com a execução literal de todos os detalhes apresentados no papel.</i></p>	<p><b>-Mãe Meninazinha de Oxum</b> - Uma das mais velhas matriarcas do candomblé brasileiro, é herdeira do trono de Iyá Davina, sua avó biológica. Recebeu, em 2010, a medalha Tiradentes, concedida pela ALERJ.</p> <p><b>-Giovanna Xavier</b> - É professora da Faculdade de Educação da UFRJ. Formada em História, possui mestrado pela UFF, doutorado pela UNICAMP e pós-doutorado pela New York University. Criou o grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras e é ativista na área.</p> <p><b>-Marcelo Fritz</b> - É criador e organizador do prêmio "Atabaque de Ouro", que premia as melhores cantigas de umbanda no estado do Rio de Janeiro. É Babalorixá e presidente do ICAPRA - Instituto Cultural de Apoio e Pesquisa às Tradições Afro.</p> <p><b>-Misoul Santos</b> - Ator e poeta, representa o IPEAFRO - Instituto de Pesquisa e Estudos Afro Brasileiros - instituição criada em 1981 pelo ativista Abdias Nascimento, com o objetivo de difundir e defender os direitos afrodescendentes, preservando, ativando e divulgando suas memórias e ativismos.</p> <p><b>-Negrogun</b> - É ativista do movimento negro desde a década de 80, participando ativamente dos debates em torno das questões racial e religiosa. É presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos do Negro.</p> <p><b>-Rodrigo França</b> - É ator, diretor, cientista social e filósofo. Participou do Big brother Brasil 19, reality show da TV Globo, mas, bem antes disso, já era um grande nome na luta contra o preconceito racial no Rio de Janeiro. É diretor do espetáculo "Oboró", indicado ao último prêmio Shell de teatro.</p> <p><b>-Flávia Pinto</b> – Escritora, socióloga formada pela PUC-RJ, ativista e defensora dos direitos humanos e da liberdade religiosa. Exerceu o cargo de Coordenadora da Igualdade Religiosa do Município do Rio de Janeiro no anos de 2017 e 2018. É zeladora de umbanda desde os 23 anos.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Alegoria 01 – Abre-Alas</u></b>                      Bruna Dias (Destaque Central Baixo)                      Rafael Bqueer (Destaque Central Médio)                      Karina Soares (Destaque Central Alto)</p>	<p>Corretora de Imóveis                      Artista Plástico, Artista Visual e Performer                      Empresária</p>
<p><b><u>Tripé 01</u></b>                      Bira Dance (Destaque Central)</p>	<p>Bailarino</p>
<p><b><u>Alegoria 02</u></b>                      Danyllo Gayer</p>	<p>Diretor Financeiro</p>
<p><b><u>Alegoria 03</u></b>                      Guilherme Linhares (Destaque Central Baixo)                      Márcio Marinho (Destaque Central Alto)</p>	<p>Empresário                      Empresário</p>
<p><b><u>Tripé 02</u></b>                      David Brasil (Destaque Central Alto)                      Átila Bee (Destaque Central Baixo)</p>	<p>Artista                      Ator</p>
<p><b><u>Alegoria 04</u></b>                      Sônia Soares (Destaque Central Baixo)                      Denise (Destaque Central Médio)                      Pedro Carvalho (Destaque Central Alto)                      Glamour Garcia (Destaque Central Alto)</p>	<p>Empresária                      Secretária                      Ator                      Atriz</p>
<p><b><u>Tripé 03</u></b>                      Ágatha Moreira (Destaque Central Baixo)                      Enoque Silva (Destaque Central Alto)</p>	<p>Atriz                      Servidor Público</p>
<p><b><u>Alegoria 05</u></b>                      Simone Oliveira (Destaque Central Alto)                      Thábata Oliveira (Destaque Central Médio)                      Seci Caxi (Destaque Central Baixo)</p>	<p>Empresária                      Estudante                      Aposentada</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Local do Barracão</b> Rua Rivadávia Corra, nº. 60 – Barracão nº. 04 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Sylvio Batista	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> João Lopes, Everdon “Caprichosos” e Zeli	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Sérgio Niterói e Peixinho
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Marina Vergara, Alex Salvador e Neto	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Gilmar Moreira e Rafael Vieira
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Carlos Rosa	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Paulo Ferraz
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Patryck Thomaz e Antônio Gonzaga	- Assistentes dos Carnavalescos
Simone Márcia, Zé Paulo e Reginaldo	- Aderecista Chefe de Equipe
Nilson e Renato	- Laminação, Fibra e Empastelação
Rogério e Fuca	- Iluminação
Fuentes	- Efeitos Especiais
Tunico	- Placas de Acetato/EVA
Vaninha, Nayra e Leo	- Compras e Almoxarifado
Vilmar	- Espelhos
Batista	- Unidades Hidráulicas
Jorge e João	- Portaria
Bruna Souza	- Técnica em Segurança de Trabalho
Lu, Valfran e Paula	- Serviços Gerais
Denise	- Secretaria
Murilo	- Brigada de Incêndio

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Servos de Exu</b></p> 	<p>Emoldurando a apresentação do Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do GRES Acadêmicos do Grande Rio, os guardiões evocam a energia de Exu, instauradora de todo axé. Nos termos de Luiz Antonio Simas, no texto que abre a publicação “O corpo encantado das ruas”, de 2019, “as ruas são de Exu em dias de festa e feira.” Assim sendo, a Avenida Marquês de Sapucaí, em noite de carnaval, é também um imenso terreiro, lugar onde Exu se manifesta e precisa ser saudado. “<i>Elégbára rétwà, a sé awo / Bará Olóònòn àwa fún àgò</i>” – “O Dono da Força é bonito, vamos cultuá-lo; Dono do Corpo, Senhor dos Caminhos, nos dê licença.” Humildemente, pedimos licença a Exu, oferecendo, simbolicamente, alguidares com oferendas – a farofa sagrada, o padê, início de tudo.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p><b>Noites de Inhambupe</b></p> 	<p>João Alves Torres Filho nasceu em 27 de março de 1914, na cidade de Inhambupe, no interior da Bahia. A infância do menino girava ao redor de histórias fantásticas e causos de assombrações, narrativas orais que misturavam lobisomens e morcegos, jacarés e macacos gigantes, o medo da mata e o fascínio pelo desconhecido. Vultos dançavam sob as estrelas, num misto de apreensão e delírio de criança. Segundo o próprio Joãozinho narrou à pesquisadora e filha de santo Giselle Cossard, a sua maior lembrança da infância era o medo da noite: as sombras, no interior da casa, projetavam visões que ele, deitado na rede, não compreendia: formas que misturavam animais e seres humanos, a presença do sobrenatural ao alcance dos olhos e das mãos. Somavam-se a isso as intensas e ininterruptas dores de cabeça. Por detrás da insônia, das visões misteriosas e das dores que latejavam nas noites quentes e sufocantes, palpitava um chamado espiritual: o Caboclo da Pedra Preta se misturava aos vultos e indicava um caminho a ser seguido, em direção ao axé.</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade (1988)</p>	<p>Carla Meireles</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
01	<p><b>Noites de Inhambupe (Continuação)</b></p> 	<p>A primeira ala do desfile traduz poeticamente tais visões infantis, misturando elementos presentes nas narrativas de Joãozinho a símbolos da cultura popular, como o lobisomem – mito que até hoje permeia as narrativas orais da cidade de Inhambupe. Os figurinos criados para essa ala híbrida expressam o medo e o fascínio aos olhos de uma criança – daí o uso predominante de variações das cores primárias e as formas intencionalmente grandes. O uso do vime aparente, das fitas amarradas, dos tufo de ráfia e palha e da profusão de retalhos ajuda a criar uma massa retorcida e disforme, capaz de traduzir visualmente a confusão mental do menino. Os tons terrosos e a figura de Exu ganham centralidade: começavam a ser abertos os caminhos que levariam o menino João aos roncós do candomblé. O figurino dedicado a Exu, espécie de títere ou marionete, é uma releitura carnavalesca do Exu pintado por Abdias Nascimento em 1969, na obra “O Vale de Exu”, pertencente ao acervo do IPEAFRO. As grandes máscaras utilizadas nas demais cabeças são releituras de peças angolanas do povo Yaka, também presentes no carro Abre-Alas.</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade (1988)</p>	<p>Carla Meireles</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Cores da Noite</b></p> 	<p>A fantasia mistura as cores do arrebol para expressar as visões noturnas do menino João, no interior da Bahia. Os olhos da noite podem ser confundidos com os olhos de uma grande coruja, pássaro associado a feitiços e agouros. Quando o céu se tingia de laranja, tudo podia acontecer: o medo desenhava sombras e visões amedrontadoras tomavam de assalto a insônia da criança.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Monique Alfradique</p>
02	<p><b>Nos Passos do Conselheiro</b></p> 	<p>Contam as narrativas de matriz oral que Antônio Conselheiro, o líder messiânico chamado de “O Peregrino”, passou por Inhambupe, na segunda metade do século XIX. A memória do andarilho que tinha visões espirituais e se tornou nacionalmente conhecido era muito marcante na família de João Alves Torres Filho, que chegou a ser coroinha e frequentava os ritos da igreja católica com bastante rigor. As dores de cabeça incuráveis, porém, fizeram com que o menino precisasse deixar a pequena cidade e, na companhia de uma tia, seguisse para a capital do estado, Salvador, para obter cuidados médicos. Seguindo os passos do Conselheiro, ele, João, também iria se tornar um andarilho, palmilhando o Brasil inteiro ao buscar novas paragens – e ao fundar novos reinados.</p>	<p>Comunidade</p>	<p>Direção de Carnaval</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<b>Nos Passos do Conselheiro (Continuação)</b> 	<p>A fantasia concebida para a ala traduz de maneira lúdica a primeira travessia realizada por João em direção a Salvador, aos 14 anos de idade, depois de algumas malfadadas tentativas de fuga. As viagens eram feitas em lombo de burro, conforme indicam as pinturas de Hector Carybé, artista que serve de referência visual para o segundo setor do desfile. Na bagagem, as lembranças da família, as trouxas, os fragmentos de memória, os retalhos do passado. Sobre as cabeças, o sol inclemente da Bahia: trabalho em crochê realizado por Ana Bora. As burrinhas confeccionadas em vime nos transportam para a tradição dos antigos carnavais, conferindo à abertura do setor um perfume nostálgico, nos tons adocicados das aquarelas de Carybé.</p>	Comunidade	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>As Gentes do Velho Mercado</b></p> 	<p>Chegando em Salvador, João se depara com os múltiplos brasis condensados na “Cidade da Bahia” – e nenhum lugar expressa melhor a miscelânea brasileira que um mercado, o espaço onde Exu se manifesta, permanente entra-e-sai de tipos, cores, sabores. Segundo as pesquisas de Taís Noronha e Carlos Nobre, Joãozinho, em meio a consultas médicas e idas e vindas que não curavam as dores de cabeça, conseguiu emprego em um armazém de secos e molhados, encontrando nos mercados e nas feiras populares os espaços de trânsito e de cruza de saberes que o levariam, em definitivo, para os encantos do candomblé. Durante um certo período de tempo, inclusive, ele teria morado, de forma improvisada, sobre os sacos que embrulhavam carne seca, nas dependências do Mercado Modelo, fundado em 1912 para abastecer a Cidade Baixa. No “Velho Mercado”, já cantado pelo Salgueiro, no carnaval de 1969, se esbarravam todas as gentes da Bahia, inclusive os mais valentes mestres de capoeira (tradição que João passaria a admirar imensamente) e as mais afamadas mães de santo. É no mercado que João conheceria a Ialorixá chamada de “Madrinha”, peça central para a sua iniciação no candomblé de Angola.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
03	<b>As Gentes do Velho Mercado (Continuação)</b> 	<p>Os quatro figurinos concebidos para a ala apresentam o colorido do Brasil que se encontra na rua: um vendedor de bananas, uma vendedora de cacau e caju, um pescador carregado de peixes e crustáceos (José Cândido de Carvalho afirma que João amava “uma boa frigideira de caranguejos”) e uma vendedora de ervas e pássaros. Todas as roupas são inspiradas em aquarelas de Carybé presentes na coletânea “Gente da Bahia”, que propõe diálogos entre as pinturas do artista e as fotografias de Pierre Verger, os versos de Dorival Caymmi e as páginas de Jorge Amado – todos os quatro, não por acaso, amigos que João Alves Torres Filho faria, nas andanças por Salvador. As estampas reproduzem pinturas de Carybé: originalmente feitas à mão, com a técnica da aquarela sobre papel, foram posteriormente sublimadas em diversos tecidos.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>“Quem Não Vai no Bonfim?”</b></p> 	<p>A cidade de Salvador é uma encruzilhada cultural brasileira, onde se misturam as manifestações populares de matriz cristã e os ritos afro-ameríndios. Joãozinho é um exemplo disso: coroinha na infância, jamais deixou de participar de festejos do catolicismo popular e de admirar o barroco baiano. A roupa da musa traduz a opulência das “joias de axé” e dos objetos sacros das igrejas da Bahia, técnicas de joalheria que uniam saberes europeus e africanos nos altares e nos balangandãs. Como cantou Dorival Caymmi, “Quem não tem balangandãs não vai no Bonfim...”</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Antônia Fontenelle</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<b>Altars da Cidade da Bahia</b> 	<p>Jorge Amado foi o responsável por reverberar a ideia de que, na cidade de Salvador, é possível assistir, ao longo dos 365 dias do ano, uma missa por dia, sem repetir igreja. Nas palavras do escritor, em “Bahia de Todos-os-Santos”, “diz a lenda que a cidade de Salvador conta com 365 igrejas, uma para cada dia do ano.” O mesmo escritor, que projetou a ideia de “baianidade” para todo o mundo, conta que “na manhã da terceira quinta-feira de janeiro, todo o povo da Bahia se encaminha para a colina do Bonfim, onde está a igreja do santo mais popular da cidade, santo que está por cima de todas as divergências religiosas e políticas. Eis uma verdade: Senhor do Bonfim não é exclusivo de nenhuma religião. Para os negros o Senhor do Bonfim é Oxalufã, ou seja Oxalá-Velho, Oxalá na sua maior dignidade.” O jornalista Carlos Nobre narra que Joãozinho nunca deixou de participar da festa da lavagem do Bonfim: até o final da vida, subia a “colina sagrada” e expressava a sua fé no padroeiro “extra-oficial” da Bahia. Ano após ano vestia as melhores roupas e amarrava os seus pedidos aos pés do Salvador.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p><b>Altars da Cidade da Bahia (Continuação)</b></p> 	<p>A fantasia da ala traduz tal imaginário sincrético e apresenta elementos retirados das fotografias que mostram João da Gomeia e suas filhas de santo, nas escadarias do Bonfim. Os azulejos em azul reproduzem pedaços das pinturas que adornam os corredores de tão famoso santuário: cenas bíblicas, como o nascimento de Jesus e a chegada dos Reis Magos. O rosto de anjo é inspirado nas criações em madeira de Higino Simplício de Almeida. Nas cabeças, os vasos com a água de cheiro e a brancura das flores exaltam a limpeza de qualquer preconceito religioso. A pesquisadora Taís Noronha conta que Solano Trindade defendia que Caxias era uma “nova Bahia”, espécie de Salvador “sem as 365 igrejas”. João estava predestinado!</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
05	<p><b>Festa do Dois de Julho</b></p> 	<p>O mesmo Jorge Amado que tão bem descreveu a lavagem do Bonfim assim define as festas populares e as religiosidades da Bahia: “Aqui tudo se misturou: todas as coisas estão misturadas nessa terra. Mais do que misturadas; fundidas umas nas outras, formando uma coisa nova, baiana, brasileira. Anjos e exus, o barroco e o agreste, o branco e o negro, o mulato e o caboclo, o candomblé e a igreja, os orixás e os santos, tudo misturado.”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<b>Festa do Dois de Julho (Continuação)</b> 	<p>Pois bem: outra tradição que nos ajuda a pensar a complexidade cultural de Salvador e a compreender o hibridismo cultural de uma figura tão multifacetada como João da Gomeia é a Festa do Dois de Julho, em homenagem à Independência da Bahia. Se originalmente a festa tem um caráter cívico, adquire conotação religiosa ao cultuar a figura do caboclo que, a exemplo de São Jorge, mata um dragão – símbolo da opressão do colonizador português. Pelas ruas históricas de Salvador, desde a primeira metade do século XIX, o dia 2 de julho se colore de verde e amarelo e observa a mistura de fanfarras e bandas marciais com batuques e danças em louvor aos líderes indígenas mortos que baixam nos terreiros e exaltam, em meio a cantigas e mesas fartas, o nosso panteão ameríndio, o nosso imaginário caboclo. De acordo com as pesquisas de Carlos Nobre, João da Gomeia, que tinha por “mentor espiritual” o Caboclo da Pedra Preta, vivia os festejos do Dois de Julho com a maior das empolgações, percorrendo o circuito do Largo da Lapinha até o Largo do Campo Grande. Jorge Amado afirma, em “Bahia de todos-os-santos”, que “a festa de Pedra Preta é no Dois de Julho, quando o candomblé todo se enfeita.”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p><b>Iaôs</b></p> 	<p>Imerso em um caldeirão cultural dos mais instigantes, na cidade dos mais belos altares barrocos e das mais animadas festas em louvor aos caboclos, o jovem João é levado pela Madrinha para o terreiro do Pai de Santo Severiano Manoel de Abreu, o Pai Jubiabá, no Morro da Cruz do Cosme. Figura polêmica, desafiava os candomblés de linhagem matriarcal e realizava cultos híbridos, com orixás e caboclos, o que era considerado “impuro”. Jubiabá era o nome do caboclo que Severiano, que também era capitão do Exército, recebia nos rituais.</p> <p>Segundo a pesquisadora Andréa Mendes, que entrevistou filhas de santo de João da Gomeia, ainda no primeiro encontro o veredito de Jubiabá foi dado: o jovem João jamais se curaria das dores de cabeça se não fosse iniciado no candomblé; “aqueles males se referiam à chegada de orixá”: quando “fizesse o santo”, as dores acabariam. De início, João relutou: não queria ser iniciado. Como as dores se intensificaram, decidiu morar no terreiro de Jubiabá e, passados seis meses de reclusão, conforme narra Carlos Nobre, “foi apresentado à comunidade religiosa com o nome iniciático (Dijina) de Tata Londirá, em 21 de dezembro de 1930, aos 16 anos.” Tinha início, então, a vida religiosa de Joãozinho dentro dos ritos do candomblé. A cabeça de João foi raspada para o orixá Oxóssi (associado ao inquite Mutalambô), daí a presença do arco-e-flecha na saia dos desfilantes. A concepção do figurino tomou por base aquarelas de Carybé e fotografias de Pierre Verger. A ala é coreografada pelo bailarino Bira Dance.</p>	Grupo Performático / Comunidade	Bira Dance



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<b>Festa na Gomeia</b>  	<p>Ainda antes dos 20 anos, conhecido como “João da Pedra Preta”, o rapaz recém-iniciado, Tata Londirá, daria início ao seu próprio candomblé, atraindo para si a atenção de todo o povo de axé da cidade de Salvador. A primeira casa de santo, situada na Ladeira da Pedra, reunia multidões em busca de conforto espiritual e cura de doenças. A procura era tanta que foi preciso “abrir” um terreiro maior – daí o deslocamento para os arredores da cidade e a chegada à “roça” da Gomeia, no bairro de São Caetano. Segundo as palavras do próprio João, em depoimento mencionado por Carlos Nobre, “o meu terreiro foi aberto sem que eu me desse conta. Foi assim que eu comecei.” Começou e deslocou o eixo da religiosidade baiana, sediando festas que reuniam todas as camadas populares, “pretos, mestiços, caboclos, agricultores, meeiros e também grã-finos que se deslocavam das áreas ricas de Salvador.”</p>	Ala das Baianas (1988)	Marilene e Regina

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p><b>Festa na Gomeia (Continuação)</b></p> 	<p>Pode-se dizer que a “Gomeia das antigas”, como pontua Nobre, viraria um ponto de peregrinação definitivo, o que gerava a curiosidade de intelectuais e artistas. Jorge Amado, ogã daquele terreiro, dedicaria páginas de “Bahia de Todos-os-Santos” às festas realizadas na Gomeia, eventos marcados pela extrema fartura e pelo colorido das roupas de santo – o que era considerado uma inovação, uma vez que os candomblés “puros” preferiam tecidos crus ou brancos, no máximo as chitas. João era diferente: queria xirês multicoloridos, com uma profusão de estamparias a bailar. É por isso que as Baianas do GRES Acadêmicos do Grande Rio, guardiãs da sabedoria e responsáveis pelo preparo dos alimentos sagrados que nutrem o samba e a sociabilidade da agremiação, expressam nas suas vestes a riqueza das festas que ocorriam na Gomeia baiana. O respeito aos fundamentos se faz notar na opção pela indumentária “tradicional” de uma baiana de escola de samba. O “risco” tomou por base as fotografias das roupas de santo da Gomeia de Salvador coletadas durante a pesquisa iconográfica: torso, pano da costa, saia de renda branca, colares, pulseiras, balangandãs, tabuleiro na cabeça.</p>	Ala das Baianas (1988)	Marilene e Regina

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<b>Festa na Gomeia (Continuação)</b>  	<p>A ousadia se dá nas cores: em diálogo com pinturas de Carybé e com as ilustrações de Cecília Meireles para a obra “Batuque, Samba e Macumba”, vê-se a variação intencional das combinações de cores dos panos da costa. O objetivo desejado é que o giro das baianas evoque a alegria e a diversidade das festas que enchem a Gomeia de Salvador de cantos, danças, sabores e saberes.</p> <p>A presença da palha e dos fuxicos complementa o figurino – a singeleza dos fazeres populares, a riqueza do artesanato, a beleza das roupas de santo. Nos tabuleiros, as comidas sagradas oferecidas aos orixás da cabeça de João da Pedra Preta: o milho e o coco de Oxóssi, o acarajé de Iansã. É de Luiz Antonio Simas a seguinte explicação, presente no texto “Sabores Sagrados”, de “O Corpo Encantado das Ruas”: “todas as festas públicas, geralmente, se encerram com farta distribuição das comidas sagradas para os presentes, em ampla comunhão que busca fortalecer o axé da coletividade e de todos os que se dispuseram, adeptos ou não da religião, a comparecer ao festejo.” Que o axé nunca nos falte!</p>	Ala das Baianas (1988)	Marilene e Regina


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Caminhos do Axé</b></p>  <p><small>GRUPO PERFORMÁTICO / COMUNIDADE (1988)</small></p>	<p>A fantasia da musa expressa o axé, energia, força e poder instaurador do mágico rito praticado pelos candomblés. Sem axé não existe gira. A energia das entidades se manifesta das mais variadas formas, a começar pelo jogo de búzios.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Juliane Trevisol</p>
08	<p><b>Navegação de Cabotagem</b></p>  <p><small>GRUPO PERFORMÁTICO / COMUNIDADE (1988)</small></p>	<p>Diversos motivos levaram João da Gomeia a vislumbrar a possibilidade de transferir o seu terreiro para a então capital da República. Além da fama nacionalmente conquistada (artistas e intelectuais como Dorival Caymmi e Roger Bastide apregoavam aos quatro ventos o fascínio da Gomeia de Salvador), a pressão dos candomblés matriarcais era grande: a legitimidade de João era questionada todo o tempo; o “rito mestiço” praticado na Gomeia era considerado impuro, uma afronta às tradições. Ele já havia tentado se fixar na “Cidade Maravilhosa”, em 1942 – mas terminou preso por 30 dias, acusado de curandeirismo, e precisou retornar a Salvador.</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade (1988)</p>	<p>Bira Dance e Caroline</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<b>Navegação de Cabotagem (Continuação)</b> 	<p>Fazendo novamente as malas (não sem antes dar uma grande festa de despedida no Teatro Jandaia), o Pai de Santo embarcou em um navio de cabotagem, em 1944, e, guiado por Iemanjá, chegou em definitivo ao Rio de Janeiro – viagem que relataria em entrevista concedida ao jornal Luta Democrática, em julho de 1966. A fantasia, cujo título é o mesmo do livro que reúne os relatos autobiográficos de Jorge Amado, mostra os caminhos marítimos traçados em tal viagem decisiva – flechas e setas inspiradas na obra de Rubem Valentim. Os búzios, que muito dizem do imaginário oceânico, lembram que todas as travessias empreendidas por Londiré estavam magicamente predestinadas. Numa visão poética e lúdica, ao invés da representação de um navio (os populares “Ita”) optamos pela singeleza de um barquinho de papel – brinquedo que, na definição de Guimarães Rosa, consegue transpor qualquer abismo. A abertura desse setor estabelece um paralelo narrativo com o setor anterior: na sequência imediata, uma ala que expressa uma viagem (a burrinha e o barquinho) e uma ala que fala de feiras e mercados, espaços de intensas trocas.</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade (1988)</p>	<p>Bira Dance e Caroline</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**



Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p><b>Feira de Caxias</b></p> 	<p>Depois de desembarcar no Rio de Janeiro, o destino levaria João ao recém-emancipado município de Duque de Caxias (a cidade oficialmente se desmembrou de Nova Iguaçu em 1943). A Baixada Fluminense acolhia os chamados “terreiros migrantes”, conforme narra Carlos Nobre em sua obra “Gomeia João – A arte de tecer o invisível”. Para o jornalista, uma figura bastante visada como João da Gomeia encontrou em Caxias maior tranquilidade: o município estava em franca expansão industrial e comercial, recebendo inúmeras levas de migrantes nordestinos. Protegido das perseguições e com bastante espaço para plantar o seu axé, João fez de Caxias a sua “Nova Gomeia” - e logo estaria totalmente inserido na vida cultural da cidade. Já afamado, transformava as idas à Feira de Caxias, nas vésperas das grandes festas, em um verdadeiro acontecimento: acompanhado das filhas de santo (devidamente paramentadas), caminhava por entre as barracas utilizando as melhores roupas – um rei africano em missão diplomática, conforme as explicações da filha de santo Seci Caxi. A fantasia da ala funde elementos que ajudam a contar a história da Feira, que se confunde com a história de Caxias. O chapéu e a casaca de boiadeiro apresentam elementos da estética de Espedito Seleiro.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
09	<b>Feira de Caxias (Continuação)</b>  	<p>A cabeça de boi é inspirada nas pinturas de Enrico Bianco. No costeiro de vime aparente, a lúdica representação de produtos comercializados pelos feirantes, como frutas, objetos de barro, cachaça e manteiga de garrafa – almofadas de xilogravuras inspiradas nas criações de J. Borges. Não podiam faltar os folhetos de cordel, que reúnem histórias e estórias do valente povo nordestino. É preciso destacar que a roupa também apresenta estampas inspiradas em Rubem Valentim, dando continuidade à ideia de travessias. As flechas e as setas, por que não?, podem ser entendidas enquanto <i>leitmotiv</i> do desfile, assim como os alguidares.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
*	<b>Folhas de Ossaim, Ervas de Katendê</b>  	<p>Na Feira de Caxias, até hoje, é vendido todo e qualquer produto necessário para os rituais do candomblé – a começar pelas ervas sagradas, saberes associados ao inqice Katendê e ao orixá Ossaim. João da Gomeia conhecia os segredos das ervas e cultivava um sem-fim de plantas na roça de Caxias – algumas mudas ele trouxe de Salvador, inclusive a juremeira. A fantasia traduz o verdejante poder das ervas, folhas que podem curar e alterar o destino dos homens.</p>	Destaque de Chão / Musa	Renata Kuerten

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p><b>Caboclo Jaguará (Terra)</b></p> 	<p>Talvez a maior inovação plantada por João da Gomeia na roça de Caxias tenha sido o culto aos caboclos e à Jurema sagrada, práticas ritualísticas de matriz indígena que não eram popularizadas no Rio de Janeiro, mas comuns em determinadas regiões do Norte e do Nordeste. Candomblecistas mais conservadores alegavam que uma mesma cabeça não poderia receber orixás e caboclos, o que configuraria uma profanação do rito. No terreiro de João da Pedra Preta isso não era um problema – ponto que fascinou Roger Bastide, um dos mais importantes intelectuais franceses do século XX. De acordo com as narrativas orais, era possível dividir uma “função” na Gomeia caxiense em três momentos: o xirê dos orixás; a baixada dos caboclos; e o samba de caboclo que durava até o sol raiar, enquanto os visitantes ilustres aguardavam as conduções para retornar ao Rio de Janeiro. A fim de destacar a importância do culto dos caboclos para a Gomeia de Caxias, uma sequência de quatro alas apresenta visões carnavalizadas de algumas das entidades que mais baixavam no terreiro de Pai João, conforme o defendido por Seci Caxi, herdeira da Gomeia que acompanhou todo o processo de desenvolvimento da narrativa do enredo.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<b>Caboclo Jaguará (Terra)</b> <b>(Continuação)</b> 	<p>Cada caboclo selecionado expressa o culto a um dos elementos da natureza, aspecto bastante valorizado pelo célebre Pai de Santo – eis o principal critério para a seleção das entidades. O primeiro caboclo da sequência é o Jaguará, costumeiramente associado à simbologia da onça-pintada, animal de extrema importância para as cosmogonias ameríndias brasileiras – vide obras como “Meu destino é ser onça”, de Alberto Mussa, e “Os deuses canibais”, de Aparecida Vilaça. Ao evocar o elemento terra, o caboclo Jaguará expressa a força dos exímios caçadores, a coragem que não teme as garras dos adversários, os olhos que conseguem captar os sinuosos movimentos das matas.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p><b>Caboclo Taperoá (Fogo)</b></p> 	<p>Na sequência do trecho dedicado ao candomblé de Caboclo celebrado na Gomeia caxiense, a fantasia “Caboclo Taperoá” traz o elemento fogo e a força da energia solar, sem a qual as folhas não verdejam e a vida não circula nos veios de cada tronco. Luiz Antonio Simas explica o seguinte, no texto “Sabores Sagrados”, de “O Corpo Encantado das Ruas”: “cada divindade tem suas características, que em larga medida se expressam na personalidade de cada um de nós, os seus filhos, e encontram correspondência nos elementos da natureza; o vento, o fogo, a água, a terra, etc.” Assim como as demais fantasias de caboclos do setor, trata-se de um figurino livremente inspirado nas imagens presentes no painel “Embarcações com índios”, de Carybé, atualmente exposto no Museu de Arte do Rio – MAR. Nas representações imagéticas dos altares, Taperoá é apresentado segurando um girassol, flor simbolicamente traduzida nos adereços do cocar e na lança que os brincantes manipulam, em tons de amarelo e laranja, costumeiramente associados ao fogo. As folhas também dizem dos traços de Carybé. É válido destacar que o elemento fogo é bastante presente em várias facetas da vida de Joãozinho: ariano, também chamado de “Vento de fogo”, costumava iluminar as festas de caboclo com archotes e fogueiras, além de dançar com alguidares em chamas, nas festas de Oyá.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<b>Caboclo Ventania (Ar)</b> 	<p>O terceiro caboclo apresentado é o Ventania, associado ao elemento ar. Narra Seci Caxi que a imagem desse caboclo se fazia presente nos altares da Gomeia, segurando pássaros. No desfile da Grande Rio, em diálogo com a obra de Carybé, optou-se pelo uso de periquitos e papagaios que colorem as florestas brasileiras e que certamente sobrevoavam a Gomeia de Caxias, então situada em uma região bastante arborizada, numa espécie de pequeno vale, conforme o narrado por José Cândido de Carvalho. O culto aos orixás e a celebração dos caboclos são, também, formas de se cultuar, celebrar e preservar a natureza – daí a importância da presença de animais e vegetais nas roupas que traduzem os espíritos ameríndios. Na visão de João da Gomeia, como se depreende do narrado para Omindarewá, não havia diferenças significativas entre homens, plantas, pedras e bichos; todos possuem alma e formam, unidos, um todo complexo – existindo as transmutações. Como ensina Luis Antonio Simas, em “Pedrinhas miudinhas”, ao falar da “morada do rei dos índios”, “rio é orixá, vento é inquice, maré é vodum, pedra de riacho é encantamento de bugre.” O vento de que fala a simbologia do Caboclo Ventania é uma outra constante na vida de João da Gomeia: senhor dos “ventos de fogo”, Joãozinho costumava dizer que gostava de “sambar nos vendavais”.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p><b>Cabocla Jurema (Água)</b></p> 	<p>Fechando o grupo de quatro caboclos que costumeiramente baixavam na Gomeia de Caxias, ganha destaque a Cabocla Jurema, famosa entidade do panteão afro-ameríndio brasileiro – que, numa feliz coincidência, ostenta as cores da nossa agremiação. Trata-se de uma questão complexa, uma vez que a Jurema é uma cabocla (pictoricamente representada, no mais das vezes, ao lado de uma onça, à beira de um riacho), uma bebida ritual de efeitos alucinógenos (utilizada no ritual de cura dos tapuias – a presença da pajelança) e um conjunto de reinos encantados, os “Reinos do Juremá”, com variações a depender da linha de cada casa de santo – de acordo com Luiz Antonio Simas, em “O Corpo Encantado das Ruas”, ao falar de Seu Zé Pelintra, “o Juremá é composto de reinos, aldeias e cidades, como nosso mundo cotidiano. Dependendo da linha do catimbó, há quem trabalhe com cinco ou sete reinos habitados pelos mestres”. O culto à cabocla Jurema e o consumo da bebida jurema já eram bastante fortes na Gomeia de Salvador, conforme se depreende dos relatos de Jorge Amado: “Nesse dia (Dois de Julho) corre franca a jurema, bebida forte feita com a casca da jurema fermentada em álcool (...).”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
13	<p><b>Cabocla Jurema (Água)</b> <b>(Continuação)</b></p> 	<p>Carlos Nobre também fala do culto à cabocla Jurema, filha do caboclo Tupinambá, destacando o seguinte: “João oferecia a Jurema, bebida consagrada aos caboclos cujo segredo fora descoberto pela famosa cabocla de mesmo nome, que ficava pousada ao pé da juremeira.” Giselle Cossard apresenta descrições mais detalhadas, afirmando que o culto à cabocla Jurema, inserido nas celebrações em homenagem ao Pedra Preta, era iniciado com uma procissão que buscava água em uma fonte, nos arredores do terreiro. As talhas cheias d’água eram depositadas aos pés da juremeira, onde todos se deitavam e rezavam, aos olhos de uma imagem de gesso da cabocla sentada sobre plantas aquáticas. A fantasia evoca a energia dessas águas míticas, que nos levam às tradições lendárias e aos confins das matas, onde moram os encantados.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
*	<p><b>Espírito de Jupiara</b></p> 	<p>A fantasia da musa exalta uma outra entidade feminina do panteão afro-ameríndio brasileiro: a cabocla Jupiara, senhora das plantas e das águas. Unido às flores e aos pássaros, o espírito de Jupiara é exaltado em pontos que destacam a sabedoria dos povos da floresta, ensinamentos transmitidos de geração em geração, em meio ao verdejar das matas.</p>	Destaque de Chão / Musa	Mileide Mihaile

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Vedetes</b></p> 	<p>Joãozinho da Gomeia costumava dizer que tinha duas paixões na vida: o candomblé e o Carnaval. O líder religioso, que já participava dos festejos carnavalescos na época em que vivia na Bahia, encontrou no Rio de Janeiro o cenário perfeito para exercitar com a máxima potência o seu espírito folião. Participava dos blocos de rua, dos bailes, dos concursos de fantasias e dos desfiles de escolas de samba – ou seja: dentro de um mesmo universo carnavalesco, desenvolveria múltiplas facetas. E nenhuma faceta gerou mais polêmica que aquela apresentada nos “Bailes de travestis” do Teatro João Caetano, uma tradição que não sobreviveu ao tempo. No dia 10 de fevereiro de 1956, a publicação “O Jornal” assim descrevia o baile realizado no interior dessa importante casa de espetáculos, localizada na Praça Tiradentes: “Na segunda-feira de carnaval houve um baile diferente no Teatro João Caetano. Foliões “travestis” deram entrada no salão trajando luxuosas fantasias que enganavam virtualmente ao mais arguto espectador. “O ganhador do concurso de fantasias foi ninguém menos que Joãozinho da Gomeia, trajando uma roupa bastante luxuosa, homenagem às vedetes do Teatro de Revista. A persona tinha nome: Arlete.</p>	<p>Ala Gaiola das Loucas (Ala LGBT) / Comunidade (2017)</p>	<p>Rochele e Fabíola</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)</b>				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
14	<p><b>Vedetes (Continuação)</b></p> 	<p>Inspirada nos trajes de Virgínia Lane, atriz, cantora e vedete brasileira que manteve um relacionamento com o presidente Getúlio Vargas, Arlete era uma resposta às marchinhas de carnaval homofóbicas da época – uma provocação ambulante, espécie de protesto performático de João da Gomeia, homossexual assumido que vestiria maiôs de paetês até o final da vida, ano após ano. Nos bailes do João Caetano, João exercitava o seu corpo político não enquadrável nos padrões heteronormativos ainda dominantes. E sofreu pesadas críticas inclusive do povo de axé: houve quem defendesse a expulsão do Pai de Santo da Federação Umbandista. Após uma reunião com lideranças de todo o país, ficou decidido pela não expulsão. Diante da enxurrada de críticas preconceituosas, João alegava que era um ser humano como qualquer outro e que tinha a permissão dos orixás para brincar o carnaval vestido de mulher. O figurino da ala LGBTQ+ da Grande Rio evoca todo esse imaginário faustoso, merecendo destaque o pavão dourado, símbolo também associado à vaidade dos destaques de luxo. Em defesa da liberdade e da diversidade em sentido amplo, nosso grupo de vedetes dá o recado nos pés e abre os leques contra o preconceito!</p>	<p>Ala Gaiola das Loucas (Ala LGBT) / Comunidade (2017)</p>	<p>Rochele e Fabíola</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Arrobobo!</b></p>  <p><small>GRUPO BARRILEIRA DO GRANDE RIO - CARNAVAL 2020 GLADIADORES DO 2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA</small></p>	<p>Os guardiões do Segundo Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira saúdam Oxumarê, entidade representada pelo arco-íris – símbolo, também, dos povos indígenas latino-americanos e do movimento LGBTQ+. A ambiguidade de Oxumarê, entidade que sintetiza os princípios masculino e feminino sob a forma da mítica serpente (Dan, segundo o culto Jeje), era cultuada por João da Gomeia – e se manifestava nas aparições meteóricas do Pai de Santo travestido de vedete.</p>	<p>Guardiões do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
*	<p><b>Folies Bergère</b></p>  <p><small>GRUPO BARRILEIRA DO GRANDE RIO - CARNAVAL 2020 MUSAS DO 2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA</small></p>	<p>Segundo o narrado por “O Jornal”, em 1956, João da Gomeia, travestido de vedete, foi “perfeito” e “atraiu a curiosidade dos presentes.” Ainda na publicação, lê-se que “obteve menção honrosa uma fantasia de “Folies Bergère”, imitando de “bikini” uma “vedete” e trajada pelo conhecido macumbeiro Joãozinho da Gomeia, que teve o seu título religioso contestado pelo presidente da Federação da Cultura Afro-Brasileira na Bahia.” A fantasia da musa evoca o imaginário luxuoso das vedetes francesas que se apresentavam nos cabarés parisienses – universo que fascinava João.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Natália Knaack</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<b>Vulcano</b> 	<p>Para além do imaginário das vedetes, explorado nos bailes de travestis do Teatro João Caetano, João da Gomeia encarnou, nos principais salões carnavalescos da cidade do Rio de Janeiro (Theatro Municipal, Copacabana Palace, Hotel Glória, etc.), uma série de personagens ligados à mitologia greco-romana e às civilizações da Antiguidade. O apreço pelos personagens mitológicos nos leva às Grandes Sociedades e aos Ranchos carnavalescos, uma tradição da folia carioca – a adaptação do mito de Orfeu para o cenário das favelas é o melhor exemplo disso. Na noite de 13 de fevereiro de 1960, o Pai de Santos e fantasiou de Vulcano e roubou a cena no baile pré-carnavalesco do Automóvel Clube Brasileiro, organizado por Walmy Ferreira de Almeida. O antigo prédio do Cassino Fluminense foi transformado em um “Coliseu”, conforme noticiaram os jornais e as revistas da época. A festa, presidida por Júpiter, filho de Saturno e Réia, reuniu os deuses do Olimpo para um “banquete dos deuses”.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<b>Vulcano (Continuação)</b> 	<p>A cenografia que transformou o Automóvel Clube em uma exótica visão da Roma Antiga foi executada pelo artista argentino Lajana – algo tão exuberante que o comentário corrente era o de que tal baile só perdia em luxo e esplendor para o baile do Municipal. Vulcano, chamado de Hefestos, na mitologia grega, é, segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, o filho de Zeus e Hera que domina os segredos do fogo: “mestre das artes do fogo, governa o mundo industrial dos ferreiros, dos ourives e dos operários. É visto soprando seu fogo e penando na sua bigorna, em que fabrica as armas e os capacetes dos deuses e dos heróis.” É por isso que a fantasia, que evoca os motivos decorativos dos antigos carnavais da cidade do Rio de Janeiro, explode em cores quentes, faiscantes. No baile, de acordo com os relatos da imprensa, os deuses comeram uvas e beberam vinho. A vedete Carla Cabral encarnou a deusa Vênus. “Vulcano, blasé, ergueu então um brinde para comemorar a 20ª briga havida no salão, dessa vez entre um egípcio e um sujeito de blusão”, narrou a revista O Cruzeiro – fragmento que muito diz da personalidade transgressora e irreverente do personagem homenageado.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
16	<b>Corte de Netuno</b> 	<p>No mesmo ano de 1960, João da Gomeia roubou a cena no baile carnavalesco do Hotel Glória. Segundo as notas da Revista do Rádio, João assistiu ao baile de dentro de um aquário cenográfico, cercado por súditos sereianos, numa profusão de brilhos, formas e cores que evocavam as profundezas dos oceanos. A roupa havia sido confeccionada em parceria com o amigo Evandro de Castro Lima (que, muito curiosamente, encarnou Netuno no baile do Automóvel Clube). Castro Lima, baiano feito João, venceu 21 vezes o concurso de fantasias do Theatro Municipal e deixou o seu nome na calçada da fama do universo carnavalesco. Os passistas do GRES Acadêmicos do Grande Rio, com fantasias que misturam elementos e cores das criações visuais do cineasta Georges Méliès (que muito fascinavam Castro Lima) às formas geométricas das antigas decorações carnavalescas das ruas e dos salões da cidade do Rio de Janeiro, expressam o imaginário que envolve, nos termos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, o “deus dos mares, dos oceanos, dos rios, das fontes e dos lagos.”</p>	Passistas (1988)	Rosângela e Avelino


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>Corte de Netuno (Continuação)</b></p> 	<p>Chamado de Poseidon, na mitologia grega, Netuno é “o mais volúvel dos deuses”, aquele que teve inúmeras ligações amorosas, origem dos monstros marinhos. Além disso, dizem os pesquisadores, “Poseidon é igualmente uma força ctoniana, o deus dos tremores de terra, provindo os abalos, segundo os antigos, das tempestades do mar, sobre o qual repousam os continentes: ele é o deus que faz tremer a terra.” Nada mais apropriado, portanto, que os passistas da escola de Caxias encarnem Netuno ou Poseidon: que a avenida trema quando todos sambarem, unidos, ao som do nosso samba de enredo!</p>	Passistas (1988)	Rosângela e Avelino
*	<p><b>Jóias de Cleópatra</b></p>	<p>A Rainha da Bateria do GRES Acadêmicos do Grande Rio personifica o luxo e a riqueza das cortes faraônicas do Antigo Egito, aos olhos exotizantes do Ocidente. Tocando em um universo constantemente evocado pelas manifestações carnavalescas da cidade do Rio de Janeiro, o figurino transforma Paolla Oliveira em uma joia que dança, mistura de referências que vão da Cleópatra de Liz Taylor às icônicas criações de John Galliano para a Maison Dior.</p>	Rainha da Bateria	Paolla Oliveira

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
17	<p><b>Saravá, meu Pai Ramsés!</b></p> 	<p>No baile carnavalesco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro de 1962, descrito pela imprensa como um dos mais exuberantes da história do evento, João da Gomeia vestiu a fantasia “Ramsés II”, Faraó do Antigo Egito. O Pai de Santo, segundo notas do jornal “Correio da Manhã”, usou a mesma roupa em um baile pré-carnavalesco do Teatro João Caetano (era comum o uso de um mesmo figurino em diferentes eventos carnavalescos – vide a vitória de Isabel Valença no concurso de fantasias do Municipal, vestindo a roupa de Xica de Silva que a imortalizou no desfile do Salgueiro de 1963). No Municipal, porém, integrou a fantasia a uma performance ousada: ao lado da personagem “Messalina”, surgiu sentado em um trono dourado, carregado por belos e musculosos homens que representavam sacerdotes egípcios. Cena semelhante voltaria a acontecer em 1968, no mesmo Theatro Municipal – a diferença é que João não mais encarnava Ramsés, mas a Rainha Cleópatra carregada por escravos. Ramsés II, chamado de “O Grande”, foi um dos maiores líderes militares do Egito Antigo. Durante o reinado dele, foi construído o monumental Templo de Abu-Simbel, na Núbia. O figurino dos ritmistas da bateria do GRES Acadêmicos do Grande Rio reúne elementos decorativos que muito dizem das visões carnavalescas para com o imaginário egípcio, visões essas temperadas de exotismos, ouro, pedrarias, orientalismos.</p>	Bateria (1988)	Fabício Machado (Mestre Fafá)



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p><b>Saravá, meu Pai Ramsés! (Continuação)</b></p> 	<p>Para além das fotos da fantasia de João da Gomeia, também foram utilizados, quando da concepção da roupa, padrões extraídos de cartazes de filmes e shows de mágica da primeira metade do século XX – sem falar, é claro, das decorações carnavalescas. A fantasia de Ramsés II fez tanto sucesso entre os filhos de santo que, afirmam as narrativas de matriz oral, era comum ver pedaços da indumentária de acento egípcio transitando pela Gomeia de Caxias. A imprensa carioca noticiou amplamente a aparição do Faraó, conforme mostra a pesquisa de Thiago Almeida Ferreira. O jornal “Correio da Manhã”, em 02 de fevereiro de 1962, exclamava: “Saravá, meu pai Ramsés!”. Que os nossos tambores jamais se calem!</p>	Bateria (1988)	Fabrício Machado (Mestre Fafá)
*	<p><b>Totens</b></p> 	<p>Dando início ao trecho do setor dedicado ao Carnaval que trata especificamente da presença de João da Gomeia nos desfiles de escolas de samba, surge um grupo de totens africanos inspirados nas decorações de rua criadas por Fernando Pamplona para o carnaval carioca de 1962. Tais totens decoravam a região da antiga Praça Onze e foram catalogados pela pesquisadora Helenise Monteiro Guimarães, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.</p>	Elementos Cenográficos	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<b>Ganga Zumba – Império Serrano, “Heróis da Liberdade”, 1969</b> 	<p>João da Gomeia desfilou como destaque de escola de samba em três agremiações que trazem em seus pavilhões as cores verde e branco e o símbolo da coroa: Império Serrano, Império da Tijuca e Imperatriz Leopoldinense. Contam as narrativas de matriz oral que as cores não poderiam ser outras: tratava-se de uma exigência espiritual do Caboclo da Pedra Preta. Na época, o GRES Acadêmicos do Grande Rio, fundado em 1988, ainda não existia. No carnaval de 1969, defendendo as cores do “Reizinho de Madureira”, João da Gomeia encarnou o personagem histórico Ganga Zumba, tio de Zumbi e primeiro grande líder do Quilombo de Palmares. A escola cantava o enredo “Heróis da Liberdade”, um grito contundente em tempos ditatoriais. O samba, de autoria de Silas de Oliveira, Mano Décio e Manoel Ferreira, entoava versos poderosos, bordados em definitivo na memória dos antológicos sambas de enredo do carnaval carioca. O livro “Serra, Serrinha, Serrano”, de autoria de Rachel Valença e Suetônio Valença, reproduz a súmula do desfile apresentada à imprensa pela diretoria da escola. A narrativa era desenvolvida em dez atos, sendo o segundo intitulado “Palmares”. No texto, lê-se: “Mas o negro, cansado de tanta exploração, vai procurar onde possa ter um pouco de liberdade: Palmares, que depois é arrasada.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p><b>Ganga Zumba – Império Serrano, “Heróis da Liberdade”, 1969 (Continuação)</b></p> 	<p>As alas mostram escravos, reis e rainhas nativos: seis reis e seis rainhas. Destaques: seis reis nativos, entre eles Ganga Zumba, encarnado por Joãozinho da Gomeia; e Zumbi, por Geraldo.” Já no Livro “Apoteótico: os maiores carnavais de todos os tempos”, de Jorge Renato Ramos, lêem-se as seguintes palavras: “o Império Serrano desfilaria com aproximadamente quatro mil componentes, distribuídos em 94 alas. A escola teria como grandes destaques as figuras do figurinista, bailarino e campeoníssimo dos desfiles de fantasias (e maior rival de Clóvis Bornay) Evandro de Castro Lima; o “caubói brasileiro” Bob Nelson (...); e Joãozinho da Gomeia, maior babalorixá do Brasil, chamado pela imprensa de “Papa do Candomblé”, Rei Negro, que viria como “Ganga Zumba”.” O figurino da ala, nas cores imperiais, mistura rafia, palha e etafon, materiais amplamente utilizados na época. A lança e o escudo destacam o poder de Ganga Zumba, interpretado no cinema por Antônio Pitanga, no filme homônimo de Cacá Diegues de 1964. Certamente, o filme influenciou o desfile e a imaginação de João da Gomeia. A cabeça dos componentes dialoga com elementos decorativos concebidos por Fernando Pamplona para a decoração do baile do Theatro Municipal de 1959, que tinha temática “afro”.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
19	<p><b>Omulu – Império da Tijuca, “O Negro na Civilização Brasileira”, 1969</b></p> 	<p>No mesmo ano em que encarnou o líder Ganga Zumba, na apresentação do Império Serrano, João da Gomeia confeccionou uma fantasia de Omulu para o desfile da Império da Tijuca (escola em que saía desde 1965, quando se vestiu de Pedro II – fato amplamente noticiado pelo jornal “Correio da Manhã”), conforme o narrado pela carnavalesca Maria Augusta Rodrigues, que descreveu o processo de confecção dos desenhos dos figurinos ao antropólogo Nilton Santos. Trata-se de um fato bastante curioso: por mais estranho que possa parecer, não era comum a presença de orixás em desfiles de escolas de samba até a década de 1970. Segundo as pesquisas de Luis Antonio Simas e Alberto Mussa, os primeiros sambas de enredo que citaram explicitamente os nomes de orixás apareceram em meados de 1960, ou seja, mais de trinta anos depois do primeiro concurso de escolas de samba oficialmente organizado. É um dado que chama a atenção porque todos sabem das fortes ligações entre escolas de samba e casas de santo: os toques das baterias, as lideranças religiosas que também eram líderes sambistas (Tia Ciata, Zé Espinguela, etc.), o fato de que as quadras eram chamadas de terreiros.</p> <p>Diante disso tudo, não é difícil entender que Joãozinho da Gomeia causou polêmica ao confeccionar a fantasia de Omulu, o orixá da cura.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p><b>Omulu – Império da Tijuca, “O Negro na Civilização Brasileira”, 1969 (Continuação)</b></p> 	<p>De acordo com as memórias de Maria Augusta Rodrigues (que, juntamente com Alaíde Reis e Cláudia Miranda, todas indicadas por Fernando Pamplona, desenvolveu o projeto de figurinos do Império da Tijuca), a roupa foi feita com rafia e palha e estava inserida no enredo “O negro na civilização brasileira”. Por divergências internas, Augusta e Cláudia Miranda deixaram o projeto, que, na bibliografia carnavalesca, aparece como tendo sido executado pelo carnavalesco Arnaldo Pederneira. O samba exaltava, em seu refrão de meio, o orixá Xangô. Como tudo o que envolve a vida de João é marcado por particularidades, o desfile da escola do Morro da Formiga foi suspenso por problemas no som. No desfile da Grande Rio, vemos uma releitura muito afetuosa do Omulu de Joãozinho da Gomeia. O figurino apresenta, assim como as demais fantasias do setor, elementos das saudosas decorações de rua que criavam um clima muito especial pelas avenidas da cidade. A máscara de crochê é um elemento fundamental, posto que Omulu não revela o próprio rosto. Atotô! Que Omulu dance e encante, espalhando a sua generosidade!</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<b>Realeza Nagô – Imperatriz Leopoldinense, “Oropa, França e Bahia”, 1970</b> 	<p>João da Gomeia tinha uma forte ligação com a Imperatriz Leopoldinense, a começar por uma questão geográfica: o Pai de Santo possuía, segundo narram aqueles que com ele conviveram, um apartamento na Avenida Paris, em Bonsucesso, imediações da quadra da “Rainha de Ramos” – espaço que reunia todos os tipos de gente, num ininterrupto fluxo de saberes. Além disso, segundo informação coletada em matéria do jornal Correio da Manhã de 22 de janeiro de 1970, o Pai de Santo era “padrinho de batismo” da bateria da Imperatriz. Ele, que já havia defendido a coroa de Leopoldina em outras apresentações (inclusive utilizando elementos de roupas de santo, o que sempre causava polêmica), ganhou posição ainda mais destacada no desfile de 1970, quando a escola cantou o enredo “Oropa, França e Bahia”, uma leitura da brasilidade a partir da colagem de fragmentos literários de autores modernistas. A narrativa, assinada pelo Departamento Cultural da agremiação, era dividida em 9 quadros, merecendo destaque o 3º, dedicado a Macunaíma, obra máxima de Mário de Andrade – donde se extrai o título do enredo, menção direta ao dote oferecido ao “herói sem nenhum caráter” por Vei, a Sol:</p>	Velha-Guarda (1988)	Dailton

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)**



Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p><b>Realeza Nagô – Imperatriz Leopoldinense, “Oropa, França e Bahia”, 1970 (Continuação)</b></p> 	<p>“Meu genro, você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa, França e Bahia.” O 6º quadro do desfile tratava do poema “Funeral d’um Rei Nagô”, de Murillo Araújo, posteriormente musicado e amplamente popularizado na voz de Inezita Barroso. O texto explicativo do enredo, a partir do poema de Araújo, exaltava: “É o Rei! venceu a dor! / E entre agogôs zoando, / archotes, pachorôs, babalaôs rezando, / O Rei vai vencedor!” Na apresentação da Imperatriz, João da Gomeia interpretou o Rei Nagô, cercado por “tocadores de atabaques” (expressão presente na justificativa da época) e iaôs. No desfile da Grande Rio, a gloriosa galeria da Velha-Guarda foi escolhida para encarnar a Realeza Nagô outrora defendida por Joãozinho, numa carinhosa homenagem à coirmã do bairro de Ramos. Trajando vestes inspiradas em roupas cerimoniais africanas, nossos baluartes expressam a memória e a tradição, a sabedoria dos nossos antepassados, a imortalidade das nossas crenças e a permanência dos nossos valores.</p>	Velha-Guarda (1988)	Dailton

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Traços de Pamplona</b></p> 	<p>A roupa exalta os traços do mestre Fernando Pamplona, cenógrafo e figurinista que alterou os padrões da linguagem visual das escolas de samba e desenvolveu inesquecíveis decorações com motivos africanos para as ruas do Rio de Janeiro e para os bailes do Theatro Municipal. Elementos extraídos de diversos projetos de decoração serviram de base para a idealização da fantasia. Tais motivos africanos emolduram a figura de João de Gomeia enquanto rei que se entregava ao gozo dos festejos presididos por Momo.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Pocah</p>
21	<p><b>Legião de Notáveis</b></p> 	<p>A fama de Joãozinho da Gomeia atraía para a cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, um sem-fim de personalidades influentes. Artistas do cinema, do teatro e da TV, esportistas, Rainhas do Rádio, políticos, intelectuais (incluindo Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Roger Bastide e Albert Camus) e outras lideranças religiosas se dirigiam à Gomeia e se “consultavam” com o Pai de Santo. Muitas dessas visitas eram acompanhadas por jornalistas e amplamente noticiadas na imprensa (é por isso que há centenas de registros de pessoas famosas nas dependências da Gomeia). Quando havia festa, o frenesi era ainda maior: narram os mais velhos que centenas de moradores locais se acotovelavam pelas ruas, na tentativa de flagrar as celebridades que chegavam em Caxias vestindo casacos luxuosos, em carros importados.</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p><b>Legião de Notáveis (Continuação)</b></p> 	<p>Contam, ainda, que uma linha de ônibus precisou ser alterada e passou a se chamar “Copacabana – via Gomeia”. O fluxo de visitantes notáveis ficou ainda mais intenso depois da grande reportagem publicada por “O Cruzeiro” em 23 de setembro de 1967, sob o título “Joãozinho da Gomeia e os segredos do Candomblé”. Na capa da publicação, via-se a celebridade de Caxias ladeada por duas filhas de santo. É sabido que o terreiro tinha uma tribuna de honra, dedicada às lideranças políticas, e uma arquibancada, o que, obviamente, gerava a crítica de outras casas de santo, cujos líderes definiam a Gomeia como um “imenso teatro” onde era praticada a “macumba para inglês ver” – daí a origem da ideia de “candomblé-espetáculo”. A fantasia sintetiza esse universo temático: vestindo casacas de acento nobre, os componentes carregam estandartes com diferentes imagens de “notáveis”. As estampas em preto e branco dialogam com a estética do artista nigeriano Laolu Senbanjo. Já as imagens dos estandartes nos levam à <i>pop art</i> londrina e às experimentações de Rafael Bqueer.</p> <p>A lista de notáveis exibidos nos estandartes é a seguinte: Juscelino Kubitschek, Emilinha Borba, Marlene, Getúlio Vargas, Oscarito, Cauby Peixoto, Mercedes Baptista, Giselle Cossard, Dorival Caymmi, Pierre Verger, Assis Chateaubriand, Ângela Maria, Jorge Amado, Dercy Gonçalves e Elizabeth II.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
22	<p><b>Presidentes no Xirê</b></p> 	<p>João da Gomeia estabeleceu estreitas relações com o mundo político brasileiro, sendo amplamente divulgados os encontros com diferentes presidentes da República Federativa do Brasil, como Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Foram muitas as visitas ao Palácio do Catete, todas envoltas em mistérios, conforme se depreende das notícias veiculadas na imprensa. Conta-se que a maior proximidade se dava com JK, o presidente de raízes ciganas que muito se interessava por diferentes vertentes religiosas, cosmogonias e esoterismo. O líder responsável pela transferência da Capital Federal do Rio de Janeiro para Brasília (cidade projetada e construída em menos de quatro anos) frequentemente se reunia com o Pai de Santo mais famoso do país, integrando-o, de certa forma, ao projeto de construção da nova capital. Andréa Mendes, no seu estudo que se debruça sobre a presença ininterrupta da Gomeia nas páginas da revista “O Cruzeiro” (propriedade de Assis Chateaubriand), apresenta a narrativa de Giselle Cossard segundo a qual, certa vez, Joãozinho foi chamado às pressas para uma reunião no Catete, a mando de JK. Dias depois, o Pai de Santo viajou em “missão secreta”, fato noticiado na revista.</p>	Compositores (1988)	Licinho Junior

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p><b>Presidentes no Xirê (Continuação)</b></p> 	<p>A viagem, afirmam aqueles que conviveram com Joãozinho, tinha destino certo: um gigantesco canteiro de obras que revirava o solo do Planalto Central. O objetivo: arriar ebós para que a cidade sem esquinas se transformasse em uma grande encruzilhada; plantar as sementes do axé nas fundações do Eixo Monumental. A fantasia dos compositores do GRES Acadêmicos do Grande Rio celebra essas narrativas, subvertendo os trajes habitualmente sisudos utilizados pelos presidentes da República e colorindo de grafismos africanos as roupas dos mandatários. A faixa presidencial se mistura às guias de Exu: Laroyê! “Giram presidentes” e o jogo vai virar.</p>	Compositores (1988)	Licinho Junior
*	<p><b>Teatro Folclórico Brasileiro</b></p>	<p>A publicação “O Jornal” de 6 de abril de 1956 noticiava que João da Gomeia havia apadrinhado o “Teatro Folclórico Brasileiro”, criado por Haroldo Costa e diretamente relacionado ao Teatro Experimental do Negro, idealizado por Abdias Nascimento. Segundo o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, o grupo era uma “companhia de danças brasileiras” – daí a relação com nomes fundamentais para se pensar a dança afro no Brasil, como Mercedes Baptista. A fantasia dialoga com peças de indumentária utilizadas por ela nos espetáculos da companhia.</p>	Destaque de Chão / Musa	Adriana Bombom



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<b>Balé Afro</b> 	<p>Ainda nos tempos da Gomeia de Salvador, Joãozinho chamava a atenção dos visitantes por um detalhe em especial: era um dançarino excelente. Jorge Amado, em “Bahia de todos-os-santos”, escreveu que João era um “maravilhoso bailarino, digno de palcos de grandes teatros.” No Rio de Janeiro, a profecia de Amado se cumpriu: os pés do Pai de Santo conquistaram inúmeros palcos, lotando plateias e popularizando as danças dos orixás. Em 1960, João participou de um espetáculo com músicas de Ary Barroso, “Os Quindis de Yayá”, na boate Fred’s, em Copacabana – o que foi noticiado pelo “Jornal dos Sports”, em 26 de março daquele ano.</p> <p>A matéria dizia que “pela primeira vez uma macumba foi apresentada à gente da noite.” Já a “Revista do Rádio”, exibindo uma foto do Pai de Santo no palco, dizia, provocativamente, que a dança de Joãozinho deixou a “gente de bem” “espantada”. Dali em diante, a fama e o interesse do público apenas cresceriam. O grupo de balé afro formado por João da Gomeia e suas filhas de santo realizaria turnês pelo Brasil inteiro, num misto de aplausos e críticas fervorosas – as acusações de que João, na sua indefinida posição de líder religioso com pretensões artísticas, acabava por transformar o candomblé em teatro.</p>	Grupo Performático / Comunidade (1988)	Caroline


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p><b>Balé Afro</b></p> 	<p>A despeito dos detratores, o Pai de Santo dançava: realizou apresentações concorridas no Copacabana Palace, no Cassino da Urca, no Carlos Gomes e no João Caetano. Em paralelo às apresentações, passou a dar aulas para bailarinos interessados em conhecer os passos dos orixás. A mais ilustre das alunas foi Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra a integrar o corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. É por isso que a fantasia da ala apresenta elementos de figurinos utilizados por Mercedes, artista que foi enredo do GRES Acadêmicos do Cubango, no carnaval de 2008, e que causou polêmica ao coreografar um minueto para o desfile salgueirense de 1963, quando da apresentação do enredo “Xica da Silva” - um marco na história dos desfiles das escolas de samba.</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade (1988)</p>	<p>Caroline</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<i>Copacabana Mon Amour</i>	 <p>Abraçando de vez o mundo dos espetáculos, o artista João da Gomeia integrou o elenco do filme <i>Copacabana Mon Amour</i>, de Rogério Sganzerla, cuja estreia se deu em 1970 – depois da extensa e polêmica reportagem de capa da revista “O Cruzeiro”, de setembro de 1967, que fixou em definitivo a imagem do pai do santo no imaginário coletivo brasileiro. O longa, protagonizado por Helena Ignez, trata da história de Sônia Silk, jovem mulher que circula por Copacabana e que sonha em se tornar uma cantora do rádio. Atormentada por visões sobrenaturais e disposta a fazer qualquer coisa para alcançar o sonho, busca ajuda espiritual junto a um Pai de Santo - Joãozinho da Gomeia, interpretando ele próprio. De acordo com o pesquisador Estevão de Pinho Garcia, em tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da USP, “a primeira imagem do filme se ambienta exatamente em um terreiro onde vemos o conhecido Pai de Santo Joãozinho da Gomeia, acompanhado de duas filhas de santo, fazendo um ebó em Sônia Silk.” João, trajando a roupa com que foi imortalizado nos retratos, passa uma galinha viva, segurada pelos pés, no corpo da personagem.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p><b>Copacabana Mon Amour (Continuação)</b></p> 	<p>Na sequência do estudo, o autor apresenta elementos da narrativa <i>em off</i> que acompanha as cenas do ebó, um texto cinematográfico marcado por imprecisões terminológicas no que diz respeito ao panteão afro-ameríndio – dado que revela que João da Gomeia não parecia estar preocupado com conceitos ortodoxos, uma vez que aceitou participar da película. O figurino da ala apresenta elementos que automaticamente nos remetem ao universo retratado no filme e às experimentações do homenageado no campo do audiovisual: as vestes sacerdotais, o mundialmente conhecido calçadão de Copacabana em variações de vermelho (imagem presente nos cartazes do filme), a simbologia da galinha, o capacete de Logunedé utilizado pelo Pai de Santo na capa do LP “Rei do Candomblé”.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
*	<p><b>Lina, a Mulher de Fogo</b></p> 	<p>A fantasia se refere ao filme “<i>Lina, la mujer de fuego</i>”, uma coprodução entre México e Brasil protagonizada pela estrela latina Ninón Sevilla e gravada em 1959. Graças à amizade com Walter Pinto, produtor e diretor de espetáculos do Teatro de Revista, João da Gomeia foi convidado a integrar o elenco, que, junto aos seus ogãs, ainda gravou músicas para a trilha sonora do filme – um enorme sucesso!</p>	Destaque de Chão / Musa	Karen Lopes

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
25	<p><b>Capoeira Angola</b></p> 	<p>O último setor do desfile do GRES Acadêmicos do Grande Rio mostrará que as sementes plantadas por João da Gomeia permanecem a florescer, rompendo o asfalto do racismo religioso, dos preconceitos tantos, da intolerância e da opressão. Joãozinho foi um líder comunitário e agente mediador com expressivas atuações entre as camadas menos favorecidas da população de Duque de Caxias e, paralelamente, no interior dos movimentos de folclore brasileiro, unindo o serviço social e o fomento das práticas culturais em um mesmo lugar: o terreiro que se fazia quilombo. Em sendo um Pai de Santo conhecido e respeitado pela intelectualidade da época, participou, em 1937, quando ainda vivia na Gomeia baiana, do II Congresso Afro-Brasileiro, em Salvador - ecos de um debate freyreano sobre a “identidade brasileira”. Ali começava de maneira sistemática a atuação de João da Gomeia enquanto “agente cultural” (termo da contemporaneidade) conectado à rede de pesquisadores folcloristas brasileiros representada por Edison Carneiro. João não exercia, portanto, apenas a função de líder religioso; ele era, também, um grande entusiasta e praticante das manifestações de cultura popular.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p><b>Capoeira Angola (Continuação)</b></p> 	<p>Fixado na Baixada Fluminense, acreditava que o incentivo às práticas populares seria uma forma de vincular o povo caxiense ao seu território (a noção de pertencimento), daí a importância da promoção de diversos festejos no espaço inclusivo do terreiro. A capoeira Angola era uma dessas manifestações incentivadas: João chegou a jogar capoeira e organizava rodas no seio da Gomeia. Segundo a célebre frase de Mestre Pastinha, “o capoeira é a boca que tudo come”, em uma alusão exuziaca à absorção dos saberes ancestrais provenientes das diferentes nações negras vindas do continente africano, em regime de escravidão, nas correntezas da diáspora. Nos termos de Luiz Antonio Simas, “o mestre falava, sobre a luta-bailado, que ela é “mandinga de escravo em ânsia de liberdade; seu princípio não tem método, e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista.”” Até hoje a Baixada sedia importantes encontros de capoeira, como a “Roda Livre de Caxias”, evento gigantesco que completou 45 anos em 2018. Na cabeça dos componentes, uma releitura carnavalesca da face observada na tela “Padê de Exu”, pintada por Abdias Nascimento em 1988. O artista empresta os seus traços e o seu colorido para a concepção dos figurinos que compõem o final do desfile.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)</b>				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
26	<p><b>São João na Gomeia</b></p> 	<p>Caxias é um município que recebeu grandes levas de migrantes nordestinos, o que fez com que a cultura local expressasse o imaginário simbólico observado nos estados que compõem a região Nordeste. João da Gomeia é um exemplo disso: baiano, jamais se desconectou das práticas culturais vivenciadas em terras nordestinas. Isso ajuda a explicar o porquê de o terreiro da Gomeia ter sediado os maiores festejos juninos que a cidade viveu nas décadas de 1950 e 1960. A festança era tão grande e farta que comitivas de intelectuais se dirigiam a Caxias para conhecer o “Arraiá da Gomeia”. O mais saboroso relato dessas noites de festa foi redigido por Abdias Nascimento e publicado no jornal “Quilombo” sob o título “São João no Quilombo de Caxias”, em julho de 1949. Na matéria, Abdias escreveu: “Era dia de São João em Caxias. Os terreiros embandeirados, o lugar dos atabaques ocupado pelos músicos, a sanfona em primeiro plano chorando os amores (...). Dançamos no terreiro do famoso Paide Santo Joãozinho da Gomeia, que apesar de ser filho de Oxossi é um fervoroso devoto de São João. Joãozinho da Gomeia tirou as roupas vistosas de Iansã e foi o caipira mais “sanjuanescos” da festa.”</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora


**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p><b>São João na Gomeia (Continuação)</b></p> 	<p>Até hoje os festejos juninos movimentam enormemente a vida cultural da cidade: a feira fervilha, o preparo dos alimentos enche o ar de perfumes, os grupos de quadrilha confeccionam as suas vestes e desenvolvem os movimentos coreográficos, os terreiros se enchem de bandeiras, fogueiras e mesas repletas dos mais deliciosos quitutes. Os figurinos da ala apresentam a mesma estampa retirada da obra “Padê de Exu”, de Abdias Nascimento, além de bandeiras, fitas e flores. No chapéu das mulheres, a borboleta inspirada em um fragmento do painel “Iansã”, do artista baiano J. Cunha, antecipa a presença de Oyá. O objetivo é brincar e celebrar a alegria, revivendo na avenida o “balancê” da Gomeia: que ninguém fique parado no “arraiaá” da Grande Rio!</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
*	<p><b>Festa Popular</b></p> 	<p>Entre o sagrado e o profano, a fantasia expressa as folias populares que coloriam e ainda colorem as ruas de Caxias, em todas as épocas do ano. Elementos associados às festas juninas e aos folguedos de reis podem ser observados, numa profusão de brilhos e cores que muito dizem da brasilidade.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Luisa Sonza</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
27	<p><b>Folia de Reis</b></p> 	<p>A Goméia de Caxias era um espaço de sociabilidade muito rico, que chegou a receber comitivas de maracatus do Recife e bumbás do Maranhão. Joãozinho contribuiu para a valorização da Noite dos Tambores Silenciosos e para a organização de encontros de manifestações folclóricas de repercussão internacional, ocorridos nos primeiros anos de Brasília, por iniciativa de JK. Nesses eventos, encontravam-se brincantes de folguedos de todas as regiões brasileiras – inclusive inúmeros caxienses anônimos que o Pai de Santo levava consigo: o Rei e o seu glorioso séquito. Uma das manifestações culturais mais expressivas que estavam inseridas nesse contexto era a Folia de Reis – tradição que ainda ganha as ruas da maior cidade da Baixada Fluminense, colorindo os primeiros dias de janeiro com uma profusão de fitas, flores e babados. Mistura de elementos do catolicismo popular de raízes medievais europeias com folguedos, ritos e ritmos das matrizes afro-ameríndias brasileiras, tais folias não apenas celebram o nascimento de Jesus e a visita dos três Reis Magos, Melquior, Baltasar e Gaspar, mas renovam as esperanças coletivas e promovem jogos e brincadeiras que invadem as casas e os terreiros, semeando, por conseguinte, uma preciosa lição de tolerância e pluralidade. As vestes dos foliões apresentam uma combinação de cores capaz de integrar a estampa de Abdias Nascimento ao colorido singelo da chita, tecido que expressa a vivacidade dos Brasis profundos.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

## Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

## DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<b>Raio de Iansã, Vento de Matamba</b> 	<p>04 de dezembro: dia da “senhora das nuvens de chumbo”, da “dona das rosas vermelhas”, da “mãe das tempestades” e das maiores ventanias. Iansã, orixá feminina associada à força e à intemperividade, aos movimentos bruscos, à coragem que não foge das batalhas – antes se transforma em búfalo, relampejante. Matamba, inquite dos ventos e das tempestades, corpo vigoroso no bailado, força que varre o mundo. E que voa pela eternidade, com asas de borboleta. Joãozinho da Gomeia, o nosso homenageado, era filho de Oxóssi e Iansã. As festas dedicadas a ela reuniam multidões pelas ruas de Caxias, colorindo com os tons do fogo os ritos e as cantorias. Há quem defenda que as festas de Oyá, à medida que o Pai de Santo ficava mais maduro, se tornavam maiores e mais expressivas que as festas dedicadas aos caboclos. O cheiro do acarajé, as pétalas pelo chão. Dizem que quando Pai João partiu, em março de 1971, Oyá se manifestou com toda a sua magia: rasgavam o céu os relâmpagos, varriam as ruas os redemoinhos, choveu a maior das chuvas – águas que moldaram no barro as narrativas coletivas.</p>	Grupo Performático / Comunidade	Ananda

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b>				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
28	<b>Raio de Iansã, Vento de Matamba (Continuação)</b> 	<p>Que centenas de filhos de santo incorporaram Iansã; que as andorinhas desenhavam no céu mensagens, pontos, adinkras; que um menino foi levado pelo vento, conforme saiu nos jornais – dados reunidos pelo jornalista Carlos Nobre e organizado na obra “Gomeia João – A arte de tecer o invisível”. Da sinopse do nosso enredo, há que se destacar o seguinte trecho: “O vento que corta, arrepia. O raio que estoura, ensurdece. Nas folhas não maceradas, João avoou encantado – e pode ser redesenhado, andorinha no arrebol; e pode ser reinventado, enfim Labá-Labá. Na batida dos tambores, no Eruexim de Iansã, na espada de Kaiangô. Afefé! Podem ser revisitados os encontros na Gomeia, podem ser reinstalados o desejo e a magia.” As Iansãs da Grande Rio bailam para reinstaurar o encantamento que sustenta o carnaval, paixão e razão disso tudo. Defendem, prontas para qualquer batalha, a permanência das casas de santo da Baixada Fluminense e do Brasil inteiro. E zelam pelo povo de axé e por todo o emaranhado de saberes que qualquer terreiro guarda no interior do seu solo sagrado e na seiva de cada folha que insiste em verdejar nos destroços. “Salve o candomblé! Eparrei, Oyá!”</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade</p>	<p>Ananda</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Ibejada</b></p> 	<p>Pedindo a bênção da ancestralidade e celebrando o germinar das sementes do futuro, os casais infantis do GRES Acadêmicos do Grande Rio são a prova viva de que o samba se renova e resiste às adversidades. Os jovens bailarinos evocam a energia dos Ibejis, os Erês, a criançada que corre livremente pelas ruas, no 27 de setembro, em busca dos saquinhos de Cosme e Damião – prática festiva que levava a molecada de Caxias ao terreiro da Gomeia, ansiosos, todos, por bolo e guaraná, cirandas e brincadeiras. Nas palavras de Luiz Antonio Simas, em “Menino no Cavalo de Jorge”, texto que compõe “O Corpo Encantado das Ruas”, “a celebração dos médicos gêmeos, martirizados por Diocleciano nos cafundós do século IV, é marcada pela circulação entre os ritos do cristianismo popular, as múltiplas Áfricas e as encantarias indígenas.” As relações entre a festa de Cosme e Damião e os desfiles das escolas de samba são o tema da pesquisa de mestrado de Lucas Bártolo, do Museu Nacional. O autor menciona, no seu trabalho bastante original, o enredo defendido pelo GRES Acadêmicos do Grande Rio em 1994, “Os Santos que a África não viu”, de autoria de Lucas Pinto.</p>	<p>Grupo de Casais Mirins de Mestres-Salas e Porta-Bandeiras</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Ibejada (Continuação)</b></p> 	<p>Como destaca o texto do pesquisador, “é interessante notarmos que, nessa festa de criança, até o orixá guerreiro Ogum entra na brincadeira. Por esse eixo infantil, a festa foi apresentada em três alas mirins fantasiadas de Caruru de erê, Talismãs e Doum.” No carnaval de 2020, a Grande Rio reencontra o imaginário dos santos gêmeos e volta a saudar a patota – “pimpolhos” que encaram o passado para repensar o futuro, sonhando com tempos tolerantes e respeitosos, fraternos e plurais, diversos e festivos, repletos de doces! Eis a simbologia de Sankofa, o pássaro mítico que gira nas bandeiras e espalha a magia no asfalto sagrado. As roupas são inspiradas em desenhos de Carybé e Abdias Nascimento. Lucas Bártolo menciona um trecho de Helena Theodoro, retirado do livro “Os ibejis e o carnaval”, na abertura de sua dissertação: “Ó lua protege / e ajuda a criar / os gêmeos chegaram / para melhorar / a vida do povo / deste lugar / Ó lua protege / e ajuda a criar! / E assim eles vieram tendo sempre música nos ouvidos e samba nos pés!” Sambemos!</p>	<p>Grupo de Casais Mirins de Mestres-Salas e Porta-Bandeiras</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p><b>Sementes do Quilombismo</b></p> 	<p>Abdias Nascimento, amigo pessoal de João da Gomeia desde a década de 1940, desenvolveu o conceito de “Quilombismo”, apresentado no livro “O Quilombismo – Documentos de uma militância pan-africanista”, com textos de Kabengele Munanga, Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. Abdias explica: “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.” Baseados nos ensinamentos de Abdias, entendemos que a Gomeia pode ser entendida enquanto Quilombo: espaço de intensa sociabilidade, centro de permanente intercâmbio artístico e cultural, refúgio e abrigo para os necessitados, palco festivo pelo qual os moradores de Duque de Caxias desfilavam irmanados e compartilhavam as suas dores, os seus ofícios, as suas narrativas. Neste momento de transformação e reencontro com a sua própria memória, os adolescentes do GRES Acadêmicos do Grande Rio evocam a sabedoria guardada no caroço de dendê. São eles os agentes plenos de vida e potência que podem reconfigurar as práticas cotidianas, semeando o axé pelas gerações futuras.</p>	Adolescentes (1988)	Direção de Carnaval

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<b>Sementes do Quilombismo (Continuação)</b> 	<p>São deles as novas vozes capazes de reverberar os ensinamentos contidos em sambas como “Águas claras para um Rei Negro” e “Os Santos que a África não viu”, peças fundamentais da discografia da escola caxiense. Se a vida é brotação incessante, como ensinou Guimarães Rosa, acreditamos que as sementes da Gomeia permanecem a rebrotar, verdejantes, em meio ao caos; precisamos acreditar que o sentido de “Quilombismo” pulsa nas mãos e nos pés de cada jovem torcedor da Grande Rio – e que aí reside a certeza de que é possível vencer o projeto em curso de normatização e estrangulamento da cultura popular. O carnaval enverga, mas não quebra! As raízes do axé são profundas e buscam no fundo da terra, nos fundamentos tantas vezes esquecidos, os nutrientes ancestrais sem os quais não existe o rito. As vestes, inspiradas em trajes angolanos, expõem grafismos de Abdias Nascimento, como os tridentes de Exu, prenhes de movimento, e os oxês de Xangô, em busca da equidade. Sejam carochos, sejam raízes! Sementes que germinam nos terreiros, ao som retumbante do atabaque.</p>	Adolescentes (1988)	Direção de Carnaval

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
30	<p><b>Herdeiros da Gomeia – Povo de Axé</b></p> 	<p>A última ala do desfile do GRES Acadêmicos do Grande Rio é um grito contra a intolerância religiosa e um pedido de respeito – luta que se une a outras causas urgentes, todas profundamente enraizadas na figura de João da Gomeia: o combate ao racismo e à homofobia, o fim da xenofobia e do preconceito que menospreza o Nordeste, a denúncia dos epistemicídios em curso (a aniquilação de saberes ancestrais afro-ameríndios, a começar pelos idiomas e rituais) e, em oposição a tudo isso, enquanto antídotos possíveis, a valorização das práticas de cultura popular e a construção de novas pedagogias – inclusivas, não-colonizadas, voltadas para o “padilhamento dos corpos” (proposição de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino) e para a celebração dos corpos insurgentes, ativos, plenos de vida, que fazem das ruas o seu espaço de potência, seguindo a “gramática dos tambores”. Vestindo roupas associadas aos trajes cerimoniais do Povo de Axé, os desfilantes (entre os quais, artistas, ativistas, professores, pesquisadores e, evidentemente, lideranças religiosas de diferentes crenças, com destaque para os pais, as mães e os filhos de Santo – em específico, os representantes do tronco da Gomeia) formam um coro que simbolicamente denuncia os silenciamentos históricos e as tentativas de opressão, caminhando (a ideia tão defendida por lideranças como o Babalawo Ivanir dos Santos) enquanto forma de resistência e re-existência.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Gabriel Haddad e Leonardo Bora				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
30	<b>Herdeiros da Gomeia – Povo de Axé (Continuação)</b> 	<p>No artigo “Carnaval: Enredos das Liberdades”, publicado no jornal O Dia, em 26/10/2019, Ivanir dos Santos defendeu o seguinte: “diante dos desoladores cenários sociais, políticos, econômicos e religiosos do estado brasileiro, os enredos das Escolas de Samba vem a cada ano fortalecendo os seus tons de denúncias contra os processos de opressão contra as comunidades e segmentos marginalizados da nossa sociedade ou tirando do silenciamento histórico e social personagens que lutaram, de diversas formas, por liberdades e respeito. E buscando romper com silenciamentos, para não correr o risco de uma histórica única, a Acadêmicos do Grande Rio traz, para o carnaval de 2020, uma narrativa religiosa sobre um dos maiores sacerdotes das religiões de matrizes africanas no Brasil, Joãozinho da Gomeia.” Celebrar a memória do Pai de Santo baiano que fazia os Presidentes da República se curvarem aos seus pés é, por si só, um ato político em defesa da liberdade em sentido amplo – que, no cenário mágico da Marquês de Sapucaí, transformamos em fazer poético. Viva o Povo de Axé, vive João da Gomeia!</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Andorinha</b></p> 	<p>Narram aqueles que participaram da despedida de Joãozinho que, pouco antes dos relâmpagos rasgarem o céu e da chuva amolecer o barro do solo de Caxias, incontáveis andorinhas desenharam símbolos sobre o céu do terreiro da Gomeia. A fantasia não apenas dialoga com essa história de matriz oral como carnaliza um dos símbolos presentes no Totem da Liberdade de Abdias Nascimento.</p>	<p>Destaque de Chão / Musa</p>	<p>Thainá Oliveira</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 04 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Nete, Camila, Marta, Carol, Mauro, Nêgo, Paulo César, Rafael, Sônia e Bruno César	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Nete e Bruno César	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Nete, Camila, Marta, Carol, Mauro, Nêgo, Paulo César, Rafael, Sônia e Bruno César
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Nete, Camila, Marta, Carol, Mauro, Nêgo, Paulo César, Rafael, Sônia e Bruno César	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> José Francisco
<b>Outros Profissionais e Respektivas Funções</b>	
Almir	- Arames
Gilmar e Rafael	- Pintura de Arte
Tunico	- Placas de Acetato
Orlando	- Espuma
Vaninha, Nayra e Leo	- Compras e Almoxarifado
Bruno	- Vime
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	
Outros aderecistas que merecem destaque na criação do Carnaval da Grande Rio: Thuany, Leandra, Alan, Ed, Rogério, Solimar, Felipe, Talison, Jhon, Wellington e Lucas.	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b> Derê, Robson Moratelli, Rafael Ribeiro e Toni Vietnã		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b> Licinho Junior		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b> 100 (cem)	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b> Gê Martins 79 anos	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b> Rafael Ribeiro 29 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>É Pedra Preta!                  Quem risca ponto nesta casa de caboclo                  Chama Flecheiro, Lírio e Arranca-Toco                  Seu “Serra Negra” na jurema, juremá...</p> <p>Pedra Preta!                  O assentamento fica ao pé do dendezeiro                  Na capa de Exu, caminho inteiro                  Em cada encruzilhada um alguidar</p> <p>Era homem, era bicho-flor                  Bicho-homem, pena de pavão                  A visão que parecia dor                  Avisando “Salvador”, João!</p> <p>No camutuê, Jubiabá                  Lá na roça a gameleira                  “Da Gomeia” dava o que falar                  Na curimba feiticeira</p> <p><b>Okê! Okê! Oxóssi é caçador!</b>  <b>Okê! Arô! Odé!</b>  <b>Na paz de Zambi, ele é Mutalambô!</b>  <b>O Alaketo, guardião do Agueré</b></p> <p>É isso, dendê e catiço                  O rito mestiço que sai da Bahia                  E leva meu pai mandingueiro                  Baixar no terreiro quilombo Caxias                  Malandro, vedete, herói, faraó...</p> <p>Um saravá pra folia                  Bailam os seus pés                  E pelo ar o benjoim                  Giram presidentes, penitentes, yabás                  Curva-se a rainha                  E os ogãs batuqueiros pedem paz</p> <p><b>Salve o candomblé, Eparrei Oyá</b>  <b>Grande Rio é Tata Londirá</b>  <b>Pelo amor de Deus, pelo amor que há na fé</b>  <b>Eu respeito seu amém</b>  <b>Você respeita o meu axé</b>                  (respeita o meu axé)</p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**JUSTIFICATIVA DO SAMBA-ENREDO**

Entender a trajetória de João da Gomeia é um exercício para se desvendar as múltiplas facetas da brasilidade, num terreno marcado por cruzas e contradições, poética e política, diversidade, liberdade e axé. O samba-enredo do GRES Acadêmicos do Grande Rio lança um olhar interpretativo para a vida e o legado desse grande líder que a historiografia oficial insiste em esquecer – mas que o povo de Duque de Caxias, com seus corpos e seus tambores, faz questão de perpetuar. Não se trata, e é preciso deixar isso bastante claro, de uma abordagem puramente presa aos elementos mencionados na sinopse, mas de uma reinterpretação poética, com caminhos narrativos próprios.

A “cabeça do samba” possui melodia forte e versos afirmativos, dada a necessidade (fundamental e imperativa) de “abrir os trabalhos” em uma “gira”. O samba está situado, como não poderia deixar de ser, no terreno das religiões afro-ameríndias – e parte da saudação aos caboclos, espíritos ancestrais de guerreiros indígenas brasileiros que guiaram João da Gomeia desde a primeira infância, quando, ainda no interior da Bahia, ele se deparava com a visão mágica do Caboclo da Pedra Preta. Para além de Pedra Preta, saudamos outras entidades desse panteão (presentes na simbologia da Comissão de Frente e na alegoria que retrata as giras de caboclos), com destaque para a cabocla Jurema e o imaginário do juremá, o que terá forte presença ao longo do desfile:

**“É PEDRA PRETA!**

**QUEM RISCA PONTO NESTA CASA DE CABOCLO  
CHAMA FLECHEIRO, LÍRIO E ARRANCA-TOCO  
SEU “SERRA NEGRA” NA JUREMA, JUREMÁ...”**

A segunda estrofe continua afirmando, mas agora o diálogo é direto com o Caboclo da Pedra Preta, guia espiritual de João da Gomeia e fio condutor da narrativa do samba. O trecho evoca características dos terreiros da Gomeia (como a presença do dendezeiro, uma das três árvores sagradas para Pai João – o dendezeiro, a juremeira e a gameleira, todas representadas no samba) e menciona os caminhos de Exu, simbolicamente representados no bailar do Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. O verso “em cada encruzilhada um alguidar” traduz poeticamente algo que será visto ao longo de todo o desfile: a utilização de alguidares enquanto elementos que irão pontuar os diversos momentos da apresentação.

**“PEDRA PRETA!**

**O ASSENTAMENTO FICA AO PÉ DO DENDEZEIRO  
NA CAPA DE EXU, CAMINHO INTEIRO  
EM CADA ENCRUZILHADA UM ALGUIDAR”**

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

No momento subsequente, a “primeira” do samba passeia pela infância de nosso homenageado, que, ainda menino, na pequena cidade de Inhambupe, demonstrava personalidade forte e tinha dores de cabeça mais fortes ainda. Ele não compreendia as visões noturnas: vultos que pareciam homens e pássaros, pétalas e penas que se desenhavam nas sombras. Tratava-se de um aviso e de um chamado espiritual do Caboclo da Pedra Preta. Era uma visão premonitória: ele teria de seguir pelos caminhos de Exu, em direção a Salvador, para ser iniciado no candomblé – daí os pertinentes jogos poéticos: a visão misteriosa avisava o menino: “salve a dor”, “Salvador”.

**“ERA HOMEM, ERA BICHO-FLOR  
BICHO-HOMEM, PENA DE PAVÃO  
A VISÃO QUE PARECIA DOR  
AVISANDO “SALVADOR”, JOÃO!”**

Mas antes de reinar no trono de Angola, João, em meio à efervescência de Salvador, sorveu o saber dos encantos pelas mãos de Jubiabá. Foi na “Cidade da Bahia” que João da Pedra Preta foi iniciado no candomblé, no terreiro de um Pai de Santo polêmico, que misturava orixás, inquices e caboclos. Pouco depois de ter a cabeça (camutuê) raspada para Oxóssi, o jovem Joãozinho “abriu” a sua casa de Santo, seguindo em direção à rua da Gomeia, no atual bairro de São Caetano. “Da Gomeia”, como passou a ser chamado, daria o que falar! Além de abrir as portas do terreiro para artistas e intelectuais, passou a popularizar um candomblé híbrido, marcado pelo culto dos caboclos e pelo consumo da jurema sagrada. Na “roça” (lugar como os terreiros afastados das regiões centrais eram chamados), havia uma frondosa gameleira, árvore que servia de altar ritual e é associada ao orixá Tempo e ao inquice Kitembo. Tudo isso é abordado no segundo setor do desfile.

**“NO CAMUTUÊ, JUBIABÁ  
LÁ NA ROÇA A GAMELEIRA  
“DA GOMEIA” DAVA O QUE FALAR  
NA CURIMBA FEITICEIRA”**

O “pai de cabeça” de João era Oxóssi, orixá associado ao inquice Mutalambo. Oxóssi, na mitologia iorubana, ganhou o título de “deus da caça” – daí o fato de que também é chamado de Odé. João sempre foi o senhor da mistura: caboclos, inquices e orixás baixavam em um mesmo terreiro. O refrão abraça a hibridez e mistura elementos e nomes dos ritos Keto e Angola: Oxalá é o pai criador nos ritos Keto, Zambi nos ritos Angola; Oxóssi é caçador, Mutalambo também. Rei de Keto, Oxóssi é o Alaketo, segundo a tradição das narrativas míticas. Agueré é o ritmo sagrado ao som do qual Oxóssi dança. Okê Arô Odé Maior!

**“OKÊ! OKÊ! OXÓSSI É CAÇADOR!  
OKÊ! ARÔ! ODÉ!  
NA PAZ DE ZAMBI, ELE É MUTALAMBÔ!  
O ALAKETO, GUARDIÃO DO AGUERÉ”**

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

Depois de jogar os búzios e arriar as obrigações... O rito mestiço de Pai João sai da Bahia e aporta no Rio de Janeiro, fixando o seu axé no recém-emancipado município de Duque de Caxias, lugar que recebia os chamados “terreiros migrantes”. Tinha início a trajetória mítica da “Nova Gomeia”, a mais famosa “roça” localizada na Baixada Fluminense. Lá, o terreiro se transformava em aldeia e a aldeia se transformava em quilombo: espaço de intensas cruzas culturais e da mais viva sociabilidade. O culto aos caboclos e o consumo da jurema, algo então pouco conhecido no Rio de Janeiro, atrairia para Caxias um sem-fim de personalidades interessadas em participar das festas. O trecho destaca o caráter plural da Nova Gomeia, tema do terceiro setor do desfile.

**“É ISSO, DENDÊ E CATIÇO  
O RITO MESTIÇO QUE SAI DA BAHIA  
E LEVA MEU PAI MANDINGUEIRO  
BAIXAR NO TERREIRO QUILOMBO CAXIAS”**

Mas João não ficava preso ao terreiro: ele também era da rua, na melhor tradição da malandragem carnavalesca. Jamais se furtou ao fuzuê: dizia que vivia para o candomblé e para o Carnaval. Durante o reinado de Momo, incorporava as mais diferentes personas, enfrentando preconceitos, desafiando a moral vigente e chocando os candomblecistas mais ortodoxos. Tais histórias são narradas no quarto setor do desfile. Vestido de vedete, nos bailes do João Caetano, o Pai de Santo, homossexual assumido, despertou a ira de muitos líderes religiosos. Nas escolas de samba e nos salões mais suntuosos, encarnou heróis míticos – de Vulcano a Ganga Zumba. E ficou imortalizado na memória de muitos filhos de santo como Ramsés II, Faraó do Antigo Egito – daí o fato de que uma matéria jornalística da época usou como título “Saravá, meu pai Ramsés!”

**“MALANDRO, VEDETE, HERÓI, FARAÓ...  
UM SARAVÁ PRA FOLIA!”**

O quinto setor do desfile mostra que João, bailarino brilhante, tinha a dança nos pés e conquistou alguns dos mais importantes palcos do Brasil. Criou um grupo de balé afro e deu aulas a Mercedes Baptista. Dizem que ele bailava com a mesma desenvoltura com que despachava cem ebós...Graças a ele, um séquito dos mais variados personagens girou em solo caxiense! Presidentes como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek o procuravam para pedir conselhos, bem como penitentes dos mais longínquos lugares do Brasil, todos seduzidos pelo aroma de benjoim. A história mais fantástica é aquela segundo a qual o título “Rei do Candomblé” foi dado pela Rainha Elizabeth II, ainda princesa, durante uma misteriosa passagem pelo Brasil. Hoje, em meio a um quadro de crescente intolerância religiosa, o povo de axé pede paz!

**“BAILAM OS SEUS PÉS  
E PELO AR O BENJOIM  
GIRAM PRESIDENTES, PENITENTES, YABÁS  
CURVA-SE A RAINHA  
E OS OGÃS BATUQUEIROS PEDEM PAZ”**

## FICHA TÉCNICA

### Samba-Enredo

#### **Outras informações julgadas necessárias**

O sexto e último setor do desfile canta que o candomblé é fé e cultura ancestral, conjunto de crenças em torno do qual se organiza toda a vivência sociocultural de uma coletividade. A Gomeia caxiense sediava encontros de capoeira angola, festas juninas das mais animadas e folias de reis que coloriam as ruas de cores vibrantes. O candomblé é rito, rota, passagem. É vida e morte, ekomojade e axexê. É luta e sangue derramado, é luz de Oxalá, é relâmpago de Iansã, é vento de Matamba e fogo de Kaiango. Levar à avenida Marquês de Sapucaí a história de um menino baiano que se tornou um Pai de Santo consagrado, amado e temido, combatido e adorado, negro, homossexual e nordestino, é um exercício de resistência e re-existência dos mais corajosos. Diante do agravamento dos ataques aos terreiros, a Grande Rio, sob a proteção de Iansã (orixá que adquire posição de centralidade na cabeça de João, ao final da vida dele), pede respeito e clama por paz. Que todos possam ouvir, não como um lamento, e sim como um grito de liberdade: Respeita o meu axé!

Salve o canto do Caboclo!

Salve Tata Londirá!

**“SALVE O CANDOMBLÉ, EPARREI OYÁ  
GRANDE RIO É TATA LONDIRÁ  
PELO AMOR DE DEUS, PELO AMOR QUE HÁ NA FÉ  
EU RESPEITO SEU AMÉM  
VOCÊ RESPEITA O MEU AXÉ  
(RESPEITA O MEU AXÉ)”**

#### **Sobre os compositores**

A Parceria formada por Derê, Robson Moratelli, Rafael Ribeiro e Toni Vietnã é, acima de tudo, a parceria de quatro torcedores apaixonados pela Grande Rio, todos crias da escola.

Derê é empresário e o maior campeão vivo de samba-enredo da história da Acadêmicos do Grande Rio, sendo vencedor nos anos de 1999, 2003, 2004, 2005, 2009, 2013, 2014 e 2020. Vencedor do Prêmio Tamborim de Ouro do Jornal O Dia de melhor samba-enredo no carnaval de 2009.

Robson Moratelli é militar da reserva da Força Aérea Brasileira e é tricampeão na Acadêmicos do Grande Rio, vencendo nos anos de 2007, 2014 e 2020.

Rafael Ribeiro, engenheiro de profissão, é tetracampeão de samba-enredo na Grande Rio, sagrando-se vencedor nos anos de 2009, 2010, 2014 e 2020. Também ganhou o prêmio Tamborim de Ouro do Jornal O Dia de melhor samba-enredo no carnaval de 2009.

Toni Vietnã, empresário, é bicampeão de samba-enredo da Grande Rio, tendo vencido em 2014 e 2020.



**FICHA TÉCNICA****Bateria**

<b>Diretor Geral de Bateria</b> Mestre Fabrício Machado (Mestre Fafá)				
<b>Outros Diretores de Bateria</b> Laelcio, Thalles, Vitor Medeiros, Gabriel Pessoa, Thiaguinho, Jou, Clewinho, Vitor Machado, Lázaro, Fabiano, João Paulo e Presidente do Gás				
<b>Total de Componentes da Bateria</b> 272 (duzentos e setenta e dois) Componentes				
<b>NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS</b>				
<b>1ª Marcação</b> 12	<b>2ª Marcação</b> 12	<b>3ª Marcação</b> 14	<b>Reco-Reco</b> 0	<b>Ganzá</b> 0
<b>Caixa</b> 90	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 34
<b>Prato</b> 0	<b>Agogô</b> 24	<b>Cuíca</b> 24	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 24
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>				
* Além dos instrumentos acima, a bateria será composta por mais 02 (dois) timbales.				
<b><u>Sobre a bateria do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio</u></b>				
<p>Mesmo sendo a escola mais nova do Grupo Especial, a Grande Rio possui uma das baterias mais expressivas do carnaval carioca. E foi com menos de 10 anos, em 1996, que recebeu seu primeiro Estandarte de Ouro, sob a batuta de Mestre Mauricio. Mas foi com a cadência e a famosa “conversa de instrumentos”, características em suas bossas, que o Mestre Odilon fez com que a nossa bateria figurasse de vez entre as melhores do carnaval. Dos 12 desfiles sob sua regência, a bateria obteve nova máxima em 9 carnavais, além de conquistar mais dois Estandartes de Ouro, nos anos de 1999 e 2005. Com a saída de Mestre Odilon, a bateria da Grande Rio passou a ser comandada por outro grande nome do carnaval: Mestre Ciça. E foi o ritmo aguerrido e a ousadia de Ciça que fizeram com que a bateria tricolor passasse a ser conhecida como “Bateria Invocada”. Após o carnaval de 2010, com a saída do mestre Ciça, o comando dos ritmistas ficou a cargo do Mestra Thiago Diogo, que com sua técnica e musicalidade alcançou alguns resultados positivos para a escola. Estreando no último carnaval, o jovem mestre Fabrício Machado, o Fafá, comandou um resgate das características da bateria da Grande Rio, baseando seu trabalho em um ritmo mais cadenciado, permitindo uma melhor execução no toque de cada instrumento e suas respectivas acentuações. Como resultado, a bateria obteve a nota 40 e alguns importantes prêmios do carnaval, dentre eles, o Estandarte de Ouro, o quarto da escola para este quesito.</p> <p>Para o carnaval de 2020, mestre Fafá reiniciou as atividades em maio, com a continuidade do Projeto de Percussão, que no ano anterior dera grandes frutos, além da manutenção do ritmo e do trabalho específico em cada naipe.</p> <p>No que tange ao samba de 2020, Fafá e toda a sua diretoria (que é composta na sua totalidade por ritmistas formados na casa), apostam em bossas baseadas na “conversa” entre os instrumentos, respeitando as melodias e métricas do samba, trazendo algumas referências de toques africanos.</p>				

## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### Outras informações julgadas necessárias

##### Mestre Fafá

Mestre Fabrício Machado, o mestre Fafá, tem 28 anos e estreou à frente da bateria da Grande Rio no Carnaval de 2019. Ele tem a história da sua vida estritamente ligada ao Carnaval e à agremiação: seu pai foi mestre de bateria da escola e sua mãe uma grande incentivadora e componente da tricolor de Caxias – justamente, quem o ensinou a tocar tamborim. Sempre foi fascinado pela bateria, mas não tinha idade para desfilar, embora frequentasse a quadra desde criança, acompanhando seus pais. Suas brincadeiras de infância aconteciam naquele ambiente, ao qual sempre esteve totalmente integrado. Nos ensaios, ficava batendo nas grades do palco da bateria, simulando o ritmo do surdo de terceira. Em 2005, quando tinha 15 anos, mestre Odilon, então à frente da bateria, o observou e chamou para tocar o instrumento; quando ele o fez, foi imediatamente convidado para desfilar. Aceito o convite, demorou a acreditar no sonho sendo realizado: no dia agendado para buscar a fantasia, pediu à sua mãe que ligasse para o mestre e perguntasse se era verdade que seria, realmente, um dos integrantes da bateria. Fabrício tem mestre Ciça como uma grande referência em sua forma de comandar a bateria. Diz que, se por um lado, com seu pai (Do Gás) e Odilon aprendeu tudo sobre ritmo, afinação e técnica, com Ciça, recebeu lições de como ser ousado, alegre e respeitar o ritmista. Foi na época de Ciça à frente da bateria da Grande Rio que ele se tornou mestre de bateria da Pimpolhos da Grande Rio (onde desfilou desde a criação da escola mirim, em 2003) e nele se inspirou para dar vazão à sua criatividade à frente do quesito. Como mestre de bateria da Pimpolhos da Grande Rio, fez com que a bateria mirim se tornasse uma referência, sendo agraciada com diversos prêmios, incluindo Estandarte de Ouro em quatro ocasiões. A percussão, em sua vida, é levada como uma missão: além de mestre de bateria, Fafá é professor de percussão para crianças, jovens e adultos com necessidades especiais. É com essa experiência, juntamente com seus anos de dedicação e amor à arte do ritmo, que mestre Fafá pretende alcançar um desempenho de excelência na Avenida em 2020.

##### Rainha da Bateria – Paolla Oliveira

##### Fantasia: Joias de Cleópatra

A Rainha da Bateria do GRES Acadêmicos do Grande Rio personifica o luxo e a riqueza das cortes faraônicas do Antigo Egito, aos olhos exotizantes do Ocidente. Tocando em um universo constantemente evocado pelas manifestações carnavalescas da cidade do Rio de Janeiro, o figurino transforma Paolla Oliveira em uma joia que dança, mistura de referências que vão da Cleópatra de Liz Taylor às icônicas criações de John Galliano para a Maison Dior.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Andrezinho, Cacá Santos, Clayton Bola, Helinho Aguiar e Jefferson Guimarães

**Outros Diretores de Harmonia**

Wellington, Denilson, Mazinha, Ailton, Marinho, José Vitor, Tito, Batata, Alex, Leandro M., Leandro J., Germano, Genivaldo, DJ, Ana Paula, Edvaldo, Luis, Andreza, Rose, Fernando, Alan, Jorge Tito, chico, Valadão, Cleide, Alexandre CP, Thayene, Wilson, Pastinha, Carla, Daneila, Roberta, Mauro, Adilson, Limão, Cosme, Jorge Ribeiro, Ricardo, Peixe, Geraldo, Leandro Rangel, Anderson, Jorge Ramos, Torrada, Zulmar e Rosane

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

65 (sessenta e cinco) Componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Intérprete Oficial – Evandro Malandro

Apoio – Carro de Som: Kaisso, Diego, Thiago Castelen, Cacau Caldas, Ângela Sol, Amilton Cambaliao e Ruan

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Bráulio – Cavaco Solo

Davi Costa – Violão 7 Cordas

Andrezinho – Cavaco Base

Cristiano Xandão – Bandolim

**Outras informações julgadas necessárias**

**A Direção de Harmonia**

Para que o desfile de 2020 da Grande Rio seja realizado de maneira harmônica, integrando a tríade “ritmo, canto e dança”, o Departamento de Harmonia, formado pelos diretores Andrezinho, Cacá Santos, Clayton Bola, Helinho Aguiar e Jefferson Guimarães, supervisionado pelo experiente Diretor de Carnaval Thiago Monteiro, irá valorizar e reforçar ainda mais a participação da comunidade da cidade de Duque de Caxias no desfile. Com a escolha de um enredo que contemplou o interesse de todos os desfilantes da escola, foi preciso intensificar o trabalho iniciado no ano passado, destinando vagas em todas as alas para a participação dos distritos e bairros da cidade através de convocação realizada pelos representantes dessas comunidades, fazendo com que os quatro macro distritos existentes na região estejam presentes defendendo o samba da escola. Ensaios nessas comunidades também foram realizados semanalmente, desde agosto, objetivando a maior integração da escola à sua cidade.

A Grande Rio ainda conta com um grupo de 65 diretores de harmonia auxiliares e 70 diretores do Departamento de Carnaval que têm a orientação para fazer com que cada componente saiba que está desempenhando um papel relevante no desfile, defendendo as notas dos seus quesitos através do canto forte e apresentação solta e leve. O cuidado musical é um dos pilares do trabalho da Harmonia da Grande Rio. Aliar as variações melódicas do samba de 2020 com o andamento correto da bateria, a interpretação dos cantores e o arranjo musical é essencial para permitir que o componente evolua de maneira confortável. E isso só foi possível através de inúmeras reuniões entre os integrantes do carro de som e bateria, ensaios semanais iniciados em maio e intensificados em novembro com os ensaios técnicos realizados na rua. A escola foi exaustivamente preparada para o desfile.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Evandro Malandro**

Evandro dos Santos nasceu em Nova Friburgo e teve sua iniciação musical aos 9 anos de idade. Tornou-se instrumentista, dominando instrumentos como saxofone, flauta e bateria, entre outros. Começou sua trajetória musical em escolas de samba da cidade de Nova Friburgo em 2002, nas quais desempenhou distintas funções, desde cavaquinista a intérprete oficial, ao longo de 10 anos de trajetória. Tendo sua capacidade reconhecida, cruzou fronteiras e estreou no Carnaval carioca como cantor de apoio de Luizinho Andanças, na Porto da Pedra, no ano de 2009. Neste ano, também fez parte do carro de som da Renascer de Jacarepaguá. Em 2010, cantou com Dominginhos do Estácio na Imperatriz Leopoldinense e em 2011 voltou a compor o quadro de cantores da Porto da Pedra.

Como cantor principal, defendeu a Imperador do Ipiranga, escola do grupo de acesso paulista, no ano de 2013. No mesmo ano, foi o responsável pelo microfone principal da Apoteose do Samba em Uruguaiana-RS, cidade onde ficou conhecido por sua passagem como cantor de apoio na escola Bambas da Alegria nos anos de 2011 e 2012.

No ano de 2014, assumiu como intérprete oficial, juntamente com Diego Nicolau, na Renascer de Jacarepaguá. Em sua passagem por essa agremiação, ganhou um Estandarte de Ouro. Ficaram juntos até 2017. Em 2018, seguiu para o Acadêmicos do Cubango para ser o cantor principal.

No Acadêmicos do Grande Rio, foi cantor de apoio de Emerson Dias de 2014 a 2018. Pelo seu talento e dedicação à escola, alcançou o microfone principal em 2019. Fez preparação intensa para ocupar este posto e aperfeiçoar seu dom inato, com sessões de fonoaudiologia e preparação musical, tudo para que o seu desempenho na Avenida neste Carnaval seja o momento mais brilhante de sua carreira.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

<p><b>Diretor Geral de Evolução</b> Thiago Monteiro</p>
<p><b>Outros Diretores de Evolução</b> Jorge Bento, Luzimar, Marinaldo, Miltoninho, Silvano, Anita, Anderon, Vandete, Renato, Jander, Madalena, Paulo R., Marile, Regina, Lena, Naeli, Gilberto F., Dario, Zana, Antônia, José Carlos, Delza, Vera Lucia, Harley, Tavares M, M. Helena, Nilza, Marly, Vicente, Aroldo Brito, Rosângela, Janifer, Malu, Paulo Apoc, Fatima Apoc, Sandra, Jacaré, Mônica, Moniquinha, P. Naval, Dica, Edmeia, Café, João C, Jailson, Luis R. Ostras, Licinho, Luis Alberto, Edilcilene, Eduardo, Mila, Cafu, Walber, Reni, Karen, Paulo 10, Chiquinho, Aroldo P, Luzinete, Alessandra, Eva, Baiano e Silvano</p>
<p><b>Total de Componentes da Direção de Evolução</b> 60 (sessenta) Componentes</p>
<p><b>Principais Passistas Femininos</b> Marisa Furacão, Santinha, Gabi, Cris, Andressa, Camila, Kath, Lara, Maiara, Thais, Maria de Fátima e Ariele</p>
<p><b>Principais Passistas Masculinos</b> Wellington, Juan, Vinícius, Jamerson, Serginho e Thiago</p>
<p><b>Outras informações julgadas necessárias</b></p> <p>Fazer o componente se divertir na Sapucaí sem esquecer que o mesmo desempenhe seu papel na consecução de um desfile competitivo é o principal objetivo da Direção de Harmonia e Evolução da Grande Rio. A apresentação da escola precisa acontecer de forma fluída e solta e, por esse motivo, a escola foi preparada para que cada componente simplesmente se “solte” no desfile. Isso não significa que as alas performáticas ou coreografadas, existentes no corpo da escola, estejam alheias a esta metodologia, pelo contrário, a liberdade de expressão impõe em algumas situações que o tema seja retratado e defendido através de caracterização específica, sempre em sintonia com ritmo do samba e o andamento da bateria.</p> <p>A Grande Rio, em 2020, pretende realizar um desfile de Escola de Samba incentivando a evolução, começando pelos segmentos tradicionais, como sua ala de baianas, sua elegante galeria da velha-guarda, a arte do samba no pé em sua essência através do requebrado da ala de passistas e o comprometimento das alas de comunidade.</p> <p><b><u>Ala de Passistas</u></b> Coordenadores da Ala de Passistas – Rosângela e Avelino Na Grande Rio, escola que guarda de forma cara a tradição do samba na sua maior essência, a premiada ala de passistas, detentora de seis prêmios Estandarte de Ouro, requer atenção especial. Com ensaios iniciados em maio, a exigência principal para que um homem ou mulher se torne membro do seletor grupo de passistas da Grande Rio é deter a arte do samba no pé com garbo e elegância. Para a escola, a pessoa para ser passista precisa “dizer no pé”, como as cabrochas e os malandros de outrora.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b>		
-		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b>		
Thiago Monteiro		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b>		
-		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b>		
Daniela, Roberta e Gesma		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b>	<b>Quantidade de Meninas</b>	<b>Quantidade de Meninos</b>
80 (oitenta)	40 (quarenta)	40 (quarenta)
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b>		
Marilene dos Anjos		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b>	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b>	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b>
70 (setenta)	Dione (79 anos)	Luana dos Anjos (15 anos)
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b>		
Dailton Almeida		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b>	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b>
58 (cinquenta e oito)	Amaury 87 anos	Maria da Glória 52 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b>		
David Brazil, Monique Alfradique, Pocah, Glamour Garcia, Pedro Carvalho, Bianca Andrade, Karinah e demais personalidades que acompanham a Grande Rio desde a sua fundação.		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<b><u>Thiago Monteiro</u></b>		
<p>Trazendo em suas bagagens os títulos e as passagens vitoriosas por escolas como Unidos da Tijuca, Estácio de Sá, Império da Tijuca e Paraíso do Tuiuti, Thiago Monteiro, está em sua segunda passagem na Grande Rio, acumula inúmeros resultados positivos ao longo de sua carreira. Amante do Carnaval desde seus 5 anos de idade, iniciou sua trajetória na Unidos da Tijuca como diretor de Harmonia, no Império da Tijuca exerceu a função de Diretor de Carnaval, Campeão da Série A (2013), em sua primeira passagem pela Grande Rio exerceu a função de Diretor Geral de Harmonia (2014, 2015 e 2016), sempre alcançando as notas máximas nos quesitos de chão. Exerceu a função de Diretor de Carnaval da LIERJ (Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) em 2017 e 2018, responsável pela organização e realização do Carnaval da Série A.</p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

**Outras informações julgadas necessárias**

Também em 2018, na função de Diretor de Carnaval do Paraíso do Tuiuti, alcançou o feito de levar a escola ao segundo lugar do Grupo Especial, contrariando expectativas de público e crítica e consolidando seu nome na história do Carnaval. Dessa forma, foi convidado a retornar à Grande Rio, em 2019, escola de samba que tão bem conhece e onde é querido por todos, atuando na função de Diretor de Carnaval. Além disso, recebeu diversos prêmios conferidos pela imprensa especializada e foi reconhecido como um dos maiores responsáveis pelas recentes mudanças ocorridas na forma de desfilar da tricolor de Caxias e da escola de São Cristóvão (Paraíso do Tuiuti), nos últimos anos. Também é coautor do livro “*Harmonia de Escola de Samba – Teoria e Prática*” da editora Litieris. Administrador de formação, pós graduado em Auditoria, Thiago em sua metodologia de trabalho procura aliar técnica, concentração e organização à forma leve e dinâmica com a qual uma escola de samba deve se preparar para seu desfile. Para o Carnaval de 2020, o Diretor possui um fluxo de trabalho incessante, minucioso e incansável de preparação para o desfile, mostrará seu talento em cada detalhe da maneira como a Grande Rio se apresentará na Avenida.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Hélio Bejani e Beth Bejani		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Hélio Bejani e Beth Bejani		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b> 15 (quinze)	<b>Componentes Femininos</b> 02 (duas)	<b>Componentes Masculinos</b> 13 (treze)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<b><u>Representação da Comissão de Frente</u></b>		
<b><u>PONTO RISCADO</u></b>		
<p>A Comissão de Frente do GRES Acadêmicos do Grande Rio, idealizada e coreografada por Beth e Hélio Bejani, sintetiza o “rito mestiço” do chamado candomblé de caboclo, tão polêmico e menosprezado na época em que Joãozinho da Gomeia começou a reinar como liderança religiosa nacionalmente conhecida. Trata-se de uma leitura poética que procura apresentar ao público e aos jurados a complexidade da matriz espiritual de João, Pai de Santo baiano que misturava os cultos a orixás (tradição Keto), inquices (tradição Angola) e caboclos, transformando os espaços míticos da Gomeia (tanto o terreiro de Salvador, a “Velha Gomeia”, quanto o de Duque de Caxias, a “Nova Gomeia”) em lugares marcados pelas intensas cruzas culturais afro-ameríndias e pela convivência pacífica e harmônica dos mais diferentes princípios.</p> <p>A entrada da Comissão na avenida propõe a tradução coreográfica de uma famosa foto de Pierre Verger em que pode ser visto o Pai Joãozinho da Gomeia, o grande homenageado do enredo, na companhia de filhas de santo ricamente paramentadas. Contam as narrativas de matriz oral que o “Rei do Candomblé” sempre chegava a eventos especiais acompanhado de uma comitiva de iniciados que vestiam roupas exuberantes. A primeira cena apresentada, nesse sentido, evoca as danças realizadas durante as festas que ocorriam nos terreiros de Salvador e Caxias. Na corporeidade dos bailarinos, vemos reinterpretações de movimentos de Iansã e Oxóssi, os orixás que regiam a cabeça do célebre Pai de Santo.</p> <p>Logo depois, num segundo momento, são simbolicamente representadas as casas de caboclos (roncós), onde ocorre toda a preparação espiritual para a apresentação dos novos iniciados. Entendemos que esses lugares de reclusão e mistério guardam a essência dos ritos híbridos da Gomeia, os caminhos que levam às entidades de luz das correntes indígenas. Materializando o hibridismo, dos roncós saem caboclos – que guiam o olhar dos espectadores às mais contundentes lembranças da infância de Joãozinho de Gomeia, criança que tinha fortes dores de cabeça e que não compreendia as visões místicas que o atormentavam. Nos relatos que fez a Giselle Cossard, a filha de santo Omindarewa, João narrou o seguinte: “Com medo das aparições que eu via quando dormia na rede, eu passei a dormir com a minha avó, mãe de minha mãe, que era de fato africana, veio para o Brasil com 18, 19 anos. Ficou na minha cabeça a ideia que eu tinha que fugir de casa.</p>		



**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

Quando foi domingo, eu disse pra vovó que ia ao rio tomar banho. Fui a um arraial que pertencia a Inhambupe, chamado Junco, mas eu nunca tinha ido até lá. Sabia apenas que aquela estrada levava até lá. Quilômetros sem ver uma casa. Quando eu passei pelo rio, que naquele ponto parecia um lago, o povo já estava colhendo água. E lá eu entendi tudo, o que eu teria que fazer. Via aquele pássaro! Quando deram por minha falta, a cidade ficou alarmada. Até que em três dias souberam que eu estava no Junco. Eu, com a maior serenidade, achava que não tinha feito nada. Me levaram de volta a Inhambupe. Mas eu queria fugir outra vez. A visão dos caboclos ficou na minha cabeça.” João, ali, riscava o seu ponto: estava predestinado a um caminho sem volta. Caminhava para se tornar o Rei do Candomblé.

Os movimentos coreográficos e a cenografia dessa parte da apresentação sintetizam a história narrada por João: ele se refugiava próximo a um rio, onde tinha a visão de um grande pássaro - que mais tarde descobriu se tratar da entidade cabocla que o guiaria até o final da vida, Pedra Preta. É nas águas míticas e mágicas desse rio de memórias e ancestralidades que riscaremos os pontos do samba e faremos uma grande festa de caboclo, apresentando o enredo da Grande Rio e emanando muito AXÉ, que, na definição de Luiz Antonio Simas, no livro “O Corpo Encantado das Ruas”, é a “energia vital que está presente em todas as coisas e pessoas”.

OBS: A concepção cênica do elemento alegórico e os figurinos dos caboclos tomaram por base a estética do painel “Embarcações com índios”, óleo sobre madeira de Carybé, pintado em 1965 e atualmente em exposição no Museu de Arte do Rio – MAR, como parte da exposição “O Rio dos Navegantes”. À frente, enquanto espécie de carranca, uma releitura carnavalesca de uma máscara Tikuna se une a elementos e traços africanos, proposta sintética que exemplifique o hibridismo da temática. Unindo-se ao conjunto visual do carro abre-alas, o elemento alegórico apresenta, ainda, as estilizações de dendezeiros, as tramas de fios e as raízes confeccionadas com espuma e retalhos de tecidos, diálogo com as obras das artistas contemporâneas Sônia Gomes e Mary Sibande. Esperamos, com o conjunto apresentado, emanar energias positivas para toda a avenida. Salve Tata Londirá! Viva João da Gomeia!

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Sobre os Coreógrafos:**

***Hélio Bejani***

Iniciou carreira artística como músico profissional tocando trompete, em Piracicaba (SP), cidade onde nasceu. Ingressou para o ballet na cidade de Campinas (SP), cursando o Método da ROYAL ACADEMY OF DANCING, onde trabalhou no Corpo de Baile Lina Penteado sob a Direção Artística de Addy Addor e Cleusa Fernandes. Através de concurso oficial, ingressou para o Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1985, onde atuou como solista e bailarino principal nas suas principais montagens. Ganhou o Prêmio Tadeu Morozowicz como melhor Bailarino Clássico no VIII Concurso de Ballet e Coreografia realizado pelo Conselho Brasileiro da Dança.

Foi partner da bailarina Ana Botafogo, para quem atualmente realiza trabalhos coreográficos. Dançou e coreografou também para os mais renomados grupos e escolas do Rio de Janeiro: Escola de Danças Maria Olenewa, Associação de Ballet do Rio de Janeiro, Stúdio 88, Escola de Dança Alice Arja, Escola de Danças Spinelli, Stúdio Bertha Rosanova, Cia Versátil de Dança, Rio Ballet, Ballet Dalal Achcar, Centro de Danças Johnny Franklin, Cia Brasileira de Danças e Ballet da Cidade de Niterói. Foi premiado nos principais concursos e mostras de dança no Brasil. Com sua própria remontagem, realizou os espetáculos “A Bela Adormecida” e “Coppélia”, no Teatro Sesi Rio.

Coreografou e dirigiu o espetáculo “MADE IN CORAÇÃO”, realizado no Espaço Cultural FINEP e no Teatro Cacilda Becker, com participação dos bailarinos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que lhe valeu o Prêmio de melhor Diretor de Grupo de 1999, outorgado pela revista “Você e a Dança” (SP). Dirigiu e coreografou o espetáculo “Descobrimento do Brasil”, comemorativo aos 500 anos, na cidade de Fortaleza - CE, no Teatro José de Alencar. (2000). Como docente, foi professor convidado da Cia de Ballet da Cidade de Niterói. (2001/2002), professor de nível técnico no Centro de Danças Johnny Franklin e professor convidado da Cia. Deborah Colker.

No Theatro Municipal do Rio de Janeiro, foi Assistente de Direção e Ensaaiador do Corpo de Baile na Direção de Dalal Achcar (2000/2001), coordenador do Corpo Artístico na Orquestra Sinfônica (2003 a 2006), coordenador do Corpo Artístico no Corpo de Baile (2007 a 2008), Diretor Artístico do Corpo de Baile (2009 a 2013) e Chefe da Divisão de Dança (2014 a 2015).

Atualmente é Diretor da Escola de Dança Maria Olenewa do mesmo TMRJ, Diretor do Ballet do TMRJ e Diretor Geral do Ballet Escola Maria Olenewa, local onde, em seu primeiro ano, já realizou o ballet completo “Giselle”, em temporada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e o Ballet “O Lago Dos Cisnes”, para a abertura do Festival de Joinville, em 2018.

No Carnaval, foi coreógrafo da Comissão de Frente do Acadêmicos do Salgueiro entre os anos de 2008 e 2018, no Grupo Especial, e, no ano de 2019, assumiu a comissão de frente da Acadêmicos do Grande Rio. Já foi premiado com 3 Estandartes de Ouro, sendo 2 de melhor comissão de frente e 1 de inovação, conquistado no último ano.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

***Beth Bejani***

Iniciou seus estudos de dança clássica no Centro de Danças Johnny Franklin, em 1985, tendo o próprio Franklin como mestre. Logo depois, passou por mestres renomados como Tatiana Leskova, Eugenia Feodorova, Dennis Gray, entre muitos outros.

Aos 17 anos passou a integrar o Rio Ballet, dançando vários ballets de repertório e sendo premiada em diversos concursos, inclusive CBDD. É profissional de dança, reconhecida pelo Sindicato dos Profissionais de Dança - RJ desde 1998. Já atuou como bailarina da Rede Globo de Televisão, coreógrafa, professora de ballet clássico, ensaiadora, assessora de direção (na montagem de espetáculos de dança) e possui curso de atores para teatro e televisão. Na área de dança, já fez parte de novelas, seriados, especiais e programas da Rede Globo de Televisão, como Criança Esperança, Uga, Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Quarteto em Si, Gilberto Gil, Sandy e Júnior, Os Normais, Você Decide, entre muitos outros. Como coreógrafa do Rio Ballet, recebeu diversas premiações em concursos brasileiros e latino-americanos. Foi assessora na direção de espetáculos profissionais no Rio de Janeiro, como “Made in Coração” (este com a participação de bailarinos do Theatro Municipal do RJ), espetáculos no SESI, no teatro Cacilda Becker e em outros auditórios da cidade.

No Carnaval, coreografa e faz direção artística de casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira desde o ano de 2005. Foi coreógrafa do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da Mangueira, no período de 2005 a 2010, e do casal do Acadêmicos do Salgueiro, de 2012 a 2018. De 2008 a 2018, foi assistente na Comissão de Frente do Salgueiro e, a partir de 2013, também passou a assinar o trabalho como coreógrafa da Comissão de Frente. Assinou, ainda, comissões para a Caprichosos de Pilares, a Acadêmicos do Cubango e a Acadêmicos da Rocinha na sequência, recebendo diversos prêmios de melhor comissão de frente. A partir de 2019, defende com brilhantismo o quesito no Acadêmicos do Grande Rio, recebendo o Estandarte de Ouro de Inovação.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Daniel Werneck	<b>Idade</b> 31 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Taciana Couto	<b>Idade</b> 19 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Andrey Ricardo	<b>Idade</b> 25 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Jéssica Barreto	<b>Idade</b> 29 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Nome da Fantasia: “Padê de Exu Libertador”**

**Criação do Figurino:** Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**Confecção:** Atelier Aquarela Carioca

**Representação:** Exu é o orixá que abre o xirê nos cultos das casas de candomblé, indicando os caminhos e fazendo a mediação entre homens e deuses. Adquirindo nomenclaturas diferentes, a depender do perfil de cada casa de Santo, é Exu quem “traz bom axé para as festas nos terreiros, cumpre seu papel de mensageiro entre o visível e o invisível, chama os orixás e não desarticula, com suas estripulias fundadoras da vida, os ritos da roda, aqueles em que os deuses dançam pelo corpo das iaôs (as filhas de santo)” – conforme ensina Luiz Antonio Simas, na abertura do texto “Padê”, o primeiro do livro “O Corpo Encantado das Ruas”. Na sequência, o autor afirma: “O padê de Exu também pode ser colocado na encruzilhada, lugar em que as ruas se encontram e os corpos da cidade circulam”. Em outro texto do mesmo livro, intitulado “Marias”, Simas narra o seguinte: “As ruas são aconchegantes para as pombagiras. Uma das energias do poder das ruas nas culturas centro-africanas é o inquite Bombogira. Para estudiosos dos cultos bantos, Bombogira é o lado feminino de Aluvaiá, o dono das encruzilhadas, similar ao Exu iorubá e ao vodum Elegbara, dos fons. Em quimbundo, *pambu-a-njila* é a expressão que designa o cruzamento dos caminhos, as encruzilhadas. *Mbombo*, no quicongo, é “portão”. Os portões, quem é do santo sabe, são controlados por Exu. Bombogira, Pambu-a-njila, Pombagira: as ruas, a encruzilhada, as porteiras, a diáspora, o mundo.” Já em “Azeite de dendê no carnaval”, defende que “as ruas no carnaval são exemplarmente exuzíacas. Exu é aquele que vive no riscado, na brecha, na casca da lima, malandreado no sincopado, desconversando, quebrando o padrão, subvertendo no arrepiado do tempo, gingando capoeiras no fio da navalha.”

O Primeiro Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do GRES Acadêmicos do Grande Rio presta reverência a Exu, sem o qual a energia não circula e os caminhos não são abertos. O girar da bandeira, símbolo maior de qualquer agremiação, e as passadas ligeiras sobre o asfalto sagrado invocam a energia das ruas e o calor das encruzilhadas. Os figurinos de Daniel Werneck e Taciana Couto foram concebidos e materializados sob a consultoria de Seci Caxi (a Mãe Sandra da Gomeia, herdeira do trono de Pai João, de acordo com as indicações do jogo de búzios). A roupa usada por ele mistura elementos dos chamados Exu Bara e Exu Catiço, trazendo as cores sugeridas por Seci Caxi e apresentando um minucioso trabalho em búzios e miçangas.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

O capuz insinua a lâmina que corta a cabeça da entidade: Exu, simbolicamente, tem duas cabeças. Os guizos despertam a energia e anunciam o bailado febril, o transe, espantando qualquer tristeza e promovendo a comunicação entre os planos material e imaterial. Já a roupa de Taciana homenageia todo o imaginário que envolve a figura da Pombagira, entidade insubmissa, corajosa, dona de todos os destinos. Nos termos de Simas, “a nossa sociedade tem muito medo da junção entre a potência de Aluvaíá e o poder da mulher sobre o próprio corpo.” Taciana, jovem bailarina cujo corpo dá expressão ao carnaval da Grande Rio desde a primeira infância, veste as cores e a potência de Aluvaíá, bailando entre rosas, búzios, guizos e miçangas: uma roupa de Rainha, uma roupa para saudar Exu, a entidade aclamada ao final do desfile antológico de 1994, quando a tricolor caxiense cantou “Os Santos que a África não viu” e levou para a avenida todo o povo da rua. O samba-enredo canta: “na capa de Exu, caminho inteiro...” Que todos os caminhos se abram!

Os figurinos dialogam, ainda, com o longo poema “Padê de Exu Libertador”, escrito por Abdias Nascimento, em 1981, e publicado no livro “Axés do Sangue e da Esperança”. O poema foi lido por Abdias Nascimento na ocasião em que recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia, em Salvador. Abdias e João da Gomeia foram amigos pessoais. Alguns conceitos cunhados por Abdias e algumas obras por ele pintadas, como as telas “Padê de Exu” e “Totem da Liberdade”, serviram de guias para toda a concepção visual do desfile. Entendemos, portanto, que o conceito que envolve a indumentária e a apresentação do Primeiro Casal sintetiza um imaginário simbólico que será explorado detalhadamente ao longo dos setores vindouros, instaurando, na “cabeça” da escola, a energia capaz de transformar o desfile da Grande Rio em um ato potencialmente transformador. Na sequência, apresentamos o trecho que encerra o poema de Abdias Nascimento, a fim de ilustrar com palavras o bailado vigoroso e exuziaco de Daniel e Taciana:

(...)

*Ofereço-te Exu*

*o ebó das minhas palavras*

*neste padê que te consagra*

*não eu*

*porém os meus e teus*

*irmãos e irmãs em*

*Olorum*

*nosso Pai*

*que está*

*no Orum*

*Laroiê!*



GRES ACADÊMICOS DO GRANDE RIO - CARNAVAL 2020  
1º MESTRE-SALA



GRES ACADÊMICOS DO GRANDE RIO - CARNAVAL 2020  
1ª PORTA-BANDEIRA

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

**Nome da Fantasia:** Companhia de Oxumarê, energia de Angorô

**Criação do Figurino:** Gabriel Haddad e Leonardo Bora

**Confecção:** Alex Castro

**Representação:** O Segundo Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do GRES Acadêmicos do Grande Rio se utiliza das cores do orixá Oxumarê e do inquice Angorô para celebrar a diversidade religiosa e sexual, defendendo, por conseguinte, a liberdade em suas múltiplas dimensões – aquilo que João da Gomeia representava ao encarnar a vedete Arlete. Os figurinos são inspirados em ilustrações de Romain de Tirtoff, mais conhecido como Erté, estilista, joalheiro, desenhista e cenógrafo cujas criações expressam o triunfo do estilo Art Déco – justamente o estilo arquitetônico do Teatro João Caetano, onde os bailes de travestis reuniam multidões, nas noites de carnaval. Erté ilustrou a capa da Harper's Bazaar de abril de 1930, apresentando ao público a imagem de uma mulher vestida de arco-íris, com a cabeça preta pintada de bolinhas brancas. Trata-se, portanto, de uma “cruza” das mais inusitadas: elementos de roupas de santo e elementos de desenhos de Erté; as pintas das iaôs e os padrões Art Déco do artista. A pesquisadora Andréa Mendes explica, no artigo “O Rei do Candomblé nas páginas da revista”, que João da Gomeia fundou a “Companhia Baiana de Folclore Oxumarê”, com o objetivo de estreitar as relações com o meio artístico e o universo do carnaval, pelo qual circulavam estilistas, fotógrafos, atores, diretores, celebridades nacionais e internacionais. Ainda, é fundamental destacar que Oxumarê possui enorme importância para se compreender a trajetória dos herdeiros da Gomeia: segundo o jogo de búzios, a sucessora do trono de João, Seci Caxi, é filha de Oxumarê. Nas cores do arco-íris, o destino de uma coletividade. No girar da porta-bandeira, um grito pelo respeito.



# **G.R.E.S.**

# **UNIÃO DA ILHA**

# **DO GOVERNADOR**

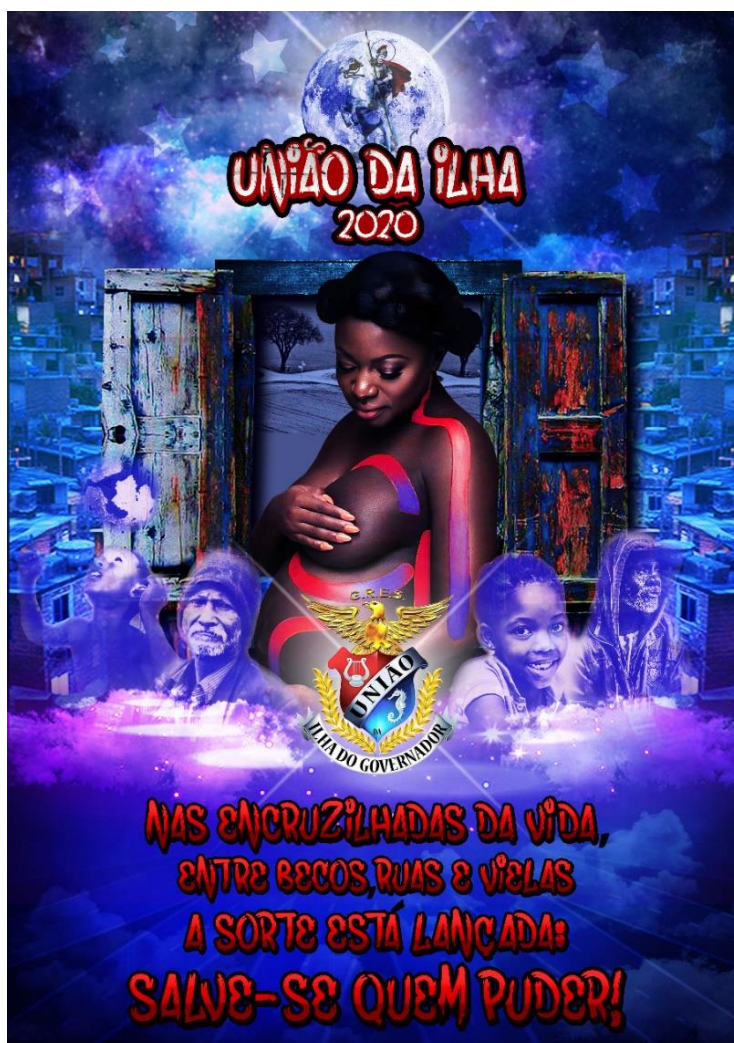


**PRESIDENTE**  
**DJALMA FALCÃO**





*“Nas encruzilhadas da Vida,  
entre becos, ruas e vielas;  
A sorte está lançada:  
Salve-se quem puder!”*



**Carnavalescos**

**LAÍLA, FRAN SÉRGIO E CAHÊ RODRIGUES**



**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

<b>Enredo</b> <i>“Nas encruzilhadas da Vida, entre becos, ruas e vielas; A sorte está lançada: Salve-se quem puder!”</i>					
<b>Carnavalescos</b> Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Comissão de Carnaval (Laíla, Fran Sérgio, Cahê Rodrigues, Allan Barbosa, Anderson Netto, Felipe Costa e Larissa Pereira)					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Comissão de Carnaval (Laíla, Fran Sérgio, Cahê Rodrigues, Allan Barbosa, Anderson Netto, Felipe Costa e Larissa Pereira)					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Comissão de Carnaval (Laíla, Fran Sérgio, Cahê Rodrigues, Allan Barbosa, Anderson Netto, Felipe Costa e Larissa Pereira)					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Maré – Vida na Favela	Drauzio Varela, Ivaldo Bertazzo, Paola Berenstein Jacques e Pedro Seiblitiz (imagens)	Casa da Palavra	2002	Todas
02	Cultura, “Favela é Cidade” e o Futuro das Nossas Cidades	João Paulo dos Reis Velloso	Fórum Nacional	2014	Todas
03	Favela é Cidade Plano de Inclusão Socioeconômica	João Paulo dos Reis Velloso e Marília Pastuk	Fórum Nacional	2014	Todas
04	Cidade de Deus	Pedro Lins	Companhia das Letras	1997	Todas
05	Pedagogia do Oprimido	Paulo Freire	Paz e Terra	1987	Todas
06	A Estética da Ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica	Paola Jacques	Casa da Palavra	2011	Todas

**FICHA TÉCNICA****Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
07	Imagens do Povo	A. F. Rodrigues	Nau	2012	Todas
08	Vida social e política nas favelas: pesquisa de campo no Complexo do Alemão	Rute Imanishi Rodrigues	Ipea	2016	Todas
09	Quarto de despejo: Diário de uma favelada	Carolina Maria de Jesus	Francisco Alves	1960	Todas
10	A palavra é: favela	M. H. Marcier e J.S. Oliveira	FGV	1997	Todas
11	Um século de Favela	Alba Zaluar e Marcos Alvito	FGV	1997	Todas
12	A invenção da favela: do mito de origem à favela.com	L. Valladares	FGV	2005	Todas
13	Um país chamado Favela	Celso Athayde e Renato Meirelles	Gente	2014	Todas

**Outras informações julgadas necessárias**

**Vídeos/ Documentários que também serviram de apoio:** os dois primeiros sobre a vida na favela e os desafios enfrentados pelas comunidades; o terceiro, sobre a moda Homeless (citada no quesito Fantasias), sobre o bom gosto de moradores de rua que fazem moda a partir de roupas achadas no lixo.

<https://vimeo.com/42496269>

[https://www.youtube.com/watch?v=UHhOVcXY3YI&feature=youtu.be&fbclid=IwAR1gyWBfA9V2aCzUo6zXESABRv\\_8Ra8BGLXI2w54HSh36vMFH\\_2S-jZIS2w](https://www.youtube.com/watch?v=UHhOVcXY3YI&feature=youtu.be&fbclid=IwAR1gyWBfA9V2aCzUo6zXESABRv_8Ra8BGLXI2w54HSh36vMFH_2S-jZIS2w)

<https://moda.culturamix.com/roupas/moda-homeless-conheca-o-estilo-mendigo?fbclid=IwAR2HfkJJj9h2v4j8kVYLCuYre0NxuYXHDrgeEEZxj92uWv5OGHaQXdL58>

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**PESQUISA IN LOCO:**

A maior parte do conteúdo do enredo foi extraída de experiências pessoais dos integrantes da Comissão de Carnaval. Eles visitaram diversas comunidades, conversaram com seus moradores, andaram de trem, BRT e acompanharam o dia a dia dessas pessoas. Compositores, diretores e componentes da agremiação também colaboraram nessa coleta de informações.

**A COMISSÃO DE CARNAVAL DO  
GRES UNIÃO DA ILHA DO GOVERNADOR  
CARNAVAL 2020**

Coordenador:

**Laíla** – Dedicou toda a sua vida ao Samba, tendo começado no Salgueiro e passado por diversas Escolas, entre elas Vila Isabel, Grande Rio e Unidos da Tijuca. O seu vínculo maior foi com a Beija-Flor de Nilópolis, onde fez uma dobradinha com Joãozinho Trinta, responsável pela conquista de inúmeros títulos da Azul-e-Branco de Nilópolis. No entanto, o principal trabalho da dupla – “Ratos e Urubus, larguem a minha fantasia!”, em 1989, ficou com o vice campeonato – apesar de ser apontado como um dos maiores desfiles de todos os tempos, na Sapucaí. Na União da Ilha exerce uma quádrupla função: é um dos autores do enredo, e acumula os cargos de Diretor Geral de Carnaval, Harmonia e Evolução.

Carnavalescos:

**Fran Sérgio** – Nascido e criado em Nilópolis, onde mora até hoje. Começou desfilando na Ala das Crianças da Beija-Flor. Aprendeu tudo que sabe como integrante da Comissão de Carnavalescos, atuando ao longo de 23 anos, sempre em parceria com Laíla. Já fez Carnaval em São Paulo, Porto Alegre, passou pela São Clemente, Inocentes de Belford Roxo e Unidos da Tijuca. É apaixonado pelo Samba e pelo Carnaval, produtos da criatividade brasileira. Passa a maior parte do seu tempo no barracão e lá se vão mais de 30 anos nessa atividade incessante. Hoje veste a camisa da União da Ilha, com muito orgulho.

**Cahê Rodrigues** – Carioca do Campinho, o carnavalesco já passou pela Grande Rio, onde foi vice-campeão do Grupo Especial, Unidos da Tijuca, Caprichosos de Pilares, Porto da Pedra, Acadêmicos do Sossego, de Vigário Geral, e Imperatriz Leopoldinense, onde foi responsável por carnavais grandiosos, como Axé, Nkenda! – eleito o melhor desfile de 2014 pelo Estandarte de Ouro. Também já atuou nos Carnavais de São Paulo e Manaus. Simultaneamente, acumula a responsabilidade de carnavalesco da Acadêmicos de Santa Cruz, na Série A. É a sua estreia na União da Ilha e a primeira vez também que trabalha ao lado de Laíla e Fran Sérgio.

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

Membros:

**Larissa Pereira** – Tem 35 anos, é formada em Moda e pós graduada em Produção de Moda pela Universidade Veiga de Almeida. Trabalha como estilista, figurinista e compradora há muitos anos. Está no carnaval há quatro anos e há dois integra ao grupo de criação carnavalesca da Cavalinhos Marinheiros da Ilha, Escola Mirim vinculada à União da Ilha do Governador.

**Allan Barbosa**, 19 anos, é aluno da Escola de Belas Artes da UFRJ, onde se especializa no curso de Cenografia, e também integra a Comissão de Carnaval da Cavalinhos Marinheiros da Ilha.

**Anderson Netto**, 39 anos, formado em Pedagogia com Pós-Graduação em Alfabetização de Crianças das Camadas Populares, desfila na Ilha desde 1994, na Ala das Crianças, foi chefe de ala, componente de Alas da Comunidade, e integra a Comissão de Carnaval da Cavalinhos Marinheiros, orientando os carnavalescos adolescentes.

**Felipe Costa**, 26 anos, é formado em Artes Cênicas e Figurino pela Escola de Belas Artes na UFRJ. No Carnaval estagiou na Beija-flor, em 2014, na equipe do Laíla e Fran Sérgio, além de estagiar pela faculdade em pesquisas ligadas à História do Carnaval.

# HISTÓRICO DO ENREDO

## Introdução

O enredo nasce da experiência de Luiz Fernando Ribeiro do Carmo, o Laíla, 76 anos, como morador do Morro do Salgueiro, onde nasceu e passou boa parte de sua vida, desde a década de 1940.

Ganha contornos especiais quando, tempos atrás, Laíla – atual Diretor Geral de Carnaval da União da Ilha do Governador - tornou-se o principal defensor do retorno dos sambistas das comunidades à Avenida, como elementos fundamentais para o trabalho de suas respectivas Agremiações; e, principalmente, como guardiões dos fundamentos e tradições da maior festa popular do País: o desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Através de sua luta e dos resultados alcançados pela Escola que dirigia, as coirmãs entenderam que era tempo de destinar parte do orçamento para vestir as alas de suas comunidades. Desde então, o espetáculo ganhou um novo alento.

## Um novo processo de criação

Ao desembarcar na Ilha, Laíla trouxe novas ideias. Acreditava que, em vez de uma sinopse com palavras grifadas, ou versos pré-fabricados, os compositores teriam maior liberdade para produzir se tomassem a própria experiência de vida como linha condutora de sua obra.

Foi de uma troca de ideias com os integrantes da Comissão de Carnaval sobre o cotidiano das comunidades que nasceu o embrião do argumento. O resumo do encontro foi transformado num roteiro básico e transmitido aos compositores, com uma recomendação expressa: *“Escrevam com o sentimento, ouçam o coração”* – esta prática, aliás, remonta aos grandes carnavais da União da Ilha.

Escolhido na quadra pela voz da comunidade, o samba-enredo passou a ser matriz para a criação de alegorias, fantasias e situações cênicas, que terão a favela como pano de fundo. Desde então, a experiência de diretores, componentes e torcedores em suas respectivas comunidades tornou-se matéria-prima para os arremates de um trabalho cada vez mais coletivo. Estas pessoas acabaram se acostumando a doar móveis, utensílios, roupas e acessórios descartados que, depois de um tratamento artístico, passaram a compor os mais diversos cenários desta opereta carioca.

## ENREDO

**Nas encruzilhadas da Vida, entre becos, ruas e vielas;  
A sorte está lançada: Salve-se quem puder!**

Para contar essa história, elegemos uma jovem mãe, negra, pobre, que pensa no futuro que poderá oferecer ao bebê que está sendo gerado em seu ventre. É uma brasileira como milhões de outras mulheres que vivem em situação semelhante. Ela acredita que a Escola de Samba também tem compromisso com a cidadania e que o Samba, com a sua magia, é capaz de operar verdadeiros milagres.

Torcemos para que este desfile desperte a nossa atenção para a necessidade de sermos mais amigos, solidários e que tenhamos mais respeito e amor aos nossos semelhantes. Sejam eles brasileiros ou não.

Ouçamos o que ela tem a dizer.

*Nas encruzilhadas da vida*

“Daqui de cima me encanto com as luzes da cidade. São pequenas contas que enfeitam ruas e avenidas, formando linhas retas e curvas, contornando um espaço que não é nosso.

Às vezes me pergunto: será que, lá de baixo, eles também se encantam com as luzes aqui do morro? Ou será que ainda não repararam nas coisas bonitas que também existem do lado de cá?

Quando era pequena, meu pai costumava dizer que aqui em cima, nessa lua redonda que ilumina a todos nós, mora São Jorge, o nosso padroeiro. É ele quem nos protege das injustiças, da indiferença e que, com a sua lança, espeta o dragão do mal, para que os pequenos possam dormir sem medo e tenham paz para sonhar com o dia de amanhã.

Ai, Senhor, mas é esse tal *dia de amanhã* que me deixa angustiada! Quando penso na criança que está em meu ventre, tento imaginar o que o destino reservou para ela.

Haverá uma escola para ensinar a ela a acreditar em si mesma e lutar para, um dia, ser alguém? Será que haverá um médico para cuidar dela no dia em que ficar doente? Será que conseguirá um bom lugar no mercado de trabalho? Será que poderá constituir uma família com dignidade?

Ou será que uma bala perdida vai atravessar o caminho dela?

Não, meu Senhor! São Jorge há de protegê-la e com a Sua bênção ela há de crescer sadia, inteligente, honesta e trabalhadora. Há de ser outra guerreira, como tantas que aqui nasceram e hoje, de alguma forma, são felizes - mas continuam lutando contra tantas desigualdades! Senhor, protegi minha criança, e faça dela um instrumento para semear o Bem.”



### ***Entre becos, ruas e vielas***

“As dificuldades ensinam que a comunidade forma uma grande família. Vizinhos se ajudam, as tias aconselham, as crianças se entendem e todos acabam se dando as mãos porque os problemas geralmente são os mesmos, em todas os lares.

Pode faltar arroz, feijão, leite, mas a amizade fala mais alto. Existe sempre um jeitinho de ajudar e ser ajudado. Um sorriso, uma palavra amiga, um olhar de ternura. Aqui em cima, as imposições da vida nos obrigam a ser solidários, seja num temporal ou no fogo cruzado. No fundo, somos todos irmãos.

Se a comunidade pensa duas vezes em descer até o comércio, este é mais rápido e vai à comunidade. É um entra-e-sai de ambulantes oferecendo as mais diferentes mercadorias: roupas, comestíveis, panelas, produtos de limpeza, artigos de higiene, óculos escuros, óleo de bronzear, protetor solar, capas de celulares, cigarros a varejo e CDs para todos os gostos. Substituíram os ambulantes de antigamente, que vendiam aves, carne de porco, cestarias e fogareiros a querosene. São cenas que se misturam na memória, misturando passado e presente, sem que a gente dê conta de como o tempo voa.

Aqui, existem vizinhos que são do Santo, os que pregam as Sagradas Escrituras, os que louvam o Senhor sobre todas as coisas. Se falta de tudo um pouco, sobra fé. Graças a Deus!

É interessante quando a gente vê, bem cedinho, com o céu ainda escuro, os primeiros trabalhadores descerem para o batente. Quase todos fazem o sinal da cruz. Fico me perguntando: por que será? Talvez precisem de proteção para garantirem o sustento da família; ou, então, careçam de proteção especial para retornarem, no final do dia. A gente nunca sabe o que pode acontecer.

É uma gente muito valente. Além das angústias que envolvem a comunidade, eles ainda enfrentam transportes lotados, horas de engarrafamento e quando chegam no trabalho se submetem a exigências que não são muito diferentes daquelas do tempo da escravidão. Sejam eles operários da construção civil, garis, diaristas, e empregadas domésticas, enfim. A distância entre o pão nosso de cada dia e o pão que o diabo amassou é muito curta. Mas o povo engole, digere e toca em frente. *Segue o jogo!*, como diz o outro.

Nosso povo é tão bom que deixa as injustiças de lado, os esquecimentos e as promessas não cumpridas, mas continua acreditando no Brasil do futuro: forte, independente, próspero e amigo de sua gente. Renova as esperanças, arregaça as mangas e continua se empenhando para ajudar o *Gigante* a seguir o seu caminho.”

### ***A sorte está lançada***

“Quando meus olhos tentam enxergar mais longe que os limites da cidade, fico triste. Penso em outros brasileiros espalhados por este país a fora. Assim como nós, eles também não têm motivos para acreditar em novas promessas.

De vez em quando, recebemos visitas de gente que se diz bem-intencionada, preocupada com os problemas da comunidade. Falam da necessidade de diversas obras: rede de esgoto sanitário, abastecimento de água, contenção de encostas, e por aí vai. Prometem até bondinho, para poupar as pernas de nossos velhos. Deixam cartazes de campanha e santinhos de lembrança, sempre sorridentes e otimistas. Mas, afinal, eles estão rindo de quê? Ou de quem? Será da gente?

Basta conseguirem o seu objetivo para esquecer de tudo o que prometeram. E de todos que lhes abriram as portas. E o pior: deixam de cuidar até do que é essencial. Não temos mais hospitais, nem postos de saúde que nos atendam. Nossas escolas estão fechando, uma a uma. O desemprego aumenta. A violência cresce como uma bola de neve, arrastando a todos que estão em seu caminho.

Os problemas são tão graves que já não afetam apenas as camadas mais pobres da sociedade. Agora, corroem os calcanhares da classe média também. A tal pirâmide social está ruindo e os pedaços caem sobre nós.

(Sempre que o bebê chuta a minha barriga chego a pensar que, mesmo lá dentro, ele consegue captar os meus pensamentos. Parece uma forma de protestar. Tento me distrair com outra coisa, mas é difícil. Tadinho...)”

### ***Salve-se quem puder!***

“Não é preciso ser muito inteligente para perceber que a maioria desses problemas que afetam os pobres, quase pobres e futuros pobres é provocado pela má divisão da economia. Quanto maiores a ganância e o egoísmo de uns, maiores serão também a miséria, a fome e o total abandono de outros. Isso é próprio do ser humano e a casta dos brasileiros também está se especializando nisso. Não tá nem aí...”

Essa gente privilegiada construiu um mundo particular para si. São milionários, moram em mansões, viajam para o mundo inteiro, são tratados por médicos renomados, enviam seus filhos para os melhores colégios e universidades, com a promessa de que, no futuro, serão eles que cuidarão do país. Fala sério, ô!

Enquanto isso, o outro prato da balança da justiça social mergulha no abismo. Não há meio termo entre Paraíso e Inferno. São dois pesos e duas medidas, destruindo todos os valores que aprendemos na escola.

“*Criança, ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!*” – ainda me lembro do poema de Olavo Bilac, que a professora obrigava a gente a decorar, na ponta da língua.

“*Criança, não verás nenhum país como este!*” – e nós decorávamos tudo. Mais por respeito à professora do que pelas palavras de poeta.

Tempos em que os professores eram considerados os nossos segundos pais, tratados como verdadeiros mestres. Hoje, coitados... São humilhados de todas as formas, dentro e fora das salas de aula. Assim como os médicos do serviço público, que não recebem salários e são obrigados a tirar do próprio bolso para tentar salvar os pacientes, abandonados pelos corredores.

Os valores foram todos destruídos por quem deveria dar o exemplo. Perdemos a confiança, mas não a fé. Se não acreditarmos num futuro melhor, quem poderá?

No entanto, meu Senhor, como conseguirei ensinar esta criança a sonhar?”

### ***O Dia da Comunidade***

“O que nos leva a ser tão solidários e procurar sempre uma forma de festejar alguma coisa? São batizados, aniversários, noivados, casamentos e, de vez em quando, rola até um pagode no velório de alguém – é um tal de “gurufim”, como fiquei sabendo.

Se não existe um motivo oficial, procura-se outro. É a vitória no futebol, no samba, enfim, o importante é que a comunidade tenha a oportunidade de exercitar um convívio que é cada vez mais raro lá embaixo, naquele espaço que não nos pertence.

Aqui, tudo é difícil, mas existe sempre uma solução. Se a praia é longe, inventou-se a laje, onde as meninas se bronzeiam com uma formosura digna de Ipanema. Se o clube é distante, o funk arma o batidão em qualquer viela, espalhando o som de suas caixas pelas redondezas. É Anita o dia inteiro... Assim como o cheirinho de churrasco, que invade portas e janelas, trazendo gente de todos os lados.

A comunidade se pertence e acaba virando uma irmandade. E é exatamente isso que eu preciso ensinar a esta criança que carrego aqui dentro: mesmo com todos os revezes que povoam o nosso cotidiano, carregamos uma obrigação – que, assim como o Samba, não se aprende no colégio:

***“Amarás o próximo como a ti mesmo”.***

É por isso, Senhor, que viemos festejar: *Na paz da criança, no amor da mulher, de gente humilde, que pede com fé.*

Senhor, eu sou a Ilha!”

Rio de Janeiro, dezembro de 2019

**Comissão de Carnaval:**

*Coordenador:* Luiz Fernando Ribeiro do Carmo, Laíla

*Carnavalescos:* Fran Sérgio e Cahê Rodrigues

*Membros:* Larissa Pereira, Allan Barbosa, Anderson Neto e Felipe Costa

*Textos:* Cláudio Vieira

## **JUSTIFICATIVA DO ENREDO**

Acostumada a falar a linguagem do povo, a União da Ilha do Governador dedicará o desfile no Carnaval de 2020 a uma reflexão sobre os principais problemas que afetam a sociedade, notadamente a camada mais pobre da população, instalada nas comunidades da periferia – e outras que estão se formando nos espaços públicos, sejam parques, praças e prédios abandonados ou invadidos.

Não se trata de uma questão exclusiva do Rio de Janeiro, pois os problemas enfrentados pelas comunidades cariocas não são diferentes dos que também afetam as de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e de outras grandes cidades onde, teoricamente, parques industriais poderiam sinalizar como esperança de trabalho e sobrevivência para milhões de brasileiros.

Paralelamente a um desfile que se propõe a registrar um esquecimento cada vez maior dos compromissos assumidos pelo Estado (no mais amplo sentido da palavra) diante de obrigações básicas, a União da Ilha do Governador convida o público a fazer um passeio pelos becos, ruas e vielas dessas comunidades.

Apesar de as encruzilhadas concentrarem problemas comuns a toda a sociedade, é ali na comunidade que os reflexos são mais nítidos e impactantes.

Mesmo assim, essa brava gente aprendeu a superá-los de forma exemplar, através da solidariedade, da amizade, da força de vontade, determinação e de um contagiante mutirão de amor, capaz de superar os efeitos devastadores de um temporal; dos mais diferentes tipos de confrontos; e dos impactos causados pela impiedosa desigualdade social deflagrada por um sistema econômico.

Apesar de tantos pesares, essa gente, a nossa gente, a brava gente brasileira aprendeu a ser feliz. É capaz de transformar pequenos momentos de alegria em grandes eventos, que descem a ladeira, invadem a cidade e abraçam o mundo com a euforia de um intenso Carnaval.

Se a comunidade tanto fez pela União da Ilha do Governador, chegou o momento de a Escola retribuir, e fazer um pouco por ela.

Estamos juntos!

# **ROTEIRO DO DESFILE**

## **ABERTURA** **NAS ENCRUZILHADAS DA VIDA**

**Comissão de Frente**  
**“A MAGIA DA EDUCAÇÃO”**

Elemento Cenográfico da Comissão de Frente  
**“MÃE”**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Phelipe Lemos e Dandara Ventapane**  
**“SEU ZÉ” E MARIA**

14 Guardiões do  
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
**A FALANGE DO “SEU ZÉ”**

## **1º SETOR** **ENTRE BECOS, RUAS E VIELAS**

Ala 01 – Crianças  
**“PATOTA DO MORRO”**

Ala 02 – Baianas  
**“LAVADEIRAS”**

Ala 03 – Conselho Deliberativo  
**“ASSOCIAÇÃO DE MORADORES”**

Ala 04 – Velha Guarda  
**“ANTIGOS MORADORES”**

**Alegoria 01 – Abre-Alas**  
**“ENTRE BECOS, RUAS E VIELAS”**

**2º SETOR**  
**A SORTE ESTÁ LANÇADA**

Ala 05 – Beleza Pura (Comunidade)  
“LIXEIRO”

Ala 06 – Sorriso e Alegria (Comunidade)  
“VENDEDOR DE EMBALAGENS”

Ala 07 – Fênix da Ilha (Comunidade)  
“VENDEDOR DE MANTIMENTOS”

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
**Rodrigo França e Winnie Lopes**  
**FEIRA-LIVRE**

Ala 08 – Teatralizada (Comunidade)  
“VENDEDOR DE GALINHAS”

Ala 09 – União (Comunidade)  
“VENDEDOR DE CARNE DE PORCO”

**Alegoria 02**  
**“... E VAI TRABALHAR”**

Ala 10 – Guerreiros da Ilha (Comunidade)  
“PASSADEIRA”

Ala 11 – Teatralizada (Comunidade)  
“AGUADEIRA”

Ala 12 – Melodia (Comunidade)  
“OPERÁRIO E DIARISTA”

**Alegoria 03**  
**“OPERÁRIOS EM CONSTRUÇÃO”**

**3º SETOR**  
**SALVE-SE QUEM PUDER!**

Ala 13 – Batuke de Batom (Comunidade)  
“MÉDICO”

Ala 14 – Teatralizada (Comunidade)  
“PROFESSORA”

Ala 15 – Passistas  
“ESTUDANTES”

Rainha de Bateria  
Gracyanne Barbosa  
“GRITO DE PAZ”

Ala 16 – Bateria  
“ALUNOS E PROFESSORES

Ala 17 – Loucos pela Ilha (Comunidade)  
“POLICIAL”

Ala 18 – Teatralizada/ Passo-Marcado  
(Comunidade)  
“ESFARRAPADOS”

**Alegoria 04**  
**“REFLEXOS DA VIDA PRIVADA”**

**4º SETOR**  
**TERRA DE DEUS-DARÁ**

Ala 19 – Águias da Ilha (Comunidade)  
“CATADOR DE LATINHAS”

Ala 20 – INSULANA (Comunidade)  
“CAMELÔ”

Ala 21 – Teatralizada (Comunidade)  
“MORADORES DE RUA”

Destaque de Chão  
Cris Moreno  
“NOITE”

Elemento Cenográfico 01  
“OS FILHOS DA RUA”

Destaque de Chão  
Joany Macias  
“DIA”

Ala 22 – Sou Mais Minha Ilha  
(Comunidade)  
“SUCATEIRO”

Ala 23 – Magia da Ilha / Teatralizada  
(Comunidade)  
“HOMEM DO LIXÃO”

Destaque de Chão  
Lúcia Tina  
“GANÂNCIA”

**Alegoria 05**  
**“DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS”**

**5º SETOR**  
**O DIA DA COMUNIDADE**

Ala 24 – Sambatuke (Comunidade)  
“DEUSA DO LAR”

Ala 25 – Empolgação da Ilha (Comunidade)  
“VIZINHA FALADEIRA”

Ala 26 – Falcão da Ilha (Comunidade)  
“CHUVEIRÃO”

Ala 27 – Lua (Comunidade)  
“CHURRASQUEIRO”



Alas 28 e 29 – Angels da Ilha 2 e Sol  
(Comunidade)  
“A PRAIA É NOSSA”  
(Masculino e Feminino)

Ala 30 – Angels da Ilha 1 (Comunidade)  
“POPOZUDA”

Ala 31 – Teatralizada (Comunidade)  
“BATIDÃO”

Elemento Cenográfico 02  
“EU SOU A ILHA!”

Ala 32 – Teatralizada (Comunidade)  
“COMUNIDADES”

Ala 33 – Compositores  
“EU SOU O SAMBA”

Ala 34 – Prata da Casa  
“PRATA DA CASA”

Destaque de Chão  
Giovanna Vinhaes / Gracielle Braco Chaveirinho  
e Juliana Souza  
“RAINHAS DO FUNK”

**Alegoria 06**  
**“A NOSSA RIQUEZA É SER FELIZ”**


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Laíla (concepção) / Fran Sérgio e Cahê Rodrigues (criação e execução)		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p><b>Abre-Alas</b></p> <p><b>ENTRE BECOS, RUAS E VIELAS</b></p>  <p>Carro-Acoplado</p>  <p>Detalhe</p>	<p>O abre-alas é composto de três módulos acoplados. Os dois últimos formam a diversidade de uma grande favela, <b>com toda a pluralidade de cenas</b>, como se vista de cima; o módulo inicial é o detalhe do interior de uma moradia, mostrando a singularidade da vida em qualquer um desses lares.</p> <p>As casas formam um mosaico orgânico, construído com as possibilidades de cada um e as sobras conseguidas: tijolos, pisos, porcelanatos, mármore, tintas, etc. Os espaços internos formam um labirinto, cujo traçado os moradores conhecem como a palma da mão. É por ali que se deslocam vendedores dos mais diversos produtos, que vão de roupas a pomadas milagrosas, que curam cãibras e reumatismos.</p> <p>Na base da favela agrupam-se o comércio, prestadores de serviços e mototáxis que fazem o transporte a qualquer ponto da comunidade.</p> <p>Por sobre o emaranhado de fios e a <i>gataria</i> que também inclui a TV a cabo, sobrevoam estridentes helicópteros. O que eles estão fazendo ali?</p> <p>São Jorge, quase tocando o ponto mais alto do morro, protege toda aquela gente, que roga por dias melhores.</p> <p><i>Destaque central frontal – Carro 1-A:</i> Cristiano Moratto (Mototáxi);</p> <p><i>Destaque central superior- Carro 1-A:</i> Leandro Fonseca (Teleférico)</p> <p><i>Destaque central superior Carro 1-B:</i> Fran Sérgio (São Jorge)</p> <p><i>Composições:</i> Representam personagens presentes no dia a dia da favela, tais como vendedores, religiosos, prestadores de serviços, meninos soltando pipa, entre outros.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Laíla (concepção) / Fran Sérgio e Cahê Rodrigues (criação e execução)		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p><b>“... E VAI TRABALHAR”</b></p> 	<p><i>De quem desperta, pra viver a mesma ilusão E vai trabalhar Antes do sol levantar de novo...</i></p> <p>Antes de o dia nascer, eles fazem o sinal da cruz e deixam suas casas a caminho do trabalho. O gesto pode parecer mecânico mas, em cada um deles o sentimento é o mesmo: o pedido de proteção para que nada lhes aconteça a caminho do trabalho, no próprio trabalho – seja o risco de acidentes ou de uma demissão – e na volta para casa.</p> <p>Toda essa angústia, quase sempre, é vivida no interior de um ônibus, onde trabalhadores se espremem e assim, em total desconforto, permanecem “enlatados” como sardinhas, em engarrafamentos que estrangulam o trânsito nas principais vias da cidade. É assim que começa e termina o seu dia, quando regressam a seus lares, extenuados, deprimidos, mas juntando os cacos para conseguir acreditar no amanhã, quando terão de enfrentar a mesma rotina.</p> <p>E, no meio do caminho, seja na ida ou na volta, tudo pode acontecer... Seja o que Deus quiser!</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b>		
Laíla (concepção) / Fran Sérgio e Cahê Rodrigues (criação e execução)		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
03	<p><b>OPERÁRIOS EM CONSTRUÇÃO</b></p> 	<p>Fomos buscar na poesia de Vinícius de Moraes (<i>Operário em Construção</i>, 1959) o nome que batiza o contexto do segundo carro.</p> <p><i>“Era ele que erguia casas/ Onde antes só havia chão./ Como um pássaro sem asas/ Ele subia com as casas/ Que lhe brotavam da mão./ Mas tudo desconhecia/ De sua grande missão: / Não sabia, por exemplo/ Que a casa de um homem é um templo/ Um templo sem religião/ Como tampouco sabia/ Que a casa que ele fazia/ Sendo a sua liberdade/ Era a sua escravidão”</i></p> <p>Apesar de todas as mazelas que encontra na comunidade onde vive, o operário ainda acredita que o Gigante Adormecido levante do “berço esplêndido” e se transforme no País que todos sonhamos. Participam de sua reconstrução a cada momento, a cada projeto, a cada governo. A esperança se renova a cada geração, embora os trens, ônibus e BRTs, sempre lotados, mostram que o descaso com esses trabalhadores continua o mesmo. Estão sempre pendurados: em andaimes, guias, guindastes, escoras e dívidas, arriscando a vida de todas as formas.</p> <p><i>Destaque central:</i> Alexandre Gonçalves (Operário)</p> <p><i>Composições:</i> Representam os trabalhadores braçais, sejam operários, domésticas e todas as pessoas que, além de encarar o batente, precisam enfrentar trens e ônibus lotados em busca do pão nosso de cada dia.</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Laíla (concepção) / Fran Sérgio e Cahê Rodrigues (criação e execução)		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>REFLEXOS DA VIDA PRIVADA</b></p> 	<p>Se uma imagem vale por mil palavras, a do terceiro carro dispensa comentários. É uma forma metafórica de mostrar a situação em que o País se encontra, depois de tantas promessas não cumpridas, tantas tramoias, escândalos, golpes, falcaturas e qualquer outro substantivo que represente um ciclo interminável de mentiras oficiais.</p> <p>Em versos, esta pirâmide abjeta pode ser traduzida assim:</p> <p><i>“Eu sei o seu discurso oportunista/ É a ganância, hipocrisia/ O seu abraço é minha dor, seu doutor...”</i></p> <p>A parte posterior da alegoria é revestida com armas de grosso calibre e granadas, simbolizando o poder de quem manda ou pretende mandar no pedaço. Nessa disputa, as obrigações com a educação e a saúde, entre outras, ficam em segundo plano e, quase sempre, são varridas para debaixo do tapete. Mas, aqui, elas defendem a PAZ. Chegou o momento de reverter este quadro, investindo em programas sociais, voltados para a juventude, em especial. <b>Precisamos mostrar que o AMOR é a nossa arma!</b></p> <p>À frente do carro, em destaque, estão aqueles que sofrem o reflexo imediato dessa ganância: os pobrecoitados que nunca usaram <i>black-tie</i>, mergulhados no calvário da sarjeta social.</p> <p><i>Destaque central / baixo:</i> Augusto Mello (Médico)</p> <p><i>Destaque / alto:</i> Elionor Vilela (Professora)</p> <p><i>Composições:</i> Neste carro temos políticos milionários e magnatas, além de professores, estudantes, médicos, enfermeiras, pacientes, policiais e as classes menos favorecidas que sofrem com o descaso nos setores de saúde, educação e segurança.</p>


**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b>		
Laíla (concepção) / Fran Sérgio e Cahê Rodrigues (criação e execução)		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
*	<p><b>Elemento Cenográfico 01</b></p> <p><b>OS FILHOS DA RUA</b></p> 	<p>Eles estão por toda parte: nas praças, nos parques, sob as marquises, nas estações ferroviárias, em prédios abandonados ou invadidos; de preferência próximos a uma igreja ou organização de assistência social que distribua comida aos desamparados. À medida que o desemprego aumenta, a população de rua também cresce, arrastando consigo doenças, fome e a falta de esperança. E ali mesmo, no desabrigo, nascem outras gerações, perpetuando o flagelo, que se alastra.</p>
05	<p><b>DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS</b></p> 	<p>A balança da justiça social oscila a favor dos poderosos. Eles é que determinam como deve ser o “equilíbrio” entre ricos e pobres. Talvez por isso, essa nova Justiça, com os olhos vendados, ainda não consiga enxergar o caminho para a igualdade social. Serpentes, a personificação da ganância, se apoderaram da espada, impedindo qualquer ação enérgica que possa reparar os direitos dos prejudicados. E onde estão eles? Permanecem esquecidos nos porões do tumbeiro, no calabouço da sociedade, penalizados nas situações mais corriqueiras do cotidiano, que os distanciam daqueles que ainda se dão ao luxo de jogar comida no lixo.</p> <p><i>Destaque central/baixo:</i> Rodrigo Reinad (O Lixo e o Luxo)</p> <p><i>Destaque central/alto:</i> Marilda Lafitte (Rainha do Lixão)</p> <p><i>Composições:</i> Num dos pratos da balança temos os ricos ostentando a fortuna (jogadores de golfe, tênis, madames fazendo compras, fazendeiros, magnatas, etc.) e no outro prato, quem não tem onde dormir e o que comer.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b>		
Laíla (concepção) / Fran Sérgio e Cahê Rodrigues (criação e execução)		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
*	<p><b>Elemento Cenográfico 02</b></p> <p><b>“EU SOU A ILHA!”</b></p> 	<p>Com o seu brasão, a União da Ilha do Governador saúda e chancela a mensagem de solidariedade a todas as comunidades do País.</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b>		
Laíla (concepção) / Fran Sérgio e Cahê Rodrigues (criação e execução)		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
06	<p><b>A NOSSA RIQUEZA É SER FELIZ</b></p> 	<p>Apesar de todos os enfrentamentos de seu penoso dia-a-dia, a comunidade também tem o direito de desfrutar da alegria, – e disso ela não abre mão. Afinal, hoje é o seu dia!</p> <p>Aquela mesma favela observada de cima, durante o sobrevoos dos helicópteros, agora é vista por dentro, na sua intimidade.</p> <p>No alto das lajes acontecem as mais diferentes festas e confraternizações: batizados, casamentos, aniversários, e outras que não precisam de um bom motivo senão matar as saudades de velhos amigos. Tem churrasco, angu, feijoada, peixada, rabada, sirizada ou macarronada, sempre com cervejas estupidamente geladas! Rolam pagode, partido ou batidão.</p> <p>Quem quer driblar o calor toma banho de chuveirão, ou então de mangueira, para depois pegar um bronze. Ninguém precisa ir à praia; e piscina pode ser a inflável mesmo. Tem lugar para todo mundo.</p> <p>A grande alegria de nossa gente é quando chega o Carnaval e a hora de dar o recado. Na parte posterior da alegoria, esculturas de sambistas homenageiam os foliões da Ilha. E cá pra nós, espelho meu: será que na Avenida há alguém mais feliz que eu?</p> <p><i>Destaque central/ alto:</i> Naldo Ilha (Boy da Laje)</p> <p><i>Composições:</i> Personagens em festa e lazer: funkeiros, sambistas, aniversariantes, torcedores de futebol, marombeiros, pessoas pegando sol na laje...</p> <p><b>OBS.: O brasão da União da Ilha, que aparece à frente do desenho desta alegoria, saiu. Vem mais à frente, como Elemento Cenográfico 02.</b></p>



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
Cristiano Moratto Leandro Fonseca Fran Sérgio Alexandre Gonçalves Rodrigo Marilda Lafitte Naldo Ilha	Designer de Moda Empresário Carnavalesco Professor Cabelereiro Empresária Modelo
<b>Local do Barracão</b> Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Galpão nº. 02 – Gamboa – Rio de Janeiro	
<b>Diretor Responsável pelo Barracão</b> Luiz Carlos Riente	
<b>Ferreiro Chefe de Equipe</b> Jhow	<b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b> Washington Castelinho
<b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b> Max Muller e Bonan	<b>Pintor Chefe de Equipe</b> Cassio Murilo (Alegorias: 01; 03; 05 e Elemento Cenográfico da Comissão de Frente) Algles (Alegorias 02 e 04)
<b>Eletricista Chefe de Equipe</b> Fuka	<b>Mecânico Chefe de Equipe</b> Deco
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Jan Oliveira	- Direção cênica e coreográfica de todas as Alegorias
Adriano	- Adrecista de Alegorias (01, 05 e Elemento Cenográfico da Comissão de Frente)
Anderson Dourado	- Adrecista de Alegorias (02, 03, 04 e Elementos Cenográficos 01 e 02)
Claudinho Guerreiro	- Comprador / Ateliê de composições
Edu Chagas	- Diretor de Atelier e Almoxarifado
Claudinho Sousa	- Laminação e reprodução de fibra de vidro
Batista	- Hidráulicos
Chiquinho	- Trabalhos em espuma
André Fuentes	- Efeitos especiais
Moisés	- Almoxarifado
Magrão	- Empastelação e emasse
Cristiano Morato	- Coordenação de destaques
Adson (Mega) e Algles	- Movimentos Manuais / Esculturas com Movimentos
Chibata	- Portaria
Silvio, Dudu e Terrinha	- Serviços Gerais
Guilherme	- Brigadista
Renata e Paulo	- Cozinha

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Outros Profissionais e Respectivas Funções**



**Informações Complementares:**

Diretores, componentes e funcionários das oficinas de alegorias, escultura e ateliê de costura foram instruídos a trazer para o barracão objetos, móveis, utensílios, roupas, cortinas e quaisquer elementos descartados, que pudessem ser aproveitados na confecção de alegorias e fantasias de alas ou composições. Apesar do caráter lúdico do espetáculo, a intenção era fazer com que os cenários desta opereta popular se aproximassem da realidade.

Além de necessário, em virtude dos tempos difíceis, o reaproveitamento de ferragens, madeiras, tintas, tecidos, isopor e materiais de decoração caiu como uma luva para a proposta de criação. Assim como uma favela de verdade, a estética das nossas variava a cada momento, com a chegada de novos elementos.

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
01	<b>Patota do Morro</b> 	<p>São sete figurinos, vestindo crianças de idades e tamanhos diferentes, misturando trabalho e lazer. Ali estão o engraxate, o vendedor de balas, a florista, a pequena lavadeira, a menina que ensaia com a boneca a responsabilidade de cuidar de um irmão menor, a colecionadora de bolsas achadas no lixo e o menino que solta pipas. É o dia-a-dia das crianças da comunidade. Alguns são irmãos; outros primos; e a maioria amigos dos filhos da narradora da história.</p>	Ala das Crianças (1984)	Tânia e Ayrir Madalena
02	<b>Lavadeiras</b> 	<p><i>Sabão, um pedacinho assim... / Olha a água, um pinguinho assim.../ O tanque, um tanquinho assim.../ A roupa um tantão assim.../ Para lavar a roupa da minha Sinhá ... / Para lavar a roupa da minha Sinhá...</i></p> <p><i>O Lamento das Lavadeiras</i> (Monsueto, Nilo Chagas e João Violão), lembra o sacrifício destas senhoras que descem e sobem o morro, diariamente, levando e trazendo trouxas de roupas de seus patrões para serem lavadas no tanque, em troca de um dinheirinho que ajudará no orçamento da família. São mães de jovens mães, como a narradora do enredo, e avós zelosas da criançada. A fantasia é uma das mais artesanais do conjunto, com roupas penduradas num pequeno varal, ao redor da saia; o pano da costa foi produzido com roupas amassadas; na cabeça, uma bacia de peças a serem lavadas. Representam a força da mulher na comunidade.</p>	Ala das Baianas (1953)	Tias Bené e Marinalda

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p><b>Associação de Moradores</b></p> 	<p>Os membros do Conselho representam diretores, associados e líderes que chamam para si a responsabilidade de lutarem pelas causas da comunidade.</p>	<p>Conselho Deliberativo (1953)</p>	<p>Luiz Bruno</p>
04	<p><b>Antigos Moradores</b></p> 	<p>Completando a Grande Família da Comunidade estão aqueles que foram os primeiros a construir casas na localidade. Tornaram-se guardiões das tradições do lugar e conselheiros em situações cuja a solução dependa de sabedoria e experiência.</p>	<p>Velha Guarda (1953)</p>	<p>AJurema</p>
05	<p><b>Lixeiro</b></p> 	<p>É o responsável pela coleta de detritos nas caçambas instaladas em pontos estratégicos da comunidade. Faz um trabalho permanente de esclarecimento, aconselhando moradores a não jogarem lixo nas encostas, evitando riscos de desabamentos e focos de doenças. Usam uniforme com olhos de gato, para serem vistos por motoristas durante a noite. Carregam detritos no costeiro.</p>	<p>Beleza Pura (Comunidade) 2014</p>	<p>Maria Lúcia e Ricardo Firmino</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
06	<b>Vendedor de Embalagens</b> 	Sua presença era muito comum nos anos 50 e 60, mas foi desaparecendo à medida que a atividade caiu em desuso e a própria indústria passou a fornecer produtos já embalados.	Sorriso e Alegria (Comunidade) (2013) Estandarte de Ouro 2016	Marinete, Heloísa e Henrique
07	<b>Vendedor de Mantimentos</b> 	É uma das atividades mais antigas na comunidade. O ambulante vende de tudo, os produtos é que foram mudando com o passar do tempo. Transportavam o material em um cesto, habilmente equilibrado na cabeça; hoje usam aramados que são muito mais práticos. O importante é que têm sempre o que a dona de casa precisa, evitando que a freguesa desça o morro para fazer compras.	Fênix da Ilha (Comunidade) (2013)	Valdir, Cristina e Edmilson
08	<b>Vendedor de Galinhas</b> 	Como a carne vermelha sempre foi artigo de luxo para o pobre, o jeito era comprar galinhas, vendidas na porta de casa – uma prática que também chegou ao fim, pois hoje os frangos são comercializados já abatidos e congelados, nos supermercados. A figura lembra os vendedores pintados por Debret, no século 19: aves penduradas numa haste de madeira e o vendedor exibindo uma gaiola na mão.	Teatralizada (Comunidade) (2019)	Marcelo

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**


Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p><b>Vendedor de Carne de Porco</b></p> 	<p>Outra atividade que era comum nas comunidades, mas caiu em desuso – não por falta de compradores, mas pelo rigor da fiscalização sanitária. Moradores mantinham chiqueiros no quintal de casa e, no final de semana, matabam crias para vender carne a peso, de porta em porta. Era o almoço de domingo.</p>	<p>União (Comunidade) 2019</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
10	<p><b>Passadeira</b></p> 	<p>Se umas lavam, outras passam e assim foram crescendo a freguesia e a produtividade das trabalhadoras da comunidade. As roupas passadas – e algumas engomadas até – mereciam um transporte cuidadoso, evitando que as peças amassassem no caminho. As próprias patroas acabaram entendendo que a melhor solução seria permitir que o trabalho fosse feito em sua residência mesmo, acrescentando o valor das passagens na diária da passadeira.</p>	<p>Guerreiros da Ilha (Comunidade) 2014</p>	<p>Dudu e Wagner</p>
11	<p><b>Aguadeira</b></p> 	<p>Não bastava ser forte. Naquele tempo, quando as comunidades ainda não tinham abastecimento de água, era preciso habilidade e equilíbrio para transportar latas de 20 kg na cabeça, desde a base do morro, para transportá-lo até o alto da favela. Lá em cima, vendiam a água a lavadeiras e a donas de casa que precisavam fazer comida ou dar banho nos filhos. Algumas, como a portelense Maria Lata D'Água, tornaram-se famosas, até.</p>	<p>Teatralizada (Comunidade)  (2019)</p>	<p>Jan Oliveira</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)</b> Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
12	<p><b>Operário e Diarista</b></p>  <p>A fantasia de Operário e Diarista mostra dois personagens. O homem à esquerda veste um uniforme azul e branco com uma mochila de ferramentas. A mulher à direita veste um uniforme amarelo e branco com uma bolsa de limpeza. Ambos carregam ferramentas e equipamentos de segurança.</p>	<p>Eles sempre formaram a massa de trabalhadores da comunidade, aqueles que saem de casa com o céu ainda escuro, enfrentam transportes lentos e lotados, e só retornam para casa no final da noite, completamente extenuados. Eles são a força braçal da construção civil e elas, a força doméstica, poupando as patroas do serviço pesado. Ambos carregam no costeiro o arsenal de ferramentas usadas no dia-a-dia (em espuma, para não pesar). Ele usa equipamento de prevenção a acidentes, e ela luvas por causa do manuseio de produtos corrosivos. Ambos trabalham de uniformes.</p>	<p>Melodia (Comunidade) (2004)</p>	<p>Ana Paula e Eduardo</p>
13	<p><b>Médico</b></p>  <p>A fantasia de Médico mostra um personagem vestindo um jaleco branco com manchas de sangue e um estetoscópio ao redor do pescoço. O jaleco também possui um traçado que simboliza batimentos cardíacos.</p>	<p>A fantasia em frangalhos é uma metáfora às atuais condições dos profissionais de saúde da rede pública, sobre os quais, injustamente, pesa a responsabilidade pela falta de atendimento à população. Mesmo com salários atrasados, muitos deles são obrigados a tirar do próprio bolso os recursos para a compra de medicamentos que salvam vidas. O uniforme é confeccionado em oxford, o jaleco é feito com estampas que simbolizam manchas de sangue e o traçado dos batimentos cardíacos. Seringas e estetoscópios complementam o figurino.</p>	<p>Batuke de Batom (Comunidade) (2013)</p>	<p>Cátia e Marcos</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues



**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p><b>Professora</b></p> 	<p>É muito triste ver as condições de trabalho que as professoras da rede pública enfrentam, atualmente. Algumas são humilhadas, ofendidas e agredidas pelos próprios alunos, como vemos no noticiário, de vez em quando. Além de ganharem muito mal, e atravessarem áreas de risco para chegar ao local de trabalho, estas profissionais precisam ter muito amor ao ofício para suportarem tantas adversidades e falta de apoio. Usa jaleco com estampas manuscritas. Materiais escolares aparecem no costeiro e aplicados à roupa.</p>	<p>Teatralizada (Comunidade)  (2019)</p>	<p>Jan Oliveira</p>
15	<p><b>Estudantes</b></p> 	<p>Dão início ao quadro do Grupo Escolar formado pelo contexto da Bateria, gerando um clima de alegria e jovialidade à entrada da Escola, enquanto não toca a sineta, recrutando os alunos para o início das aulas.</p>	<p>Passistas (1953)</p>	<p>Andréa e Victor</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b>				
Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<p><b>Grito de Paz</b></p> 	Em meio ao caos urbano, em pleno “Salve-se quem puder!”, a nossa Rainha propõe uma trégua e representa a voz do povo, em busca de dias melhores, onde a Paz reine absoluta.	Rainha de Bateria	Gracyanne Barbosa
16	<p><b>Alunos e Professores</b></p> 	Aqui estão concentrados os personagens do Grupo Escolar: professores, e estudantes, com uniformes estilizados da rede pública, personificando a massa de jovens brasileiros que aguardam o prometido apoio do Poder Público: ensino e alimentação de boa qualidade, esportes e orientação profissional para construir um futuro digno. Na mochila de cada um a mensagem de PAZ.	Bateria (1953)  Estandarte de Ouro (1978, 1981, 1985, 1989 e 2017)	Mestres Keko e Marcelo Santos




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p><b>Policial</b></p> 	<p>Está dividido entre o Bem e o Mal, como é visto pela opinião pública. Para uns, são os guardiões da escola, dos professores, alunos e demais cidadãos que por ali transitam; para outros, são os responsáveis pelas balas perdidas que atingem inocentes. O uniforme tem marcas de tiros e traz no costeiro asas de anjo e dragão (personificando o Mal), a dualidade que o caracteriza.</p>	<p>Loucas pela Ilha (Comunidade)  (1996)  Estandarte de Ouro</p>	<p>Luiz Carlos e Cíntia</p>
18	<p><b>Esfarrapados</b></p> 	<p>Enquanto poucos gozam de regalias e fartura, são muitos os que nada têm, tentando apenas sobreviver. Perderam tudo: emprego, patrimônio, família e a dignidade. Mas sonham com uma nova chance.</p>	<p>Teatralizada / Passo Marcado (Comunidade)  (1998)</p>	<p>Sandra, Ricardo e Gracimar</p>
19	<p><b>Catador de Latinhas</b></p> 	<p>Passa o dia inteiro revirando caçambas e sacos de lixo em busca de latinhas de alumínio para revendê-las. O pouco que consegue quase não dá para custear as refeições. Mesmo assim, ele percorrer quilômetros, dia e noite, procurando latinhas</p>	<p>Águias da Ilha (Comunidade)  (2013)</p>	<p>Carla Cristina, Bianca e Leo</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<b>Camelô</b> 	Vende de tudo e nunca foi tão ambulante como agora. Quando não ocupa um ponto fixo, pede carona nos ônibus para tentar vender os seus artigos aos passageiros. Trabalha dia e noite, principalmente se encontrar um bom evento, com grande presença de público.	Insulana (Comunidade) 2019	Direção de Carnaval
21	<b>Moradores de Rua</b> 	As calçadas são o seu lar. Recolhem roupas atiradas no lixo e, alguns, com bom gosto, fazem combinações interessantes de cores, tecidos e padronagens – o que acabou inspirando os estilistas a criarem a moda <i>Homeless</i> (Mendigos). São figuras marcantes nas grandes cidades, apesar de na maioria das vezes tornarem-se “invisíveis” entre becos, ruas e vielas.	Teatralizada (Comunidade)  (2019)	Jan Oliveira
*	<b>Noite</b> 	Com a sua chegada, grupos se formam nas calçadas e nas praças, montando camas com papelões e cobertores. Cobrem-se dos pés à cabeça para não serem reconhecidos quando dormem.	Destaque de Chão (2019)	Cris Moreno

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Dia</b></p> 	<p>É hora de recolher tudo e sair pelas ruas, perambulando, perambulando... à cata de comida.</p>	<p>Destaque de Chão (2019)</p>	<p>Joany Macias</p>
22	<p><b>Sucateiro</b></p> 	<p>São os sobreviventes do lixão. Recolhem fios, objetos de metais e tudo que possa ser revendido ao ferro-velho, onde conseguem dinheiro para o sustento. Sucata é o que não tem valor econômico mas pode ser reaproveitado para outra finalidade.</p>	<p>Sou Mais Minha Ilha (Comunidade) (2006)</p>	<p>Rosa e Rosivaldo</p>
23	<p><b>Homem do Lixão</b></p> 	<p>Tenta encontrar no lixo produtos que garantam a sua sobrevivência: uns para serem vendidos, outros para serem ingeridos. Fantasia feita com base de tecido e customizada com sacos de lixo. Em suas roupas, plásticos misturam-se a tecidos.</p>	<p>Teatralizada / Magia da Ilha (Comunidade) (2019)</p>	<p>Carla</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
*	<b>Ganância</b> 	Ela quer sempre mais. Nunca está satisfeita com o que tem. E não se importa com os que nada possuem.	Destaque de Chão (2019)	Lúcia Tina
24	<b>Deusa do Lar</b> 	Inspirada em <i>Devi Parvati</i> , a deusa do hinduísmo que usa os múltiplos braços para caçar demônios, a dona de casa também precisa se multiplicar para dar conta de todos os recados: lava, passa, cozinha, arruma a casa, cuida dos filhos e do marido, e ainda consegue um tempinho para trabalhar fora. É uma guerreira. Apesar de todas as responsabilidades tem o espírito alegre e festeiro.	Sambatuke (Comunidade)  (2009)	Ruth, Renata e Simone
25	<b>Vizinha Faladeira</b> 	O nome da fantasia homenageia uma das mais antigas Escolas de Samba do Rio de Janeiro e uma das mais antigas plantonistas da comunidade: a fofoqueira. Se antes ela vivia do disse-me-disse, agora tem todo um suporte tecnológico: câmeras por todos os lados, gravadores e um celular possante, conectado com as mídias sociais, via wi-fi. O hobe (ou robe, como queiram) e os bobes no cabelo denunciam que a informante autônoma largou o que estava fazendo para se inteirar do que estava acontecendo.	Empolgação da Ilha (Comunidade)  (2015)  Estandarte de Ouro 2016	Leila, Michelle e Sirlei



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p><b>Chuveirão</b></p> 	<p>Se houvesse o oitavo dia da Criação, certamente Deus construiria a laje, o Paraíso da Comunidade. É onde parentes, amigos e vizinhos se reúnem para as mais diversas comemorações. E é onde também o morador resolve enfrentar o calor, tomando um banho de chuveirão ou de mangueira – o que acaba gerando um monte de fotos comprometedoras no Face.</p>	<p>Falcão da Ilha (Comunidade)  (2001)</p>	<p>Ellen, Domênica e Leandro</p>
27	<p><b>Churrasqueiro</b></p> 	<p>No final de semana o cheirinho de carnes na brasa varre toda a comunidade, em todas as direções, nos mais diferentes horários. As biroskas do lugar vendem os estoques de linguiça, carne de frango, carvão e cerveja – a picanha é comprada na promoção do supermercado. Quase todo chefe de família se transforma num churrasqueiro em potencial e quase todos tem uma forma especial para amaciar a carne. Churrasco chama pagode, batuque, cantoria e festa que entra pela noite, com a chegada de vizinhos que estavam em outros churrascos. E na hora em que todos se vão, firma-se um novo compromisso: amanhã será o enterro dos ossos!</p>	<p>Lua (Comunidade)  (2019)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
28	<b>A Praia é Nossa (Masculino)</b> 	Se houvesse o oitavo dia da Criação, certamente Deus construiria a laje, o Paraíso da Comunidade. É onde parentes, amigos e vizinhos se reúnem para as mais diversas comemorações. E é onde também o morador resolve enfrentar o calor, tomando um banho de chuveirão ou de mangueira – o que acaba gerando um monte de fotos comprometedoras no Face.	Angels da Ilha 2 (Comunidade) (2018)	Rebeca Rolszt e Aline
29	<b>A Praia é Nossa (Feminino)</b> 	Se houvesse o oitavo dia da Criação, certamente Deus construiria a laje, o Paraíso da Comunidade. É onde parentes, amigos e vizinhos se reúnem para as mais diversas comemorações. E é onde também o morador resolve enfrentar o calor, tomando um banho de chuveirão ou de mangueira – o que acaba gerando um monte de fotos comprometedoras no Face.	Sol (Comunidade) (2019)	Direção de Carnaval
30	<b>Popozuda</b> 	Consegue ser mais extravagante ainda. Suas roupas colantes revelam cada detalhe do corpo, principalmente aqueles que faz questão de provar que não precisam de silicone. Os paetês são estratégicos, camaleônicos, e mudam de cor na hora certa. Esbanja o espírito festeiro, alegria e muita sensualidade. Em outras palavras, faz o gênero “Anita”.	Angels da Ilha 1 (Comunidade) (2018)	Rebeca Rolszt e Aline



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues




**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
31	<p><b>Batidão</b></p> 	<p>Com o seu jeitinho extravagante de ser, o funkeiro é reconhecido à distância, não apenas pelo equipamento exótico, que reúne caixas de som, amplificadores e <i>headphones</i>, mas também pelos acessórios – cordões, pulseiras, relógio, etc. – e, principalmente, pelos detalhes cintilantes de sua roupa. Em outras palavras, faz o gênero “cheguei”.</p>	<p>Teatralizada (Comunidade)  (2019)</p>	<p>Jan Oliveira</p>
32	<p><b>Comunidades</b></p> 	<p>Com esta fantasia a União da Ilha estará homenageando a todas as comunidades do País, aqui representadas numa arquitetura singular, com os casebres descendo pelas encostas dos ombros e sendo abraçados pelas cores de nossa Escola.</p>	<p>Teatralizada (Comunidade)  (2019)</p>	<p>Jan Oliveira</p>



**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Criador(es) das Fantasia (Figuristas)</b> Laíla, Fran Sérgio e Cahê Rodrigues				
<b>DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS</b>				
<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
33	<b>Eu Sou o Samba</b> 	Os poetas da comunidade são corresponsáveis pela construção do enredo.	Compositores (1953)	Joelson
34	<b>Prata da Casa</b> 	A comunidade veste a melhor roupa para defender a Escola do seu coração na Avenida e ajudá-la a brilhar.	Prata da Casa (2018)	Direção de Carnaval
*	<b>Rainhas do Funk</b> 	Elas trazem as cores, a alegria e a irreverência da União da Ilha do Governador.	Destaques de Chão (2019)	Giovanna Vinhaes, Gracielle Braco Chaveirinho e Juliana Souza

**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadavia Corrêa, nº 60 – Barracão nº. 02 – Gamboa – Rio de Janeiro	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Sonia Santos, Dudé, Tânia Garcia, Rita de Cássia, Reinaldo, Ana Oliveira, Claudinho Guerreiro e Edu Chagas	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Ana Oliveira	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Sonia Santos, Dudé, Tânia Garcia, Rita de Cássia, Reinaldo, Ana Oliveira e Claudinho Guerreiro
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Sonia Santos	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Edna
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
<p>Claudinho Guerreiro - Chefe do Atelier de Composições                  Edmilson - Chefe do Atelier de Fantasia Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira                  Cassio e Savio - Pintura de Arte em Fantasia                  Liliane - Bordados</p>	
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	
<p><b>O CONCEITO DOS FIGURINOS</b>                  O tema não sugere fantasias luxuosas, ricas ou glamorosas. Ao contrário. Para representar a realidade que nos cerca foi necessário trabalhar de forma inversa, buscando texturas opacas, esfarrapadas, principalmente quando os figurinos invadem o quarto setor, ocupado pela população de rua.</p> <p>No entanto, cada um desses figurinos foi concebido de forma original, tentando sempre o melhor efeito, o que resultou numa produção artesanal ao longo da criação de todo o guarda-roupa. Mais uma vez destacamos o quarto setor, onde desenvolvemos uma pesquisa sobre o <i>Homeless</i>, estilo de vanguarda criado a partir do bom-gosto dos moradores de rua. Catando roupas no lixo, combinando cores e texturas, eles também criam moda, adotada por consumidores de alto poder aquisitivo. No Japão e em vários países da Europa o <i>Homeless</i> (ou <i>mendigo</i>, em português) ainda faz sucesso.</p>	
<p><b>AS CORES DO DESFILE</b>                  É importante destacar também a paleta de cores usada do primeiro ao quinto setores, como se fosse um filme que começasse em um período remoto e terminasse nos dias atuais. Foi o que aconteceu. Os primeiros figurinos remontam à infância do idealizador do enredo, Laíla, recordando os tipos que cruzavam as vielas do Morro do Salgueiro, onde nasceu, cresceu e passou boa parte de sua vida. O preto, o branco e o sépia predominam nas primeiras alas. No segundo setor, o azul – em diversos tons – se sobressai. Já no terceiro, vermelho e dourado predominam, aquecendo as críticas sociais. No quarto, as críticas são mais latentes, assumindo as tonalidades do fogo: vermelho, amarelo e laranja. O quinto e último segmento assumem as luzes de uma festa: colorido total, explosivo, metálico, radiante como a comunidade da Ilha do Governador.</p>	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b>		
Márcio André, Márcio André Filho, Daniel Katar, Júlio Alves, Marinho e Rafael Prates		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b>		
Joelson de Souza (Joelson da Ilha)		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b>	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b>
70 (setenta)	Celso Jorge (Jaú) 69 anos	Leandro Pereina 39 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>Senhor, eu sou a Ilha!                  E no meu ventre essa verdade que impera                  Que é invisível entre becos e vielas                  De quem desperta, pra viver a mesma ilusão                  E vai trabalhar                  Antes do sol levantar de novo                  A voz do rancor não cala meu povo, não!                  Sou mãe! Dignidade é meu destino                  Rogo em prece meus meninos                  Ao longe, alguém ouviu                  Meus filhos são filhos dessa mãe gentil</p> <p><b>Inocentes, culpados, são todos irmãos                  Esse nó na garganta, vou desabafar                  O chumbo trocado, o lenço na mão                  Nessa terra de deus-dará...</b></p> <p>Eu sei o discurso oportunista                  É a ganância, hipocrisia                  O seu abraço é minha dor, seu doutor                  Eu sei que todo mal que vem do homem                  Traz a miséria e causa fome                  Será justiça de quem esperou                  O morro vem pro asfalto e dessa vez                  Esquece a tristeza agora...                  É hoje, o dia da comunidade                  Um novo amanhã, num canto de liberdade</p> <p><b>A nossa riqueza é ser feliz                  Por todos os cantos do País                  Na paz da criança, o amor da mulher                  De gente humilde que pede com fé</b></p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**AO PÉ DA LETRA**

Para nos auxiliar na interpretação dos versos recorreremos ao compositor Márcio André, indicado por seus parceiros como líder do grupo. Ele revela como os compositores foram criando o samba, explicando o enfoque de determinados trechos.

*“A letra do samba foi feita na primeira pessoa do singular. É uma jovem mãe, negra, grávida, residente da favela, preocupada com o que o destino reserva para o seu bebê. É ela quem está falando, do primeiro ao último verso.”*

**Senhor, eu sou a Ilha!**

*“Ela está conversando com Deus...”*

**E no meu ventre essa verdade que impera  
Que é invisível entre becos e vielas**

*“Ela teme as incertezas do futuro, pois não existem hospitais, escolas e vagas no mercado de trabalho. O que ela poderá prometer a esta criança?”*

**De quem desperta, pra viver a mesma ilusão  
E vai trabalhar  
Antes do sol levantar de novo**

*“Apesar das incertezas, o pobre continua acreditando num futuro melhor. Faz o sinal da cruz e desce o morro, antes mesmo de o sol nascer. Enfrenta transportes lotados, come na marmita e volta tarde da noite, já se preparando para um novo dia de batente.”*

**A voz do rancor não cala meu povo, não!**

*“Mas o pobre cansou de ficar calado. Resolveu falar.”*

**Sou mãe! Dignidade é meu destino  
Rogo em prece meus meninos  
Ao longe, alguém ouviu  
Meus filhos são filhos dessa mãe gentil**

*“Afim de contas, mesmo sendo pobres eles têm o mesmo direito de outros cidadãos que vivem em situação muito mais confortável. O mínimo que esta mulher pode exigir é um futuro digno para os seus filhos. Está na Constituição Federal.”*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Inocentes, culpados, são todos irmãos**

**Esse nó na garganta, vou desabafar**

**O chumbo trocado, o lenço na mão**

**Nessa terra de deus-dará...**

*“A ideia do refrão intermediário é mostrar que, na favela, o próprio destino se encarrega de encaminhar jovens para as suas armadilhas e outros que, heroicamente, conseguem chegar aos bancos da universidade, apesar de tantos revezes. Mas ninguém nasce querendo ir para o lado errado. É a própria vida que faz essa triagem. Mas, no fundo, são todos iguais, filhos de uma mesma comunidade, nascidos numa terra de ninguém.”*

**Eu sei o seu discurso oportunista**

**É a ganância, hipocrisia**

**O seu abraço é minha dor, seu doutor**

*“Eis uma referência à presença de políticos nas comunidades. Antes das eleições, em troca de votos, prometem obras, empregos, etc. Depois somem. E quando reaparecem é no noticiário, protagonizando escândalos com o desvio de recursos que serviriam para executar as tais obras prometidas.”*

**Eu sei que todo mal que vem do homem**

**Traz a miséria e causa fome**

**Será justiça de quem esperou**

*“São esses desmandos que atrapalham a vida de toda a sociedade, pois o dinheiro dos projetos some, deixando os pobres numa situação mais difícil ainda, e a classe média completamente insegura. Todos saem perdendo. Mas o povo continua acreditando em dias melhores. É a sua única alternativa para sobreviver.”*

**O morro vem pro asfalto e dessa vez**

**Esquece a tristeza agora...**

**É hoje, o dia da comunidade**

**Um novo amanhã, num canto de liberdade**

*“Apesar de todos os revezes, o pobre não abre mão do seu direito de ser feliz. Não deve alimentar-se apenas de desilusões. Ao contrário, precisa acreditar em si mesmo, na sua comunidade, e no dia em que todos conseguirão se libertar das injustiças sociais.”*

**A nossa riqueza é ser feliz**

**Por todos os cantos do País**

**Na paz da criança, o amor da mulher**

**De gente humilde que pede com fé**

*“No refrão final, afirma que o único patrimônio do povo é a alegria, seja na comunidade; nas ruas, fazendo um Carnaval; na inocência de uma criança; e na pureza dos sentimentos de uma mulher. Mas, afinal, quem é essa mulher? É a Ilha, ora!”*

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

Segundo Márcio André, depois das reuniões com Laíla e os carnavalescos Fran-Sérgio e Cahê Rodrigues, a parceria concluiu a feitura do samba-enredo em cinco encontros.

Compositores ajudaram a criar o Enredo

Dentro de um novo processo de criação do Enredo, os compositores da União da Ilha do Governador tiveram importância capital para a construção do desfile que será apresentado em 2020.

A partir de uma ideia lançada pelo Diretor Geral de Carnaval, Laíla, seguida de uma troca de opiniões com os carnavalescos e demais integrantes da Comissão de Carnaval, em vez de uma sinopse pré-definida, os compositores tiveram total liberdade para criarem as suas obras, baseados na experiência pessoal com o dia-a-dia da sociedade, principalmente no que diz respeito às comunidades da periferia.

Em vez de palavras grifadas e versos obrigatórios, as recomendações foram trabalhar com sentimento, emoção, e interpretar diferenças e desequilíbrios que permeiam a vida da população de forma geral.

Depois de escolhido na quadra pela comunidade insulana, o samba serviu de matriz para que os carnavalescos concluíssem o projeto de criação de alegorias e figurinos, encaixando-os ao hino que será cantado no “Dia da Comunidade” – como prega a letra –, com a emoção de Ito Melodia.

**FICHA TÉCNICA**

**Bateria**

<b>Diretor Geral de Bateria</b> Mestre Keko Araújo e Marcelo Santos				
<b>Outros Diretores de Bateria</b> Augusto César, Mauricio, Wallace Martins, Marco Russo, Jorge, Marcelão, Janderson, Emerson, Chiclete, Cidicley, Yan, Mumu e Daniella				
<b>Total de Componentes da Bateria</b> 320 (trezentos e vinte) Componentes				
<b>NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS</b>				
<b>1ª Marcação</b> 14	<b>2ª Marcação</b> 15	<b>3ª Marcação</b> 14	<b>Reco-Reco</b> 0	<b>Chiquerê</b> 01
<b>Caixa</b> 90	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b> 16	<b>Repinique</b> 30
<b>Prato</b> 0	<b>Agogô</b> 20	<b>Cuica</b> 28	<b>Pandeiro</b> 16	<b>Chocalho</b> 24
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>				
<p>(*) – Teremos um grupo de pagode formado por 48 ritmistas (16 banjos, 16 tantans e 16 pandeiros). Estes “alunos” não usarão mochilas, para que tenham maior mobilidade quando se deslocarem entre os “colegas”.</p> <p>Os “Mestres virão caracterizados como autênticos Professores. Comandam uma turma seleta, de alunos talentosos, com a missão de alcançar um excelente resultado. Mas apesar de tanta responsabilidade, como acontece com toda a categoria, quando chega no final do mês... <i>O salário, ó!</i></p>				
<b>Fazendo Escola</b>				
<p>A <b>Baterilha</b> – como a crônica carnavalesca apelidou a bateria da União da Ilha do Governador – virá no terceiro segmento de desfile (“Salve-se quem puder”), no momento em que o enredo focaliza o descaso com os profissionais que prestam serviços básicos à população, como os setores de Saúde e Educação, principalmente.</p> <p>A Bateria, coração pulsante da Escola, representa o momento crucial de um desfile que, desde o início, prega que a grande solução para os problemas sociais do País é investir na Educação. Nossos jovens precisam de ocupação sadia, alimentação saudável, praticar esportes e merecem ensino de alto nível para que, amanhã, tornem-se cidadãos honrados e grandes profissionais, ajudando a formar outros como eles.</p> <p>Como podemos ver no depoimento dos Mestres Marcelo Santos e Keko Araújo (a seguir), a própria Escolinha de Ritmistas da Ilha é um exemplo da força de vontade de uma comunidade, revelando e burilando talentos da percussão, descobertos nos bairros da periferia insulana. Os próprios mestres são exemplos da importância social e cultural de uma Escola de Samba.</p> <p>Mestres, diretores auxiliares e cabrochas – assim como os passistas – estão inseridos no quadro do ensino público. Usam uniformes estilizados e apresentam marcas produzidas por balas perdidas – um triste símbolo da realidade que cerca as nossas escolas, onde alunos, professores e funcionários vivem em permanente situação de risco. Assim como na temática abordada pela Comissão de Frente, os tambores da Ilha rufam por um novo tempo, de cidadania, respeito e amor ao próximo.</p>				

## FICHA TÉCNICA

### Bateria

#### **Outras informações julgadas necessárias**

**RAINHA DE BATERIA – GRACYANNE BARBOSA – FANTASIA: UM GRITO DE PAZ** – Em meio ao caos urbano, em pleno “Salve-se quem puder!”, a nossa Rainha propõe uma trégua e representa a voz do povo, em busca de dias melhores, onde a Paz reine absoluta.

#### **Criar da Comunidade**

##### **Mestre Keko Araújo**

Sua história no samba começou aos 12 anos, quando resolveu fazer um teste na Escolinha de Ritmistas da União da Ilha. Foi aprovado e passou a integrar o grupo seletivo de ritmistas da Agremiação, comandado pelo famoso Mestre Paulão, a quem deve o seu aprendizado. Teve a oportunidade de ser o primeiro repique da Escola, gravar diversos CDs de sambas-de-enredo e fazer muitos shows pelo Brasil.

Inconformado com o fim da "Escolinha de Ritmistas", insistiu junto à direção da Ilha para dar continuidade ao Projeto. Afinal, era uma prova viva das oportunidades que ali surgiam. Além de ser ritmista da União da Ilha Keko também assumiu o papel de instrutor da Escolinha, com a missão de descobrir novos talentos na comunidade insulana. Um desses valores também acabou sendo promovido a primeiro repique e hoje faz parte da Comissão de Diretores da Bateria: Wallace Martins, o Bigode, de quem o mestre se orgulha.

##### **Mestre Marcelo Santos**

A infância do Mestre Marcelo Santos foi toda na Ilha do Governador. O amor pelo carnaval foi passado de geração para geração. Primeiro, seu avô fez parte da Agremiação; em seguida, o seu pai, Antônio Tinico, tornou-se diretor de bateria por muitos anos. Desde pequeno Marcelo frequentava os ensaios de bateria, e aos 15 anos participou do seu primeiro desfile na Marquês de Sapucaí.

Cria da casa, Marcelo completará em 2020, 17 anos na bateria da Agremiação Insulana, onde recebeu ao longo desse tempo os ensinamentos dos Mestres Riquinho (que o colocou pela primeira vez como diretor de bateria) e do consagrado mestre Ciça, a quem considera um divisor de águas em sua carreira. Após a saída de Mestre Ciça, Marcelo foi efetivado como um dos Mestres de Bateria da União da Ilha, ao lado de Keko Araújo.



**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Luiz Fernando Ribeiro do Carmo (**Laíla**)

**Outros Diretores de Harmonia**

Alberto, Aline, Andrea, Anna Paula, Ana Carolina, Aidyr, Augusto, Bianca, Bruno, Carla, Carla Soares, Cátia Coelho, Carlinhos, Carlos Eduardo, Carlos Henrique, Cíntia Coimbra, Claudia, Claudemir, Domênica, Dudu, Edmilson, Ellen, Fabiana Percília, Fabinho, Fernando, Garrincha, Geraldo, Gracimar, Guaraci, Heloísa, Henrique, J.Carlos, Jano, José Maria, Junior, Katia Marina, Léo, Leila Oliveira, Lucas, Luís Carlos, Marcela, Marcelo, Marcos, Marco Antônio, Maria Lúcia, Mario, Maura, Michelle, Nancy, Nem, Nívea, Paulo César, Renata, Renata Ricardo, Ricardo Firmino, Ruth, Rodrigo, Rosivaldo, Sandra, Shirley, Silvana, Tânia, Vítor, Wagner, Wânia Magalhães, Ênio, Binho, Helinho, Cleyton, Arerê e Gutemberg.

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

73 (setenta e três) diretores

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Intérprete Oficial: **Ito Melodia**

**Auxiliares:** Marquinho do Banjo, Nando Pessoa, Flávio Martins, Roger Linhares e Doum Guerreiro.

**Vozes de apoio:** Apresentaremos um coral composto por 70 vozes femininas, junto ao carro de som.

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Violão de Sete Cordas – Rodrigo

Cavaco – Neno Martins e Cesinha (Pique Novo)

**Outras informações julgadas necessárias**

**LAÍLA,**

**Mestre de Harmonia**

Caprichoso, preciosista, detalhista, etc. São vários os adjetivos que se encaixam ao trabalho que Laíla vem desenvolvendo no Carnaval Carioca há mais de meio século, passando por todos os setores de uma Escola de Samba. E agora mostra todo o seu conhecimento na União da ilha do Governador.

O próprio Laíla confessa que o seu grande sonho era tornar-se um mestre-sala. Foi. Depois passou pelos vários instrumentos da bateria. De posse do segredo de cada peça, resolveu dar um passo adiante, ingressando na Ala de Compositores. Aprendeu a compor, cantar, tocar, sambar e dançar e, lá pelas tantas, quando os cabelos brancos começaram a aparecer, resolveu ensinar.

Tornou-se um mestre, um guardião atento e exigente dos fundamentos e tradições do Samba. E não há quem o convença do contrário: afirma que o principal defensor do trabalho de uma Escola de Samba é o samba-enredo.

## FICHA TÉCNICA

### Harmonia

#### Outras informações julgadas necessárias

Ouve todos os concorrentes com o mesmo carinho. Depois, filtra a sua atenção para os que reúnem condições de chegar na Avenida. Escolhido o vencedor, assume para si uma nova responsabilidade: o de transformar o samba-enredo numa sinfonia popular. Analisa cada acorde, ajusta passagens, cria situações impactantes com a autoridade de um maestro. Depois, ensaia exaustivamente o intérprete e o coro que irá apoiá-lo. Por fim, ensaia o coro de toda Escola – solfejando a melodia, afinando a voz.

Não tenham dúvida. Laíla só sairá da Avenida sorrindo com a certeza de que a Harmonia tenha funcionado maravilhosamente bem, fazendo com que o Samba-Enredo apresente o melhor rendimento possível. Será o seu maior orgulho. E o nosso também.

#### **ITO MELODIA,** **que intérprete... Caramba!**

*Acraílton Forde*, mais conhecido como **Ito Melodia** é um dos intérpretes mais queridos pelo público da Marquês de Sapucaí. Não há quem não reconheça o carisma e o talento desse grande intérprete.

Filho de Aroldo Melodia, intérprete da Ilha por 36 anos e de quem herdou o grito de guerra “Segura a Marimba!”. Ito é conhecido pelo público pela excelente performance, - dizem que ele “incorpora” quando está atuando nos palcos. Não tem quem fique parado com a garra e a energia desse grande talento, quando solta a voz..."Caramba"!

Começou a frequentar a quadra e as rodas de samba na União da Ilha ainda criança, acompanhando o pai. Em 1992, Ito começou a ser preparado para substituir Aroldo. Em 1996, foi alçado à condição de intérprete principal da União da Ilha, dividindo o cargo com o pai para cantar o samba-enredo “A Viagem da Pintada Encantada”. No ano seguinte, já com Aroldo aposentado, Ito foi o protagonista, conduzindo a Escola com o Samba “Cidade Maravilhosa – O Sonho de Pereira Passos”.

Ito Melodia consolida sua carreira e sua identidade ano a ano, na sua Escola do coração e se consagra como a identidade, da União da Ilha do Governador.

- Vencedor de cinco Estandartes de Ouro: 2002, 2010, 2011, 2016 e 2017
- Tamborim de Ouro: 2011 e 2015<sup>[1]</sup><sub>SEP</sub>
- Samba-Net: 2014<sup>[1]</sup><sub>SEP</sub>
- Estrela do Carnaval: 2013

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Luís Fernando Ribeiro do Carmo (Laíla) – também Diretor Geral de Carnaval e Harmonia

**Outros Diretores de Evolução**

Alberto, Aline, Andrea, Anna Paula, Ana Carolina, Aidyr, Augusto, Bianca, Bruno, Carla, Carla Soares, Cátia Coelho, Carlinhos, Carlos Eduardo, Carlos Henrique, Cíntia Coimbra, Claudia, Claudemir, Domênica, Dudu, Edmilson, Ellen, Fabiana Percília, Fabinho, Fernando, Garrincha, Geraldo, Gracimar, Guaraci, Heloísa, Henrique, J.Carlos, Jano, José Maria, Junior, Katia Marina, Léo, Leila Oliveira, Lucas, Luís Carlos, Marcela, Marcelo, Marcos, Marco Antônio, Maria Lúcia, Mario, Maura, Michelle, Nancy, Nem, Nívea, Paulo César, Renata, Renata Ricardo, Ricardo Firmino, Ruth, Rodrigo, Rosivaldo, Sandra, Shirley, Silvana, Tânia, Vítor, Wagner, Wânia Magalhães, Ênio, Binho, Helinho, Cleyton, Arerê e Gutemberg.

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

73 (setenta e três) diretores

**Principais Passistas Femininos**

Anna Lívia Gomes de Oliveira

**Principais Passistas Masculinos**

Pedro Henrique dos Santos

**Outras informações julgadas necessárias**

OBS.: Como estão integradas no mesmo bloco, as informações sobre o Setor onde desfilam e o contexto de fantasias dos Passistas, foram inseridas no quesito **Bateria**

**LAÍLA,**

**Mestre de Evolução**

Não basta o samba-enredo ser bem cantado, com desenvoltura, afinado, no tom. Para que o desfile seja vibrante é necessário que cada componente libere toda a sua energia e espontaneidade, fazendo com que a Escola flua, aguerrida, passando para o público a emoção que traz consigo desde os ensaios na quadra.

Apesar da liberação dos sentimentos de cada um, o mestre recomenda que haja um equilíbrio de ações de acordo com o momento do samba e a performance da bateria. Mais que um desfile, o somatório das participações individuais se consolida como espetáculo. Este é o objetivo. Não faltaram ensaios, troca de opiniões e a participação decisiva da comunidade, que contará a sua própria história na Avenida.

Aliás, hoje é o Dia dela. A Avenida é dela. Boa sorte, União da Ilha!

**FICHA TÉCNICA****Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Marcelo Vinhaes		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Luís Fernando Ribeiro do Carmo (Laíla)		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> -		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> Tânia Lúcia Garcia Soares		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> 80 (oitenta)	<b>Quantidade de Meninas</b> 45 (Quarenta e cinco)	<b>Quantidade de Meninos</b> 35 (trinta e cinco)
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> -		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 70 (Setenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Dona Helena 82 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Priscila Pereira 40 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Jurema de Castro		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 65 (sessenta e cinco)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Humberto Giglio 85 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Marcos Antônio Silveira 53 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> D'Black, Nadja Pessoa, Patrícia Leite (Ex BBB).e o ator Vandrê Silveira, que representará um político, no Carro nº 03 (Reflexos da Vida Privada).		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  <p><b>Laíla</b> (Diretor Geral de Carnaval, Harmonia e Evolução) é respeitado pelo amplo conhecimento de todos os segmentos de uma Escola de Samba. Natural do <u>Morro do Salgueiro</u>, na <u>Tijuca</u>, onde cresceu e aprendeu tudo o que sabe de Carnaval. Lá ele fundou uma das primeiras escolas mirins chamada "Unidos da Ladeira", onde se destacou e foi chamado para fazer parte da escola <u>Salgueiro</u>, exercendo o cargo de diretor de harmonia até 1975. Conquistou sete títulos pela agremiação, quando <u>Aniz Abraão David</u>, o Anísio, o contratou, juntamente com <u>Joãozinho Trinta</u>, para reforçar a <u>Beija-Flor</u> de Nilópolis que, até então, era uma Escola sem grandes resultados no <i>Grupo Especial</i>.</p> <p>Ao lado de Joãozinho, Laíla realizou carnavais históricos na Escola de Nilópolis. Também atuou com Renato Lage na Unidos da Tijuca. Passou pela Vila Isabel e pela Grande Rio, retornando a Nilópolis, onde ficaria mais 23 anos. Depois do Carnaval 2018, Laíla deixou a <u>Beija-Flor</u>, e retornou a <u>Unidos da Tijuca</u> para o carnaval de 2019. Para o Carnaval de 2020, após a saída da Tijuca, assumiu a direção de Carnaval da Ilha.</p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Responsável pela Comissão de Frente**

Leandro Azevedo

**Coreógrafo(a) e Diretor(a)**

Leandro Azevedo \*

*Assistentes:*

Carla Martins, Bruno Barreto, Suelen Gonçalves, Aline Dinelli, Thamara Barroso e Jan Oliveira.

<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b>	<b>Componentes Femininos</b>	<b>Componentes Masculinos</b>
14 (quatorze)	10 (dez)	04 (quatro)

**Outras informações julgadas necessárias**

**“A Magia da Educação”**

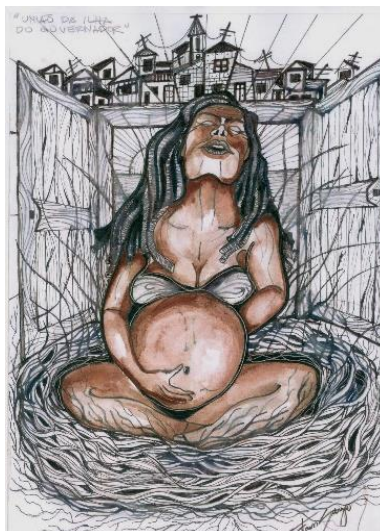
**Aos nossos mestres, com carinho**

*Abertura*

“Nas Encruzilhadas da Vida”

**I – SÍNTESE CONTEXTUAL**

O elemento cenográfico simboliza a jovem mãe grávida, que vê sua filha sair pela rua, juntando-se a outras crianças, nas encruzilhadas da vida. O que o futuro reserva para essas criaturas? Sabemos que a Educação é fundamental para que esses jovens tenham uma formação saudável e encontrem um caminho digno na sociedade. Somente a Educação poderá dar um novo destino à juventude e, conseqüentemente, ao País. Exemplos como o de Carolina Maria de Jesus\* - mulher negra, favelada, que sobrevivia da cata de material reciclável, e se transformou numa grande escritora - mostram que é possível mudar essa dura realidade. Basta acreditar e querer.



## FICHA TÉCNICA

### Comissão de Frente

#### Outras informações julgadas necessárias

#### II – MOMENTOS CENOGRÁFICOS

##### 1 - Marginalização Social

Quando um lar desmorona, a criança de comunidade tende a encontrar na rua um meio de sobrevivência. Passa a viver sem orientação e em território livre, onde impera a violência.

##### 2 - Ainda existe esperança?

Sim! Essas crianças também são filhas da Pátria Mãe Gentil, que tem o dever de acolhê-las e orientá-las para um futuro digno, através da Educação de qualidade e acessível a todos. O Brasil depende delas para sonhar com um futuro melhor. Os professores e profissionais de Educação merecem todo o apoio, pois são eles que podem ajudar a modificar a vida dos menos favorecidos, dando-lhes um novo alento, e construir uma sociedade saudável.

A União da Ilha do Governador faz uma reflexão em forma de oração: **Só a Educação pode nos salvar!** Através de nossa arte, apelamos à esperança de um futuro digno para as crianças brasileiras. Trazemos uma mensagem de solidariedade e apoio aos professores que trabalham incansavelmente, dedicando suas vidas a esta nobre causa.

#### III – COMPOSIÇÃO E PERSONAGENS

- a) Participam do momento inicial da performance 13 crianças (4 meninos e 9 meninas) bailarinas do projeto social do Centro de Dança Rio. Interpretam crianças maltrapilhas, os filhos da rua,
- b) A caminho da Escola, a criança se depara com a realidade das ruas. Pede ajuda à sua mãe - uma mulher que, como Carolina de Jesus, acreditava no futuro e no Brasil.
- c) No momento final da performance, atuam 14 bailarinos adultos (4 homens e 10 mulheres). Personificam profissionais que trazem em sua indumentária e em suas almas registros da obra de Carolina de Jesus. Graças a dedicados professores, esses jovens idealistas conseguiram romper as amarras de um quadro social de negação da cidadania, tornando-se exemplos de que é possível construir um Futuro de Esperança para a Comunidade. Completamente novo.
- d) Representando a escritora **Carolina de Jesus**, simbolizando a figura materna, destacamos a atriz, escritora e roteirista **Kenia Maria** (integrante da ONU Mulheres Brasil, Defensora dos Direitos das Mulheres Negras).
- e) Composto os integrantes da Comissão de Frente, apresentamos 10 professores de notoriedade, homenageando todos os mestres do Brasil.

\* **Carolina Maria de Jesus** - (Sacramento, MG, 14 de março de 1914 — São Paulo, 13 de fevereiro de 1977) foi uma escritora brasileira, conhecida por seu livro "*Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*" publicado em 1960. Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do País. A autora viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, sustentando a si mesma e seus três filhos como catadora de papéis. Em 1958, tem seu diário publicado sob o nome *Quarto de Despejo*, com auxílio do jornalista Audálio Dantas. O livro fez um enorme sucesso e chegou a ser traduzido para 14 idiomas. Carolina de Jesus era também compositora e poetisa. Sua obra permanece objeto de diversos estudos, tanto no Brasil quanto no exterior.

**FICHA TÉCNICA**

**Comissão de Frente**

**Outras informações julgadas necessárias**

Coreógrafo: **Leandro Azevedo** \*

*Assistentes: Carla Martins, Bruno Barreto, Suelen Gonçalves, Jan Oliveira, Aline Dinelli e  
Thamara Barroso.*

**\* Perfil do Coreógrafo**

A União da Ilha do Governador terá novamente Leandro Azevedo como coreógrafo da Comissão de Frente para o desfile de 2020.

- 1 - Nascido e criado na Ilha do Governador, Leandro é coreógrafo, bailarino, ator e professor de dança, com graduação superior em Educação Física pela Universidade Estácio de Sá - RJ.
- 2 - Trabalha no Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro, em cursos de formação avançada, além de ser responsável pela banca examinadora para obtenção do DRT – Documento de Registro Técnico em dança.
- 3 - Esteve em Pequim, nas Olimpíadas de 2008, integrando a equipe de dança que representou o Brasil.
- 4 - Atuou, como professor, por diversas vezes, no quadro "Dança dos Famosos" da TV Globo, sagrando-se campeão, em 2006, com a atriz Juliana Didone e bicampeão, em 2013, com a atriz Carol Castro.
- 5 - Realizou a direção de movimento do filme Pixinguinha e coreografou cenas de novelas da Rede Globo de TV, entre elas Tempo de Amar.
- 6 - Esteve, por mais de seis anos, à frente da direção artística de alas coreografadas da União da Ilha do Governador.
- 7 - Em 2018, foi coreógrafo da Comissão de Frente da G.R.E.S. Alegria da Zona Sul.
- 8 - Em 2019 assumiu, no Grupo Especial, o comando da Comissão de Frente da União da Ilha, recebendo o prêmio Gato de Prata de melhor Comissão de Frente daquele ano.

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Phelipe Lemos	<b>Idade</b> 30 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Dandara Ventapane	<b>Idade</b> 28 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Rodrigo França	<b>Idade</b> 32 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Winnie Lopes	<b>Idade</b> 29 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

1º CASAL

“Seu Zé” e Maria

Abertura

*Nas Encruzilhadas da Vida*

Entre becos, ruas e vielas descem os "donos" da morro.

Mas a verdade é que no giro e no riscado dessa dança todos se misturam e formam a ILHA!

O primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da União da Ilha do governador inicia o seu bailado mostrando a verdadeira identidade de nosso pavilhão, dando à Porta-Bandeira a missão maior de transmitir um sentido maternal, guardando em seu ventre os caminhos que levam o homem a buscar a sua fé e entender o seu destino.

Protegida e observada pelo Senhor das Vias, seu mestre, com ele se entrelaça em um bailado único que, mesmo tradicional, usa de uma licença poética para externar amor, suor, força e vida. O povo é livre, a dança é livre e, neste momento, o morro desce ao asfalto clamando por justiça social - na poesia da dança do casal, ouvimos a voz de quem foi calado.

Ah, “Seu Zé”, seguimos os seus passos e pretendemos cruzá-los com os nossos, abrindo caminhos de paz e alegria, onde a comunidade possa esquecer os dias tão sofridos.

E a ti, Maria\*, fiel companheira de nosso mentor, faz deste momento o *Dia da Comunidade*, bordada na indumentária, trazendo um novo amanhecer para quem despertou de um pesadelo e merece ser feliz.

O dia é agora, pois os detentores do pavilhão insulano atrelados à fé, fazem uma dança de fraternidade, entendendo que até “Seu Doutor” também é filho deste chão, pertence à comunidade e precisa entender que a felicidade foi feita para se dividir.

\* A Porta-Bandeira personifica a comunidade, o morro, a favela, e traz na saia uma singela homenagem a “Maria Navalha”, fiel companheira de “Seu Zé”, guardião das encruzilhadas da vida.



## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias



#### **PHELIPE E DANDARA**

**Phelipe Lemos e Dandara Ventapane** formam um dos mais talentosos casais da nova geração de Mestres-Salas e Porta-Bandeiras. Estão completando, neste ano, cinco carnavais como casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, sendo este será o quarto ano que defenderão o pavilhão da União da Ilha do Governador.

Dandara Ventapane é bailarina por formação, graduada em Dança pela UFRJ. Iniciou no bailado de Porta-Bandeira em 2013, no GRES Unidos de Vila Isabel, como terceira porta-bandeira – a Vila foi campeã naquele ano. Em 2015, ainda na Vila, tornou-se primeira porta bandeira ao lado de Diego Machado. No ano seguinte começou a dançar com Phelipe Lemos, seu atual par.

Phelipe Lemos carrega consigo a arte do bailado, iniciando na função como mestre-sala mirim e não demorou a conquistar o seu lugar. Ganhou visibilidade, também na Unidos de Vila Isabel, e, em seguida, galgou ao posto de primeiro mestre-sala na Imperatriz Leopoldinense. Phelipe é tetracampeão do prêmio Estandarte de Ouro, como Melhor Mestre-Sala do Grupo Especial, nos anos de 2013, 2014, 2016 e 2019.

Juntos, começaram na União da Ilha em 2017, conquistando 39,9 logo em sua estreia. Ganharam o prêmio de melhor Casal do Carnaval, pelo site SRZD em 2016 e 2017 e Tamborim de Ouro em 2017. E, no último carnaval foram premiados com S@mbanet 2019 – Melhor Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira e Estrela do Carnaval 2019 (Site Carnavalesco) – Melhor Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

O tempo de dança juntos, ratifica a palavra da Escola de Samba: UNIÃO. É com esta União que o Casal volta a se apresentar na Marquês de Sapucaí.

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

#### GUARDIÕES DO 1º CASAL

FALANGE DO “SEU ZÉ” (14 integrantes)

Eles guardam os quatro cantos da encruzilhada , para que o “patrão” possa cumprir a sua missão em paz.

#### 2º CASAL

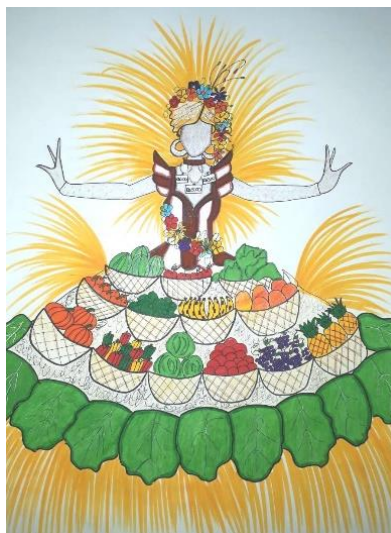
#### **Feira Livre**

#### **A Sorte Está Lançada**

2º Setor

O Segundo Casal representa os feirantes que residem nas comunidades. Saem de casa ainda de madrugada para passar no entreposto e, em seguida, montar a barracquinha com os produtos que serão oferecidos aos consumidores. O preço e a qualidade das mercadorias são fundamentais para manter a preferência da clientela; assim como o jeito amigo, criativo e respeitoso de oferecerem os produtos.

Os dois trazem em suas fantasias motivos que lembram a lona das barracas e a alegria das cores que fazem da feira um ambiente agradável de se desfrutar.



# **G.R.E.S. Portela**

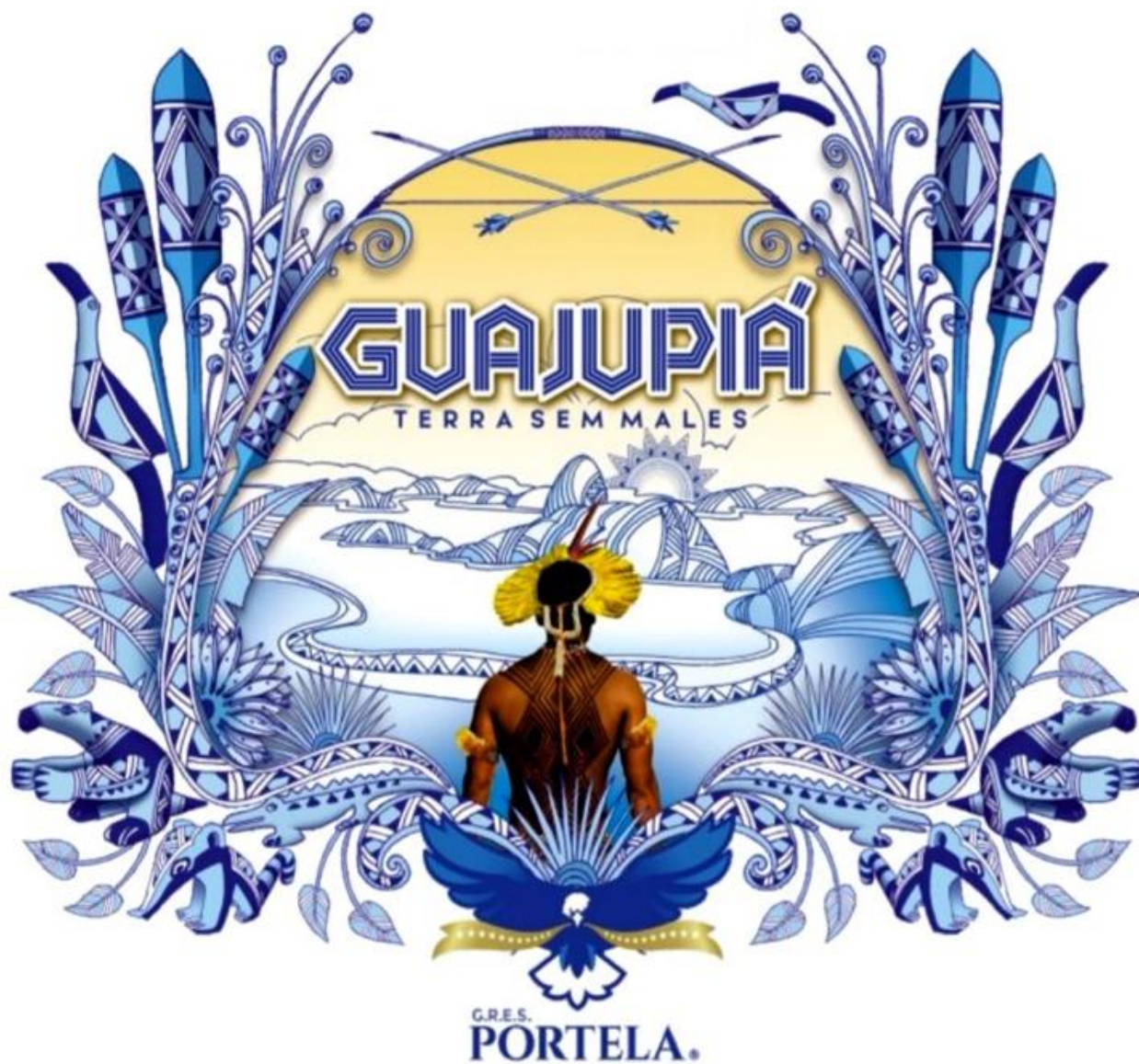


G.R.E.S.  
**PORTELA**®

**PRESIDENTE**  
**LUIS CARLOS MAGALHÃES**



*“Guajupιά, Terra sem males”*



**Carnavalescos**  
**RENATO LAGE E MÁRCIA LAGE**



**FICHA TÉCNICA****Enredo**

<b>Enredo</b> “Guajupιά, Terra sem males”					
<b>Carnavalesco</b> Renato Lage e Márcia Lage					
<b>Autor(es) do Enredo</b> Renato Lage e Márcia Lage					
<b>Autor(es) da Sinopse do Enredo</b> Renato Lage e Márcia Lage					
<b>Elaborador(es) do Roteiro do Desfile</b> Renato Lage e Márcia Lage					
	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
01	Arqueologia da violência	CLASTER, Pierre.	Brasiliense	1982	Todas
02	Hans Staden: Testemunha ocular da utilização da Ornis pelos Tupinambás, século XVI.	CROZARIO, Marco Aurélio.	Atualidades Ornitológicas, 202	2018	Todas
03	A Organização social dos Tupinambás	FERNANDES, Florestan	Difusão Epopeia do livro	1963	Todas
04	A função social da guerra na sociedade Tupinambá	FERNANDES, Florestan	Pioneira	1970	Todas
05	O inimigo em pedaços: Um ensaio de discussão bibliográfica acerca dos Tupi-Guarani	MARCHIORO, Márcio.	Revista Vernáculo, UFPR.	2002	Pg. 20 a 52
06	A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos Tupi-Guarani	METRAUX, Alfred.	Brasiliense	1950	Todas

**FICHA TÉCNICA**

**Enredo**

	<b>Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano da Edição</b>	<b>Páginas Consultadas</b>
07	Meu destino é ser onça	MUSSA, Alberto.	Editora Record	2009	Todas
08	A Sociologia funcionalista de Florestan Fernandes, os Tupinambás e as Novas Guerras	PALÁCIOS JR., Alberto Montoya.	Revista Brasileira de Estudos de Defesa. V. 3	2016	Pg. 53 a 67
09	O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil	RIBEIRO, Darcy.	Companhia das Letras	1995	Todas
10	O Rio antes do Rio	SILVA, Rafael Freitas da.	Babilônia	2014	Todas
11	A invenção de um olhar: Jean de Léry e os Tupinambás	SILVA, Wilton C. L.	UNICAMP	2012	Pg. 71 a 104
12	Duas viagens ao Brasil	STANDEN, Hans.	L&M Pocket	2014	Todas
13	Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi	TIBIRIÇA, Luiz Caldas.	Traço	1997	Todas
14	As abordagens funcionalistas e histórico-materialista na interpretação da religião dos Tupinambás	YAMAUTI, Nilson Nobuaki.	Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 28. Universidade de Maringá	2006	Pg. 99 a 109

**Outras informações julgadas necessárias**

Documentário Guerras do Brasil.doc – episódio 1 (NETFLIX)  
Criação: Luiz Bolognesi



## HISTÓRICO DO ENREDO

Na mitologia dos povos Tupi, Guajupιά pode ser descrito como um paraíso alcançável apenas para os grandes guerreiros. É uma “Terra sem males”, representada no imaginário dos indígenas como um lugar idílico, recoberto de flores e cortado por rios repletos de vida, margeados por uma vegetação exuberante. Seguindo o fluxo migratório que o fizeram ocupar parte significativa do atual litoral brasileiro, os Tupinambás, ao avistarem a baía da Guanabara, com sua água pura abarrotada de peixes e golfinhos, cercada por frondosa mata verdejante em que abundava a fauna, tinham motivos suficientes para agradecer ao Deus Monã. Eles acreditaram ter encontrado, ainda em vida, o bem-aventurado destino das boas e valerosas almas.

Neste carnaval de 2020, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela transforma Madureira, bairro mítico para os sambistas cariocas, na Guajupιά de todos os apaixonados pelo carnaval. Nossa Águia, com a força do “Guirá Guaçu” (grande pássaro) que, em tempos imemoriais, sobrevoava as aldeias indígenas localizadas naquilo que hoje é a cidade do Rio de Janeiro, alça seu voo soberano e resgata a história das malocas que ocupavam entorno da baía da Guanabara, incluindo a famosa aldeia Karióka.

Nesta viagem, é importante termos o Norte de nossa bússola sempre apontada para a relativização cultural, compreendendo as singularidades da organização social dos povos indígena muito anos da chegada dos primeiros europeus, assim como seus hábitos e costumes. É o caso, por exemplo, do ritual antropofágico, uma das características que unia os povos Tupis. Pelo olhar impregnado pelos valores cristãos, é comum enxergarmos atitudes bárbaras e grotescas, mas, observando-o pelo prisma cultural dos nativos, compreendemos tratar-se de um ciclo interminável de vingança, cercada por regras tácitas perfeitamente aceitas. Alimentar-se de um guerreiro inimigo feito prisioneiro, para eles, é uma forma de incorporar a coragem e a vitalidade de seu adversário, que, por sua vez, concebe tal morte como uma honraria destinada aos grandes guerreiros. A Guerra, por sinal, deve ser entendida como algo inerente à própria organização social dos povos Tupinambás. Sem medo de errar, podemos afirmar que “Índio pede paz, mas é de Guerra!”, pois, desde a infância, os meninos aprendiam a manusear o arco e a flecha, contribuindo para a defesa da tribo.

Nos períodos de paz, reunidos no pátio que ocupava o centro da maloca, geralmente em volta da rede, como manda a boa e velha tradição da oralidade, os jovens da aldeia Karióka e grupos vizinhos aprendiam sua mitologia. Não apenas o já citado paraíso terreal, a Guajupιά, mas também seus mitos de origem, em especial a ira do Deus Monã, que fez arder com fogo todos os homens “impuros”, concebendo a Irim-Magé, o único considerado realmente digno, a tarefa de repovoar o mundo. É assim que nasce Maíramuãna, personagem importante para os Tupinambás, que tinha o “poder de transformar” tudo o que quisesse de acordo com sua vontade, incluindo seres humanos.

A vida social dos Tupinambás fervilhava! Também pela boa e velha tradição oral, os jovens da aldeia Karióka aprendiam seus hábitos e costumes. Tudo, desde os arcos e flechas até as cerâmicas, passando pelas pás de remo das canoas, além da utilidade prática, possuíam uma função que era a criação da beleza. Toda família compartilhava este saber passado de geração para geração, remontando a tempos imemoriais. Também no centro da aldeia, na okara, aconteciam as festas, quase sempre regadas com cauim, um tipo de licor alcoólico muito apreciado pelos indígenas. Considerada a “bebida dos Deuses”, estava presente em praticamente todas as cerimônias, sagradas ou profanas, contribuindo para reforçar os laços tribais.

Por fim, destacamos que, entre estes indígenas, o massacre ritual da cabeça era a maior desonra que se poderia fazer a alguém, pois esse ato impediria o espírito de continuar a viagem ao paraíso eterno. Portanto, é justo dizermos que muitos espíritos Tupinambás, mesmo após tantos séculos, permanecem vagando entre nós, observando o mundo que construímos, ou destruímos. Infelizmente, fomos privados da experiência, impedidos de herdar o rico acervo cultural do povo que nos antecedeu, de desfrutarmos da convivência quase simbiótica com o meio ambiente. Como seria nossa história se soubéssemos respeitar a diversidade étnica e cultural? Certamente, teríamos muito a aprender. Os Tupinambás não tinham hierarquia eclesiástica, não tinham patentes, não tinham o peso da classe política. Não tinham partido ou facção, apenas gozavam a liberdade de sua cultura ancestral, em perfeita sintonia e harmonia com a natureza. Muitos espíritos ancestrais permanecem entre nós, mas, devorados pela selva urbana que nos envolve, atiram suas flechas simbólicas contra tudo o que o Rio de Janeiro se transformou, das águas repletas de peixes podres à praga das balas perdidas. Diariamente, nos sufocamos diante de nossas ambições desmedidas, em meio ao concreto da cidade que outrora foi maravilhosa, mas que hoje clama por carinho e amor. Definitivamente, um Rio teve que acabar para que outro pudesse surgir, o que nos faz deixar uma reflexão neste carnaval de 2020: Guajupiá, o que fizemos de ti?

## **Sinopse**

### **Irin-Magé, Pajé do mel, povoador da Terra...**

Todas as bênçãos criadas por Monã (o Deus dos Tupinambás) trariam felicidade e contentamento a todos os seres aqui existentes, menos para o homem. Insurgentes, desprezaram tudo o que generosamente lhes fora dado.

Então veio castigo. O fogo desceu do céu e destruiu tudo sobre a terra. Apenas um homem considerado digno, foi poupado desse castigo. Seu nome era Irin-Magé.

Levado para o céu ele, aos prantos, diz à Monã, que seria difícil viver sem pares nesse imenso vazio. Comovido, Monã reverteu a situação, e fez com que caísse um dilúvio sobre a terra. Dessa água surgiram os oceanos, os rios e tudo frutificou.

Monã então deu a Irin-Magé uma mulher e o mandou de volta à terra para que ele a repovoasse de homens melhores. Dentre os muitos de seus filhos, nasce um em especial que se tornaria o grande guru, o grande karaíba, "o profeta transformador", chamado Maíramûana.

Familiar de Monã, Maíramûana aprendera a arte de transformar tudo o que quisesse de acordo com sua vontade nas mais diversas formas; de animais, pássaros, peixes e para punir os homens podia transformá-los também ao seu bel-prazer.

É esse profeta-guru, dotado de poderes e conhecimentos "sobrenaturais" e misteriosos, quem ensinará todas as práticas sagradas, todos os costumes e regras da organização social das tribos tupinambás.

### **Baía da Guanabara, nosso Guajupιά**

Na beleza do azul sobre o azul, da calma sobre a calma, um curso d'água serpenteia num vale de árvores verdes e frondosas. Em todas as direções a floresta é vívida. Há que se fiar no Sol, a luz é cultivada e tudo deve ser puro.

O rio é o caminho, é sagrado, tem peixe, tem marisco. As aves voam livres, colorindo o céu. Temos tudo ao alcance das mãos, água de beber, de lavar e de se banhar. Vivemos a vida em profunda  
gratidão.

Mas além de pescar e caçar, somos também bravos guerreiros. Só aqueles que enfrentam a morte, sem medo, conseguem encontrar o Guajupιά. Os tupinambás representavam esse paraíso como um lugar idílico, recoberto de flores e regado por um maravilhoso rio, em cujas margens viam-se enormes árvores.

E nenhum lugar poderia ser tão igual ao imaginado Guajupιά eterno do que um Rio de Janeiro ainda virgem.

### **Nasce um Karióka**

Chemembuira rakuritim, chemebuira rakuritim (eu já vou parir, eu já vou parir)

Nasce um tupinambá. Ritos e tradições serão seguidos, para assegurar bons presságios. Unhas de onça e garras de águia, ornarão o berço-rede, para garantir que nada de mal lhe aconteça.

Pai, mãe, filhos, avós, tios, tias, primos e primas, se juntam, está formada a maloca, a casa coletiva da tribo. Cercando o okara (grande quintal) se construía uma taba. Karióka, a lendária taba tupinambá, surge majestosa à esquerda da paradisíaca baía de kûánãpará.

O homem roçava a terra, plantava, fabricava canoas, arcos, flechas, tacapes, adornos de penas multicoloridas. Eram eles os responsáveis pela segurança das tabas. E sua função primordial era a de ensinar a arte da guerra.

Às mulheres eram imputadas as rígidas tradições e responsabilidades tribais, cuidavam da horta, participavam da pesca, fiavam algodão, teciam redes, fitas para amarrar nos cabelos e faixas para amarrar as crianças, trançavam cestos em junco e vime, manuseavam o barro para produzir panelas, vasilhas e potes, e mantinham acesos os dois fogos junto a rede do chefe da família. Eram o sustentáculo para o "esforço de guerra" tão cultivado pelos tupinambás.

Aos mais velhos cabiam repassar oralmente as histórias, o saber, e as orientações do que deveriam fazer, aos ainda jovens, em cada fase de sua vida.

Os tupinambás acreditavam que o homem tinha duas substâncias essenciais: uma eterna e outra transitória e ambas, o corpo e a alma, estavam ligadas.

### **Kaúí, a “bebida dos Deuses”**

Ó vinho, ó bom vinho! Jamais existiu outro igual!  
Ó vinho, ó bom vinho! Vamos beber à vontade.  
Ó vinho, ó bom vinho! Ó bebida que não dá preguiça!

Peguem as canoas! Passem pelas tabas: Yabebira – a aldeia maracanã, a do Peixe Pirá, de Eiraiá – atual Irajá - e sigam em direção a Guirá Guaçu, a aldeia com nome de águia, porque a festa vai começar!

Ao som dos marakás, chocalhos, flautas, tambores, pífanos e apitos, cantamos e dançamos. Tem que ter Kaúí ou Cauim, o licor sagrado que tanto adoramos.

A bebida era feita de raízes e frutos. As propriedades inebriantes do cauim eram feitas pela mastigação, e esse processo era considerado místico. Só mulheres, as mais lindas e puras, podiam participar da fabricação do "vinho". Os tupinambás eram beberrões respeitados e era difícil acompanhá-los. A festa poderia durar vários dias, enquanto houvesse bebida, porque disposição para consumi-la não faltaria.

... E todas as bênçãos criadas por Monã (o Deus dos Tupinambás) trariam felicidade e contentamento a todos os seres aqui existentes, menos para o homem. Insurgentes, desprezaram tudo o que generosamente lhes fora dado. Então veio castigo...

Um Rio teve que acabar para que outro pudesse surgir. Como poderia ter sido se tivéssemos respeitado a diversidade étnico-cultural? Enterrados no esquecimento, perdemos o elo com nossa ancestralidade primal, perderam eles, perdemos nós, absurdamente privados dessa experiência!

## **Guajupιά, o que fizemos de ti?**

Essa coisa do azul sobre o azul  
Da calma sobre a calma  
Às vezes me cansa  
Às vezes me acalma  
Eu paro no sinal vermelho  
Uns pedem dinheiro  
Uns sacam o revólver  
Um outro expõe a própria dor  
Segue o asfalto  
Metálico fluxo  
Saudade é um retrovisor

Há que se fiar no sol  
E cultivar a luz  
Purificar o pus  
Deus

Assisto a vitória do bronco, do bruto  
Do sínico e da servidão  
Segue o espetáculo  
No estádio, na tela  
Parlamentam sobre a escrotidão  
Mas quando a tribo invadir a floresta  
Subindo até o Sumaré  
E deslinkar a torre, o Brasil  
Meu mano então como é que é?

Há que se firmar na terra  
O teto, o viaduto  
Proliferar o fruto  
Deus  
(em memória - letra da música "Palas Superficiais", de Marco Jabu)

"Cavam em busca de uma coisa  
Que se sente estar profunda  
Mas que foge e se esquiva  
Quando chega à superfície  
Uma coisa que está ali  
Numa terra de mistério".  
(Poema de Joaquim Cardozo)

## JUSTIFICATIVA DO ENREDO

### Quadro 1 – Baía da Guanabara, nosso Guajupιά

**“Temos tudo ao alcance das mãos”**

Merecer ir para o Guajupιά era o ideal da vida espiritual de um Tupinambá. Eles acreditavam que apenas as almas dos que valorosamente lutaram contra seus inimigos é que seguiriam em companhia de várias outras “para os lugares deliciosos – os bosques, os jardins”. Na abertura de nosso desfile, a comissão de frente representa a cerimônia antropofágica, um ritual importante por sua abrangência, envolvendo as muitas tribos Tupis num interminável ciclo de vingança. Povo guerreiro, para os Tupinambás era uma honra ser devorado pelo seu rival, um reconhecimento de sua bravura, um caminho para se alcançar a Guajupιά. A essência guerreira dos Tupinambás também é representada pelo grupo Arqueiros, que sucede nosso primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira e seus guardiões, que encena, seguindo a mitologia dos indígenas, o repovoamento da Terra por Irim-magé e sua esposa, homem considerado digno, preservado quando Monã lançou sua ira sobre os seres humanos. Nossa alegoria 01 (abre-alas), “Guajupιά, paraíso terreal”, apresenta a Águia, símbolo máximo de nossa escola, trazendo a exuberante natureza encontrada pelos Tupinambás ao avistarem a baía da Guanabara, com sua flora esplendorosa e a riqueza da fauna. Neste cenário idílico, a beleza se espraiava “entre a floresta e o mar”, fornecendo nas águas a fartura necessária para a sobrevivência dos indígenas.

### Quadro 02 – Aldeia Karióka, vida plena.

**“Na lendária aldeia Karioca, vivia-se em absoluta integralidade com o meio ambiente.”**

De todas os agrupamentos indígenas que habitavam as margens da baía da Guanabara, o mais famoso era a Aldeia Karióka. Ela se localizava onde hoje estão situados os bairros do Flamengo, Laranjeiras, Largo do Machado, Catete e Glória. Era o habitat natural de belas aves, como o Canindé-Louue (araras), cujas penas era utilizada para adorno, e das temidas onças pintadas, a Íagûara. Era uma região de solo fértil, onde, de fato, “em se plantando a Terra acolhe”, banhada por escaldantes raios do sol. Nossa alegoria 02 faz referência a esta aldeia marcante, tão importante que, mesmo séculos após seu desaparecimento, continuou com seu nome incorporado ao gentílico de todos os habitantes da cidade que surgiu em seu lugar. Sem dúvida, o índio é o primeiro carioca!

### Quadro 03 – Okara.

**“A verdadeira função que os índios esperam de tudo que fazem é a beleza. Incidentalmente, suas belas flechas e suas preciosas cerâmicas têm um valor de utilidade. Mas sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e para expressão de sua cultura, é criar beleza”**

**Darcy Ribeiro**

Cada taba Tupinambá era formada por malocas, dispostas ao redor de um grande pátio, um espaço chamado de okara. Era neste local que aconteciam as reuniões dos chefes, os festejos, os preparos de alimentos e os rituais religiosos. Era onde os hábitos e costumes da tribo eram aprendidos e transmitidos, como a arte de fazer cerâmicas, urnas, samburás e as belezas das esculturas entalhadas, além da transformação de elementos do dia a dia, como as pás de remo, em verdadeiras obras de arte. Era o local em que os indígenas dançavam e batiam seus tambores. Nossa alegoria 03, “Maloca”, é uma representação deste espaço de sociabilidade, reunindo a família, núcleo social dos Tupinambás, que incluía pai, mãe, filhos, tios, tias, avós, primos e primas. Em suas rotinas diárias, enquanto uns cantavam, outros faziam a farinha, o vinho e plantavam.

#### **Quadro 04 – Kaúí**

##### **“A bebida dos Deuses”**

Havia uma bebida certa para todas as atividades sociais realizadas na okara. Um líquido sagrado e cerimonial, condição primeira para a realização de eventos comemorativos. O Kaúí, ou cauim, era um tipo de licor alcoólico muito apreciado por toda aldeia, consumido nas mais diversas situações, como o nascimento de uma criança, a puberdade da menina, as cerimônias antes e depois das guerras, os rituais religiosos, o trabalho coletivo na roça, as reuniões dos chefes anciões e em muitas outras festividades, muitas delas embaladas pela contagiante batida do Curimbó e ao som das maracás. O cauim era consumido em tantas oportunidades, seja para contemplar o sagrado ou para vivenciar o profano, que, seguramente, podemos afirmar que esta bebida era algo fundamental para reforçar os laços de solidariedade entre os membros da tribo. Nossa alegoria 04, “A festa Tupinambá”, é uma síntese destes animados encontros.

#### **Quadro 05 – Guajupιά, o que fizemos de ti?**

##### **“Um vale da Morte, o nosso limbo, o limbo de nossos ancestrais”**

Um Rio teve que acabar para que outro pudesse surgir. O espírito dos antigos Tupinambás vaga pela nossa floresta de pedras que brota do cimento, sufocados pelos espigões espelhados que perto do céu tocam as nuvens de fumaça. Assim como nós, eles sofrem com todas as desgraças da cidade que outrora fora maravilhosa, como a poluição das águas e a praga das balas perdidas, cumprindo o enredo de nosso caótico cotidiano. Nossa alegoria 05, “Selva urbana”, fecha o desfile trazendo o Rio de Janeiro que ignora a cultura que nos antecedeu. Enterrados no esquecimento, perdemos o elo com nossa ancestralidade primal. Perderam eles, perdemos nós, absurdamente privados dessa experiência. Os Tupinambás sabiam que, quando a vida ensina e continuamos a errar, o castigo vem de forma impiedosa. Viver no Rio de Janeiro é um ato de resistência, para eles e para nós.

## **ROTEIRO DO DESFILE**

### **1º QUADRO – BAÍA DE GUANABARA, NOSSO GUAJUPIÁ.**

**Comissão de Frente  
HONRA TUPINAMBÁ**

Guardiões de  
Mestre-Sala e  
Porta-Bandeira

**TERRA  
REPOVOADA**

**1º Casal de  
Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Marlon Lamar e Lucinha Nobre  
IRIM-MAGÉ E PURABORA  
(MULHER GRÁVIDA) – OS  
POVOADORES DA TERRA**

Guardiões de  
Mestre-Sala e  
Porta-Bandeira

**TERRA  
REPOVOADA**

**Grupo Arqueiros**

**Alegoria 01  
GUAJUPIÁ, O PARAÍSO TERREAL**

**Ala 01 – Comunidade 01  
ENTRE A FLORESTA E O MAR**

**Ala 02 – Águia na Folia  
KAMURUPY**

**Ala 03 – Comunidade 02  
EXUBERÂNCIA**

**Ala 04 – Baianas  
GUANÂBARÁ**

### **2º QUADRO – ALDEIA KARIÓKA, VIDA PLENA**

**Destaque de Chão  
Jerônimo Patrocínio  
“JERONIÊ O KARAÍBA”**



Ala 05 – Sambart  
CANINDÉ-LOUUE

Ala 06 – Impossíveis  
ÂAGÛARA (ONÇA)

Ala 07 – Mocotó  
O QUE SE PLANTA, A TERRA ACOLHE

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Yuri Souza e Camyllinha Nascimento  
RAIOS DE SOL**

Ala 08 – Comunidade 03  
KÛARA (SOL)

**Alegoria 02  
ALDEIA KARIÓKA**

**3º QUADRO – OKARA**

Ala 09 – Damas  
CERAMISTAS

Ala 10 – Comunidade 04  
URNAS

Ala 11 – Comunidade 05  
TUCANOS ENTALHADOS

Ala 12 – Raízes da Portela  
SAMBURÁ

Ala 13 – Passistas  
DANÇARINOS

Rainha de Bateria  
Bianca Monteiro  
CABOCLA JUREMA

Ala 14 – Bateria  
TAMBORES DA MATA

Ala 15 – Comunidade 06  
REMO

**Alegoria 03  
MALOCA**

**4º QUADRO – KAUI**

Ala 16 – Departamento Feminino e  
Compositores  
TUNHÃBAÉS

Ala 17 – Feijão da Vicentina  
GUIRA GUAÇU – O PAJÉ

Ala 18 – Comunidade 07  
REMAR CONTRA A MARÉ

Ala 19 – Amor e Paz  
CURIMBÓ

Ala 20 – Comunidade 08  
FLAUTISTAS

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira  
Emanuel Lima e Rosilaine Queiroz  
DANÇANDO PARA NÃO CAIR**

Ala 21 – Explode Coração  
BAPO-MARACÁ

Ala 22 – Comunidade 09  
CAUIM

**Alegoria 04  
FESTA TUPINAMBÁ**

**5º QUADRO – GUAJUPIÁ, O QUE FIZEMOS DE TI?**

Ala 23 – Velha-Guarda  
TUPINAMBÁS

Ala 24 – Comunidade 10  
HONRA E GLÓRIA!

Ala 25 – Comunidade 11  
PIRÁ PUBA

Ala 26 – Sambola  
JIBOIA

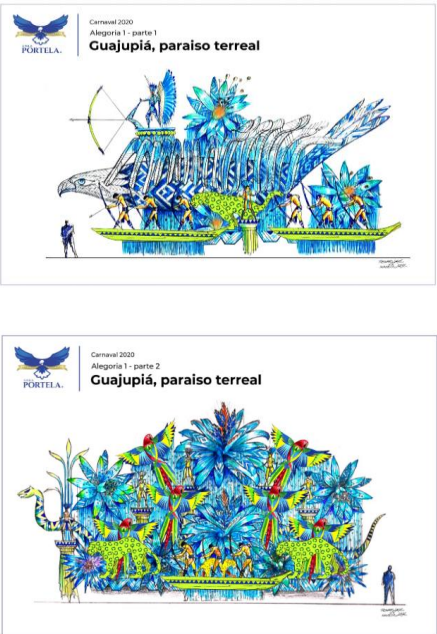
Ala 27 – Comunidade 12  
PRAGA

Ala 28 – Comunidade 13  
METRÓPOLE

**Alegoria 05**  
**A SELVA URBANA**



**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

<b>Criador das Alegorias (Cenógrafo)</b> Renato Lage e Márcia Lage		
<b>Nº</b>	<b>Nome da Alegoria</b>	<b>O que Representa</b>
01	<p style="text-align: center;"><b>GUAJUPIÁ, O PARAÍSO TERREAL</b></p> 	<p>Os tupinambás costumavam representar o paraíso como um lugar idílico, recoberto de flores e regado por rios maravilhosos, margeados por árvores enormes e frondosas. E foi exatamente essa a imagem que viram ao chegar à baía da Guanabara há mais de mil anos antes da chegada dos europeus. Nenhum outro lugar poderia ser tão parecido com o imaginado Guajupia eterno do que as terras abundantes de recursos naturais de um Rio de Janeiro ainda intacto.</p> <p><b>Destaque:</b> Gûyragûa Unaè</p> <p><b>Semidestaques frontais:</b> Sabedoria ancestral</p> <p><b>Semidestaques laterais –</b> Onça pintada</p> <p><b>Composições femininas:</b> Araras</p> <p><b>Composições masculinas:</b> Canoeiros:</p>

**FICHA TÉCNICA****Alegorias****Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Renato Lage e Márcia Lage


Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p style="text-align: center;"><b>ALDEIA KARIÓKA</b></p> 	<p>A taba mais famosa do Brasil passou seu nome para o povo de toda uma cidade. Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. Os tupinambás procuravam áreas próximas do mar e dos rios, privilegiando os locais de boa pesca e de terras férteis para o plantio. Também era importante a qualidade e abundância da caça e das aves, nos bosques circundantes, onde encontravam as penas para seus adornos.</p> <p><b>Destaque direito:</b> Guaraci</p> <p><b>Destaque esquerdo:</b> Jaci</p> <p><b>Semidestaque frontal:</b> Arara azul</p> <p><b>Composições:</b> Sol e Lua</p>
03	<p style="text-align: center;"><b>MALOCA</b></p> 	<p>A unidade social dos tupinambás era a família: pai, mãe, filhos, tios, tias, avós, primos e primas. A reunião de famílias afins formava uma maloca, a casa coletiva da tribo. Geralmente todos os membros de uma mesma taba costumavam agir em conjunto.</p> <p>Na rotina diária uns cantavam, outros faziam a farinha, o vinho e plantavam.</p> <p><b>Destaque Central:</b> Iapiró-Ijúb – “O calvo”</p> <p><b>Destaque lateral direito:</b> A beleza da Terra</p> <p><b>Destaque lateral esquerdo:</b> A beleza da mata</p> <p><b>Semidestaque frontal:</b> A bela arte Tupinambá</p> <p><b>Composições:</b> Cestarias e Cerâmicas</p>

**FICHA TÉCNICA**

**Alegorias**

**Criador das Alegorias (Cenógrafo)**

Renato Lage e Márcia Lage

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p><b>FESTA TUPINAMBÁ</b></p> 	<p>As principais cerimônias de transição social na vida de um tupinambá eram regadas a cauim: o nascimento de uma criança, a puberdade das meninas, as cerimônias do antes e do pós-guerra, os rituais religiosos, o trabalho coletivo na roça e as reuniões dos chefes anciões. Em todos os momentos a bebida estava presente, animando e reforçando os laços tribais.</p> <p><b>Destaque baixo:</b> Festa na aldeia</p> <p><b>Destaque alto:</b> Cauim para festejar</p> <p><b>Composições:</b> Belas e castas</p>
05	<p><b>A SELVA URBANA</b></p> 	<p>Imersos no caos urbano nos encontramos, e são tantas as mazelas nas quais estamos lutando tanto! O Rio de Janeiro, “Cidade Maravilhosa”, o Guajupιά de nossos antepassados, hoje suplica sofregamente por ordem, por carinho e amor, onde encontram-se sepultados sob os concretos e asfaltos, pontes e viadutos, aqueles que um dia reinaram absolutos nesse paraíso perdido.</p> <p><b>Destaque:</b> Anhangá, Deus das regiões infernais.</p> <p><b>Composições -</b> Uruboa</p>

**FICHA TÉCNICA****Alegorias**

<b>Nomes dos Principais Destaques</b>	<b>Respectivas Profissões</b>
<b><u>Alegoria 01</u></b>	
<b>Carlos Reis</b> (Central) Fantasia: <b>Gûyragûa Unaè</b>	Hair Stily
<b>Monarco e Surica</b> (Semidestaques) Fantasia: <b>Sabedoria Ancestral</b>	Músicos
<b>Marcela</b> (Semidestaque Direito) Fantasia: <b>Onça Pintada</b>	Empresária
<b>Juliana Diniz</b> (Semidestaque Esquerdo) Fantasia: <b>Onça Pintada</b>	Cantora
<b><u>Alegoria 02</u></b>	
<b>Nil de Yomonja</b> (Direito) Fantasia: <b>Guaraci</b>	Pai de Santo
<b>Marsília Lopes</b> (Esquerda) Fantasia: <b>Jaci</b>	Aposentada
<b>Shaiene Cezário</b> (Semidestaque Frontal) Fantasia: <b>Arara Azul</b>	Modelo
<b><u>Alegoria 03</u></b>	
<b>Carlos Ribeiro</b> (Central) Fantasia: <b>Iapiró-Ijúb – “O Calvo”</b>	Advogado
<b>Lindalva</b> (Lateral Direito) Fantasia: <b>A Beleza da Terra</b>	Professora
<b>Neide Chaves</b> (Lateral Esquerdo) Fantasia: <b>A Beleza da Mata</b>	Autônoma
<b>Maria Alice Alves</b> (Semidestaque Frontal) Fantasia: <b>A Bela Arte Tupinambá</b>	Veterinária

**FICHA TÉCNICA**




**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><b><u>Alegoria 04</u></b>  <b>Wagner Mendes</b> (Central Baixo)                      Fantasia: <b>Festa na Aldeia</b></p> <p><b>Rogéria Meneguel</b> (Central Alto)                      Fantasia: <b>Cauim para Festejar</b></p> <p><b><u>Alegoria 05</u></b>  <b>Ricardo Guedes</b> (Central Alto)                      Fantasia: <b>Anhangá, Deus das Regiões Infernais</b></p>	<p>Empresário</p> <p>Atriz</p> <p>Empresário</p>
<p><b>Local do Barracão</b>                      Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Galpão 06 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ</p>	
<p><b>Diretor Responsável pelo Barracão</b>                      Higor Machado</p>	
<p><b>Ferreiro Chefe de Equipe</b>                      Romário</p>	<p><b>Carpinteiro Chefe de Equipe</b>                      Fabinho</p>
<p><b>Escultor(a) Chefe de Equipe</b>                      Levi, Gliston e Caprichoso</p>	<p><b>Pintor Chefe de Equipe</b>                      Gilberto</p>
<p><b>Eletricista Chefe de Equipe</b>                      Tom</p>	<p><b>Mecânico Chefe de Equipe</b>                      Cal</p>
<p><b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b></p> <p>Luiz - Borracheiro</p> <p>Mauro - Geradores</p> <p>Nino - Fibra e Empastelação</p> <p>Sandro - Vidraceiro</p> <p>Reginando, Max e Chica - Decoração</p> <p>Francisco - Espuma</p> <p>Carlos Henrique - Placas</p> <p>Serginho - Equipe de Motoristas</p> <p><b>Diretores de Carro:</b> Elisa Fernandes, Val Gomes, Ricardo Costa, Luciano Nery, Fábio Loyo, Elisabeth Sá e Neizinho.</p>	



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>Terra Repovoada</b></p> 	<p>Cumprindo a missão concebida por Monã, Irim-magé e sua esposa repovoam a Terra. O grupo compõe o cenário da apresentação do primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Mayombe Masai</p>
*	<p><b>Arqueiros</b></p> 	<p>Grandes guerreiros, para onde quer que fossem, seja para a floresta ou para os rios e mar, os tupinambás sempre portavam arco e flechas. Tinham um olhar aguçado e muito boa pontaria.</p>	<p>Grupo Arqueiros (2020)</p>	<p>Carlinhos de Jesus</p>
01	<p><b>Entre a Floresta e o Mar</b></p> 	<p>Na paradisíaca baía de Kûânãpará, entre montanhas e vales, encontra-se uma infinidade de vegetações verdes e frondosas. Uma paisagem hipnotizante, um paraíso na terra.</p>	<p>Comunidade 01 (2002)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**



Renato Lage e Márcia Lage

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p><b>Kamurupy</b></p> 	<p>O mais desejado e almejado peixe a ser pescado pelos Tupinambás era grande, com o aspecto de uma sardinha. Ele vivia nos mares quentes tropicais e subtropicais do Oceano Atlântico, especialmente nas águas salobras dos manguezais, na parte dos canais e também sobre as áreas mais rasas cobertas nas marés cheias.</p>	<p>Águia na Folia (1997)</p>	<p>Renato Vasconcelos</p>
03	<p><b>Exuberância</b></p> 	<p>Na medida em que exploravam o território, os tupinambás descobriam as maravilhas da natureza. Em todas as direções predominava a mais pura floresta.</p>	<p>Comunidade 02 (2002)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
04	<p><b>Guanâbará</b></p> 	<p>A palavra Guanabara tem sua origem no tupi guaná-pará, que significa seio-mar. Luiz Caldas Tibiriçá, no seu “Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupí” (1997) afirma que “Gua-nã-bará significa “mar semelhante à baía ou baía-mar”.</p>	<p>Baianas (1932)</p>	<p>Jane Carla</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p><b>“Jeroniê O Karaíba”</b></p> 	<p>Abrindo o quadra da Aldeia Karióka, Jerônimo Patrocínio, um dos maiores artistas de nosso carnaval, é o “Karaíba”, feiticeiro indígena, homem reconhecido por sua inteligência e astúcia.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Jerônimo Patrocínio</p>
05	<p><b>Canindé-Louue</b></p> 	<p>Os tupinambás tinham verdadeira adoração pela arara-canindé, ave com um vistoso peito amarelo como “ouro fino”, e belas asas e caldas de um belíssimo azul. Elas viviam em liberdade, mas, de vez em quando, eram apreendidas com o intuito de fornecer penas para confecção de cocares, braceletes, enfeites das armas entre outros. Depois disso, os indígenas as devolviam à natureza, como animais sagrados que eram.</p>	<p>Sambart (1988)</p>	<p>Jerônimo Patrocínio</p>




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Renato Lage e Márcia Lage

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p><b>Îagûara (Onça)</b></p> 	<p>A onça era o animal terrestre mais temido pelos tupinambás. Presente em grande número nas florestas, ocupava o topo da cadeia alimentar da Mata Atlântica, aterrorizando os nativos com sua presença.</p>	<p>Impossíveis (1956)</p>	<p>Nilce Fran</p>
07	<p><b>O que se Planta, a Terra Acolhe</b></p> 	<p>O clima ameno da baía da Guanabara proporcionou uma agricultura fértil, com o cultivo e colheita de diversas plantas e raízes, como: milho, mandioca, aipim, feijão e batata doce, dentre outros ingredientes que formaram a base da culinária popular brasileira.</p>	<p>Mocotó (1972)</p>	<p>Sérgio Santana</p>
08	<p><b>Kûara (Sol)</b></p> 	<p>Os tupinambás tinham um vasto domínio territorial e se guiavam, durante as caminhadas, pondo o rosto no sol, para se nortear e seguir os caminhos com direção certa.</p>	<p>Comunidade 03 (2002)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA


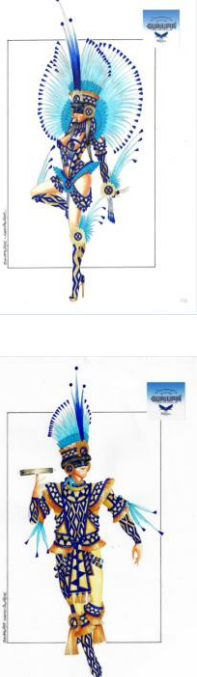
## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<b>Ceramistas</b> 	<p>A cerâmica é produzida principalmente pelas mulheres, que criam de recipientes a esculturas. Para torná-las mais bonitas, costumavam adorná-la com pinturas de padrões gráficos próprios.</p>	Damas (1966)	Direção de Harmonia
10	<b>Urnas</b> 	<p>Para produzir os vasos, primeiro as mulheres amassavam o barro como se fosse massa. Na sequência, deixavam-no secando por algum tempo e, depois de secos, pintavam-nos com capricho esmero.</p>	Comunidade 04 (2002)	Direção de Harmonia
11	<b>Tucanos Entalhados</b> 	<p>Os Tupinambás produziam belas esculturas de madeira entalhada, retratando, sobretudo, a fauna e a flora. Entre elas, destacamos as representações do Tucano, ave com um bico oco muito grande, quase do tamanho do resto do corpo.</p>	Comunidade 05 (2002)	Direção de Harmonia

**FICHA TÉCNICA****Fantasia****Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Renato Lage e Márcia Lage

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

<b>Nº</b>	<b>Nome da Fantasia</b>	<b>O que Representa</b>	<b>Nome da Ala</b>	<b>Responsável pela Ala</b>
12	<b>Samburá</b> 	Do Tupi samu'ra (pau enroscado), é um cesto de cipó ou de taquara usado pelos pescadores. Também são utilizados para uso doméstico, na manutenção e transporte de alimentos. É confeccionado principalmente pelas mulheres, que desenvolvem variadas formas de trançados, nos mais diferentes formatos.	Raízes da Portela (1995)	Luciano Luck
13	<b>Dançarinos</b> 	A dança é um ato artístico que envolve a expressão corporal, realizada por diversos movimentos, que pode ser acompanhada por música de diferentes ritmos. Os dançarinos usam esse artifício para, na maioria das vezes, executarem apresentações, mas a dança, entre os indígenas, possui uma singularidade se comparada a outras culturas: ela está imbricada numa teia de significados ritualizados. Os intuitos são os mais variados, como: espantar maus espíritos, expulsar doenças, agradecer a colheita, a caça, marcar mudança de fase do jovem para a idade adulta, dentre outros motivos.	Passistas (1932)	Nilce Fran

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<b>Cabocla Jurema</b> 	Nome em homenagem a líder da aldeia Mata Verde Bonita (Tekoa Ka' Aguy Ovy Porã), em Maricá, a fantasia representa a resistência dos povos indígenas, especialmente das mulheres, para manter viva sua cultura.	Rainha de Bateria	Bianca Monteiro
14	<b>Tambores da Mata</b> 	A música é uma forma de arte que os Tupinambás valorizavam. Para acompanhá-las, eles usavam uns tambores em que não dobravam as pancadas (marcação dos tempos ou compasso), nas mais diversas situações sociais, muito antes da chegada dos europeus.	Bateria (1932)	Nilo Sérgio
15	<b>Remo</b> 	Instrumento de madeira, espalmado numa das extremidades, destinado a manobrar e impulsionar pequenas embarcações. Apesar de ser um utilitário, os remos eram ricamente adornados pelos Tupinambás.	Comunidade 06 (2002)	Direção de Harmonia




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Renato Lage e Márcia Lage




**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p><b>Tunhãbaés</b></p> 	<p>Os velhos, ou tunhãbaés, desempenhavam todo o papel de liderança na sociedade tupinambá e eram os mais respeitados porque em seu tempo se mostraram valentes na guerra. Recebiam atenção especial, sendo os primeiros a sentar durante as cerimônias e servidos pelas moças mais honradas e aparentadas do anfitrião.</p>	<p>Departamento Feminino e Compositores (1932)</p>	<p>Aldalea Rosa Negra e Sérgio Procópio</p>
17	<p><b>Guira Guaçu – O Pajé</b></p> 	<p>É a pessoa encarregada de realizar rituais e cerimônias religiosas nas tribos indígenas, muitas vezes utilizando o cauim. A ele se atribui a autoridade xamanística de invocar e controlar espíritos.</p>	<p>Feijão da Vicentina (2005)</p>	<p>Tia Surica</p>
18	<p><b>Remar Contra a Maré</b></p> 	<p>Os rituais que antecederiam a guerra eram regados ao Cauim, inspirando os canoieiros a enfrentarem seus inimigos nas batalhas, muitas vezes remando contra a maré. A partir dos 15 anos, os rapazes Tupinambás aprendiam a remar.</p>	<p>Comunidade 07 (2002)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>



## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<b>Curimbó</b> 	Instrumento indígena comprido de percussão, de formato oblongo (roliço). Do Tupi-Guarani: Cu-rimbó, que significa Tambor. Confeccionado de tronco oco de árvore, com uma das extremidades (ponta) coberta, normalmente, com pele de animais silvestres. O Curimbó é utilizado para ritmar a contagiante festa do cauim.	Amor e Paz (2014)	Rosane Tavares
20	<b>Flautistas</b> 	Os flautistas eram muito comuns nas festas regadas a Cauim. A flauta, assim como as trombetas e clarinetas, que emitiam sons diversos, era feita de bambu. Este era um material amplamente utilizado pelos indígenas, como artefatos, estruturas e, claro, instrumentos musicais.	Comunidade 08 (2002)	Direção de Comunidade
21	<b>Bapo-Maracá</b> 	Ritmador de cantos e danças. Marcava o compasso da música e dança sob forte emoção e evocando os deuses com o poder do seu maracá.	Explode Coração (1972)	Egídio




**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**




Renato Lage e Márcia Lage

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p><b>Cauim</b></p> 	<p>O Cauim era consumido morno e, antes de tudo, era uma bebida sagrada, destinada pelas regras tribais somente aos adultos. Crianças e rapazes eram terminantemente proibidos de beber uma gota do líquido.</p>	<p>Comunidade 09 (2002)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
23	<p><b>Tupinambás</b></p> 	<p>Nossa galeria da Velha Guarda faz uma homenagem aos Tupinambás que sobrevivem em nossos dias, com a força da ancestralidade impondo-se diante das adversidades. De uma forma geral, o termo “tupinambá” era como um nome “geral” que se modificava na medida em que grupos numerosos se dividiam. Tupinambá que dizer “ gente pertencente ao chefe dos pais”, os “pais principais”, ou melhor; os descendentes dos fundadores da nação.”</p>	<p>Velha-Guarda (1968)</p>	<p>Aymoré Azevedo</p>
24	<p><b>Honra e Glória!</b></p> 	<p>Os guerreiros tupinambás consideravam que o massacre ritual dos ossos da cabeça, fosse de seres vivos ou mortos, era a pior ofensa a fazer aos inimigos. Também era a maior desonra que podiam sofrer nas mãos deles. Esse ato impedia o espírito de continuar a viagem ao paraíso eterno. Eles ainda vagueiam entre nós!</p>	<p>Comunidade 10 (2002)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>

## FICHA TÉCNICA

## Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<b>Pirá Puba</b> 	Em Tupi, “Peixe podre”. Aquilo que se pegava com as mãos extingue-se, tornando-se cada vez mais escassos, mortos e sufocados pela poluição das águas, agora turvas e contaminadas.	Comunidade 11 (2002)	Direção de Harmonia
26	<b>Jiboia</b> 	O Termo “Jiboia” provém do tupi y’bói. “Constritora”. Esta definição é uma referência ao modo como esta espécie de cobra mata suas vítimas, apertando-as e sufocando-as. Assim, ironicamente nós próprios nos sufocamos, vítimas das nossas ambições desmedidas.	Sambola (1985)	Junior Escafura
27	<b>Praga</b> 	As “balas perdidas” estão em toda parte, tal qual uma praga. Elas podem te atingir em qualquer tempo, em qualquer parte e em qualquer lugar. Liquidados pela violência que se perpetuou na “civilização”, agonizamos vagando nessa cidade-limbo, sem direito a encontrar o Guajupιά.	Comunidade 12 (2002)	Direção de Harmonia


**FICHA TÉCNICA**

**Fantasia**

**Criador(es) das Fantasia (Figuristas)**

Renato Lage e Márcia Lage

**DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS**

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<p><b>Metrópole</b></p> 	<p>Uma cidade erguida sobre um vale de sangue e sofrimento. Nossos ancestrais agonizam concretados no esquecimento de uma Terra que outrora lhes pertenceu, que fora amada e cuidada por eles, mas que, nos dias de hoje, sequer se recordam dos bravos guerreiros que aqui viveram dias de felicidade e glórias. O preço à pagar está sendo alto demais!</p>	<p>Comunidade 13 (2002)</p>	<p>Direção de Harmonia</p>

**FICHA TÉCNICA****Fantasia**

<b>Local do Atelier</b> Rua Rivadavia Correa, nº. 06 – Barracão 06 – Cidade do Samba – Rio de Janeiro – RJ	
<b>Diretor Responsável pelo Atelier</b> Luciano Costa	
<b>Costureiro(a) Chefe de Equipe</b> Ana	<b>Chapeleiro(a) Chefe de Equipe</b> Luciano Costa
<b>Aderecista Chefe de Equipe</b> Luciano Costa, Vera, Proença, Rogério, Robinho, Wagner, Luis Claudio, Beto e Anthony.	<b>Sapateiro(a) Chefe de Equipe</b> Washington
<b>Outros Profissionais e Respectivas Funções</b>	
Vitor	- Vime
Almir e Alexandre	- Arame
Carlos Henrique	- Placas
Francisco	- Espuma
Gilberto	- Pintura
Devilson	- Corte
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>	
As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.	

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

<b>Autor(es) do Samba-Enredo</b>		
Valtinho Botafogo, Rogério Lobo, José Carlos, Zé Miranda, Beto Aquino, Pecê Ribeiro, D'Sousa e Araguaci		
<b>Presidente da Ala dos Compositores</b>		
Sérgio Procópio, Vanderlei Monteiro e Camarão Neto		
<b>Total de Componentes da Ala dos Compositores</b>	<b>Compositor mais Idoso (Nome e Idade)</b>	<b>Compositor mais Jovem (Nome e Idade)</b>
100 (cem)	Noca da Portela 87 anos	Thiago na Fé 27 anos
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<p>Clamei aos céus A chama da maldade apagou E num dilúvio a Terra ele banhou Lavando as mazelas com perdão Fim da escuridão Já não existe a ira de Monã No ventre há vida, novo amanhã Irim Magé já pode ser feliz Transforma a dor Na alegria de poder mudar o mundo Mairamuãna tem a chave do futuro Pra nossa tribo lutar e cantar</p> <p><b>Auê, auê, a voz da mata, okê okê arô</b> <b>Se Guanabara é resistência</b> <b>O índio é arco, é flecha, é essência</b></p> <p>Ao proteger Karióka Reúno a maloca na beira da rede Cauim pra festejar... purificar Borduna, tacape e ajaré Índio pede paz, mas é de guerra Nossa aldeia é sem partido ou facção Não tem “bispo”, nem se curva a “capitão” Quando a vida nos ensina Não devemos mais errar Com a ira de Monã Aprendi a respeitar a natureza, o bem viver</p> <p><b>Pro imenso azul do céu</b> <b>Nunca mais escurecer</b></p> <p><b>Índio é Tupinambá</b> <b>Índio tem alma guerreira</b> <b>Hoje o meu Guajupιά é Madureira</b> <b>Voa águia na floresta</b> <b>Salve o samba, salve ela</b> <b>Índio é dono desse chão</b> <b>Índio é filho da Portela</b></p>		

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Clamei aos céus**

**A chama da maldade apagou**

**E num dilúvio a Terra ele banhou**

**Lavando as mazelas com perdão**

**Fim da escuridão**

**Já não existe a ira de Monã**

O samba da Portela para o carnaval 2020 é construído na primeira pessoa, narrado por um espírito indígena ancestral. É ele quem descreve que o Deus Monã, após lançar sua ira contra a humanidade, apaga a “chama da maldade” com um dilúvio, pondo fim a um período de escuridão.

**No ventre há vida, novo amanhã**

**Irim Magé já pode ser feliz**

De todos os homens, apenas um, Irim-magé, foi considerado digno e levado aos céus.

Compadecido, Monã o presenteia com uma mulher para que pudessem repovoar a Terra, e, juntos, tiveram vários filhos.

**Transforma a dor na alegria de poder mudar o mundo**

**Mairamuãna tem a chave do futuro**

**Pra nossa tribo lutar e cantar**

Entre os muitos descendentes de Irim Magé e sua companheira, está Mairamuãna. Ele se torna o grande Karaíba, o guru, o “profeta transformador”. É ele quem ensina as regras que definirá o futuro dos Tupinambás no que tange às organizações sociais, como a guerra e as festas.

**Auê, auê a voz da mata, okê okê arô**

**Se Guanabara é resistência**

**O índio é arco, é flecha, é essência**

Ao avistarem a silhueta da Baía de Guanabara, tamanha beleza fez os indígenas acreditar terem encontrado a mítica Guajupιά. Tal glória era destinada apenas aos guerreiros que mostravam resistência ao enfrentar a morte. Eram as Terras do que viria a ser o Rio de Janeiro, em cujas matas já ecoavam o espírito atemporal de seu padroeiro, ancestralidade homenageada pela bateria da Portela a cada rufar de seus tambores. Nas aldeias no entorno da baía, os Tupinambás viviam em harmonia com o meio-ambiente. Nos hábitos do dia a dia, eles produziam os utensílios tendo sempre a beleza como algo essencial, como cerâmicas, pás de remo, arcos e flechas.

**FICHA TÉCNICA**

**Samba-Enredo**

**Outras informações julgadas necessárias**

**Ao proteger Karióka**

**Reúno a maloca na beira da rede**

**Cauim pra festejar... purificar**

O topônimo “Karioca”, nome da aldeia que habitava as margens do rio homônimo, remonta aos Tupinambás. É impossível saber qual era a pronúncia correta da palavra. Nela cabia aos homens o papel de proteger a maloca. Nas festas e demais cerimônias, sagradas ou profanas, bebia-se Cauim para purificar.

**Borduna, tacape e ajaré**

**Índio pede paz, mas é de guerra**

**Nossa aldeia é sem partido ou facção**

**Não tem "bispo", nem se curva a "capitão"**

Grandes Guerreiros, a Guerra era fundamental para a organização social dos Tupinambás. Como mencionou Hans Standen, eles desconheciam a hierarquia, secular ou eclesiástica, não tinham patentes ou postos de comando. Não tinham partido políticos, facções ou ideológicas. Apenas viviam em harmonia e sintonia com o meio ambiente.

**Quando a vida nos ensina**

**Não devemos mais errar**

**Com a ira de Monã**

**Aprendi a respeitar a natureza, o bem viver**

**Pro imenso azul do céu**

**Nunca mais escurecer (bis)**

Com a ira de Monã, os Tupinambás aprenderam a respeitar a natureza. A vida ensinou para eles. Impedidos de compartilhar a experiência de nossos ancestrais, seguimos errando. Destruímos o meio ambiente, com poluição e caos.

**Índio é tupinambá**

**Índio tem alma guerreira**

**Hoje meu Guajupιά é Madureira**

**Voa águia na floresta**

**Salve o samba, salve ela**

**Índio é dono desse chão**

**Índio é filho da Portela**

Neste carnaval, o Guajupιά, mitológico paraíso indígena alcançado pelos grandes guerreiros, é o bairro de Madureira, de onde nossa Águia alça seu voo para contar este enredo, que exalta a força de nossos antepassados Tupinambás.



**FICHA TÉCNICA****Bateria****Diretor Geral de Bateria**

Nilo Sérgio

**Outros Diretores de Bateria**

Nilson Simões (repiques e caixas), Jorge André (marcações), Clailton Cacau (marcações), Raul Cyrillo (tamborins), Demétrius (afinação), Arsênio Netuno (cuícas), Daniel e Douglas (caixas), Sidcley Fernandes (agogôs), Pablo (surdos de terceira), Victor César (surdos de terceira), Paulo Neto (chocalho) e Paulo Richard (chocalho)

**Total de Componentes da Bateria**

280 (duzentos e oitenta) Componentes

**NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS**

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
12	12	12	0	0
<b>Caixa</b> 97	<b>Tarol</b> 0	<b>Tamborim</b> 36	<b>Tan-Tan</b> 0	<b>Repinique</b> 30
<b>Prato</b> 0	<b>Agogô</b> 28	<b>Cuíca</b> 25	<b>Pandeiro</b> 0	<b>Chocalho</b> 28

**Outras informações julgadas necessárias****Fantasia:** Tambores da mata

**Nilo Sérgio** - Herdeiro de Mestre Marçal, Nilo Sérgio é três vezes vencedor do prêmio Estandarte de Ouro de Melhor Bateria, em 2010, 2012 e 2013, além de ter ganhado o prêmio de Revelação em sua estreia. Desde o carnaval de 2006 é Mestre de bateria da Portela, sagrando-se campeão em 2017.

**Rainha de Bateria:** Bianca Monteiro**Fantasia:** Cabocla Jurema

**O que representa:** Nome em homenagem a líder da aldeia Mata Verde Bonita (Tekoa Ka' Aguy Ovy Porã), em Maricá, a fantasia representa a resistência dos povos indígenas, especialmente das mulheres, para manter viva sua cultura.

**FICHA TÉCNICA**

**Harmonia**

**Diretor Geral de Harmonia**

Chopp, Leonardo Brandão, Nilce Fran, Márcio Emerson, Jorge Barbosa, Servolo Alves e Valter Moura

**Outros Diretores de Harmonia**

Alan Aniceto, Alessandro Santana, Alex França, Alexandre Costa, Alecsander Rocha, Almir Bueno, Anderson Mendes, André Luiz Soares, André Messias, Andréia Ribeiro, Camila Lúcio, Carina Obelar, Carla Lima, Carlos Ary Carvalho, Cecília Farias, Cesar de Souza Lima, Charles de Azevedo, Claudio Silva, Cleber Coutinho, Cleide da Silva, Cristiane Montemurro, Edlásio, Edison Jacob, Edvaldo Reis, Fausto Paes, Felipe Teodoro, Gilberto Rio Branco Jr., Glauco Monteiro, Guilherme Rodrigues, Iza Vila Nova, Jonas Vicente, José Carlos Paes, José Luiz da Costa, José Osier, Josenardo de Barros, Jussara Costa, Leonardo Fartura, Luan Felipe, Luiz Eduardo Barroco, Marcelo Pena, Marcelo Ribeiro, Márcio Brito, Marcius Osni, Maria José dos Santos, Moacyr Neto, Mônica Madalena, Nelson Cardoso, Nilson Amaral, Norimar dos Santos, Paula Nogueira, Paulo Almeida, Rachael Soares, Renato Tadeu, Rhuanderson Albuquerque, Rita de Assis, Rogério Freitas, Sandra Melo, Selma de Jesus, Tarruce, Taissa Lúcia, Thiago Patoja, Vilma Guimarães, Vitor Leite, Waldir Cabral, Walkiria dos Santos e Willian de Souza

**Total de Componentes da Direção de Harmonia**

73 (setenta e três) Componentes

**Puxador(es) do Samba-Enredo**

Gilsinho (Intérprete oficial), Fabinho, Niu Souza, Edinho, Luís Paulo, Raphael Faustino, Clebinho Show, Felipe Tinoco e Pipa Brasey

**Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo**

Cavaco – Júlio e Gabriel

Violão Sete Cordas – Felipe Sorriso e Igor

**Outras informações julgadas necessárias**

Locutor: **Boca**

**Gilsinho:** Filho de Jorge do Violão, músico da Velha-Guarda da Portela, Gilsinho começou sua carreira em São Paulo, passando por escolas como Vai-Vai, Barroca da Zona Sul e Vila Maria. No Carnaval carioca, estreou na Portela, em 2006, permanecendo como primeiro intérprete de nossa agremiação até 2013. Nesse período, além de conseguir forte identificação com a Escola, foi agraciado, em 2012, com o prêmio Estandarte de Ouro. Após breve passagem pela Unidos de Vila Isabel, retornou para a Portela no Carnaval de 2016, contribuindo para a conquista do título portelense de 2017.

**FICHA TÉCNICA**

**Evolução**

**Diretor Geral de Evolução**

Claudinho Portela, Junior Escafura, Higor Machado, Chopp, Leonardo Brandão, Nilce Fran, Márcio Emerson, Jorge Barbosa, Servolo Alves e Valter Moura

**Outros Diretores de Evolução**

Alan Aniceto, Alessandro Santana, Alex França, Alexandre Costa, Alecsander Rocha, Almir Bueno, Anderson Mendes, André Luiz Soares, André Messias, Andréia Ribeiro, Camila Lúcio, Carina Obelar, Carla Lima, Carlos Ary Carvalho, Cecília Farias, Cesar de Souza Lima, Charles de Azevedo, Claudio Silva, Cleber Coutinho, Cleide da Silva, Cristiane Montemurro, Edlásio, Edison Jacob, Edvaldo Reis, Fausto Paes, Felipe Teodoro, Gilberto Rio Branco Jr., Glauco Monteiro, Guilherme Rodrigues, Iza Vila Nova, Jonas Vicente, José Carlos Paes, José Luiz da Costa, José Osier, Josenardo de Barros, Jussara Costa, Leonardo Fatura, Luan Felipe, Luiz Eduardo Barroco, Marcelo Pena, Marcelo Ribeiro, Márcio Brito, Marcius Osni, Maria José dos Santos, Moacyr Neto, Mônica Madalena, Nelson Cardoso, Nilson Amaral, Norimar dos Santos, Paula Nogueira, Paulo Almeida, Rachael Soares, Renato Tadeu, Rhuanderson Albuquerque, Rita de Assis, Rogério Freitas, Sandra Melo, Selma de Jesus, Tearruce, Taissa Lúcia, Thiago Patoja, Vilma Guimarães, Vitor Leite, Waldir Cabral, Walkiria dos Santos e Willian de Souza

**Total de Componentes da Direção de Evolução**

76 (setenta e seis) Componentes

**Principais Passistas Femininos**

Amanda Oliveira, Thamires Mattos, Thay Rodrigues, Victória Campos, Rosy Oliveira e Ingrid França

**Principais Passistas Masculinos**

Luccas Matheus, Arthur Santos, PH Portela, Igor Walker e Reynan Souza

**Outras informações julgadas necessárias**

**Coordenadora da Ala de Passistas:** Nilce Fran

**Nilce Fran:** Passista consagrada na Portela, com passagem pela Estação Primeira de Mangueira, em 2012 foi vencedora do prêmio Estandarte de Ouro de Melhor Passista Feminino.

**FICHA TÉCNICA**

**Informações Complementares**

<b>Vice-Presidente de Carnaval</b> Fábio Pavão		
<b>Diretor Geral de Carnaval</b> Claudinho Portela, Júnior Escafura e Higor Machado		
<b>Outros Diretores de Carnaval</b> -		
<b>Responsável pela Ala das Crianças</b> -		
<b>Total de Componentes da Ala das Crianças</b> -	<b>Quantidade de Meninas</b> -	<b>Quantidade de Meninos</b> -
<b>Responsável pela Ala das Baianas</b> Jane Carla		
<b>Total de Componentes da Ala das Baianas</b> 70 (setenta)	<b>Baiana mais Idosa (Nome e Idade)</b> Dulcinea Oliveira 82 anos	<b>Baiana mais Jovem (Nome e Idade)</b> Lívia Cardoso 33 anos
<b>Responsável pela Velha-Guarda</b> Aymoré Azevedo		
<b>Total de Componentes da Velha-Guarda</b> 100 (cem)	<b>Componente mais Idoso (Nome e Idade)</b> Sr. Mirinho 90 anos	<b>Componente mais Jovem (Nome e Idade)</b> Dayse Lúcia Jermias 63 anos
<b>Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)</b> Monarco, Surica e Carlinhos de Jesus		
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>  Diretor Financeiro: Felipe Guimarães  Assistentes da Direção de Carnaval: Marcos Vinícios e Nívea Martini  Almoxarifado: Ronaldo e Dudu  Técnico de Segurança do trabalho: Felipe Sorriso  Secretárias barracão: Rosana Rosa e Eliane Paiva  Secretária quadra: Jaqueline Gomes  Administrador quadra: Paulo Pedrazzi  Chefes de segurança: Mondego e Vinícios.		

**FICHA TÉCNICA****Comissão de Frente**

<b>Responsável pela Comissão de Frente</b> Carlinhos de Jesus		
<b>Coreógrafo(a) e Diretor(a)</b> Carlinhos de Jesus		
<b>Total de Componentes da Comissão de Frente</b> 15 (quinze)	<b>Componentes Femininos</b> 07 (sete)	<b>Componentes Masculinos</b> 08 (oito)
<b>Outras informações julgadas necessárias</b>		
<b>Honra Tupinambá</b>		
<p>De todos os hábitos e costumes inerentes à cultura dos Tupinambás, seguramente o mais impressionante é o ritual antropofágico. Isso pode ser constatado, em primeiro lugar, pela abrangência com a qual era praticado, dispondo de performances tacitamente reconhecidas por diferentes tribos, o que perpassava as rivalidades e geograficamente se estendia por um vasto território. Antes de qualquer outro adjetivo, os povos nativos que ocupavam o litoral do Rio de Janeiro eram grandes guerreiros. Não é exagero afirmarmos que a guerra era algo sagrado para todos os povos Tupis. Como consequência, eles estavam atados a uma teia de vingança com origens mitológicas, dando sequência ao ciclo interminável que se perpetuava através dos anos, mas que, a despeito das hostilidades, era parte importante das relações sociais mantidas entre as aldeias.</p> <p>Em segundo lugar, o ritual chocava os olhares cristãos dos europeus, que, como foi comum no processo de colonização, interpretavam-no de forma etnocêntrica. O Canibalismo era uma prática repleta de simbolismo, e, de fato, sua compreensão precisa ser acompanhada de um exercício constante de relativização cultural. Devorar a carne dos inimigos, além de consumir, como já mencionamos, a vingança imemorial que unia as tribos, era uma forma de incorporar um pouco da força do rival. Por outro lado, para quem estava sendo devorado, pairava a certeza de que, com a manutenção do ciclo, ele também seria vingado. Fugir após ser capturado seria uma desonra, algo que a cultura dos povos tupis não concebia. Ter o próprio corpo devorado pelos rivais, em suma, é morrer de forma honrada, tendo o reconhecimento de sua importância como grande guerreiro.</p> <p>Neste carnaval 2020, a Comissão de Frente da Portela vai encenar, com as licenças poéticas próprias do carnaval, este ritual tão marcante entre os Tupinambás que habitavam o território do Rio de Janeiro antes da chegada dos europeus. Para isso, foi feito não apenas um minucioso estudo sobre as descrições deste ritual, como também, no que tange à concepção artística, uma pesquisa dos movimentos coreográficos dos Tupinambás, herdada por várias tribos até hoje existentes. Os personagens da encenação são um pajé, vestido com o manto cerimonial dos Tupinambás; um prisioneiro capturado, membro de uma aldeia rival; sete mulheres e seis guerreiros da própria tribo.</p>		

## FICHA TÉCNICA

### Comissão de Frente

#### Outras informações julgadas necessárias

O ritual se inicia com a chegada dos membros da tribo, batendo de forma firme e ritmada seus pés no solo. Sob as ordens do Pajé, tem início o “banquete da vingança”, com o prisioneiro capturado assumindo lugar de destaque na cerimônia. Este prisioneiro, por sua vez, reconhece o caráter sagrado daquele momento, acreditando ser uma honra morrer consumido por seus rivais. Antes de qualquer coisa, trata-se de um ritual festivo. Enquanto aguarda o momento que vai se tornar alimento, o prisioneiro é bem tratado. O Pajé lhe oferece algumas jovens para ele se satisfazer sexualmente, provando a hospitalidade dos captores. De fato, não apenas pela hospitalidade, mas, sobretudo, pela desonra que seria retornar à própria tribo sem ser devorado, o prisioneiro não fugiria. Todavia, na performance ritual que unia os povos Tupis, ele encena uma fuga, mas, para onde correr, sempre encontrará um membro da tribo captora, que, sob as ordens do Pajé, impedirá sua passagem. A cena acaba quando os guerreiros, novamente seguindo as ordens do Pajé, laçam o “prisioneiro fujão” pela cintura, trazendo-o novamente para o centro da cerimônia.

É de repente. Sem aviso. Rápido. O golpe fatal é desferido pelas costas, na nuca do prisioneiro, que subitamente desfalece. Os guerreiros aparam o corpo já sem vida, entregando-o para as mulheres da tribo. Para os Tupinambás, elas eram parte fundamental da cerimônia, preparando o cadáver que servirá de alimento. Em nossa encenação, elas levam o corpo até o pajé, e, reconhecendo a sacralidade do alimento, elas o erguem aos céus e o abaixam três vezes. Na sequência, o Pajé degola o prisioneiro, apresentando a cabeça. O restante do corpo é distribuído pelas mulheres aos demais membros da tribo, que consomem a carne de seu rival. É o fim da encenação. O ritual antropofágico está terminado, mas, na verdade, todos sabem que não acabou. A tribo rival aguarda a sua oportunidade. O infindável ciclo de vingança será renovado!

**Carlinhos de Jesus:** Coreógrafo consagrado no carnaval e no cenário artístico carioca, Carlinhos de Jesus é sete vezes vencedor do prêmio Estandarte de Ouro, sendo a última vez em 2019, ano em que estreou pela Portela. Em sua vitoriosa carreira, sagrou-se campeão por escolas como Mangueira e Beija-Flor.

**Assistente:** Carol Vilanova

**Maquiagem:** Vavá Torres

**Confecção:** Fernando Magalhães

**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

<b>1º Mestre-Sala</b> Marlon Lamar	<b>Idade</b> 25 anos
<b>1ª Porta-Bandeira</b> Lucinha Nobre	<b>Idade</b> 44 anos
<b>2º Mestre-Sala</b> Yuri Souza	<b>Idade</b> 25 anos
<b>2ª Porta-Bandeira</b> Camyllinha Nascimento	<b>Idade</b> 31 anos
<b>3º Mestre-Sala</b> Emanuel Lima	<b>Idade</b> 27 anos
<b>3ª Porta-Bandeira</b> Rosilaine Queiroz	<b>Idade</b> 35 anos

**Outras informações julgadas necessárias**

**1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA**

**Nome da fantasia:** Irim-Magé e Purabore (Mulher Grávida) – Os Povoadores da Terra

**Criação do figurino:** Renato Lage a Márcia Lage

**Confecção:** Fernando Magalhães



**Ensaiaadora:** Viviane Martins e Mayombe Masai

**Apresentador:** Rhuanderson Albuquerque

## FICHA TÉCNICA

### Mestre-Sala e Porta-Bandeira

#### Outras informações julgadas necessárias

**O que representa:** Neste carnaval de 2020, nosso primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira fará uma apresentação inspirada no mito de origem Tupinambá. Quando Monã castigou a humanidade, apenas Irim-magé, homem considerado digno, foi poupado e levado aos céus. Compadecido de sua solidão, Monã o ofereceu uma mulher para que pudessem repovoar o mundo. Entre seus muitos descendentes está Mairamuãna, o “profeta transformador”. O Mestre-sala Marlon Lamar interpreta Irim-magé. A porta-bandeira Lucinha Nobre, a Purabore (mulher grávida).

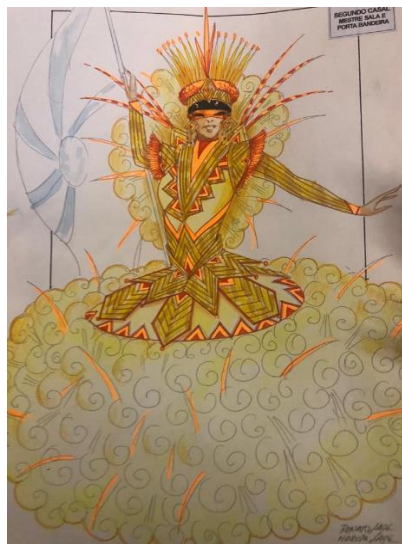
Após encerrar a apresentação para o julgador, o casal, juntamente com seus guardiões, fará uma encenação especial para o público. Como diz nosso samba, “Índio é filho da Portela!”

#### 2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

**Nome da fantasia:** Raios de Sol

**Criação do figurino:** Renato Lage a Márcia Lage

**Confeção:** João Vitor



Apresentador: **Edilásio**

**O que representa:** Os escaldantes raios de sol que banhavam a aldeia carioca.



**FICHA TÉCNICA**

**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

**Outras informações julgadas necessárias**

**3º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA**

**Nome da fantasia:** Dançando para não cair

**Criação do figurino:** Renato Lage a Márcia Lage

**Confecção:** João Vitor



**Apresentador:** Kléber

**O que representa:** As danças ritualizadas embaladas pelo Cauim.